



**LIVRO DE RESUMOS**

**IV CONGRESSO**  
**ABRE**

**ASSOCIAÇÃO DE BRASILEANISTAS NA EUROPA**

**05 A 08/09 LISBOA 2023**



**U LISBOA** | UNIVERSIDADE DE LISBOA



**iscte** INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA



**cies** \_iscte



# ABRE LISBOA 2023

IV CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DE BRASILEANISTAS NA EUROPA

## Comitê executivo da ABRE 2021-2023

**Presidente:** Šárka Grauová (Universidade Carolina, Praga)

**Vice-Presidente:** Simone Frangella (ICS-ULisboa)

**Secretário:** Joachim Stephen (Universidade de Augsburg)

**Tesoureira:** Anna Grimaldi (Universidade de Leeds)

**Diretor executivo para comunicação:** Agata Błoch (Instituto de História da Academia de Ciências da Polónia)

**Diretor executivo para atividades orgânicas da Associação:** Paulo Teixeira Iumatti (Universidade Sorbonne Nouvelle)

**Representante de doutorandos:** Janainna Pereira (ICS - ULisboa)

**Representante do Brasil:** Ana Carolina de Moura Delfim Maciel (Universidade de Campinas)

## Comissão organizadora

Simone Frangella (ICS-ULisboa, Vice-Presidente ABRE, Co-responsável pelo Congresso)

Antónia Pedrosa de Lima (Iscte-IUL/CRIA, Co-responsável pelo Congresso)

Thais França (CIES-Iscte, Iscte, Co-responsável pelo Congresso)

Amanda Guerreiro (ISCS/ICS-ULisboa)

António Pedro de Barros (ICS-ULisboa)

Bianca Lyrio (CIES/Iscte-IUL)

Gleiciani Fernandes (PhD Antropologia)

Janainna Pereira (ULisboa/Membro do CE da ABRE)

Joana Vidal Maia (CRIA/Iscte-IUL)

Juliana Chatti Iorio (CEG/IGOT/MIGRARE/ULisboa)

Maria Runkel Cardoso (CRIA/NOVA FCSH)

Matteo Gigante (CLEPUL – FLUL)

Miguel Dantas da Cruz (ICS-ULisboa)

Sónia Ferreira (CRIA/NOVA FCSH)

Joana Martins (CRIA/Iscte-IUL, Secretariado IV Congresso ABRE)

## Comissão científica

Alva Martinez Teixeira (Faculdade de Letras, ULisboa)

Antónia Pedrosa de Lima (Iscte-IUL/CRIA)

Beatriz Padilla (University of South Florida, EUA)

Debora Dias (Cham/NOVA FCSH)

Esperança Cardeira (CLUL/FLUL)

Iara Aparecida Belleli (Núcleo de Estudos de Género – PAGU, Unicamp)

Isabel Correa e Silva (ICS, ULisboa)

Lidia Marôpo (Instituto Politécnico de Setúbal/CICS.NOVA)

José Damião Rodrigues (Faculdade de Letras, ULisboa)

Otávio Ribeiro Raposo (CIES-Iscte, Iscte)

Pedro Cardim (Cham/NOVA FCSH)

Rodrigo Lacerda (CRIA/NOVA FCSH)

Susana de Matos Viegas (ICS - ULisboa)

**Data:** 5 a 8 de setembro de 2023

**Design gráfico:** Rodrigo Ribeiro Saturnino

**Plataforma de gestão do evento:** Conftool

**Execução gráfica:** Gráfica Casa dos Rapazes

# ÍNDICE

**SOBRE A ABRE 05**

**ASSEMBLEIA ABRE 06**

**MAPA DO LUGAR 07**

**PRÊMIO DE MELHOR TESE (CANDIDATOS) 08**

**MAPA DA CONFERÊNCIA 13**

**CONFERÊNCIAS 14**

**ABRE DEBATE 18**

**MESAS REDONDAS 20**

**LANÇAMENTOS DE LIVROS 24**

**REVISTAS E PORTAIS 36**

**PAINÉIS 41**

# SOBRE A ABRE

A **Associação de Brazilianistas na Europa** (ABRE) foi criada em Leiden, em 2017, durante o seu primeiro congresso. A Europa tem uma forte tradição de pesquisas sobre o Brasil nas mais diversas disciplinas das ciências humanas e sociais. Nesse âmbito, a ABRE tem como objetivo construir, alimentar e manter uma rede de docentes, pesquisadores e estudantes interessados pelo Brasil ligados às instituições europeias de ensino e pesquisa. E, de forma mais ampla, pretende suscitar e facilitar as relações destes com seus colegas atuando no Brasil e em outros países do mundo.

Nessa perspectiva, a associação privilegiou, desde seu início, ações visando apoiar doutorandos interessados pelo Brasil e buscou trazer à luz os doutorados europeus voltados a esse país. Foi assim que criou o prêmio anual ABRE da melhor tese europeia sobre o Brasil, anual, cuja primeira edição ocorreu em 2019.

Para além disso, a ABRE promove o congresso bienal em diferentes cidades europeias, procurando promover um

momento de encontro e articulação entre instituições europeias, brasileiras e de outros lugares do mundo. A aposta é que tais encontros possam reforçar a produção de conhecimento sobre Brasil, assim como as parcerias entre pessoas, universidades e outros centros de pesquisa.

Por fim, como parte de atividades que vão se agregando a cada gestão, desde 2022, temos a promoção do ABRE Debate, que traz ora um pesquisador de alguma instituição europeia, ora um vencedor do prêmio de melhor tese para divulgarem o seu trabalho e provocarem um debate, geralmente em contexto virtual. Esperamos assim tornar mais acessível os estudos sobre Brasil na Europa e no resto do mundo. Enfim, buscando dinamizar a existência do brasilianismo europeu, a associação divulga eventos e iniciativas que envolvam seus membros, as realizações destes e as atividades promovidas pelas instituições às quais estão afiliados.



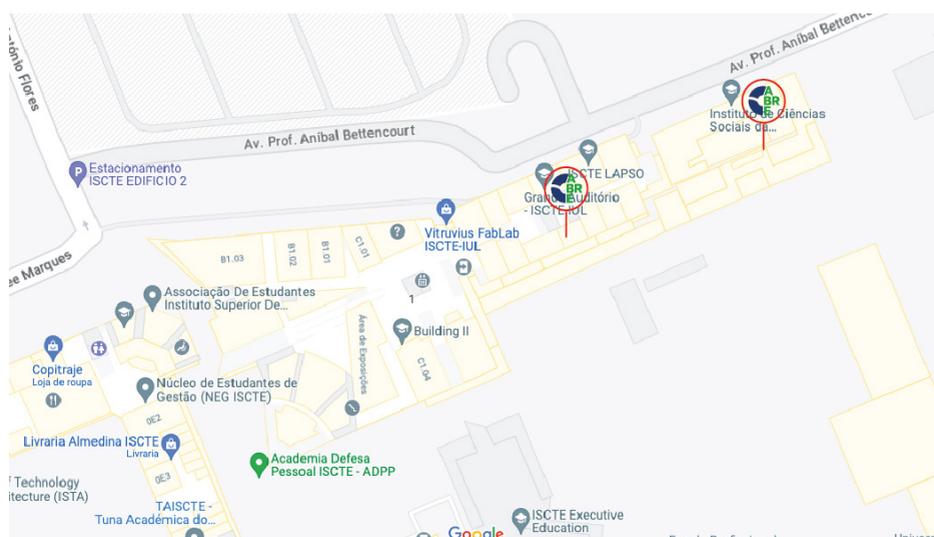
# ASSEMBLEIA ABRE

**7 de setembro de 2023**

**Auditório Sedas Nunes, ICS 19h**

Na assembleia geral da ABRE serão apresentados os relatórios de atividade e financeiro relativos à gestão da associação de 2021-2023, e a discussão de propostas e questões enviadas pelos associados a propósito da ABRE. Há também a entrega do prêmio de melhor tese e, por fim, a eleição para o comitê executivo 2023-2025.

# MAPA DO LUGAR



**Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa**  
Avenida Professor Aníbal Bettencourt, 9

**Iscte – Instituto Universitário de Lisboa**

Entrada principal para o IV Congresso da Abre: Avenida Professor Aníbal Bettencourt, 9 (ao lado da entrada do ICS)

**Entrada alternativa:** Avenida das Forças Armadas

# PRÊMIO MELHOR TESE



## **07 de setembro de 2023**

19h // Auditório Sedas Nunes, ICS-ULisboa

*Entrega do Prêmio ABRE Melhor Tese, direcionado a teses defendidas em 2022*

O prêmio tem como objetivo reconhecer a melhor tese de doutorado sobre o Brasil nas áreas de ciências humanas e sociais, realizada em uma instituição universitária europeia. Além de incentivar a pesquisa e o conhecimento sobre o Brasil na Europa, o prêmio também visa promover a divulgação das pesquisas europeias sobre o país.

Candidataram-se jovens doutores que defenderam sua tese em uma universidade europeia, assim como os alunos em cotutela com uma universidade europeia. As teses enfocaram o Brasil em suas diversas dimensões sociais, históricas, artísticas, entre outras. Os trabalhos concorrentes são escritos em qualquer língua oficial de um país europeu.

**Alexandre Ferreira Martins** (Université Paul-Valéry Montpellier 3)

**Tese:** A la recherche d'un lieu épistémologique brésilien en Portugais Langue Additionnelle: regards croisés sur les discours étatiques et académiques dans une perspective décoloniale

**Bruna Martins Coelho** (Université de Paris)

**Tese:** La fabrication de la famille traditionnelle – Une nécrologie de la nation brésilienne

**Camilla de Freitas Macedo** (Universidade del País Vasco Euskal Herriko Unibertsitatea)

**Tese:** Libertaad Tutelada, propiedad precária, Índios y Tierras em el derecho del Imperio Brasileno (siglo XIX)

**Carla Francisco** (Aix Marseille Université)

**Tese:** La visibilité de l'esclavage urbain dans le marché de l'estampe à rio de Janeiro. Le cas des lithographies de Frederico Briggs (1820-1850)

**Daniel Polleti** (Université de Paris Saclay)

**Tese:** Cosmopolitisme en scène: spectacle et société dans une modernité périphérique (Rio de Janeiro et São Paulo, 1822-1930)

**Elena Manzato** (UFSC/Università Ca'Foscari di Venezia)

**Tese:** Mulheres e(m) paratextos: quatro obras de Jorge Amado em italiano

**Elizabete Rodrigues Oliveira Mathieu** (Sorbonne Université)

**Tese:** Violences et grèves dans les plantations de São Paulo dans la période post-abolition (1888-1930)

**Felipe Bernardo Este** (USP/King's College London)

**Tese:** Diplomatic Tales: Diplomacy as Myth Construction in Brazil

**Gabriel Bayarri Toscano** (Universidad Complutense de Madrid)

**Tese:** Brazil above everything, God above everyone: an ethnography of Bolsonaroist Metaphorical Colonial Sense in the 2018 Brazilian elections

**Irene María Vicente Martín** (European University Institute (Itália))

**Tese:** Holding the empire at bay: the elites of Salvador da Bahia and the Hispanic Monarchy in Brazil (1581-1640), European University Institute (Itália)

**Joana Sisternas Tusell** (École des Hautes Études en Sciences Sociales)

**Tese:** Chapéu Mangueira et ses mondes imbriqués: Ethnographie d'une favela «pacifiée»

**Maria Clara Braga Machado Campello** (Sorbonne Nouvelle/UnB)

**Tese:** Meu pranto, seu canto: correspondências possíveis entre as obras de Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega

**Matteo Gigante** (Universidade de Lisboa)

**Tese:** Eros e Ares nos Trópicos: Como uma certa Literatura Brasileira decidiu desarmar lógicas de arregimentação bélicas e dessacralizar mitos de masculinidade

**Mirella do Carmo Botaro** (Sorbonne Université)

**Tese:** Flux et reflux dans l'Atlantique Sud: la traduction de Pelourinho, de Tierno Monénembo, et de Verre Cassé, d'Alain Mabanckou, au Brésil

**Natalia Izelli Doré** (Universidade do Porto)

**Tese:** Economic growth and convergence in the very long-run: the case of emerging economies with a Focus on Brazil

**Timothée Narring** (Université Paris Cité)

**Tese:** Une ethnographie de l'endettement des milieux populaires de Vitoria, au sein et au-delà des favelas

**Vitor Zan** (Sorbonne Nouvelle)

**Tese:** Habiter la ville, faire territoire: une prise de position du cinéma brésilien (2005-2017)

**Rafael dos Santos da Silva** (Universidade de Coimbra)

**Tese:** A dinâmica social da pobreza

## **Lista pareceristas 2023 – Prêmio ABRE Melhor Tese**

Alberto da Silva - Sorbonne Université  
Alcione Nawroski - TBC  
Anna Wolny - Universidade Jaguelônica de Cracóvia  
Antonio Pedroso Neto - UFTO  
Aparecida Ribeiro - Universidade de Coimbra  
Camila Pierobon - CEBRAP  
Carlos Benitez Trinidad - Universidad de Sevilla  
Carolina Troncoso Baltar- Unicamp  
Elizabeth Azevedo - USP  
Eurídice Figueiredo - UFF  
Flávia Elaine da Silva Martins- UFF  
Gabriela Tarouco - UFPE  
Jacqueline Penjon - Paris III, Sorbonne Nouvelle  
Joanna Gocłowska-Bolek - Universidade de Varsóvia  
João Roberto Faria - USP  
José Carlos Vilaridaga - Unifesp  
Leticia Squeff - Unifesp  
Lidiane Rodrigues Soares - UFABC  
Lucas Page - Saclay Université  
Luciana de Barros Jaccoud - IPEA  
Luciana de Oliveira Royer- USP  
Maria de Deus Manso - Universidade de Évora  
Marie-Helène Sá Vilas Boas - Université Côte d'Azur  
Mário Augusto Medeiros da Silva - Unicamp  
Marjolaine Carles - Académie de Martinique  
Mirhiane Mendes de Abreu - USP  
Miriam Grossi - UFSC  
Monika Sawicka - Universidade Jaguelônica de Cracóvia  
Paulo César Garcez Marins - USP  
Regina Xavier - UFRGS  
Rogério Proença de Sousa Leite - UFS  
Rosária Cristina Costa Ribeiro - UFAL  
Silvie Debs - Université de Strasbourg  
Tamar Herzog - Harvard University  
Tomasz Rudowski - Universidade de Varsóvia  
Valérie Spaeth - Sorbonne Nouvelle

# MAPA DA CONFERÊNCIA

HORA	05 de setembro	06 de setembro	07 de setembro	08 de setembro
9:00 - 10:45		<b>Painéis</b> Local: Iscte	<b>Painéis</b> Local: Iscte	<b>Painéis</b> Local: Iscte
10:45 - 11:15	<b>Receção e Registo dos Participantes</b>  <b>Local: Iscte</b>	<b>PAUSA</b> Café	<b>PAUSA</b> Café	<b>PAUSA</b> Café
11:15 - 13:00		<b>Painéis</b> Local: Iscte	<b>Painéis</b> Local: Iscte	<b>Painéis</b> Local: Iscte
13:00 - 15:00		Almoço Livre	Almoço Livre	Almoço Livre
14:00 - 15:00		Lançamento de Livros Local: ICS	Lançamentos de Livros e Divulgação de portais e revistas Local: ICS	Lançamentos de Livros e Divulgação de portais e revistas Local: ICS
15:00 - 16:45		<b>ABRE Debate:</b> Local: Iscte	<b>Painéis</b> Local: Iscte	<b>Painéis</b> Local: Iscte
16:45 - 17:15		<b>PAUSA</b> Café	<b>PAUSA</b> Café	<b>PAUSA</b> Café
17:15 - 18:45	<b>Conferência de Abertura</b>  Com Renato Lessa (UFF)  Local: Iscte	<b>Mesa Redonda</b>  Movimentos Sociais Brasileiros em Portugal  Local: Iscte	<b>Mesa Redonda</b>  Nomear, reparar, reencantar – um mapa de desejos para novos mundos  Local: Iscte	<b>Conferência de Encerramento</b>  Com Clara Rowland (IELT-NOVA)  Local: Iscte
19:00 - 20:00	<b>Beberete de Abertura</b>		<b>Assembleia ABRE</b> Local: ICS	<b>Jantar e Festa de Encerramento</b> Local: Iscte
20:00 - 21:00	Local: Iscte			
21:00 - 22:00				

# CONFERÊNCIAS



As conferências serão transmitidas online no canal de [Youtube da ABRE](#)

# CONFERÊNCIA DE ABERTURA

5 de setembro de 2023, 17h15-18h45

Grande Auditório do ISCTE – Edifício II, piso 1



## Pensar a destruição: desafios cognitivos, políticos e existenciais

**Renato Lessa**

professor titular de teoria política da  
Universidade Federal Fluminense (UFF)

---

# CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO

8 de setembro de 2023, 17h15-18h45

Grande Auditório do ISCTE – Edifício II, piso 1

## Cuidar que a obra é sua: paternidade e autoria em Machado de Assis

**Clara Rowland**

professora associada do Departamento de  
Estudos Portugueses – Instituto de Estudos de  
Literatura e Tradição (IELT – Nova FCSH)

---



## Pensar a destruição: desafios cognitivos, políticos e existenciais

*We should now force ourselves to focus on dirt.*  
Mary Douglas, Purity and Danger, 1966.

Movida em não pequena medida pela cena brasileira recente, a conferência pretende suscitar uma reflexão a respeito das possibilidades imaginativas da metáfora da destruição, diante de processos e fenômenos políticos extremos. Toma, para tal, como premissa particular o limite analítico de categorias estritamente políticas e fixadas no imaginário usual da democracia, concebida como experimento schumpeteriano e institucional. Em termos mais gerais, ao se desviar de uma lógica conceptual, a metáfora em questão é movida por um empenho de descrição de fenômenos incidentes sobre o conjunto da forma de vida (Wittgenstein, Investigações Filosóficas). Tal impacto incide sobre representações básicas que conferem inteligibilidade simbólica e existencial ao conjunto do experimento social.

Elementos cruciais de tal processo são as dimensões da vida e da linguagem. A primeira, por meio da trivialização da morte, reduzida ao âmbito do fatalismo biológico e expulsa do domínio do Direito Público e a segunda pela introdução e dispersão de uma palavra podre, um modo de expressão corrosivo dos campos semânticos usuais. Trata-se, nesse particular, de tomar a destruição como linguagem, aqui definida como domínio da palavra podre, léxico de uma subjetividade cujo ineditismo não reside tanto nos valores que propugna, mas na intensidade, ostensão oficial e passagem ao ato que a acompanham.

---

**Renato Lessa** // Professor Associado de Filosofia Política da PUC-Rio; Pesquisador do CNPq (Bolsa de Produtividade em Pesquisa 1 A); Investigador Associado do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. É coordenador do Centro Primo Levi/PUC-Rio e editor de HURBINEK: Revista de Estudos Primolevianos ([https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev\\_Hurbinek.php](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_Hurbinek.php)). Professor Titular aposentado da Universidade Federal Fluminense, presidiu a Biblioteca Nacional brasileira, entre 2013 e 2016. Suas últimas publicações, referidas ao tema da conferência, foram “Homo Bolsonaro” (Revista Serrote, julho de 2020 - <https://www.revistaserrote.com.br/wp-content/uploads/2020/07/serrote-especial-em-quarentena.pdf>) e “Brasil: por una fenomenología de la destrucción” (Palabra Salvaje, Octubre, 2021 - <http://palabrasalvaje.com/2021/10/brasil-por-una-fenomenologia-de-la-destruccion/>)

## Cuidar que a obra é sua: paternidade e autoria em Machado de Assis

A figura do autor como plagiário, para recuperar o título que uma importante coletânea de ensaios foi roubar ao capítulo V de Dom Casmurro, atravessa toda a obra de Machado de Assis, com um impressionante catálogo de variações. Do poeta do trem do primeiro capítulo de Dom Casmurro que, “sabendo o título seu”, “poderá cuidar que a obra é sua” ao capítulo de Quincas Borba em que Rubião, para citar o título completo que o narrador apresenta para o capítulo, “por ter feito uma emenda, se convence de que escreveu todos os livros que lera”; do conto “Evolução”, em que uma personagem gradualmente se vai convencendo, até à certeza absoluta, de que é autor de uma frase ouvida uma vez a um amigo no comboio, aos dois sábios que começam por roubar ideias um ao outro para acabar a dilapidar a inteira biblioteca de Alexandria, a obra de Machado parece perseguir incessantemente aquilo que em vários momentos descreve como “o abismo” da psicologia que leva uma personagem, como Rubião, a “ter-se por autor” daquilo que não lhe pertence.

O conto “O Anel de Polícrates”, ponto de partida e de chegada desta releitura da articulação entre autoria e paternidade em Machado de Assis, oferece-nos, porém, uma interessante complicação deste fenómeno, com o seu protagonista a corresponder a esta figura, mas também ao seu reverso ou, se quisermos adiantar alguma coisa do ponto a que chegaremos, às duas faces da mesma condição: a de se considerar, ou desejar, autor de ideias alheias e de não se reconhecer como autor de ideias suas.

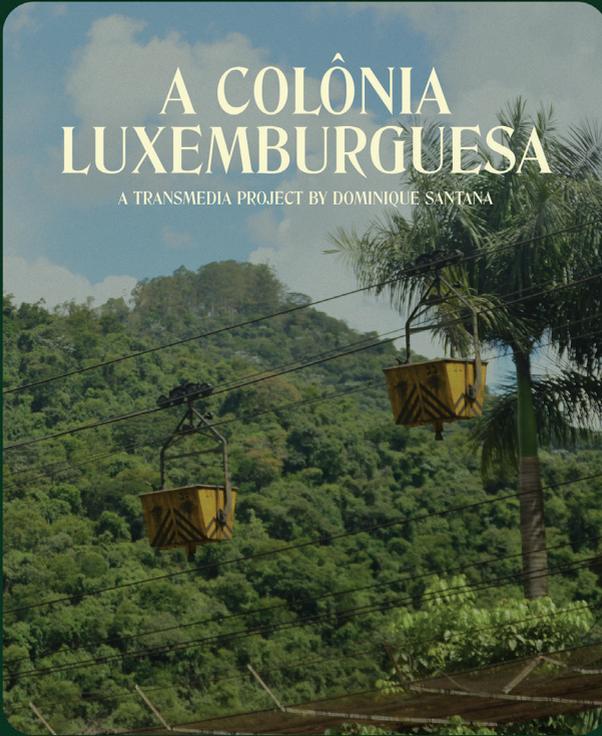
---

**Clara Rowland** // Professora Associada com Agregação no Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Entre 2003 e 2016 foi docente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde dirigiu o Mestrado e o Programa Internacional de Doutoramento FCT em Estudos Comparatistas e foi responsável pela criação e primeira direção do Mestrado em Estudos Brasileiros (FLUL/ICS). Desenvolve o seu trabalho nas áreas da Literatura Brasileira, da Literatura Comparada e dos Estudos Interartes. Entre 2012 e 2016 foi coordenadora do projeto Falso Movimento – estudos sobre escrita e cinema, no âmbito do qual editou, com Tom Conley, Falso Movimento: ensaios sobre escrita e cinema (Cotovia, 2016). As suas publicações na área dos Estudos Brasileiros incluem ensaios sobre Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Bernardo Carvalho e Carlos Drummond de Andrade, entre outros. O seu livro A Forma do Meio. Livro e Narração na obra de João Guimarães Rosa foi publicado em 2011 pela Unicamp/Edusp. Coordena, com Abel Barros Baptista, a coleção de literatura brasileira Os Melhores Deles Todos na Tinta-da-China. É, desde Setembro de 2022, Pró-Reitora para a Cultura da Universidade Nova de Lisboa

# ABRE DEBATE

## A COLÔNIA LUXEMBURGUESA

A TRANSMEDIA PROJECT BY DOMINIQUE SANTANA



### COLONIALU

DIRECTOR STORY ARCHITECT: DOMINIQUE SANTANA PRODUCER: BERNARD MICHAUX DIRECTOR OF PHOTOGRAPHY: AMANDA KLEE SOUND ENGINEER: ALAN DOMÍNGUEZ EDITOR: MARC REICHERT ASSISTANT EDITOR: PAUL HILAS  
COLLABORATOR MASTERPLAN: CARLO THIEL ORIGINAL MUSIC: CHARLES STOLZ SOUND EDITOR: ANGELO DOS SANTOS (F) RECORDING MIXER: ANTHONY JARRET (F) EXPLORE (F) CAS PRODUCTION MANAGER: MARC KATZEN  
PRODUCTION MANAGER: CHARLOTTE BOGHEAT ASSISTANT PRODUCER: CELIAE BARRON, IAIN FRIEDRICH (F) PRODUCERS: ANDRÁS FÓRÓSSY (F) PAUL ESCH (D) A GANSA FILM PRODUCTION IN ASSOCIATION WITH  
THE COMBARKY CENTRE FOR CONTEMPORARY AND DIGITAL HISTORY (C) 2018 THE NATIONAL ARCHIVES OF LUXEMBOURG COLLABORATION WITH THE NATIONAL ARCHIVES OF LUXEMBOURG (NAR) ESCHCOZ FUNDATION VELUX FAMILIE FORTÉ FRESH  
VELUX CLUB ESCH BASIN MINER. A COLÔNIA LUXEMBURGUESA IS DEVELOPED IN THE FRAMEWORK OF DOMINIQUE SANTANA'S PhD RESEARCH FUNDED BY THE NATIONAL RESEARCH FUND (FR).



Nas profundezas da floresta tropical mineira, ergue-se um enorme império de aço, meticulosamente concebido pela misteriosa “Colônia Luxemburguesa”. Em 1921, a gigante do aço de baseada em Luxemburgo chamada ARBED - hoje ArcelorMittal - inaugurou sua subsidiária brasileira no coração do estado de Minas Gerais: a Companhia Siderúrgica Belgo Mineira. Naquela época, a falta de mão de obra qualificada provocou um movimento massivo de centenas de migrantes europeus para o Brasil a fim de erguer uma colossal siderúrgica e sua cidade industrial, dando origem ao berço da indústria siderúrgica brasileira. Como era essa Colônia? Trata-se de uma história de sucesso de integração na sociedade brasileira - uma história de sucesso de modo geral?

Esse documentário interativo analisa como a «Colônia Luxemburguesa», que evoluiu junto com o Belgo Mineira, ergueu a primeira cidade industrial planejada no interior de Minas Gerais chamada João Monlevade - sua própria versão tropical de Luxemburgo, sobre os alicerces da herança colonial daquela região. Juntos com a historiadora e cineasta Dominique Santana, investigamos por trás das cortinas das histórias míticas da «Colônia Luxemburguesa», sua criação e seu desenvolvimento forjados no aço, suas relações ambíguas com seu país de origem e com a sociedade brasileira, bem como seu atual legado e trabalho de memória.

«A Colônia Luxemburguesa» é uma experiência interativa e trajetória de descoberta em que, navegando entre o mito e a história, somos confrontados com muitas histórias contadas de vários ângulos e em diferentes plataformas. Mergulhando no núcleo desta comunidade para examiná-la de vários ângulos, esse projeto transmídia nos convida a desenterrarmos juntos um século de patrimônio industrial, cultural e social compartilhado. O que está por trás da narrativa corporativa da Belgo Mineira? Somos capazes de descobrir a verdade no meio dessas múltiplas histórias?

«A Colônia Luxemburguesa» foi desenvolvido no âmbito da pesquisa de doutorado de Dominique Santana. É um experimento de história pública digital inovador envolvendo o uso criativo de tecnologia digital, métodos de co-design transdisciplinar e participação pública. Por meio dessa primeira colaboração entre a Universidade de Luxemburgo (C2DH) em cotutela com a USP, Samsa Film e o CNA, estamos criando novas sinergias entre a pesquisa científica e o mundo de cinema e novas mídias.

**6 de setembro de 2023,  
15h**

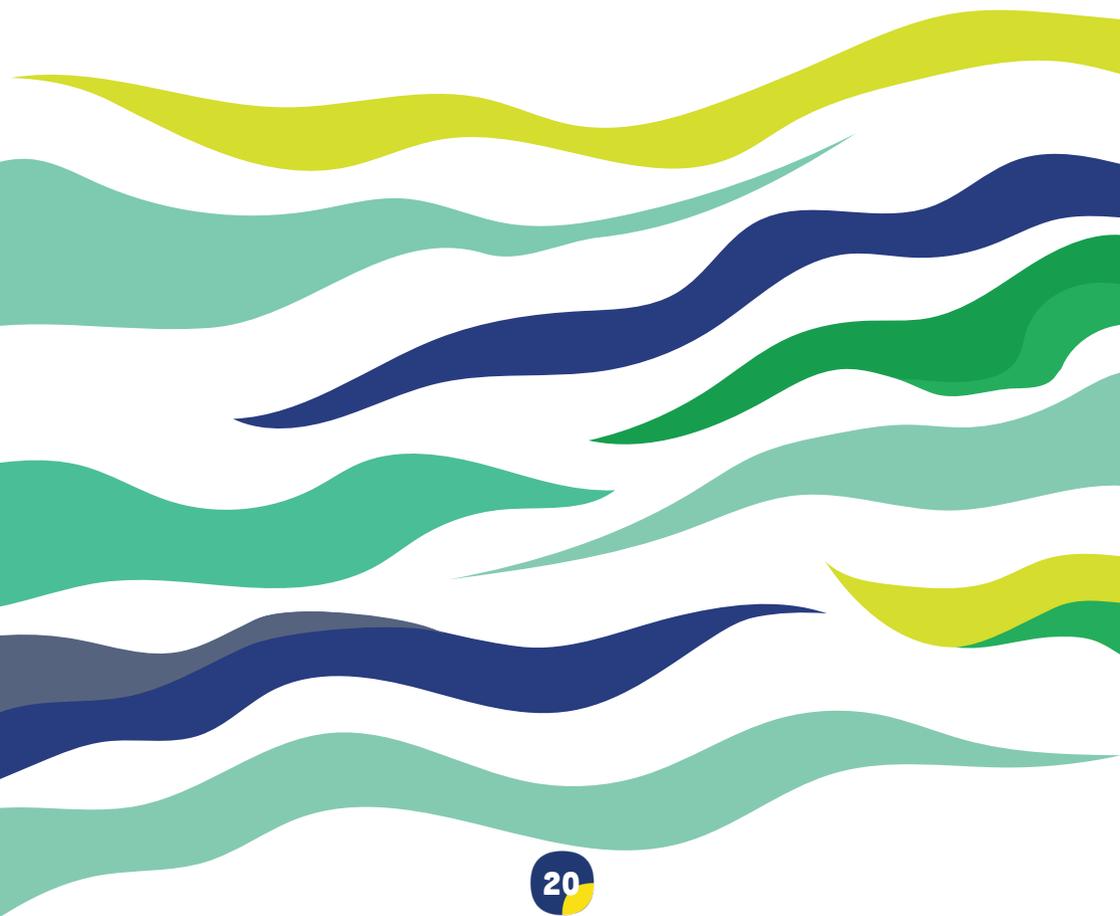
Auditório B2.03 – Ferreira  
de Almeida, Iscte -

Edifício II, piso 2

**Filme:** A Colônia  
Luxemburguesa, um  
documentário transmídia  
de Dominique Santana

**Moderação:** Thais França  
(CIES-Iscte)

# MESAS REDONDAS



**6 de setembro de 2023**

**Migração brasileira em Portugal: experiências, ativismo e movimentos sociais**

**17h15** // Auditório B2.03 - Ferreira de Almeida, Piso 2, Edifício II, Iscte

**Participantes:**

Brasileiras Não se Calam - Mariana Braz

Casa do Brasil de Lisboa - Freda Paranhos

Coletivo Andorinha - Samara Azevedo

Coletivo Tanto Mar - Andréa Patrícia Lins Silva

Plataforma Geni - Ana Paula Costa

Vozes no Mundo - Frente pela Democracia no Brasil - Natália Reis Gomes.

Esta mesa redonda propõe ser um espaço de discussão em torno da migração brasileira em Portugal, através da partilha de experiências de ativismo de imigrantes do Brasil na sociedade portuguesa. Reunirá várias organizações e associações de imigrantes do Brasil em Portugal para discutir os desafios e oportunidades de imigrantes na sociedade portuguesa, debater a relação com as políticas migratórias portuguesas, e destacar o seu ativismo em questões políticas, sociais e económicas que afectam o Brasil e a comunidade brasileira no exterior.

O encontro abordará um conjunto de temáticas, nomeadamente a reflexão sobre a experiência e perspectivas de futuro da comunidade brasileira em Portugal, focando na relação entre associações e as dinâmicas de poder com instituições governamentais e movimentos sociais; bem como pensar o papel desempenhado pelas associações convidadas, sua influência e envolvimento em lutas políticas tanto no Brasil como em Portugal. A abordagem desses tópicos proporcionará uma compreensão mais profunda das interconexões entre as dinâmicas políticas-sociais e de ativismo das associações de migração brasileira em Portugal.

## 7 de setembro de 2023

### **Nomear, reparar, reencantar – um mapa de desejos para novos mundos**

**17h15** // Auditório B2.03 - Ferreira de Almeida, Piso 2, Edifício II, Iscte

#### **Participantes:**

Susana Matos Viegas, antropóloga e investigadora, Instituto de Ciências Sociais-ULisboa – susana.viegas@ics.ulisboa.pt

Ellen Lima Wassu, poeta e investigadora indígena - limaellen@gmail.com

Rita Natálio, artista e investigador, IHA NOVA-FCSH, FFLCH-USP - Ritana@gmail.com

Rodrigo Lacerda, antropólogo e realizador, CRIA - NOVA FCSH / IN2PAST  
rodrigolacerda@me.com

No início de 2023 testemunhámos a abertura política no Brasil, assinalando um recomeço de mundos. Para muitas sociedades indígenas, entretanto, recomeço tem mais afinidade com a ideia de transformação. Transformar é mudar o estado, reencantar a forma.

A recusa em nomear e o atraso em debater violências físicas e simbólicas, sobretudo contra povos originários, é uma realidade em quase todos os países que construíram ou ampliaram seus impérios às custas da expropriação de territórios, da escravização e do etnocídio indígena. No caso do Brasil, recentes ações do atual Governo Federal sinalizam não apenas um novo tempo na política nacional, mas uma virada de paradigma, uma tentativa de reposicionamento, reparação e reconciliação com sua história.

A relação desse movimento de transformações com Portugal, país separado do Brasil por um oceano atlântico e por supostamente mais de 200 anos de independência é um dos motes desta mesa redonda. Três investigadore/as com um envolvimento activista nas questões/causas indígenas no Brasil e uma artista indígena que reside em Portugal. Unimo-nos numa plataforma de ação e conhecimento universitário no sentido da criação de práticas de saberes com vista à intervenção. Regenerar, restituir, reencantar pode ser feito então em aliança com os povos indígenas que habitam no Brasil a partir de Portugal. É sobre essas alianças que cada um de nós irá falar, sem diluir as nossas diferenças, em voz uníssona pela ação.



# **ABRE LISBOA 2023**

**IV CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DE BRASILEANISTAS NA EUROPA**

# LANÇAMENTOS DE LIVROS



# Quarta-feira, 6 de setembro de 2023

14h – 15h

## Sessão 1: Questões Políticas e Religiosas

Sala Maria de Sousa – Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

### 14h00 às 14h10

*Religião e democracia: desafios contemporâneos*

**Organizador:** Américo Freire (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/Fundação Getúlio Vargas/CNPq)

**Resumo:** A coletânea reúne pesquisas que examinam temas e questões que compõem o universo das relações entre religião e política no Tempo Presente brasileiro, em perspectiva historiográfica. Os capítulos, escritos por historiadores e cientistas sociais, acompanham a maneira pela qual diferentes denominações religiosas têm atuado no espaço público contemporâneo no Brasil das últimas décadas. São temas que compõem a coletânea: Feminismo católico; Ecumenismo: problemas e perspectivas; Trabalhadores e Movimentos Cristãos; Teologia da Libertação e as CEBs; Disputas e conflitos religiosos contemporâneos; Representação política: religião e ação política. O livro foi organizado por Américo Freire, Deivison Amaral e Evanize Sydow e foi publicado pela Editora Alameda (São Paulo) em 2022.

### 14h10 às 14h20

*L'évangélisme pentecôtiste au Brésil (Recife). Lieux, modes d'évangélisation et adhésion religieuse*

**Autor:** Ana Carla Rocha de Oliveira (Université de Lille / IUT de Guéret)

**Resumo:** “Este livro é o resultado do trabalho de imersão em três igrejas evangélicas pentecostais no Brasil. Ele oferecerá ao leitor uma descrição finita e detalhada da organização interna dessas três igrejas, suas ações de evangelização, sua dinâmica, sua estratégia de implantação e também um enfoque da experiência da adesão religiosa.

### 14h20 às 14h30

*Right-Wing Populism in Latin America and Beyond*

**Editor:** Anthony W. Pereira (Florida International University/King's College London)

**Resumo:** With contributions from 22 scholars and empirical material from 29 countries within and beyond Latin America, this book identifies subtypes of populism to further understand right-wing populist movements, parties, leaders, and governments. It seeks to examine whether the term populism continues to have any validity and what relationship(s) it has to democracy. Part 1 is an exploration of populism as an analytical concept. It asks how populism can and should be defined; whether populism can be broken down into subtypes; and whether the use of the term within and beyond Latin America in recent scholarship has been consistent. Part 2 focuses on political economy, and specifically whether political economy

explanations of both the causes and consequences of right-wing populism fit recent cases in Latin America, Europe, and the Philippines. Part 3 examines institutions, and in particular institutions of coercion and digital communication. It contains chapter studies on various aspects of populism in Brazil, Spain, India, and Italy. Part 4 concerns the coronavirus pandemic and the specific case of right-wing populism in Brazil. It examines the Bolsonaro government's response to the coronavirus pandemic, and how that response exacerbated the health crisis and reduced the government's popularity. Right-Wing Populism in Latin America and Beyond is a timely and socially relevant contribution to the understanding of contemporary challenges to democracy. It will be of interest to scholars, students, and practitioners eager to understand the rise in right-wing agendas across the globe.

### **14h30 às 14h40**

*Forças Armadas na Segurança Pública: a visão militar*

**Autor:** Celso Castro (FGV CPDOC)

**Resumo:** Desde os anos 1990, as Forças Armadas foram recorrentemente utilizadas em ações de segurança pública no Brasil. Como elas se desenvolveram e que impacto tiveram para os militares? Para responder a essas questões, estão aqui reunidas 16 entrevistas com oficiais das Forças Armadas. Em seu conjunto, permitem conhecer a experiência e a visão de mundo de uma geração de oficiais que participaram dessas operações de emprego doméstico das Forças Armadas e para refletir tanto sobre os desafios que elas enfrentaram quanto sobre o legado que deixaram.

### **14h40 às 14h50**

*Misoginia na Internet: uma década de disputas por direitos*

**Autor:** Mariana Valente (Universidade de St. Gallen)

**Resumo:** Em 2005, a jornalista Rose Leonel começou uma longa batalha emocional, financeira e jurídica após suas imagens íntimas terem sido divulgadas sem autorização pelo ex-namorado. Em 2011, Lola Aronovich passou a receber ameaças por escrever textos feministas em seu blog. No ano seguinte, a atriz Carolina Dieckmann também foi obrigada a lidar com as consequências da disseminação de retratos de nudez, após invasão de seu e-mail. Em 2015, a jornalista Maju Coutinho foi alvo de uma campanha racista e misógina nas redes sociais, gerando condenações na Justiça apenas cinco anos depois. Em 2018, ataques e perseguições a candidatas, jornalistas e professoras tornaram-se cotidianos em todo o Brasil. De lá pra cá, o aumento da presença on-line das mulheres veio acompanhado também do crescimento das violações à sua vida, bem como da inovação nas formas. Se o limitado aparato jurídico de proteção às vítimas e responsabilização de agressores no mundo off-line já era resultado de décadas de demandas sociais — a Lei Maria da Penha, por exemplo —, as transformações digitais trouxeram muitas novas dúvidas e a necessidade de atualização de noções, disputas e legislações. Enquanto isso, o Brasil também mudava, e muito. Nesse processo, o próprio conceito de misoginia foi sendo enriquecido. É olhando para esse contexto a partir de uma articulação dos campos

de políticas de internet e de gênero que a advogada, professora e pesquisadora Mariana Valente lança luz às disputas sociais e às legislações que foram criadas como resposta ao longo da última década a fim de responder a comportamentos violentos e sexistas na internet no Brasil. As leis criadas ao longo de dez anos – da Lei Carolina Dieckmann à Lei de Violência Política, passando pelo Marco Civil da Internet, no entanto, são apenas o fio condutor de um estudo que se ramifica para a sociologia, política, ética, filosofia e os estudos de gênero. Nele, a autora explora conceitos complexos e mostra quão nefastas podem ser as consequências do ódio às mulheres. Misto de ensaio, pesquisa acadêmica e manifesto feminista, Misoginia na internet apresenta uma abordagem interdisciplinar e interseccional para problemas contemporâneos, captando com surpreendente clareza questões da ordem do dia e mostrando que o universo cibernético não está apartado da realidade, mas imbricado no cotidiano de cada cidadã e cidadão. Ao refletir se a criminalização de práticas misóginas é de fato a única saída, a autora abre uma importante discussão e aponta quais são as mudanças culturais necessárias para enfrentar a misoginia on-line e off-line.

### **14h50 às 15h00**

*Limits of Democracy: From the June 2013 Uprisings to the Bolsonaro Government*

**Autor:** Marcos Nobre (Universidade Estadual de Campinas)

**Resumo:** The book offers a comprehensive account of Brazilian politics in the period 2013 to 2022, trying to explain how the country went from the massive uprisings of June 2013 to the election of far-right President Jair Bolsonaro and to his Presidency. In doing so, it takes into account both the global as the local contexts, both the functioning of the political system as the social depth of the events. In order to do that the book not only criticizes existing interpretations, but also sketches a diagnosis of the times that intends to deepen the understanding of the current social and institutional configurations of politics.

## **Sessão 2: Literatura, Património, Memória**

Sala 2 – Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

### **14h00 às 14h10**

*Manual of Brazilian Portuguese Linguistics*

**Organizadores:** Albert Wall (Universität Wien) e Johannes Kabatek (Universidade de Zurique)

**Resumo:** This manual is the first comprehensive account of Brazilian Portuguese linguistics written in English, offering not only linguists but also historians and social scientists new insights gained from the intensive research carried out over the last decades on the linguistic reality of this vast territory. In the 20 overview chapters, internationally renowned experts give detailed yet concise information on a wide range of language-internal as well as external synchronic and diachronic topics. Most of this information is the fruit of large-scale language documentation and

description projects, such as the project on the linguistic norm of educated speakers (NURC), the project “Grammar of spoken Portuguese”, and the project “Towards a History of Brazilian Portuguese” (PHPB), among others. Further chapters of high contemporary interest and relevance include the study of linguistic policies and psycholinguistics. The manual offers theoretical insights of general interest, not least since many chapters present the linguistic data in the light of a combination of formal, functional, generative and sociolinguistic approaches. This rather unique feature of the volume is achieved by the double authorship of some of the relevant chapters, thus bringing together and synthesizing different perspectives. First comprehensive English-language account of Brazilian Portuguese integration of different theoretical orientations (combined authorship) parallel chapters on synchronic and diachronic aspects allow for an overall view on Brazilian Portuguese

### **14h10 às 14h20**

*Latin American Literature in Transition*

**Autor:** Javier Uriarte (Stony Brook University)

**Resumo:** *Latin American Literature in Transition 1870-1930* examines how the circulation of goods, people, and ideas permeated every aspect of the continent’s cultural production at the end of the nineteenth century. It analyzes the ways in which rapidly transforming technological and labour conditions contributed to forging new intellectual networks, exploring innovative forms of knowledge, and reimagining the material and immaterial worlds. This volume shows the new directions in turn-of-the-century scholarship that developed over the last two decades by investigating how the experience of capitalism produced an array of works that deal with primitive accumulation, transnational crossings, and an emerging technological and material reality in diverse geographies and a variety of cultural forms. Essays provide a novel understanding of the period as they discuss the ways in which particular commodities, intellectual networks, popular uprisings, materialities, and non-metropolitan locations redefined cultural production at a time when the place of Latin America in global affairs was significantly transformed.

### **14h20 às 14h30**

*Entre o sensível e o concreto: reflexões entre memória, patrimônio e arquivos*

**Autor:** Nádia Maria Weber Santos (Universidade Federal de Goiás)

**Resumo:** A presente obra, intitulada ‘Entre o sensível e o concreto: reflexões entre memória, patrimônio e arquivos’, é realizada como um dos produtos do Projeto “O Pensamento de Sandra Jatahy Pesavento e sua Importância na Historiografia Brasileira: da História Econômica à História Cultural – Um Estudo a partir do Arquivo Pessoal da Historiadora”. O livro é fruto de um esforço coletivo em plena pandemia do coronavírus. Ele foi pensado para ser uma obra que reúne alguns pesquisadores que discutem memória, patrimônio e arquivos, dando ênfase aos estudos sobre a diversidade da documentação e os diferentes usos dos materiais arquivados, a partir da pluralidade de profissionais que atuam nesses espaços de salvaguarda.

### 14h30 às 14h40

*Experimentações patrimoniais: práxis para uma educação dialógica*

**Autor:** Hilda Jaqueline de Fraga (Universidade Federal do Pampa)

**Resumo:** O 4º livro da Série Experimentações do Patrimônio intitulado “Experimentações patrimoniais: práxis para uma educação dialógica” reúne investigações e experiências que se conectam aos diferentes cenários das políticas patrimoniais e aos debates emergentes do campo, a partir dos aportes de investigadores/as do Brasil, da França, Argentina, Colômbia e de Portugal continental e da Região Autônoma dos Açores, com uma larga trajetória e ativismo no terreno dos direitos humanos e culturais em seus países de origem. Para tanto, reúne vinte e um textos abordando as lutas recentes dos inúmeros movimentos sociais pelos direitos à história, à educação pública de qualidade e à salvaguarda dos bens e valores culturais de grupos e povos historicamente excluídos. Em seu conjunto as análises esboçadas interpelam a o/a leitor/a para um olhar mais acurado acerca dos múltiplos territórios em que a reflexão sobre a nossa historicidade se encontra presente, fazendo do patrimônio cultural uma categoria de máxima importância para a práxis social emancipatória prestando assim, uma justa homenagem ao grande educador brasileiro Paulo Freire. As comemorações do seu centenário em 2021 explicitam a atualidade do seu pensamento inconformado com a injustiças sociais e a alienação cultural. Sendo assim, esta nova publicação evidencia o momento no qual, na esteira deste grande pensador, o sentimento de esperança se fortalece, como aludem os trabalhos e temáticas distribuídas nas seis sessões que a compõe reforçando o papel ético-político, epistemológico e social desta categoria na contemporaneidade.

### 14h40 às 14h50

*João Cândido e os navegantes negros: a revolta da chibata e a segunda abolição*

**Autor:** Sílvia Capanema (Maitresse de conférences à l’Université Sorbonne Paris Nord)

**Resumo:** Em 1910, quando marujos oriundos das classes populares, em sua maioria, pretos e pardos, nordestinos e nortistas apontaram canhões de navios contra a cidade do Rio de Janeiro, apenas vinte e dois anos haviam se passado da Abolição da Escravatura. O que este movimento denunciava em muito tinha relação com as torturas impostas aos africanos e seus descendentes nos mais de três séculos de escravidão, como por exemplo as punições corporais, muitas com uso da chibata, objeto que fora utilizado para castigar negros escravizados. Era reivindicado a supressão dessas punições, a substituição de superiores autoritários, o aumento do soldo, a melhoria na educação dos marujos, a redução do tempo de trabalho, a qualidade da alimentação e a categorização dos serviços prestados. Emerge um líder nesta revolta - que ficou conhecida como Revolta da Chibata - o negro João Cândido (1880-1969), o “Almirante Negro”. O livro João Cândido e os navegantes negros, com a sábia inserção da expressão “segunda abolição” em seu subtítulo, por meio de um profundo e atento trabalho de pesquisa, reflexão e escrita de Sílvia Capanema, retrata este caso emblemático de luta de afrodescendentes e outros

integrantes das classes populares por melhores condições de vida. Uma luta que segue vivaz nos integrantes desta população na atualidade brasileira e que a leitura desta importante obra nos faz compreender com maior nitidez e agudeza. (Texto do editor Vagner Amaro).

## **Quinta-feira, 7 de setembro de 2023**

**14h – 15h**

### **Sessão única: Práticas e Circulações Culturais**

Sala Maria de Sousa – Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

#### **14h00 às 14h10**

*A trama tropical: capítulos da (contra)cultura brasileira*

**Autor:** André Masseno (University of Zurich)

**Resumo:** Ao analisar a configuração da noção de trópicos em produções textuais e visuais brasileiras do final do século XIX e do período de virada entre as décadas de 1960 e 1970, André Masseno abarca tanto os discursos oficiais como as contranarrativas produzidas por escritores, artistas e intelectuais das respectivas épocas, tais como Sousândrade, Hélio Oiticica, José Agrippino de Paula e tantos outros. Seja no discurso oficial ou na contraparte artística, o elemento tropical foi posto em circulação para diversos fins, sobretudo a serviço da afirmação – às vezes ambígua e oscilante – de certa contribuição brasileira no contexto das nações ocidentais consideradas de maior prestígio cultural, no caso as europeias, e diante do poderio industrial, político e econômico de nações como os Estados Unidos. Masseno cria os movimentos espaciais e temporais de uma dança que desvela tensões e também afinidades eletivas sob o signo flutuante “tropical” ao longo de algumas narrativas históricas. O livro não se desenvolve linearmente; embora apresente uma cronologia. Os capítulos dedicados à (contra)cultura voltam-se uns sobre os outros, avançando e retrocedendo, criando uma verdadeira trama, uma tenda, como a instalação Tropicália de Hélio Oiticica, que abriga os deslocamentos corporais e de pensamento desse signo. A trama tropical resulta de uma mirada sobre as peculiaridades locais e elaborada por meio de apropriações, de diálogos enviesados com substratos (artísticos, culturais e sociopolíticos) considerados alheios; ela é consequência do anseio, nem sempre deliberado, por soluções ímpares para a complexa convivência entre noções e contextos (locais e globais) aparentemente díspares. O interesse do autor, como ele próprio diz, é apresentar o tropical como termo indissociável de uma trama discursiva sobre as especificidades de uma cultura local e de sua escrita/escritura, de sua espacialidade e de seus viventes. Dotada de uma mirada ansiosa pela demarcação do particular, a trama tropical é formada tanto pelas narrativas oficiais como por contranarrativas, cada uma delas assinalando, a seu modo, o âmbito brasileiro com uma original disparidade.

### 14h10 às 14h20

*Critical Brass: Street Carnival and Musical Activism in Olympic Rio de Janeiro*

**Autor:** Andrew Snyder (UNL NOVA FCSH)

**Resumo:** Critical Brass tells the story of neofanfarrismo, an explosive carnival brass band community turned activist musical movement in Rio de Janeiro, as Brazil shifted from a country on the rise in the 2000s to one beset by various crises in the 2010s. Though predominantly middle-class, neofanfarristas have creatively adapted the critical theories of carnival to militate for a more democratic city. Illuminating the tangible obstacles to musical movement building, Andrew Snyder argues that festive activism with privileged origins can promote real alternatives to the neoliberal city, but meets many limits and contradictions in a society marked by diverse inequalities.

### 14h20 às 14h30

*Compondo Chiquinha Gonzaga: contrapontos antropológicos*

**Autor:** Rafael do Nascimento Cesar (Universidade de São Paulo)

**Resumo:** O livro trata da compositora brasileira Francisca Edwiges Neves Gonzaga (1847-1935), também conhecida como Chiquinha Gonzaga, através das biografias escritas sobre ela entre 1939 e 2009. A análise crítica do material biográfico é balanceada com a pesquisa nos arquivos pessoais da compositora, trazendo à luz cartas, fotografias e recortes de imprensa. O foco é refletir sobre as nuances do fazer biográfico, tendo em vista os interesses dos diferentes agentes envolvidos nessa tarefa e questionando algumas noções que deram sentido à trajetória da compositora, como o seu pioneirismo na música ou o fato de ela ser considerada uma “mulher à frente do seu tempo”.

### 14h30 às 14h40

*Em Cartaz: Miss Favela*

**Autor:** Marly D’Amaro Basques (Universidade de São Paulo/UFABC)

**Resumo:** O Brasil tem vários ícones no exterior. Samba, carnaval, futebol, mulheres e... favelas. Isso mesmo, e é assim que os estrangeiros se referem às “comunidades” brasileiras. Em Cartaz: Miss Favela é o resultado de um trabalho de pesquisa de pós-doutorado que trabalhou com adaptações de obras literárias, teatrais e até mesmo trabalhos acadêmicos, transformados em produções cinematográficas de sucesso no exterior. Partindo de temas e textos de caráter filantrópico ou com objetivos tidos como nobres por tentar contribuir e solucionar graves problemas de nossa sociedade, diretores e produtores criaram filmes que, ao se modelarem ao World Cinema, se perderam de seus próprios ideais e geraram conflitos, debates e imagens muito menos saudáveis que a ideia original. Em busca de bilheteria, sucesso comercial, premiações ou até mesmo fins políticos particulares, o processo de adaptação dessas obras transformando-as em comoditização, levou à perdas quanto aos objetivos nobres iniciais, ao mesmo tempo que pôs em destaque para o público estrangeiro diferentes mensagens sobre a “Favela” brasileira, suas mazelas e vitórias no cenário nacional. As estratégias de persuasão utilizadas para atrair o

grande público tocaram em questões sensíveis, como etnias ou “raças”, violência, drogas e corrupção, identidades. Sua análise demonstrou que, ao criar roteiros e produzir cenas envolvendo tais temas, no que concerne a busca um trabalho ético, todo cuidado é pouco. Ela mostrou também que na busca do sucesso, do poder, e do “trono” político, todas as armas de persuasão foram utilizadas e todos os escrúpulos ficaram esquecidos.

### **14h40 às 14h50**

*O segredo das senhoras americanas: intelectuais, internacionalização e financiamento na Guerra Fria cultural*

**Autor:** Marcelo Ridenti (Universidade Estadual de Campinas)

**Resumo:** O livro trata de intelectuais – no sentido amplo que abarca também certos artistas e estudantes – que atuaram nas circunstâncias da Guerra Fria buscando o desenvolvimento pessoal e coletivo em sua atividade, com destaque no espaço público. Participando, por exemplo, do círculo internacional comunista, caso de Jorge Amado e de seus camaradas da América Latina. Ou, ao contrário, recorrendo a meios fornecidos pelo lado ocidental, como nos vínculos com o Congresso pela Liberdade da Cultura (CLC), sediado em Paris, patrocinador da revista *Cadernos Brasileiros* com fundos dos Estados Unidos. E ainda pela oportunidade dada a estudantes para conhecer gratuitamente a Universidade Harvard e o modo de vida americano em plenos anos rebeldes. Essas três passagens foram analisadas, uma em cada capítulo. O título da obra faz referência a esta última atividade, custeada pela Associação Universitária Interamericana, entidade organizada por um grupo de mulheres que nunca escondeu que parte de seus fundos vinha de empresas multinacionais, nem que houve algum suporte oficial dos Estados Unidos. No entanto, souberam guardar segredo sobre o montante do financiamento e sua procedência específica, pois sabiam que a descoberta afastaria o interesse de participação de estudantes de esquerda a quem pretendiam cativar com a estada de cerca de um mês em seu país. O objetivo é analisar sociologicamente passagens históricas que podem iluminar a compreensão da Guerra Fria cultural naquele momento de modernização da sociedade brasileira. Então se contava cada vez mais com a participação de intelectuais e artistas para alcançar o desenvolvimento, como se pretendia na época, cujas grandes questões estruturais – abrangendo as lutas entre capitalistas e comunistas, capitaneados pelos Estados Unidos e pela União Soviética, depois também por Cuba – foram abordadas a partir de experiências de pessoas e grupos que constituíram suas relações e redes de sociabilidade.

### **14h50 às 15h00**

*Paulo Freire centenário: um educador do mundo*

**Organizadores:** Adelaide Gonçalves (Universidade Federal do Ceará/Plebeu Gabinete de Leitura/Escola Nacional Florestan Fernandes-MST), Débora Dias (CHAM – Universidade NOVA de Lisboa) e Fernando de la Cuadra (Conselho Consultivo da Casa Latinoamericana (CASLA) e da Cátedra José Carlos Mariátegui/Membro do

Conselho Editorial da Revista Polis Latinoamericana).

**Resumo:** Este é um livro-homenagem a Paulo Freire, que assinala o seu centenário com a publicação de textos inéditos em Portugal, juntando escritos autobiográficos, debates e entrevistas. Freire tornou-se num educador do mundo pela ampla difusão de suas ideias filosóficas, de seu método pedagógico e de sua ação, primeiro no Brasil, depois no Chile, seguindo para países da América Latina, Estados Unidos, Europa, África, Ásia e Oceania. Em relevo estão momentos-chave da trajetória de Paulo Freire e o itinerário internacionalista de um pensamento cuja recepção por largos anos foi marcada pelo interdito, pela censura, por uma circulação clandestina e pelo exílio.

Edição: Outro Modo, Le Monde diplomatique – edição portuguesa.

## Sexta-feira, 8 de setembro de 2023

### Sessão única: História, Emoções

Sala Maria de Sousa – Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

#### 14h00 às 14h10

*Narrativas oitocentistas em tempos pandêmicos*

**Organizadores:** Everton Barbosa (Université Sorbonne Nouvelle) e Tania Bessone (Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro)

**Resumo:** “Em seu recente livro de viés epistemológico, intitulado *Le travail de l’histoire* (2018), Étienne Anheim frisou que, longe de monopolizar os discursos sobre o passado, o ofício de historiador se notabiliza por seu duplo caráter, individual e coletivo, bem como pela capacidade reflexiva acerca das aproximações ou distâncias entre os tempos, animado por um projeto científico de conhecimento das sociedades. Nessa direção, a coletânea organizada por Everton Barbosa & Tania Bessone busca conectar acontecimentos e processos do século XIX ao nosso sufocante presente, então assolado por uma crise sanitária inédita e outras que se endereçam aos sistemas representativos de governos, conforme sinalizado na

apresentação da proposta. Os temas abordados vão das traduções produzidas no mundo luso-brasileiro com suas práticas censórias, chegam à circulação global de notícias sobre as revoluções atlânticas quando da Independência em 1822, transitam nas polêmicas que agitaram o fazer biográfico durante o Império, atingem o universo intelectual com suas barreiras impostas ao protagonismo feminino na condução de periódicos e tipografias no Brasil ou em Portugal, adentram as óperas e demais espetáculos teatrais situados no atual Nordeste da antiga monarquia tropical e avalia, por fim, as sociabilidades dos festejos imperiais de São João segundo memorialistas pernambucanos que a eles se referiram no período republicano. Assim, mediante os procedimentos do bem-sucedido esforço de atar os fios de khrónos ou sinalizar as diferenças do ontem em relação ao hoje, o estudo reúne pesquisadores de todo o país e oferece aos leitores estas Narrativas oitocentistas em tempos pandêmicos como sopro de criatividade na cena historiográfica vigente.

### **14h10 às 14h20**

*1822, Independência*

**Organizador:** José Manuel Santos (Univesidad de Salamanca)

**Resumo:** Coletânea com alguns dos mais importantes historiadores/as especialistas em história da Independência do Brasil.

### **14h20 às 14h30**

*Paternalism, Transgression and Slave Resistance in Brazil*

**Autor:** Robson Pedrosa Costa (Universidade de Lisboa/Instituto Federal de Pernambuco)

**Resumo:** Tramps, lazy, cheaters. Expressions like these were widely used by several masters in view of the multiple forms of transgressions committed by slaves. This type of (dis) qualification gained an even stronger contour in properties controlled by religious orders, which tried to impose moralizing measures on the enslaved population. In this book, the reader will come across a peculiar form of management, highly centralized and commanded by one of the most important religious corporations in Brazil: the Order of Saint Benedict. The Institutional Paternalism built by this institution throughout the 18th and 19th centuries was able to stimulate, among the enslaved, the yearning for freedom and autonomy, 'prizes' granted only to those who fit the Benedictines' moral expectation, based on obedience, discipline and punishment. The "incorrigible" should be sold while the "meek" would be rewarded. The monks then became large slaveholders, recognized nationally as great managers. However behind this success, they had to learn to deal with the stubborn resistance of those who refused to peacefully surrender their bodies and minds, resulting in negotiations and concessions that caused disturbances, moments of instability and internal disputes.

### 14h30 às 14h40

#### *Políticas da emoção e do gênero no Cone Sul*

Cristina Scheibe Wolff (Universidade Federal de Santa Catarina)

Resumo: Este livro é uma produção coletiva do projeto Políticas da Emoção e do Gênero na Resistência às Ditaduras do Cone Sul, coordenado pela Profa. Cristina Scheibe Wolff e financiado pelo CNPq. O projeto foi realizado por uma equipe do Laboratório de Estudos de Gênero e História da Universidade Federal de Santa Catarina - [www.legh.cfh.ufsc.br](http://www.legh.cfh.ufsc.br). O objetivo da pesquisa foi compreender o uso político das emoções e do gênero no campo das resistências às ditaduras nos vários países do Cone Sul (Brasil, Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai) durante as décadas de 1960 a 1980. Entre estes movimentos estão os de luta armada, direitos humanos e também movimentos de mulheres e feministas. O livro é formado por 12 capítulos, cada um referente a uma emoção: amizade, amor, voluntariedade, coragem, medo, humor/riso, luto, solidariedade, culpa, raiva/ódio, esperança, e um capítulo teórico sobre gênero, emoções e afetos na política. Está disponível para download gratuitamente em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/230126>.

### 14h40 às 14h50

#### *Emotions and Public Spheres*

**Organizadora:** Antónia Pedroso de Lima (Iscte-Instituto Universitário de Lisboa/CRIA)

**Resumo:** The political moment experienced today by so many countries is marked by an intense polarization that intensifies the emotional dimension of political life, bringing feelings such as fear, hate, sympathy, shame and humiliation, among others, to the forefront. The formulation of public policies is one of the arenas in which divergent worldviews clash - a clash that is permeated by emotions. This pervasiveness of emotions attests to the undeniable urgency of turning the anthropological gaze to the role they play in politics. This volume intends to contribute to this effort by taking public policies (their formulation, their reception, their impact) as its objects.

# REVISTAS E PORTAIS



## 7 de setembro de 2023, 14h-15h

Sala 2 – Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

### **Apresentação da Revista Problemas Brasileiros – especial 60 anos (revistapb.com.br) e da plataforma multimídia Um Brasil**

[www.umbrasil.com](http://www.umbrasil.com)

A Problemas Brasileiros (PB) é uma publicação singular que chega aos 60 anos de existência fiel ao propósito de sua criação, em 1963: estimular o necessário debate à superação de mazelas seculares e contrastes que fazem do Brasil um dos países mais desiguais do mundo.

Uma realização da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP), a revista se distingue pelo público leitor — constituído majoritariamente por empreendedores e estudantes — e por suas parcerias com universidades e organizações do terceiro setor, destinadas a dar voz aos mais amplos setores da sociedade.

A PB cursou trajetória única enquanto uma publicação de entidade de classe. Isso aconteceu porque não se restringiu a discussões político-econômicas. As causas do atraso estrutural do País foram (e continuam sendo) observadas de maneira holística, em áreas como Educação, Trabalho, Gestão Pública, Meio Ambiente, Infraestrutura, Saúde e Cultura, ouvindo especialistas sem deixar de retratar os anônimos que constroem a história brasileira de todos os dias.

Atualmente, é veiculada em edições bimestrais impressas com distribuição dirigida, além de conteúdos exclusivos disponíveis em canais digitais: site, podcast, vídeos e mídias sociais. Esse conjunto de ações de reposicionamento editorial, empreendidas desde 2016, proporcionou à PB o Prêmio Aberje (Associação Brasileira de Jornalismo Empresarial) de 2019, na categoria Mídia Impressa.

Hoje, novos rumos da atividade empresarial, influenciada pelas práticas ESG — sigla em inglês que significa Environmental, Social and Governance (ambiental, social e de governança) — têm sido enfatizados de forma perene. Mobilizar o empresariado e a sociedade em torno dessa agenda significa que a PB, além de informar, contribui como porta-voz da FecomercioSP para a qualificação do debate. Para a Entidade, o futuro do capitalismo no século 21 está indissolúvelmente ligado à capacidade de empresas e governos promoverem avanços socioambientais. (texto informativo retirado da página online)

A plataforma UM BRASIL é uma realização da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP), entidade que há mais de 80 anos representa o empresariado paulista e batalha por um ambiente de negócios

mais simples e justo. Por meio desta plataforma, a entidade excede as discussões relativas ao campo laboral e ocupa, também, o campo das ideias, ao discutir os rumos do País, seus problemas e soluções.

Para isso, desde 2014 conversa com especialistas de diferentes esferas do conhecimento, dispostos a analisar e contribuir com as transformações do Brasil. Os temas abordados são igualmente amplos. Da gestão pública ao combate à corrupção, da qualidade da democracia à necessidade de modernização do Judiciário, da desigualdade ao cenário internacional, o UM BRASIL transpassa temas caros à toda sociedade. Com isso, leva o nome da FecomercioSP a diferentes fóruns de discussão dentro e fora do Brasil e promove parcerias valiosas com instituições, empresas e representantes da sociedade civil. (texto informativo retirado da página online)

## **8 de setembro de 2023, 14h-15h**

Sala 2 – Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

### **Apresentação do portal de revistas históricas RIC – Revista de Ideias e Cultura** ([www.ric.slhi.pt](http://www.ric.slhi.pt))

#### **Ágora impressa**

O século XX encontrou nas revistas a modalidade apropriada à criação, circulação e discussão de ideias da sua época. Os homens e as mulheres das letras e das artes novecentistas converteram os quinzenários e os mensários que fundaram nos órgãos dos movimentos de doutrina, sensibilidade e intervenção cívica que moldaram a história cultural e política do seu século.

Os títulos mais representativos distinguiram-se por agregarem autores reputados em torno de programas próprios, ao mesmo tempo que formaram públicos fiéis e estabeleceram os termos dos debates de opinião e de gosto. Supor, porém, que a convergência entre a actualidade das publicações periódicas e um pensamento que se desejava comprometido com a sua circunstância se saldou por resultados efémeros é um engano.

As revistas teceram tanto o trânsito histórico quanto acumularam um legado cultural vultuoso, pois o que releva nas páginas dos seus títulos significativos é o desígnio de unir a reflexão e a criação idóneas à vida e à comunidade, o que lhes confere um alcance simultaneamente universal e próximo. Os muitos livros que coligiram peças literárias, ensaios, artigos e manifestações plásticas inicialmente publicados em revistas, editados e reeditados década após década, testemunham-no de forma inequívoca.

## **Quando as fontes são o obstáculo**

As publicações periódicas que serviram de verbo consciente e retórico ao devir contemporâneo revelaram uma índole complexa e obrigam a estudo ingrato: os títulos mostram-se numerosos, as colecções das suas edições, por vezes, extensíssimas, as autorias, os conteúdos e os registos muito variados, os percursos editoriais incertos e atreitos a metamorfoses. Entre o reconhecimento das revistas como fontes primordiais da cultura e da política do século XX e a abordagem metódica do seu teor ergue-se, assim, um dos obstáculos maiores do saber histórico contemporâneo. Se a reedição singela destes periódicos confirma a atenção que justificadamente têm granjeado, o mérito de tornar as suas colecções acessíveis só responde a uma parte, a seu modo preliminar, do problema que, em si mesmos, encerram.

## **Aspetos metodológicos**

A abordagem e reprodução electrónica das revistas de ideias e cultura torna indispensável, nos nossos dias, conjugar três domínios disciplinares distintos, mas convergentes: a história das ideias e da cultura, as ciências da informação e a edição digital. Ao saber historiográfico pede-se a identificação dos títulos representativos, assim como a elucidação dos critérios de inventariação dos conteúdos, nomeadamente nos foros da interpretação temática e conceptual.

Das ciências da informação, em particular da biblioteconomia, recolhem-se os fundamentos e os procedimentos padronizados de análise e de registo das peças publicadas. A concretização das virtualidades das humanidades digitais envolve tanto o desenho de aplicações e de bases de dados específicas quanto a definição das modalidades de consulta das colecções.

## **Navegar**

O Portal Revistas de Ideias e Cultura (RIC) tem por objectivo proporcionar o acesso às revistas dos movimentos culturais e políticos mais representativas da história portuguesa e da história brasileira do século XX de acordo com o conhecimento constituído e o estado da arte da edição digital. Faculta-se a consulta de colecções completas seja através do folheio dos números editados seja por intermédio de índices de autores, de conceitos, de assuntos, de autores citados, de obras citadas e de locais. Permite-se ainda o exame conjunto das peças publicadas nos diferentes títulos de um mesmo movimento cultural, assim como a pesquisa na totalidade das bases de dados.

Disponibilizam-se, igualmente, selecções variadas e extensas de documentos e de estudos tanto sobre o universo das revistas de ideias e cultura portuguesas e brasileiras do século XX quanto acerca de cada um dos títulos reproduzidos.

Supõe-se que a descrição sumária e a elaboração dos analíticos das peças impressas nas colecções republicadas constituem não só modalidades adequadas de abordagem e de sistematização da informação contida em cada título como

representam também os procedimentos que facultam uma acessibilidade conforme aos recursos técnicos disponíveis.

É de registar, ainda, que RIC é um portal necessariamente inacabado, composto por objectos de estudo plurais, embora conexos, que se podem encontrar em planos de abordagem e de elaboração distintos.

### **Uma nova história cultural?**

Ao permitir compulsar colecções de revistas, em alguns casos de acesso difícil, mesmo nas instituições de referência, e ao fornecer meios inéditos para a sua consulta, o Portal RIC tem a pretensão de contribuir para que a leitura circunstancial e a investigação cultural objectivem problemas, temáticas e métodos inovadores no âmbito da abordagem às fontes complexas que reproduz.

Supõe-se que a sistematização da informação resultante da análise do conteúdo das peças publicadas nas revistas reproduzidas venha possibilitar que as representações consabidas a seu propósito sejam testadas, que a resposta a questões suspensas e a novas interrogações se torne viável, que as monografias e as sínteses correntes se vejam acompanhadas por cruzamentos e mapeamentos pluricêntricos.

Embora indiciadas de forma sumária, adivinham-se, também, hipóteses de investigação muito interessantes no âmbito da interpretação das distribuições quantitativas dos elementos contidos nas bases de dados.

A investigação desenvolvida define uma proposta de estudo e de reprodução de periódicos, aperfeiçoável pela crítica e pela experiência, que se pretende submeter ao escrutínio das comunidades académicas que se ocupam das humanidades, assim como vir compartilhar com os leitores que considerem os seus pressupostos e as suas ferramentas pertinentes.

É de sublinhar, por fim, que o Portal RIC é dedicado pelos investigadores do Seminário Livre de História das Ideias a todos aqueles que tomam o legado reflexivo, livre e inconformista da cultura contemporânea como fonte de inspiração pessoal e cívica.

*Luís Andrade*

(texto informativo retirado da página online)

**ABRE LISBOA 2023**  
IV CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DE BRASILIANISTAS NA EUROPA

# PAINÉIS



## **Quarta-feira, 6 de setembro de 2023**

9h – 10h45

### **PAINEL: Circulações e projeções internacionais de Brasil e de brasilidades I**

#### **The Case of Brazilian Choro in Europe – To Be (a Brazilian) or Not To Be?**

Roe Ben Sira (Hebrew University of Jerusalem and Jerusalem Academy of Music and Dance)

This paper deals with the recent internationalization of Brazilian choro and the different strategies used by European musicians to overcome the challenges of this local instrumental genre. It is based on ethnographic research in Europe that included participation in dozens of rodas de choro in 14 cities and more than 50 interviews. I studied musicians throughout Europe who regularly practice choro-playing in its traditional form of the roda (circle of musicians). The Brazilian roda de choro, often described by scholars as a crucible in which *Brasilidade* was forged, became in Europe a form of cosmopolitan musical and social activity. With mostly European practitioners, the newly-formed European choro communities challenge the rooted ethnomusicological concepts of center, periphery and diaspora. Choro requires unique instruments, virtuosity, constant study of its vast repertoire, and the acquisition of its complex social codes. For musicians who did not grow up in Brazil, these barriers are even higher. I present two very different models of cosmopolitanism through the stories of two European seven-string guitar players who have to deal with the *a priori* disadvantage of being outsiders to a musical tradition from somewhere else. While one travels back and forth to Brazil and goes as far as “Brazilianizing” himself, the other believes that he can learn choro without ever leaving Europe. Both strategies grow out of the erasure of physical boundaries and the new opportunities our highly interconnected world presents. Yet, identity boundaries and *loci* do not lose their meaning, they just become more complex.

#### **Interrogando Identidades Brasileiras: Capoeira, Cultura Política, Identidade Nacional e o Método Etnográfico**

Fabio Araújo Fernandes (UFSC, HiCap Kulturschule)

Em um momento cercado de mudanças abruptas causadas pela pandemia e com o advento de uma retomada democrática e socialista no Brasil, um exercício mais reflexivo e crítico se faz extremamente necessário para que não caiemos nos mesmos tropeços de outrora. Para isso, as provocações e reflexões propostas nesta apresentação tem como objetivo principal utilizar de minha experiência enquanto praticante, professor e pesquisador com o intuito de deslocar o olhar romântico-positivista ainda presente do pesquisador a “descobrir” verdades para um viés mais processual, dialógico e, portanto, político da construção de conhecimento. Principalmente, quando se utilizam de pesquisas de campo, histórias de vida e entrevistas como método. Questão que se apresenta ainda mais urgente devido ao fato de que a quase totalidade dos pesquisadores sobre capoeira sejam praticante dessa arte nos seus mais diferentes graus e tipos. Sendo assim, primeiramente,

problematizarei o conceito de cultura no universo da Capoeira, utilizando-me de minha pesquisa de campo de dois anos na Alemanha que trouxe à tona as relações entre cultura, política e discurso científico. Para tanto, apresentarei uma aproximação possível destas experiências etnográficas com alguns debates sobre a cultura política, relações de poder e seus entrelaçamentos com o saber acadêmico apresentadas por autores como Edward Said e Guatarri Spivak. Indo mais além destas reflexões comparativas, utilizarei-me da obra de Simone Pondé Vassallo para fazer um passeio genealógico pelo processo de construção discursiva sobre a capoeira. Um percurso da formação de um campo de disputas e relações de poder, que se utiliza das especificidades do contexto colonial brasileiro para estabelecer suas bases simbólicas. Em seguida, confrontarei o termo “sujeito diaspórico pós-colonial” apresentado por Guatarri Spivak com a formação colonial da classe média brasileira, apresentada por Jessé de Souza, a fim de revelar seu caráter estratégico no processo de produção de uma brasilidade transnacional. Finalizarei retornando ao método etnográfico e a importância de se problematizar a relação dialógica e intersubjetiva entre pesquisador e pesquisado, além da necessidade de uma consciência crítica das interferências provocadas pelo pesquisador em campo.

### **O Rio pelos olhos de uma “gringa”: Imagens e “national branding” do Brasil através do canal Youtube “Le corps, la Maison, l’Esprit”**

Elie Pucheral (Université Sorbonne Nouvelle)

Desde a sua criação, a plataforma YouTube viu surgir inúmeros canais dedicados às viagens, que compartilham histórias pessoais dos seus criadores. Este é o caso de Laëtítia Birbes, francesa que decidiu escolher a cidade do Rio de Janeiro como sua cidade. Ela é proprietária do canal « Le Corps, la Maison, l’Esprit » e organizadora da viagem feminista « Féminité & Sororité ». Desde 2017, ela tem produzido continuamente conteúdo sobre sua vida diária no Brasil e também sobre a cultura brasileira e as diferenças culturais entre a França e o Brasil. À luz das teorias das Relações Internacionais e da Ciência Política, esta contribuição procura mostrar como a videomaker participa, tanto através dos seus vídeos quanto nas suas viagens organizadas, do national branding (ou marketing nacional) do Brasil. A partir desta hipótese principal, surgem questões subjacentes: de fato, através de seus vídeos e das viagens feministas que ela organiza, que imagem(s) do Brasil ela projeta para sua comunidade online? Até que ponto eles reproduzem ou se distanciam dos estereótipos e dos clichês nacionais sobre o Brasil? Finalmente, que influência eles têm sobre a imagem do Brasil para seus assinantes?

### **De Chico Buarque a Luccas Neto: as disputas em torno do português do Brasil em Portugal**

Gleiciani Fernandes (Universidade de Lisboa)

Esta proposta de trabalho pretende discutir as multifacetadas percepções sobre a “presença” do português do Brasil em Portugal. O sotaque brasileiro aciona tensões que resvalam em conflitos e ambiguidades entre as representações portuguesas da língua. Tendo como pano de fundo uma pesquisa sobre a experiência da mobilidade de mulheres brasileiras em Portugal (Fernandes, 2017) procurar-se-á

trazer dois acontecimentos recentes para pensar a atualização deste debate. O primeiro é a repercussão da atribuição do prêmio Camões ao músico Chico Buarque e as cerimônias previstas para a entrega do prêmio agora em 2023. O segundo é o debate iniciado a partir de uma reportagem no jornal português Diário de Notícias publicada em Novembro de 2021 sob título “Há crianças portuguesas que só falam ‘brasileiro’”. Na peça jornalística sugere-se que a popularidade de youtubers brasileiros, como o Luccas Neto, entre as crianças portuguesas interferiria na aprendizagem da língua. Tentar-se-á mostrar que, num plano político/institucional, Portugal e o Brasil recorrem inúmeras vezes a uma retórica de partilha da língua portuguesa para estabelecer acordos bilaterais, reafirmar interesses económicos e concretizar intercâmbio linguístico-cultural. Por outro lado, embora muito se fale de ser a língua comum um facilitador da inserção dos brasileiros em Portugal, evidencia-se disputas políticas e ideológicas que acabam, muitas vezes, por se constituírem em mais um desafio à convivência e à interação. As fricções à volta dos usos da língua vão tecendo as relações dos imigrantes com o mundo português e têm uma função importante na elaboração de estratégias para uma melhor interlocução, tais como a transformação da fala para tentar negociar o lugar-condição de imigrante.

## **PAINEL: Gênero e Produção de Conhecimento**

### **Modernização e Feminismo na Obra de Gilda de Mello e Souza**

Laura Gagliardi (Universidade de Colônia)

A partir de uma perspectiva histórica, pretendo apresentar um breve perfil biográfico de Gilda de Mello e Souza (1919–2005), destacando seu papel pioneiro nos estudos literários e estéticos brasileiros. O percurso de Gilda é marcado pelo convívio com figuras masculinas brilhantes: o primo Mário de Andrade; o marido Antonio Candido; os professores Claude Lévi-Strauss e Roger Bastide; os colegas Paulo Emilio Salles Gomes e Décio de Almeida Prado. Independentemente disso, Gilda trilhou caminho crítico próprio: em 1937, esteve entre as primeiras estudantes do curso de Filosofia; em 1941, foi a única mulher integrante do grupo fundador da Revista *Clima*; em 1950, defendeu doutoramento na área de Ciências Sociais e, em 1954, tornou-se professora Estética na Universidade de São Paulo. Gilda interessou-se por temas considerados “menores” no ambiente acadêmico brasileiro da época por serem assuntos “de mulher”, como por exemplo, moda, objeto de sua tese de doutoramento. De maneira avançada e inédita, Gilda também refletiu sobre os limites que a modernização da vida brasileira representou no que diz respeito à igualdade dos sexos, e às possibilidades reais de as mulheres escaparem ao destino tradicional que lhes era relegado. Pretendo destacar essa reflexão a partir de uma leitura sucinta de seus principais trabalhos: *O tupi e o alaúde* (1979), *Exercícios de leitura* (1980), *O espírito das roupas* (1987) e *A ideia e o figurado* (2005). Com raras exceções, existem poucos estudos a respeito da vida e da obra de Gilda de Mello e Souza, uma falta que precisa ser definitivamente reparada.

## **Formas de Participação Feminina na Cultura Científica em Livros e em Periódicos no Brasil: Um Estudo da Mediação Cultural na Imprensa do Século XIX.**

Kaori Kodama (Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz)

É conhecido que as mulheres tiveram pouca ou restrita participação no mundo oficial das ciências no momento em que a ciência se institucionalizava no século XIX, quer fosse pelo veto oficializado ao acesso educacional, quer fosse pelas diversas formas de invisibilização de suas atividades, como escritoras, tradutoras, professoras ou revisoras de trabalhos científicos de maridos. Esta apresentação pretende abordar as formas como escritoras, tradutoras e professoras criaram formas de intervenção na cultura científica que crescia ao longo das últimas décadas do século procurando identificar algumas tipologias. Neste sentido, iremos tratar de manuais cívicos como Chiquinho, escrito por Augustine Fouillé e traduzido por Victoria Colonna, bem como da abordagem das ciências em periódicos, como a coluna “Através da ciência” do Almanach das Senhoras (1871-1927) e artigos do jornal O sexo feminino (1873-1889), de Francisca Senhorinha da Motta Diniz. A partir das discussões sobre as intelectuais mediadoras, nossa hipótese é de que tais formas de inserção nos temas científicos e de educação científica permitem delinear modos da mediação cultural nas ciências, auxiliando a retirar da invisibilidade a agência de mulheres na divulgação das ciências.

## **Sila e Maria Bonita: duas biografias para ressignificação da História das Mulheres no Ensino de História**

Lidiane Metodio dos Santos (Universidade Federal de Sergipe)

A historiografia oficial silenciou a história das mulheres durante séculos, descritas como coadjuvantes dos momentos e ficando à mercê das sombras de “grandes homens”. Tendo em vista esse contexto, o presente trabalho objetiva construir uma História em Quadrinhos (HQ) com uso de biografias de Maria Bonita e Sila, participantes do movimento Cangaço como metodologia de ensino em sala de aula. Visando ressignificar a história das mulheres em sala de aula e usá-las como exemplo de histórias de vidas, de protagonistas da sua própria história, analisando a singularidade das mulheres nos movimentos sociais de modo a contribuir para transpor as barreiras do patriarcado na atualidade. Para isso, utilizamos como metodologia de pesquisa, a revisão de literatura de obras de autores renomados sobre o cangaço e a inserção das mulheres no movimento, assim como sobre a importância do uso de biografias e das Histórias em Quadrinhos no Ensino de História. Para isso utilizamos a perspectiva de análise de conteúdo de Bardin (2006), através de métodos quantitativos e qualitativos para a observação crítica das entrevistas e depoimentos. Pode-se afirmar que essa pesquisa desenvolvida viabilizou a compreensão sobre a importância e desafios da inserção das mulheres no cangaço, a produção das biografias de Sila e Maria Bonita e ressignificação das suas histórias de vidas, articulada com a linguagem das Histórias em Quadrinhos facilita o processo de ensino-aprendizagem, possibilitando a aproximação entre o leitor e o assunto abordado. Configurando assim, novas percepções sobre a participação das mulheres no Cangaço, ressignificação das suas histórias de vidas que proporcionem

empoderamento feminino nas alunas, e a formação de uma consciência antimachista nos alunos, que contribua para práticas efetivas de cidadania. Tendo em vista que a sociedade não será modificada se apenas as mulheres reconhecerem e lutarem por seus direitos, precisamos que se modifique a estrutura patriarcal através da conscientização dos homens, percepção das mulheres como seu igual e ser dotado de realizar as mesmas ações que o sexo masculino.

## **PAINEL: Circulações intelectuais e acadêmicas I**

### **Mobilidade Internacional e Trajetórias de Alunos Cotistas**

Emmy Arts (Université Paris Cité)

Desde o final do século XX diversas políticas brasileiras têm promovido o acesso ao ensino superior. Nesse cenário, destaca-se a expansão das IES brasileiras, a estruturação de apoio financeiros a estudantes e as políticas de ações afirmativas. A Lei de Cotas, criada em 2012 pelo Governo de Dilma Rousseff, se tornou uma política pública significativa de ação afirmativa visto que promove o acesso das minorias ao ensino superior, tornando então diversificada a população estudantil dentro das universidades. A diversificação da população estudantil exigiu adaptação das instituições e inclusão desta nova dimensão em suas organizações, favorecendo a integração e a adaptação destes estudantes ao sistema universitário. O acesso questiona ainda a qualidade do ensino, a permanência e a trajetória deste novo perfil estudantil na universidade. Este artigo apresentará os primeiros resultados sobre as trajetórias dos cotistas da UFBA (Salvador) no Brasil. Utilizando-se de métodos qualitativos, a pesquisa buscará mostrar a relação do acesso às possibilidades de intercâmbio de cotistas da UFBA. Da mesma forma, questionará o impacto desta política no contexto dos intercâmbios indagando a mobilidade social como meio para a aquisição de capital adquirido durante a experiência internacional. Por fim, questionará dimensões-chave dessas políticas como a expansão quantitativa do ensino superior e a redução das desigualdades no ensino superior em benefício das minorias.

### **Elas Cruzaram O Atlântico Para Estudar: Cinquenta Anos da Presença Feminina Brasileira em Coimbra (1917-1967)**

Eliane Mac Ginity (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

A Universidade de Coimbra (UC), em especial nos séculos XVIII e XIX, foi responsável pela formação da elite intelectual e política brasileira. Rapazes de famílias abastadas, principalmente, das regiões sudeste e nordeste dirigiam-se a Portugal em busca de formação superior. Em razão disso e da notoriedade de muitos deles, uma série de pesquisas sobre os estudantes brasileiros na academia coimbrã foram realizadas. Porém, os trabalhos sobre a presença feminina brasileira nesta universidade são raros. Diante disso, este estudo propôs-se a analisar os perfis sociológicos e acadêmicos das alunas nascidas no Brasil, que frequentaram a UC entre 1917, quando uma brasileira se inscreveu pela primeira vez nessa instituição, até ao final dos anos 1960, período em que se iniciou a expansão do número de vagas nas universidades brasileiras e de matrículas de mulheres nas mesmas. Esta pesquisa foi estruturada

sob o método prosopográfico e a partir dos estudos de gênero e da história das mulheres. As fontes manuscritas utilizadas para a identificação das estudantes e do levantamento de seus percursos escolares pertencem ao Arquivo Histórico da Universidade de Coimbra; tratam-se de petições e livros de matrículas, certidões de idade, processos de cartas de curso, entre outros. Parte deste mapeamento foi feita ainda com base nos Anuários da Universidade de Coimbra, documentação impressa oficial da entidade. Trabalhos de cunho acadêmico, publicações em periódicos e participação em atividades circunscritas também foram considerados. Muitas dessas jovens mulheres não retornaram ao Brasil, algumas deram seguimento as carreiras enquanto que outras não.

## **PAINEL: Fundamento e Refundação: O Brasil Contemporâneo entre Conservação e Renovação**

Coordenação: Ettore Finazzi-Agro (Sapienza Università di Roma)

O intuito do painel é a tentativa de (re)pensar em conjunto a noção de Fundamento em relação à história da cultura brasileira dos séculos XX e XXI.

Neste período de celebrações do bicentenário da Independência, de fato, a questão que vem à tona não é tanto a obrigação de rememorar ufanisticamente o estranho início da nação, quanto a necessidade de refletir sobre como, ao longo dos séculos seguintes, tenha se manifestado a necessidade de reconstruir e recontar o Brasil – a sua sociedade, a sua cultura, o seu sentido de comunidade – a partir das margens do país.

Esse impulso à Re-fundação é visível desde o começo do séc. XX, se manifestando tanto em obras como *Os sertões* ou como *À margem da história* – nas quais a necessidade de encontrar um novo fundamento se depara com o fracasso e com as ruínas de uma fundação incompleta –, quanto nos movimentos vanguardistas que certificam, a partir dos anos Vinte, o processo de mudança radical dos contextos urbanos, aviando uma profunda revisão dos dispositivos semióticos que abarcasse também o Brasil ignoto (pode-se lembrar, a respeito, o famoso “viagem de redescoberta” dos modernistas de São Paulo ou a conhecida conexão oswaldiana entre o Salão e a Selva).

No amplo movimento de transformação rumo a um novo início não falta, de resto, uma análise impiedosa das condições sociais, das desigualdades econômicas nas quais se encontra o País, sobretudo nas suas áreas marginais (ainda o sertão dos escritores regionalistas ou o Grande sertão rosiano, assim como a terrível situação da zona do mato denunciada, por exemplo, em *Inferno verde* de Alberto Rangel ou no romance *A selva do português* Ferreira de Castro), mas também nas grandes cidades em transformação (como no Rio de Janeiro de Lima Barreto).

Nesta perspectiva, a vontade de refundar o país conjuga-se com a necessidade de refundir os desvalidos e os vencidos da nação pelas falhas e pelos crimes cometidos contra eles a partir da fundação e que se tentava varrer sob o tapete da história nacional. O desejo dos intelectuais e dos artistas em direção duma completa

refundação do Brasil levou a contextualizar o Fundamento como ato falho, sobre o qual imaginar e escrever um novo início, gerando uma história em palimpsesto. A construção de Brasília é, no fundo, a realização plástica desse desejo ou dessa utopia, compartilhados, por um curto período, com o Poder estatal, mas logo abafados pelo golpe militar – que tentou, de fato, voltar a mitificar ou até a sacralizar, de modo anacrônico, aquele Fundamento perdido nas dobras da história e consistindo, na verdade, numa “origem em ausência”.

O processo de modernização do Brasil, embora incompleto e fortemente desigual, tem todavia demonstrado, ao longo do século XX, que todo Grund tem que ir a fundo e sumir no Ab-grund (para utilizar termos heideggerianos) para que haja a possibilidade de alcançar aquele futuro almejado e imaginado por Stefan Zweig. No século atual, esse desejo de um novo início, de um novo fundamento tem encontrado, como se sabe, a resistência feroz de uma parte importante da classe dominante do país, levando mais uma vez a um retrocesso autoritário como aquele experimentado durante o regime bolsonarista.

Nesse vaivém da história brasileira, nesse debater-se entre a volta ao Fundamento e a vontade de uma Refundação da nação, encontra-se, talvez, o núcleo trágico de uma procura incessante de um resgate dos erros, da refundição dos crimes perpetrados pelo Poder e que a grande literatura, a intelligentsia mais iluminada vem denunciando até os nossos dias. Porque, finalmente, um novo e definitivo início possa apagar qualquer rastro de um fundamento pretérito e abismal; porque, através de uma refundação radical, o Brasil consiga enfim se livrar da nostalgia tendenciosa e interessada de um passado que pretende, ferozmente, não passar nunca.

## **Das Coisas Ocultadas Desde a Fundação do Brasil**

Ettore Finazzi-Agro (Sapienza Università di Roma)

O meu título, remetendo para um livro famoso de René Girard, abre para uma reflexão sobre o “desejo mimético” conotando a vontade do Brasil de se constituir como Nação e armando um Fundamento ideal sobre o qual instituir o “sacramento” comunitário. Este pacto funciona apenas na medida em que a sacralização simbólica do Estado pretende o sacrifício de um “bode expiatório”, constituído, no caso brasileiro, pelos povos indígenas e/ou pelos setores mais marginalizados da população. Quem intuiu tudo isso foi, em primeiro lugar, Euclides da Cunha, interpretando, no início do século XX, o massacre de Canudos e a chacina dos índios como ato fundador de uma Nação assente, porém, num vazio originário – representado, de fato, por “les absents de l’histoire” de que falou Michel de Certeau. A esse processo de apagamento dos rastros, de ocultamento ou de alteração do passado se opuseram, ao longo do século XX e do início do século atual, vários intelectuais e artistas procurando quebrar o muro de silêncio em que tinha sido relegada uma parte consistente da população, em vista da construção de uma identidade realmente abrangente e coletiva. A procura de um sentido novo e igualitário para a comunidade nacional se manifesta, em tempos diversos da história nacional, como desejo de uma Refundação, contrariando as tentativas de celebrar um Fundamento embasado no vazio de uma prática discriminatória, nacionalista e autoritária. O intuito da minha comunicação é, justamente, o de analisar a deriva antiautoritária e inclusiva que transparece em obras literárias aparentemente longínquas de qualquer empenho político, nas quais, todavia, o objetivo de refundar o país sobre novas bases, de reconstruir o Comum contra toda discriminação social, étnica ou territorial se torna evidente. Por isso, os autores que eu quero considerar são aqueles que (re)interpretaram o Brasil a partir das margens ou denunciaram os crimes do Poder em nome e por conta dos marginalizados – mantendo, aos dois extremos dessa fileira ideal, os casos de Euclides da Cunha e de João Guimarães Rosa e tendo como testemunho da história mais recente desse processo de aprofundamento e refundação da cultura e da sociedade brasileiras o Diário da catástrofe brasileira de Ricardo Lísias.

### **“Refunda-me ou te devoro”: o Brasil, a incompletude da fundação e a história literária**

Roberto Vecchi (Università di Bologna)

Do ponto de vista fático, a fundação do Brasil de 1822 constitui uma espécie de oco. Não só pelas exceções que a constituem em relação a um paradigma de qualquer modo abstrato (a inversão do pacto colonial que a antecede, a conversão da colônia em império, a continuidade entre a condição colonial e aquela da complexa constituição nacional que se segue etc.). Mas sobretudo porque a sua fantasmática inconsistência alimenta constantemente uma coação a retornar para os pressupostos marginalizados de uma fundação condenada a uma incompletude permanente. O aspeto mais evidente que caracteriza uma fundação paradoxal como essa é assim a inconsistência das mitologias necessárias em qualquer ato de fundação que, ao invés de ir para o fundo, como se sugere na proposta do Simpósio pela referência heideggeriana, enquanto mitos de fundação, restam como fantasmagorias que não

se dissolvem alimentando de modo incessante a imaginação crítica e o impulso de revisão. Ao lado desse, há um outro aspeto que se define: a fragilidade do ato da fundação não só põe em discussão a solidez do objeto fundado, a nação, mas cria uma espécie de palimpsesto problemático e periclitante que reemerge e se põe em discussão dentro de qualquer narrativa que assuma a nação como objeto.

Neste quadro particular, falar da nação frequentemente significa tentar refundá-la resemantizando o significante vazio e fantasmático que suposta e precariamente a originou. O espaço privilegiado onde ocorrem as refundações, pela sua potência figural e de articulação, é a literatura. A literatura brasileira de certo modo assume a tarefa de arquivo de refundações, provavelmente porque no desenho de uma literatura brasileira se serve de uma imaginação do Brasil onde o palimpsesto fantasmático de fundação ausente é constantemente glosado e pensado. A hipótese que a comunicação discute é se a história literária brasileira, na sua genealogia dispersa e de diferenças, funciona como um catálogo de refundações: como se as referências à nação sempre implicassem uma reformulação fundacional que preencha as faltas macroscópicas. Tal aspeto se encontra bem representado nos assim chamados “livros-Brasil”: em uma lista imediata e incompleta, de Macunaíma a Grande sertão, de Vidas secas a Torto arado, do Triste fim de Policarpo Quaresma a Quarup etc. Uma coluna vertebral substancial da literatura do Brasil. O palimpsesto fantasmático da fundação e a sua possível reformulação emerge como uma espécie de meta-discurso sempre acompanhando a remitologização do Brasil e mantendo uma discussão permanente sobre a própria ontologia da literatura brasileira. No entanto, a obra que por contundência e como exemplo representa uma refundação profunda e fraturante de uma nação que flutua na vertigem no vazio, quase pelo seu avesso, é Os sertões de Euclides da Cunha, pelo projeto de refundação que lança. A história literária, na reinvenção-refundação de uma tradição outra, vai permanentemente retornar para obras como essa, entre os restos dos fetiches de cânones dissolvidos.

### **De ressentimentos e colonialismos: o (in)evitável anti-portuguesismo dos intérpretes do Brasil e Eduardo Lourenço**

Vincenzo Russo (Università di Milano)

No âmbito do painel “Fundamento e Refundação. O Brasil contemporâneo entre conservação e renovação” a minha proposta é tentar ler como uma certa mitologia brasileira, segundo a psicanálise histórica do filósofo português Eduardo Lourenço, se alimentou de ressentimentos anti-portugueses (a lusofobia, a antipatia antilusitana, etc) que o pensamento brasileiro foi ao longo do século XX codificando para ler a formação da Nação (Manoel Bomfim, Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Paulo Prado, Caio Prado Júnior, Sérgio Buarque de Holanda, etc). São facilmente identificáveis os termos do processo de recalçamento dos antigos laços coloniais dentro da mitologia brasileira: uma primeira fase de ressentimento contra um passado comum diversamente sofrido, uma segunda fase caracterizada por um «processo de afastamento voluntário, através de uma afirmação de americanidade que foi fatalmente repulsa, afastamento, indiferença, depois de ter sido fascínio ambíguo em relação à velha Europa» (Lourenço, 2015, pp. 207-208). É também

verdade que o processo psicanalítico de recalçamento histórico interessa menos por aquilo que produziu como o inevitável anti-portuguesismo da cultura brasileira e mais pelo funcionamento do próprio processo que para além de muitos aspetos que aqui não podemos tratar, revela um normal caso de compensação imagológica. «O antiportuguesismo [...] é uma constante da cultura brasileira, ou, se se prefere, uma componente cujas curvas e contracurvas desenham uma dessas serpentes do mar de aparição periódica que conviria conhecer e desmascarar de uma vez por todas, para que portugueses e brasileiros não continuem a viver entre sorrisos e hiperbólicos abraços de estereotipada cordialidade (Lourenço, 2015, pp. 170-171). A mitologia brasileira funda-se na adaptação do processo de compensação que tem a ver com as temporalidades históricas: cortada, recalcada a imagem da «continuidade luso-colonial», extirpada a ferida colonial, o défice de imagens foi colmatado, compensado por uma exposição, uma ex-posição do Brasil como País do presente e mais do Futuro (essa temporalidade paradigmática), a construção de uma nova imagem do Brasil que pode prescindir do passado português enquanto colonial, leitura espetacularizada pela famosa Semana de Arte moderna de 1922.

## **PAINEL: Extrativismos e Resistência na Amazônia Brasileira**

Coordenação: Liz Rejane Issberner (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Este painel explora o modo de operação do extrativismo na Amazônia brasileira, a lógica global em que se inscreve, o desenvolvimento predatório e a violência física e simbólica contra populações locais. O extrativismo é um regime internacional de exploração de recursos naturais que favorece os direitos de grandes investidores e as alianças das elites nacionais com o capital estrangeiro. Tem na racionalidade do modo capitalista de acumulação um elemento estruturante global, mas que no Brasil guarda diferenças em função da herança colonial. Aqui, ele funciona a partir da manutenção da colonialidade nas relações do capital com a população local, que, portanto, precisa ser representada sob o signo da ignorância, do atraso e da inferioridade ontológica.

O Brasil é um produtor mundial de commodities, graças ao vasto território e à presença de jazidas minerais. O agronegócio e a mineração prosperam num ambiente político dominado por lobbies (agronegócios, fabricantes de agrotóxico e mineradoras), entrincheirados no Congresso Nacional, desconsiderando os efeitos socioambientais, locais e globais nefastos provocados. Por outro lado, a conscientização crescente sobre a importância da Amazônia no enfrentamento das mudanças climáticas, bem como a chegada do governo Lula ao poder, pressagia mudanças no que se refere à redução do desmatamento, direito dos povos originários etc.

Neste painel propomos algumas perguntas preliminares: As políticas anunciadas incentivarão os produtores de commodities a eliminar a produção predatória ou, simplesmente, a redirecionar suas estratégias para que conservem seu poder? Será que o empoderamento dos povos originários será suficiente para resistir ao avanço do extrativismo? Que diferenças esperar em relação aos governos progressistas precedentes?

Com base nestas questões, pretendemos abrir pistas para entender como o extrativismo conseguiu atravessar diferentes governos ao longo da história e a analisar as questões em jogo no novo cenário político pós-2023.

## **Os Confrontos do Extrativismo com a Resistência Decolonial na Amazônia**

Liz Rejane Issberner (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/ Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Esta apresentação traz uma reflexão sobre a resistência ao extrativismo, que na Amazônia desponta com a escalada do agronegócio, da mineração dentre outras atividades, que deixam para a população local um rastro de destruição ambiental e de modos de vida. O extrativismo recorre a um modo de dominação econômico e epistêmico colonial, para validar a destruição e a violência, a partir da adoção de dispositivos simbólicos, notadamente a retórica do imperativo do desenvolvimento e da inferioridade do pensamento originado fora do eixo europeu (como o das populações locais). O extermínio dos povos indígenas é um capítulo sombrio da história, que só não se concluiu devido às lutas de resistências dos povos originários que lhes possibilitou conquistas representadas em políticas específicas, particularmente após a constituição de 1988. Os retrocessos promovidos sob o regime Bolsonaro, mostram a vulnerabilidade do arcabouço de proteção dos direitos indígenas, ante o poder do agronegócio, das mineradoras etc., que permanece com mais ou menos força, conforme o governo. Os dispositivos políticos adotados/anunciados pelo governo no período 2019-2022 contra os povos indígenas, mostram o entrelaçamento dos interesses econômicos com a retórica colonial. Em contraposição, os movimentos indígenas adotaram novas mensagens, linguagens e formas de manifestação, buscando alcance internacional e adotando a decolonização em práticas e discursos, como se depreende das falas de líderes como Ailton Krenak e Davi Kopenawa. A ideia aqui é, a partir dos dispositivos mobilizados pelo governo recente e das estratégias de resistência dos povos indígenas mais recentemente, discutir as implicações futuras para a Amazônia.

## **Para Além da Fronteira de Recursos. Procurando Alternativas.**

Phillippe Lena (Institut de Recherche pour le Développement)

Para entender a força crescente do extrativismo no mundo, e principalmente nos países ainda ricos em recursos minerais e florestais, é necessário considerar conjuntamente as diferentes escalas do fenômeno. Começaremos por analisar seu papel no metabolismo global da sociedade industrial de consumo. A pegada material da humanidade cresce rapidamente, de forma insustentável e desigual. A Amazônia é um exemplo típico de região onde os custos socioambientais do extrativismo superam de longe os eventuais benefícios, via de regra deslocados para outras regiões. A expansão da fronteira de recursos oferece oportunidades de enriquecimento rápido para atores que ocupam (ou conseguem alcançar) posições de dominação, controlando áreas, mão de obra e circuitos de comercialização. Burlando frequentemente a Lei com a cumplicidade de autoridades locais (grilagem de terras públicas, expulsão de populações tradicionais etc.). Esses “dominantes” legitimam seus atos através de um discurso misturando o “progresso” e a “construção da Nação”,

entre outras figuras ideológicas. Pesquisas de campo mostram no entanto que esse discurso é igualmente difundido entre “dominados”, o que facilita o oportunismo e a cooptação, até de membros de comunidades tradicionais e indígenas, dificultando assim a organização de resistências. A conjunção entre a pressão exercida pelas cadeias de valor e o caos jurídico e fundiário mostra que as simples receitas do neodesenvolvimentismo serão insuficientes. Regulações novas e rigorosas são imprescindíveis tanto do ponto de vista ecológico como social. Discutiremos a possibilidade de criação de um espaço político que questione o modelo clássico de desenvolvimento baseado no crescimento do consumo material e desigual.

### **(Des)Caminhos da MAPE de ouro na Amazônia Brasileira**

Zuleica C. Castilhos (Centro de Tecnologia Mineral) e Lillian M. Domingos

A Amazônia está na centralidade da arena global das políticas ambientais e climáticas. Pressões internas e da comunidade internacional desempenham papel relevante para a sua conservação, mas estes mesmos atores demandam por commodities, impostos e geração de renda a curto prazo. Neste pano de fundo de contradições se destaca a mineração artesanal e de pequena escala (MAPE) de ouro que no Brasil ocorre essencialmente na Amazônia. Ao mesmo tempo em que garante meios de subsistência para um grande contingente de pessoas, traz consigo um amplo quadro histórico de problemáticas sócio-ambientais, tais como conflitos fundiários, ruptura de valores comunitários indígenas e contaminação de rios e peixes por mercúrio, que aniquilam estratégias de sobrevivência de comunidades tradicionais. Embora o Brasil tenha ratificado a Convenção de Minamata, um compromisso internacional de proteger a saúde humana e o meio ambiente da contaminação por mercúrio, chama atenção a expansão acelerada da MAPE nos últimos anos, sobretudo dos garimpos ilegais, em paralelo com o crescimento de movimentos organizados de resistência. Neste trabalho apresentamos uma fotografia atual da MAPE de ouro, caracterizando sua dimensão física e política e compartilhamos nossas observações em trabalhos de campo nestas áreas. O objetivo é discutir o potencial de mudanças na assimetria de forças nas esferas de poder no contexto político corrente e as consequências sociais e ambientais na Amazônia brasileira.

### **História da paisagem socio-biodiversa Amazônica no Século XX**

Carlos Benitez Trinidad (Universidad de Santiago de Compostela)

A apresentação pretende discutir a história e a ecologia política da vasta paisagem Amazônica brasileira de 1894 (ano da Proclamação da República) a 2022 (ano do fim do mandato de Bolsonaro). O trabalho parte da constatação de que o espaço amazônico foi antropizado pelos povos que o habitaram por milhares de anos e que a chegada da colonização europeia levou à desestabilização do sistema sociobiodiverso amazônico, resultando na imagem contemporânea de uma Amazônia selvagem, com os habitantes vivendo em cidades dispersas. Essa narrativa produzida e consumida pelo poder e pela sociedade brasileira gerou todo um sistema de representações que regeu sua relação com a Amazônia. Nessa época, os povos que habitavam aquela paisagem tinham formas próprias de representá-la e de interagir com ela, mantendo antigas estratégias de preservação dos espaços naturais. O embate entre

ambas as visões resultaria na atual paisagem Amazônica, moldada pelas resistências, negociações e adaptações de seus habitantes aos projetos indígenas, militares, religiosos, civilizatórios, desenvolvimentistas e colonizadores. Metodologicamente, o trabalho está baseado na análise de ideologias, narrativas, projetos de ocupação e exploração da paisagem, de “civilização” e integração e a enorme variedade de situações advindas do campo interétnico, do desmatamento, da perda de biomas, do avanço da urbanização, exploração agrícola, criação de terras indígenas, reservas naturais e reservas extrativistas etc.

### **Cruzando pontos críticos na Amazônia**

Luiz Marques (Universidade Estadual de Campinas)

A floresta amazônica, a maior floresta tropical do mundo, é um dos mais ameaçados componentes de grande escala do sistema terrestre. Sua porção leste já está se movendo irreversivelmente em direção a um ecossistema não florestal. Outras regiões menos destruídas estão perdendo resiliência e adentrando em zona de alto risco. Como resultado da guerra de alta intensidade travada contra a floresta entre agosto de 2018 e dezembro de 2022, a Amazônia brasileira teve mais de 55.000 km<sup>2</sup> de floresta primária eliminados por desmatamento por corte raso, uma área 33% maior que a da Holanda (41.543 km<sup>2</sup>). Além disso, a floresta foi amplamente degradada, principalmente por incêndios (121.383 focos de incêndio identificados por satélites neste período) e exploração madeireira (2,36 milhões de toneladas de madeira bruta exportada apenas em 2021). Esses processos, agravados pelo aquecimento regional muito acima da média global e pela conversão da floresta em uma fonte líquida de carbono, levaram a floresta como um todo significativamente mais perto de seu ponto de não retorno. Nessa comunicação, relatamos e analisamos dados e projeções científicas disponíveis nos últimos quatro anos para avaliar o agravamento da situação da floresta sob a presidência de Jair Bolsonaro (2019-2022). Ao contrário dos governos anteriores, geralmente negligentes em relação ao desmatamento e à degradação florestal, Bolsonaro elegeu a destruição da floresta amazônica e de seus povos como meta prioritária de seu governo. Ele deve ser responsabilizado em tribunais nacionais e internacionais por sua política deliberada de genocídio e de aniquilação florestal.

### **PAINEL: Militares e Política no Brasil Contemporâneo**

Coordenação: Celso Castro (FGV CPDOC)

Desde o governo de Michel Temer (2016-2018), mas principalmente no governo de Jair Bolsonaro (2019-2022) militares brasileiros assumiram importantes posições no aparato governamental. Os números variam, mas é seguro afirmar que nada semelhante ocorreu desde a transição do Regime Militar para um governo civil em 1985. Após três décadas de afastamento institucional das Forças Armadas do centro do poder político no Brasil, os últimos anos também têm sido marcados por um elevado protagonismo militar. A politização das Forças Armadas tem constituído fonte de tensão política para a democracia brasileira, como os acontecimentos do início do governo Lula demonstraram. A mesa abordará esse fenômeno por diferentes perspectivas, buscando compreender a atual conjuntura tanto naquilo

que guarda de continuidade com fenômenos de mais longa duração, quanto o que há de novo na atual conjuntura.

### **Armas, ruas e fantasmas: os militares e os autogolpes de Trump e Bolsonaro**

Kees Koonings (Universidade de Amsterdam & Universidade de Utrecht) & Dirk Kruijt (Universidade de Utrecht)

Com um intervalo de dois anos e dois dias, os governos eleitos de cunha populista de direito de Donald Trump e Jair Bolsonaro terminaram numa explosão de violência quando multidões mobilizados e excitados tentaram tomar os congressos federais em Washington DC e Brasília DF. Muito se fala e vai falar sobre as semelhanças (nos fundamentos populistas, objetivos, timing e performativity) e diferenças (no impacto sobre o processo democrático, consequências jurídicas, e o papel visível e invisível das forças armadas). Neste comunicação queremos explorar esta última questão: o envolvimento das forças armadas dos Estados Unidos e do Brasil no decorrer e eventual fracasso de ambos tentativos de golpe de estado ou rebelião sediciosa. Na primeira vista, ambas instituições se abstiveram de jogar um papel nos tentativos. Argumentamos, porém, que no caso norte-americano se tratou de uma ausência que decorre da orientação básica não-política das forças armadas dos EU. No caso brasileiro, a ausência erra bastante relativa e calculada, assumindo uma qualidade espectral que reflete o retorno das forças armadas ao jogo político durante os últimos sete anos. No entanto, esta repolitização dos militares no Brasil se articula com novos sentimentos de massa populistas de direito mobilizados pela figura de Bolsonaro. Enquadramos estes dois tentativos à tradição histórica de autogolpes (militares) nas Américas nos últimos 100 anos.

# ABRE LISBOA 2023

IV CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DE BRASILIANISTAS NA EUROPA

## **Por que investimentos em defesa não evitaram o retorno do protagonismo militar no Brasil?**

Eduardo Svartman (King's College London)

A apresentação analisa os principais programas de modernização militar implantados no Brasil a partir de 2008 e a estratégia de recuperar a capacidade operacional das Forças Armadas como instrumento declarado de apoio à política externa e de fomento do desenvolvimento industrial e tecnológico e como instrumento não declarado de manter os militares longe da arena política. Argumenta-se que a estratégia e a condução política por trás dos programas de modernização apresentavam fragilidades relevantes: a) falta de consenso sobre o papel do Brasil no sistema internacional; b) falta de consenso sobre a relevância de forças armadas moderna apoiadas por uma indústria de defesa de alta tecnologia; c) elevado grau de autonomia militar e c) demandas políticas de emprego das forças armadas em missões não relacionadas à defesa nacional. Dessa forma, os investimentos em defesa foram mais resultado de uma conjuntura em que novo desenvolvimentismo, corporativismo militar e astúcia política convergiram para solucionar sucessivas crises civis-militares do que uma estratégia de longo prazo ou de um instrumento de controle civil democrático efetivo. Consequentemente, os incentivos institucionais oriundos da aquisição de novas capacidades não compensaram os incentivos pessoais e institucionais para o engajamento de militares na política.

## **Anistia para quem? Um estudo comparativo da trajetória dos atores sociais da revolta de oficiais de 1893 e da revolta de marinheiros de 1910 no tempo longo**

Sílvia Capanema (Maitresse de conférences à l'Université Sorbonne Paris Nord)

No final do século XIX e início do XX, duas importantes revoltas marcam a história da Marinha. A primeira, conhecida como "Revolta da Armada", ocorre em 1893 e também ficou conhecida como uma revolta de oficiais. A segunda, chamada "Revolta da chibata", foi organizada por praças da Marinha no Rio de Janeiro em 1910, na maioria negros e pardos, contra os castigos corporais. Os principais atores envolvidos nos dois acontecimentos foram anistiados. No entanto, o tratamento que receberam e o reconhecimento no interior da Marinha foram bastante diferentes. No primeiro caso, os principais líderes retomam seus estatutos de oficiais, são condecorados, promovidos, como Custódio de Melo, Saldanha da Gama e Eduardo Wandenkolk, e tornam-se até mesmo Ministros da Marinha, como Alexandrino de Alencar. No segundo caso, os praças são perseguidos no interior e no exterior da Marinha, como os marinheiros João Cândido, Francisco Dias Martins, Gregório do Nascimento, Adalberto Ribas e outros. Pretendo analisar essas trajetórias de forma comparativa, discutindo a ação da Marinha num tempo longo, a memória interna na história naval, bem como as formas de reconhecimento nacional na esfera política e civil dos dois acontecimentos e de seus atores, que se situam na história da Primeira República brasileira, mas apresentam desdobramentos durante todo o século XX e até os dias de hoje.

## Os militares brasileiros e a “cobiça internacional” sobre a Amazônia

Celso Castro (FGV CPDOC)

O tema da apresentação é a persistência histórica de uma visão dos militares brasileiros, em particular do Exército, sobre a região amazônica, que os coloca como seus principais guardiões, enfrentando tanto o que veem como resultado da “ganância internacional” (“cobiça internacional”) e ação dos (maus) brasileiros. Como entender a configuração que essa região, imaginada pelos militares, assume em sua cosmologia institucional? Como surgiu a “invenção militar da Amazônia”? É necessário sublinhar que os militares assumiram, nos últimos anos, um claro protagonismo político que não se via há décadas. Portanto, o novo projeto se insere nesse contexto e visa compreender uma questão significativa (mas ainda pouco estudada) do imaginário militar: sua visão da Amazônia. A crescente participação militar na política e na cena pública em geral a partir de meados da década de 2010 destacou a importância da “questão amazônica” para a instituição militar, especialmente o Exército. Nesta apresentação, a ênfase está em compreender sua gênese, suas configurações e o uso político feito pelos militares a partir de uma perspectiva institucional.

### **PAINEL: Economia do Livro: Diálogos Políticos e Relações Culturais no Brasil – Séculos XIX e XX (I)**

Coordenação: Fabiana Marchetti (Universidade de São Paulo) e Nuno Medeiros (Universidade de Lisboa/Centro de Estudos Comparatistas)

O livro se afirma, cada vez mais, como um objeto de pesquisa para os historiadores, sociólogos, beletristas e outros pesquisadores das ciências humanas e sociais. Os trabalhos das respectivas áreas se ampliam e se diversificam nas perspectivas econômica, política, e cultural, e essa realidade não poderia ser diferente para os estudos brasilianistas. A história do Brasil passa pela relação da sociedade com as mídias impressas. Estas, por seu turno, dinamizam desde atividades do comércio e da indústria, passando pelas redes educacionais e culturais que promovem o seu consumo, até chegarmos em instituições e organizações políticas nas quais o livro se torna um instrumento de ação. Em todas essas esferas os circuitos do impresso e, de modo particular, do livro estabelecem redes que conectam a realidade brasileira e seus sujeitos internamente e em nível internacional. Consideramos para este painel a ideia de economia do livro, tal como a conceberam LucienFebvre e Henri-Jean Martin, em *O Aparecimento do Livro*, de 1958. O livro, a partir dessa abordagem, deve ser entendido como fermento que mobiliza relações humanas de produção e sociabilidade, podendo contribuir para o surgimento de processos de transformação social. No que diz respeito à tradição brasileira, e brasilianista, é preciso lembrar o estudo clássico de Laurence Hallewell, cuja análise se voltou preferencialmente para os profissionais do livro, com especial atenção para os editores. Com a proposta do painel “Economia do livro: diálogos políticos e relações culturais no Brasil - séculos XIX e XX”, para o IV Congresso da Associação de Brasilianistas na Europa, pretendemos reunir pesquisadores que se dedicam a construir uma história do livro no Brasil. A este campo de estudos interessa agregar pesquisas de diferentes áreas em uma perspectiva de debate sobre o livro e seu papel em sua relação com os circuitos de

produção e circulação livreira, trajetórias individuais e coletivas de intelectuais e profissionais do livro, circulação de ideias, conceitos e debates a partir de edições, bem como a relação do livro com as trocas diplomáticas, os movimentos sociais, as bibliotecas e as instituições políticas, culturais e educacionais.

### **Livraria-editora do Senado do Brasil, uma perspectiva histórica**

Rosuel Lima Pereira (Université de Guyane)

A Biblioteca do Senado Federal brasileiro, BDSF, no seu formato digital, foi criada em maio de 2006. Sua criação é formada por três momentos importantes: seu nascimento como livraria, em maio de 1826; quando, passando por um processo de modernização transforma-se em Biblioteca Acadêmico Luiz Viana Filho em 1979; enfim, com o advento da internet, seu sítio é lançado em 1997. Entre os 264 mil documentos digitais, nossa atenção reside nos 1.405 livros, revistas e manuscritos brasileiros que a Coleção Digital de Obras Raras reúne em seu acervo e nos livros publicados pela Secretaria Especial de Editoração e Publicação, SEEP, do Senado Federal. Ela é responsável pela publicação, desde sua criação em 1963, de diferentes tipos de documentos legislativos, além de livros sobre cultura, política. Enfim, outro serviço que devemos citar é o setor de impressão tipográfica encarregado de confeccionar convites, cartões de visita e timbragem de envelopes. A partir dessas considerações preliminares, nossa proposta de comunicação sobre a Biblioteca-editora do Senado Federal do Brasil pretende questionar o papel relevante do serviço gráfico do Congresso Nacional, assim como a digitalização de documentos feitos pela Casa. Em nosso estudo, começaremos por fazer um breve apanhado histórico da criação da Biblioteca do Senado Federal; em seguida, apresentaremos o Serviço de editoração e publicação; terminaremos com a apresentação da Coleção Digital de Obras Raras, ilustrando-a com algumas obras publicadas nos séculos XIX e XX.

### **A Crise do Livro no Brasil: Reflexões sobre o Inquérito de O Jornal (1925)**

Nelson Schapochnik (Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo)

Esta comunicação abordará o conjunto de nove ensaios publicados nas páginas do periódico carioca O Jornal, no ano de 1925, no qual escritores, livreiros, editores e críticos procuram oferecer argumentos e soluções para a chamada “crise do livro no Brasil”. Convém indicar que este periódico fora adquirido no ano anterior pelo empresário Assis Chateaubriand, e se tornou o embrião do que viria a ser o império dos Diários Associados. Não por acaso, o jornal empregou a fórmula do inquérito, enquête ou sondagem, bastante consagrada na imprensa internacional e na brasileira a partir dos anos 10, para promover por meio de entrevistas, uma reflexão que identificava a crise e, simultaneamente, oferecia algumas respostas para suplantação do problema que afetava o circuito de comunicação dos livros. De maneira resumida, as intervenções dos distintos mediadores sociais indicavam que a desorganização que afetava a indústria do livro resultava de um complexo conjunto de fatores que passava pelas deficiências das políticas públicas de formação do leitor, do impacto causado pela Convenção Literária com Portugal, pela hiper taxação do papel importado e o custo das tarifas postais, os limites da crítica literária divulgada na imprensa e a necessidade de uma organização associativa entre editores e autores.

## **O catálogo e o cânone: as escritoras brasileiras nas coleções da editora José Olympio dos anos trinta e quarenta**

Giulia Manera (Universit  de Guyane)

Os catálogos e os arquivos dos editores representam uma fonte importante para a história da literatura de autoria feminina, revelando autoras e obras esquecidas pela historiografia e excluídas do cânone literário e ajudando a definir a presença de mulheres no campo literário. A partir da análise das obras e da recep o das escritoras brasileiras publicadas pelo editor José Olympio nos anos Trinta e Quarenta, como Raquel de Queiroz, Lucia Miguel Pereira, Lúcia Benedetti, Ignez Mariz e Carolina Nabuco, o estudo pretende discutir a produ o literária feminina da época na finalidade de entender de qual maneira o editor, com suas múltiplas escolhas – cole o, capa, tiragem, preço de venda, etc -, pode participar do processo de inclusão/exclusão/marginaliza o das escritoras no cânone literário.

## **Capital estrangeiro, edi o nacional: pol micas e estratégias na constru o da editora Difusão Europeia do Livro (1950-1960)**

Fabiana Marchetti (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo)

A editora Difusão Europeia do Livro (Difel) foi fundada em São Paulo no ano de 1950 para atuar como distribuidora de tradu es portuguesas da Livraria Bertrand no Brasil. Seus fundadores, o livreiro Paul-Jean Monteil – que será o editor da casa – e alguns investidores estrangeiros, entre eles representantes da Bertrand, desejavam diversificar sua atua o no mercado brasileiro de importa es no qual atuavam através da Livraria Francesa. Com a Difel, dirigiam-se   distribu o de obras em português adquiridas e produzidas pela editora europeia, construindo um selo nacional sob o qual tais livros eram impressos. O direcionamento da empresa apresentava alguns aspectos polêmicos diante da conjuntura econômica e política do setor livreiro naquele momento, tensionado justamente pelas políticas que beneficiavam os importadores e ameaçavam os editores nacionais, especialmente, no que competia   concorrência com mercadorias vindas de Portugal. Tal realidade gerou ruídos sobre a atua o da editora que, em alguns anos, alterou seus propósitos e estratégia de atua o, distanciando-se da dinâmica do setor importador para atuar como editora totalmente vinculada   cadeia produtiva nacional. A comunica o se debruçará, portanto, sobre as questões que permeiam a constru o da Difel em seus anos iniciais entre a distribu o e a edi o de livros. Iremos debater a composi o da sociedade, origem do capital investido, escolha dos primeiros títulos em circula o e outros temas para tentar compreender as demandas econ micas e culturais às quais a empresa respondia para se inserir em setor produtivo que amadurecia seu espírito nacionalista e organiza o.



# **ABRE LISBOA 2023**

**IV CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DE BRASILIANISTAS NA EUROPA**

## **PAINEL: Estratégias de Insurgência na Cidadania Brasileira e os Direitos em Questão entre Ilegalidade e Contravenção**

Coordenação: Karl Erik Schøllhammer (Pontifícia Universidade Católica Rio de Janeiro)

Este painel partirá de uma premissa formulada por James Holston sobre a particularidade da cidadania nacional brasileira, isto é, o fato dela ser “universalmente incluyente na incorporação e maciçamente desigual na distribuição”. Capaz de formular amplos direitos políticos de seus cidadãos de participar na participação democrática no estado nação e ao mesmo tempo esvaziar a possibilidade substancial do exercício desses direitos entre quem não usufruem de educação adequada, proteção da lei e qualidade do tempo disponível entre as camadas excluídas das grandes cidades. Serão analisadas manifestações das últimas décadas de práticas sociais que lançam mãos de direitos em transição na margem da lei.

### **A cidadania inclusiva como questão e pugna da literatura**

Joachim Michael (Universität Bielefeld)

Em 1962, Clarice Lispector escreve e publica a crônica “Mineirinho” por ocasião da execução extrajudicial de um homem que a polícia buscava por diversos delitos, entre eles roubos, assaltos e assassinatos. Entre outras coisas, a crônica mostra que a assim chamada criminalidade tem a ver com uma revolta contra a exclusão material e jurídica numa sociedade extremamente desigual e ela condena a segurança repressiva em consequência da qual a polícia mata para que os proprietários de bens possam dormir tranquilos. No fundo, o texto paira em torno ao reconhecimento daquele incontível “grão de vida” que inspira paixão e solidariedade, mas também a angústia e o desespero (violento) da sobrevivência. A perspectiva, enfim, é um tipo de “justiça prévia”, uma “justiça doída”, que poderia atender a este “grão de vida” comum e que poderia constituir o “terreno” de uma sociedade inclusiva. A leitura que se propõe de “Mineirinho” aqui enfoca a ideia de uma cidadania não restrita às camadas sociais superiores. Na crônica, é uma narradora de classe média que se questiona e que acaba por repudiar seu próprio desejo de segurança. Será questão, para uma análise mais abrangente, de igualmente levar em consideração vozes excluídas, que falam da cidadania que lhes é negada. Carolina Maria de Jesus, por exemplo, publicou o seu texto mais conhecido, Quarto de despejo. Diário de uma favelada pouco antes (1960) da crônica de Lispector. Relacionando os textos dos anos sessenta com o século XXI, será interessante estudar as maneiras como a questão da cidadania é discutida por escritoras e escritores que se posicionam atualmente no âmbito da exclusão social, como por exemplo Conceição Evaristo ou como a literatura marginal.

### **O varejo das drogas e a cidadania insurgente brasileira**

Karl Erik Schøllhammer (PUC-Rio)

À diferença das narco-narrativas latino-americanas surgiram alguns contos e romances na literatura brasileira recente (Principalmente nas obras Os Supridores (2021) de José Falero e de Via Ápia (2022) de Giovanni Martins) que ao invés de

ressaltar a dramaticidade violenta da selvajaria empresarial do tráfico de drogas global assume o ponto de vista do pequeno varejo das drogas leves (maconha), e sua penetração como alternativa para o mercado de trabalho excludente e da pobreza constitutiva da população favelada das periferias urbanas brasileiras. São narrativas que exploram a distribuição do varejo e o consumo da erva sempre no gume crítico entre o crime de tráfico e a contravenção do consumo próprio. Ao mesmo tempo descrevem a construção cultural de uma liberdade nos comportamentos urbanos dos jovens que procuram compensar a cidadania desigual que segundo James Holston caracteriza a trajetória histórica da cidadania brasileira, sempre dividida entre a cidadania formal includente ao Estado-nação e a desigualdade substantiva de sua distribuição. À luz desta dupla característica na cidadania brasileira e sua expansão junto ao crescimento urbano das favelas e periferias das cidades brasileiras ganha-se uma chave para a compreensão da crescente exclusão, ilegalidade e violência, como o avesso da cidadania insurgente, a partir do processo democrático iniciado em 1985. Esta análise procura entender a cultura da maconha como gesto constitutivo de rebeldia identitária e afirmação de cidadania de jovens moradores que crescem na sombra da hierarquia entre favela e asfalto.

## **PAINEL: As Vidas do Arquivo. Desafios Contemporâneos em Etnomusicologia na Abordagem aos Arquivos e Registros Sonoros**

Coordenação: Flávia Camargo Toni (Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo)

Desde o final do século XIX os estudiosos perceberam a potência dos registros sonoros como auxiliares na pesquisa e na constituição da memória das músicas produzidas pelas pessoas e suas comunidades. Quando esses arquivos foram associados a centros de pesquisas, ao longo do século seguinte, foram também integrados em instituições governamentais ou acadêmicas, como a Academia Imperial de Ciências (Viena, 1899) ou a Sociétés d'Anthropologie (Paris, 1900). Na década de 1920 é reconhecido um “boom” na comercialização dos discos, o que P. Gronow (2014) atribui ao crescimento da economia internacional, mas a melhora da qualidade na captura de som graças à tecnologia da gravação elétrica não é colocada de lado. Aliás, o uso intensivo das gravações em goma laca, cilindros de cera, vinil, fitas, entre outros suportes, em diversas situações, comerciais ou não, levou S. Cottrell (2010) a sugerir a criação de uma disciplina, a fonomusicologia.

No painel discutimos as pesquisas de Líliam Barros e Matthias Lewy em torno de questões de agenciamento, propriedade e ética no contexto da etnomusicologia amazônica, quando estão em causa a recriação de gravações históricas e a presença de entidades não humanas enquanto proprietários do som gravado.

Pedro Aragão, ao analisar uma coleção de discos constituída por particular e doada à Universidade de Aveiro, estuda o trânsito musical entre Brasil e Portugal, na primeira metade do século 20.

Susana Sardo discute a relevância do programa A Hora do Brasil na Goa pós-colonial (final da década de 1960 e década de 1970) onde cabe à rádio a permanência de uma língua portuguesa e manutenção de um repertório que ainda ecoa no contexto da

Índia da contemporaneidade.

E Flávia C. Toni analisa um conjunto de gravações de músicas de concerto organizado em coleção para ser doada pelo governo brasileiro a vários centros de documentação estadunidense e ouvida durante as feiras internacionais de Nova York (1939) e de San Francisco (1940).

### **Discos brasileiros nas feiras internacionais de Nova York (1939) e de San Francisco (1940)**

Flávia Camargo Toni (Universidade de São Paulo)

Um dos aspectos positivos do registro sonoro em suportes estáveis, que garantem a manutenção de uma memória a ser recuperada no futuro, é a possibilidade de se compartilhar os sons criados por uma ou mais pessoas, sons que pretendemos mostrar para os outros, por vários motivos diferentes. Assim, a fonografia possibilita tanto mostrar a cultura de quem realizou o registro, quanto a aproximação de culturas novas, à semelhança dos livros, se pensarmos nas culturas letradas. Na primeira metade do século XX, no entanto, observamos algumas situações nas quais os registros sonoros foram realizados expressamente para finalidades de cunho político ideológico, como as feiras internacionais em países estrangeiros, vale dizer, não necessariamente respeitando a vontade das comunidades artísticas. Outra situação exemplar, foi a criação de coleções de registros sonoros para a organização de discotecas nacionais projetadas pelos estados de alguns países. Vou me deter no exame da criação de uma pequena discoteca organizada por autoridades políticas brasileiras para as feiras internacionais de New York e de San Francisco, nos anos de 1939 e 1940, ponto de partida para entender qual o papel do músico nas campanhas de diplomacia cultural quando a mediação era feita apenas pelo registro fonográfico.

### **Entidades de Som Digital em Ontologias Indígenas. Agência, propriedade e ética**

Líliam Barros Cohen (Universidade Federal do Pará) & Matthias Lewy (Lucerne University of Applied Sciences and Arts)

Na palestra, serão examinados vários aspectos das gravações históricas e recentes no contexto da etnomusicologia amazônica. Por um lado, as pesquisas de Líliam Barros no LabEtno da UFPA fornecem a base. Aqui, por exemplo, os pesquisadores indígenas criam arquivos de suas comunidades, com especial interesse nos protocolos éticos dos metadados. A criação de entidades de som digital levanta uma série de questões, tais como a negociação da propriedade histórica indígena (por exemplo, não-humanos como proprietários de música ritual) e a propriedade digital indígena. Torna-se claro que, no decorrer da gravação, surgem entidades de som digital que têm sua própria agência, o que, por sua vez, tem repercussões na comunidade social dos grupos indígenas. Isto é ilustrado pelo trabalho de Matthias Lewy no Pemón ao longo dos últimos 15 anos. Gravações históricas digitalizadas de Koch-Grünberg (1911) mostram como o conhecimento sobre práticas sonoras pode ser recriado, mas também como elas criam uma carga emocional para os representantes das comunidades indígenas. Finalmente, com base nessas experiências, serão

apresentados resultados de pesquisas colaborativas, que mostram, por exemplo, que os registros de performances sonoras indígenas podem ser derivados como um método indígena para a elaboração de gravações históricas. O maior conjunto possível de gravações reais ajuda a revelar questões de propriedade humana e não humana que precisam ser documentadas em protocolos éticos e arquivadas de forma dinâmica. Estes dados fornecem a base para analisar arquivos históricos etnográficos sonoros do discurso acadêmico, uma vez que os dados sensíveis podem ser identificados em um estágio inicial.

### **Discos de 78 rpm brasileiros na Coleção José Moças da Universidade de Aveiro (Portugal) – uma apreciação crítica**

Pedro Aragão (Universidade de Aveiro)

Doado à Universidade de Aveiro no ano de 2014 pelo colecionador português de mesmo nome, a coleção José Moças compreende cerca de 6000 fonogramas de discos de 78 rpm que vão desde o ano de 1900 (ano das primeiras gravações mecânicas em Portugal) até a década de 1960. Conquanto seja centrada na música portuguesa, a coleção apresenta dezenas de exemplares de discos com música brasileira, gravados em Portugal ou no Brasil, tornando-se uma valiosa fonte de estudos para a compreensão do trânsito musical entre estes dois países na primeira metade do século XX. A comunicação apresenta um estudo crítico sobre estes discos, procurando responder às seguintes questões: de que forma as indústrias fonográficas do período construíram imaginários sonoros associados à ideia de “brasilidade” em Portugal através da canção popular? De que forma se deu a inserção de cantores e cantoras brasileiros/as no sistema de entretenimento musical no período? De que forma questões raciais e de representação de gênero podem ser associadas à recepção destes discos em solo português? Esta comunicação é parte do projeto Liber|Sound: Práticas Inovadoras de Arquivamento para Libertação da Memória Sonora. Música gravada, Experiências Transcontinentais, Comunidades Conectadas, desenvolvido pela INET-md/Universidade de Aveiro.

### **A Hora do Brasil: a tecnologia da rádio na administração das políticas pós-coloniais sobre língua em Goa**

Susana Sardo (Universidade de Aveiro)

Criada em 1946, a Emissora de Goa teve um papel muito relevante na criação de um gosto musical cosmopolita em Goa. Embora fosse uma rádio em língua portuguesa, emitia em mais 6 línguas onde se incluía o inglês e um conjunto de línguas indianas às quais estava associada, respetivamente, a transmissão de música ocidental e de música clássica indiana. Os programas de música não indiana difundidos pela Emissora de Goa veiculavam um vasto repertório de música em português que incluía não apenas música portuguesa, mas também música das então colónias portuguesas em África e, ainda, do Brasil. Após a integração de Goa na Índia, que decorreu em dezembro de 1961, a Emissora de Goa foi integrada na rede da nacional All India Radio. As rubricas em língua portuguesa passaram a ser praticamente dedicadas à música brasileira uma vez que a rádio recebia discos diretamente enviados do Brasil mas deixou de receber discos enviados por Portugal. Nesse sentido, foi criada

uma rubrica semanal exclusivamente dedicada à música brasileira, designada por “A hora do Brasil”, que esteve ativa durante o final da década de 1960 e a década de 1970, da responsabilidade da radialista Imelda Dias. Esta comunicação discute a importância da rádio na gestão das políticas pós-coloniais em Goa e o papel do Brasil na manutenção de uma paisagem musical radiofónica em língua portuguesa, responsável, também, pela consequente adoção de um repertório local que hoje constitui um elemento identificador e distintivo de Goa no contexto da Índia.

## **PAINEL: Pequenos elementos que fazem toda a diferença I – variação e mudança de artigos, partículas, preposições e outros elementos gramaticais**

Coordenação: Joachim Steffen (Uni Augsburg)

O objetivo do painel é descrever a variação dos “pequenos elementos” gramaticais, ou seja, morfemas gramaticais livres tais como artigos, partículas, pronomes e preposições, na sincronia e diacronia da língua portuguesa, incluindo a variação e gramaticalização dessas unidades. São elementos cruciais para a determinação das relações existentes na frase e do posicionamento de um falante frente aos efeitos ilocucionários (no caso das partículas modais). Consequentemente, eles marcam profundamente a respectiva variedade do português, tanto nas normas padronizadas quanto nas variedades vernáculas.

Em dois painéis tematicamente relacionados, exploraremos a variação sincrônica e diacrônica de alguns desses elementos, considerando tanto o português brasileiro (PB) como o português europeu (PE), assim como outras variedades.

Nesta primeira parte do painel o foco está na expressividade, nos valores sociais e nos efeitos ilocucionários dos elementos gramaticais livres.

Benjamin Meisnitzer discute a distinção entre partículas modais e modalizadoras no Português Brasileiro (PB) e analisa potenciais PMs e equivalentes funcionais no PB diacronicamente a partir de corpora. O estudo contribui para os estudos de gramaticalização e de variação linguística.

Marcelo J. Krug e Joachim Steffen discutem a gramaticalização induzida por contato linguístico de algumas partículas modais nas variedades de bilíngues no Sul do Brasil. Rosane Werkhausen analisa a substituição de “nós” por “a gente” como pronome pessoal gramaticalizado no Português do Brasil e como esse fenômeno é abordado em livros didáticos de português língua estrangeira e ocorre em textos produzidos por aprendizes de português em contexto universitário.

Albert Wall e David Paul Gerards discutem a variação no uso dos artigos indefinidos em estruturas (pseudo-) incorporadas do Português Brasileiro e argumentam que o uso do artigo indefinido insinua um significado social ou expressivo. O estudo utiliza estudos experimentais, entrevistas e estudos de corpus como base de dados para a argumentação.

## Partículas modais e seus equivalentes funcionais no Português Brasileiro

Benjamin Meisnitzer (Universidade de Lípsia)

A existência de partículas modais (PMs) no Português é incontestável, ainda que estas frequentemente ainda se encontrem em pleno processo de gramaticalização. Propomos, por isso, distinguir entre partículas modais, que satisfazem plenamente os critérios que as definem (Gerards/Meisnitzer 2017: 333-334) e partículas modalizadoras, que apenas satisfazem alguns dos critérios. Os critérios propostos são características fonético-fonológicas, morfológicas e, sobretudo, sintático-pragmáticas. Na presente comunicação pretendemos discutir candidatas a partículas modais no Português Brasileiro (PB), pois aparentemente divergem do Português Europeu (afinal, sempre, lá e bem; cf. Meisnitzer 2012: 343-344 & 353). No presente estudo pretendemos analisar diacronicamente, a partir de corpora, potenciais PMs e equivalentes funcionais no PB: bem (que), mas, é que, então (Aquino/Arantes 2020), aí (Aquino/Kahil 2022) e uma vez (Krug/Ruscheinsky/Horst 2019). A presente comunicação é um contributo para os estudos de gramaticalização e de variação linguística.

### Gramaticalização induzida por contato linguístico: o caso de algumas partículas modais nas variedades de bilíngues no Sul do Brasil

Marcelo J. Krug (Universidade Federal da Fronteira Sul) & Joachim Steffen (Uni Augsburg)

Em situações de bilinguismo intenso e prolongado, os falantes são motivados a sincronizar as operações de planejamento mental utilizadas ao falar em cada uma das línguas em seu repertório (Haase 1991; Matras 2009). Ao mesmo tempo, eles desejam usar as formas de expressão de ambas as línguas, o que os leva a querer dispor das mesmas construções em cada língua. Nesse sentido, no contato intergeracional entre variedades do alemão e o português no sul do Brasil, podem ser observados diversos processos de gramaticalização induzidos pelo contato (Heine & Kuteva 2005) e convergências linguísticas. Um âmbito marcado por esse processo são as partículas modais, tão características do alemão. Elas cumprem uma função pragmática ao apontar o conteúdo implícito do contexto da conversa e assim modificar o que é dito, por exemplo, referindo-se ao que já é conhecido ou sinalizando atitudes do falante, tais como confirmação, contradição, suposição, restrição ou similares. Neste estudo, focalizamos o uso de partículas que podem ser atribuídas a processos de grammatização induzida por contato e que podem ser detectadas no português de bilíngues (alemão-português) no sul do Brasil, tais como ainda, uma vez, etc., cópias do alemão noch, (ein)mal, respectivamente. A base do estudo são fontes orais e escritas (material de corpus dos projetos ALMA-H e ALCF-OC, bem como cartas de imigrantes alemães e seus descendentes).

## **‘Nós’ e ‘a gente’: diferenças de uso nas variedades de português e suas implicações no ensino-aprendizagem de português língua estrangeira**

Rosane Werkhausen (Universidade Técnica de Munique)

A substituição de nós por a gente como um pronome pessoal gramaticalizado tem sido amplamente estudada no Português Brasileiro (PB), (Omena & Braga, 1996; Neves, 2000; Lopes, 2003; Zilles, 2002, 2005; entre outros), que indicam o que indica um estágio avançado de um processo de mudança no quadro pronominal dessa variedade, sobretudo na língua oral. Enquanto isso, no Português Europeu (PE), os poucos estudos sobre o fenômeno (cf. Pereira, 2003; Vianna, 2011), apesar de indicarem uma variação entre as formas de primeira pessoa do plural, com semelhanças com o que se observa para o fenômeno no PB, não parece caracterizar um processo de mudança em curso. A partir disso, pretende-se analisar como esse fenômeno é abordado em livros didáticos de português língua estrangeira (PLE) e como essa variação se apresenta em textos produzidos por aprendentes de português em contexto universitário.

### **Varição no uso dos artigos indefinidos em estruturas (pseudo-) incorporadas do português brasileiro**

Albert Wall (Universität Wien) & David Paul Gerards (Universität Mainz)

O português brasileiro apresenta estruturas de (pseudo-) incorporação através da adjacência do objeto direto com o verbo, com ausência de qualquer determinante (1), um fenômeno presente em todas as línguas românicas e outras línguas com um sistema de artigos (Taveira da Cruz 2008, Dayal 2011). No entanto, no português brasileiro estas estruturas estão em variação com uma construção que incorpora o artigo indefinido (2), uma opção muito menos explorada em outras línguas (Wall 2022).

1. Vamos assistir televisão.

2. Vamos assistir uma televisão.

Nesta contribuição discutiremos a variação e as interpretações associadas com ela, mostrando que a contribuição do artigo indefinido não consiste na determinação do objeto ou do evento descrito, como se esperaria de um determinante. Argumentaremos que se trata de uma contribuição pragmático-discursiva, insinuando um significado social ou expressivo (informalidade, intimidade, etc.). A base de dados para a argumentação são estudos experimentais, entrevistas, e estudos de corpus.

### **PAINEL: Representações dos regimes autoritários europeus no Brasil dos anos 30 e 40**

Coordenação: Luis Fernando Beneduzi (Universidade Ca' Foscari Veneza)

Os anos 30 inauguram um momento novo na história política brasileira, com a subida ao poder de Getúlio Vargas e o ocaso do Estado oligárquico. Observa-se o enfraquecimento da elite agrária brasileira, o aumento da importância do setor industrial e do setor urbano, com o advento da sociedade de massa. No mesmo período, vários países da Europa viviam a afirmação de regimes autoritários que

havia tomado o poder, entre outros, na Itália em Portugal e na Alemanha. Os novos regimes, dos dois lados do Atlântico, compartilhavam algumas características político-sociais em seus projetos de poder. O varguismo, por um lado, sofreu uma influência importante dos países europeus em seu projeto de democracia controlada e com eles criou espaços de diálogo. Ao mesmo tempo, destaca-se um interesse por parte dos países da Europa em influenciar a política e a sociedade brasileira, também com a construção de uma rede de diplomacia cultural que envolvia intelectuais, artistas, meios de comunicação. As comunidades de imigrantes foram alvo desse processo com a construção de um sentimento de pertencimento fortemente vinculados à terra de origem, com impacto sobre a opinião pública nacional. O objetivo deste painel é discutir as diferentes formas de representação que os regimes autoritários europeus foram construindo na sociedade brasileira: em nível político, cultural, ou na esfera das relações internacionais. Interessa-nos analisar como esses Estados foram produzindo uma imagem positiva e forte de si mesmos, podendo se apresentar como modelo para o projeto político brasileiro. A apropriação política de elementos do corporativismo, uso dos meios de comunicação locais para forjar uma imagem de grande potência, as missões intelectuais, permitem uma leitura sobre essa relação transoceânica. Todavia, este processo não era unilateral: a apropriação de ideias e o espaço na opinião pública dependiam fortemente, também, das estratégias comunicativas e do projeto político do próprio Vargas.

### **O “Estado Novo” de Getúlio Vargas e a vaga fascista na Europa**

António Costa Pinto (Universidade de Lisboa)

O Estado Novo (1937–45) de Getúlio Vargas é o mais importante caso de institucionalização do corporativismo num contexto autoritário na América Latina. Se a representação política corporativa foi delineada na constituição de 1937 mas nunca realizada, o corporativismo social teve um legado duradouro e a ditadura de Vargas representou uma rutura bem maior com o liberalismo político do que foi o caso de outros regimes seus contemporâneos na América Latina. Por outro lado, a difusão do corporativismo no Brasil foi também mais desenvolvida nos círculos políticos fascistas e conservadores. O paper desenvolve o tema do desenvolvimento do sistema político do “Estado Novo” e da sua relação com o fascismo Europeu.

### **Representações de uma dança diplomática: a política de Getúlio Vargas entre os regimes europeus e os Estados Unidos (1930-1945)**

Fulvia Zega (Universidade de Gênova)

Getúlio Vargas, ao longo dos quinze anos da sua primeira presidência, manteve uma postura ambivalente na política externa, escolhendo uma direção que o historiador Gerson Moura define como política das cooperações. O Presidente, de facto, não se ligou de forma vinculante a nenhuma das potências hegemónicas da época, tentando manter relações económicas e políticas com as diferentes nações que se disputavam o mercado da América Latina. Esta atitude de equidistância pragmática representa um dos sucessos de Getúlio Vargas em política externa. Em particular, assistimos a uma dança diplomática entre a Alemanha nazista e os Estados Unidos que terminará só em 1942 com a decisão, por razões puramente económicas, do Brasil, de entrar

na Segunda Guerra Mundial ao lado dos EUA. Essa comunicação pretende indagar essa temática através da análise de um corpus documental de imagens – fotografias e vinhetas – que testemunham, através da representação dos atores considerados, as mudanças ocorridas na política varguista das relações diplomáticas entre Brasil, regimes europeus e Estados Unidos. De acordo com o historiador Raphael Samuel na ideia de que a expressão artística, e portanto a imagem, seja uma componente fundamental da vida social, tanto como ferramenta de propaganda quanto como espelho da ideologia, achamos que o estudo das representações iconográficas oficiais dos regimes europeus e dos EUA veiculadas pelo Estado possam dirigir o nosso olhar à compreensão das escolhas, das esperanças e dos temores que são o fundamento da organização social e política.

### **O Dever-ser do Brasil nos anos 1930/45: leituras do presente entre diagnósticos de crise(s) e olhares à Europa autoritária**

Gabriel Duarte Costaguta (Universidade Autônoma de Madri)

Os trabalhos destinados ao estudo do Brasil nos anos 1930/45 se concentram em torno de um consenso historiográfico, a saber: a Constituição de 1937 foi uma resposta autoritária à crise da democracia liberal, e o modelo de Estado seguido para a sua redação foi, em grande medida, o italiano. Se a lente hermenêutica estiver voltada unicamente para a institucionalidade brasileira, concordamos com esta interpretação. No entanto, ao ampliarmos nossa perspectiva de análise com o intuito de reconstruir o debate (discursos) acerca dos novos projetos de relação entre Estado e sociedade civil (corporativistas, em sua ampla maioria), percebemos que não apenas o diagnóstico de crise não se limitou ao sentido político liberal-representativo, e que o olhar lançado à Itália fascista como exterior constitutivo de projetos brasileiros ganhou relevância apenas nos primeiros anos da década de Trinta, perdendo sua hegemonia ao longo dos anos, a passo que Portugal e Espanha passaram a ser citados com assinalável frequência. Desvela-se, assim, um movimento hermenêutico que estabelece um constante diálogo entre um passado-presente constituído por uma leitura das razões da(s) crise(s) brasileira(s) (espiritual, social, política, cultural, parlamentar etc.) e os diferentes olhares lançados aos regimes autoritários/corporativistas europeus, e um futuro-presente apresentado na forma de projetos de relação Estado/sociedade civil ancorados em princípios corporativos. Estas primeiras reflexões nos ajudam a compreender o vínculo existente entre uma semântica da crise e as novas visões de Brasil emergidas no contexto dos anos 1930/45. Este é o objetivo desta comunicação.

### **Autoritarismo à brasileira e apropriações do fascismo pelo regime de Vargas e seus intelectuais**

Luciano Aronne de Abreu (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS)

A sociedade brasileira seria fortemente marcada pelo insolidarismo (exceto a solidariedade dos clãs), falta de consciência dos interesses coletivos e pela inexistência de verdadeiros partidos políticos, daí resultando a inadequação da democracia liberal no país e a necessidade de se implantar no Brasil um regime

de tipo autoritário, como seria o caso do Estado Novo de Vargas. Tal diagnóstico dos males nacionais e sua solução autoritária foram muito correntes nos meios político-intelectuais brasileiros entre as décadas de 1920 e 1940, com destaque para nomes como os de Oliveira Viana, Francisco Campos e Azevedo Amaral. Por outro lado, embora admiradores do regime italiano e do seu modelo corporativo de ordenamento social, foi também corrente entre estes intelectuais a preocupação de diferenciar o Estado Novo de Vargas do Fascismo de Mussolini: este último seria um regime de tipo totalitário, enquanto o primeiro seria um modelo de “Democracia Autoritária”. Ao longo desse estudo, portanto, tem-se por objetivo analisar o modo como estes intelectuais definiam o regime autoritário brasileiro e suas aproximações e afastamentos em relação ao fascismo italiano, tendo em vista o que diziam ser as condições próprias da realidade brasileira.

### **Tratado de Latrão, Igreja e Regime Fascista na construção da opinião pública dos imigrantes italianos no Brasil: o caso da Abissínia**

Luis Fernando Beneduzi (Universidade Ca’ Foscari Veneza)

Depois de uma desconfiança inicial, nos primeiros anos do Regime Fascista, observa-se uma sempre maior comunhão de interesses entre a Igreja Católica e o projeto conservador defendido por Mussolini. A interseção entre Igreja e Estado se torna ainda mais concreta com o Tratado de Latrão, que resolveu a “Questão Romana”, dando espaço ao catolicismo institucionalmente na Itália e ao fascismo dentro da instituição religiosa. No âmbito dos espaços de imigração, essa nova relação começa a ser evidenciada desde a metade dos anos 20, com uma importante aceleração a partir dos anos 30’. No caso específico de análise, ou seja, a zona de imigração italiana no Rio Grande do Sul, é claro um processo de transformação na opinião da Igreja católica com relação ao fascismo desde os primeiros anos da década de 1920, como se percebe nas páginas de um importante quotidiano local, Staffetta Riograndense, de propriedade dos Frei Capuchinhos. No entorno da guerra da Itália fascista contra a Abissínia, a posição do jornal, do clero local e da Igreja, considerando que são publicadas matérias do Observatório Romano, é completamente de apoio ao projeto colonial italiano na África Oriental. Entre discurso civilizador e defesa da verdadeira religião, o jornal católico tenta direcionar a opinião pública local e, como consequência o governo, para uma posição de apoio a ação bélica italiana e de oposição as sanções internacionais contra a Itália.

### **PAINEL: Intérpretes do Brasil: O Viés Sociológico na Literatura de Autoria Feminina**

Coordenação: Sandra Assunção (Université Paris Nanterre), Angélica Amâncio (Université de Poitiers), Eva Batlíčková (Universidade Masaryk) e Susanna Busato (UNESP)

Desde o século XIX, a produção artística e intelectual desempenhou um importante papel na formação de um pensamento social brasileiro. As obras literárias tornaram-se, assim, um terreno propício para discutir questões identitárias por escritores que, desde o Romantismo, estiveram engajados em um projeto de literatura nacional. O viés sociológico da literatura brasileira, amplamente analisado por Antonio

Candido, é a prova de que a representação artística da sociedade brasileira suscitou a necessidade de entendimento de suas estruturas sociohistóricas complexas, não se limitando a um processo unicamente estético. Apesar de sua incontestável presença e relevância na formação da literatura brasileira desde o século XVIII, a autoria feminina foi posicionada à margem do campo literário e, frequentemente, relegada à esfera do psicológico e do íntimo, em detrimento de uma perspectiva social e política. A despeito deste silenciamento, sabe-se que escritoras como Maria Firmina dos Reis, Rachel de Queiroz, Carolina Maria de Jesus e, mais recentemente, Conceição Evaristo, Eliane Potiguara, Dinha, Patrícia Melo, Cida Pedrosa, representaram com acuidade a sociedade brasileira e as suas contradições. O presente painel propõe discutir a visão crítica da sociedade brasileira por uma autoria feminina, notadamente nos séculos XX e XXI, contribuindo para o debate acerca de sua especificidade dentro do cânone brasileiro.

**Diário de Bitita (1982) de Carolina Maria de Jesus: lendo o Brasil nas entrelinhas**  
Sandra Assunção (Université Paris Nanterre)

Em seu romance póstumo Diário de Bitita (1982), Carolina Maria de Jesus coloca em cena uma narrativa de errância, realizando uma radiografia sociohistórica do processo diaspórico de sua família e situando, a partir de um ponto de vista interno, o negro dentro da sociedade mineira da primeira metade do século XX. Por uma escrita autobiográfica, o afrodescendente ali representado torna patente a ausência de projeto político em prol de sua integração no período pós-Abolição. Assim, Carolina Maria de Jesus traz à tona a dimensão traumática deste processo de exclusão social, a um só tempo individual e coletiva, inscrevendo-se em um campo simbólico ao qual poucas escritoras negras tiveram acesso. Embora muitas vezes contestado, o valor estético de sua obra permanece indissociável da leitura crítica que faz do Brasil. Nesta comunicação, analisaremos as nuances dessa leitura e de seu possível alcance para a democratização do campo literário brasileiro.

## **Menos que um, de Patrícia Melo, e o biopoder nosso de cada dia**

Angélica Amâncio (Universit  de Poitiers)

Nesta comunica o, analisa-se o romance *Menos que um* (2022), de Patrícia Melo, em paralelo com outros trabalhos da autora, como *Inferno* (2000) e *Mulheres empilhadas* (2019). Pretende-se investigar se certas transforma es observáveis na obra da romancista se dão em consequência de mudanças sociopolíticas vividas no Brasil, nos últimos anos, ou em resposta a determinadas exigências do mercado editorial. Em seu romance mais recente, publicado pela editora Leya Brasil, a autora nos apresenta uma espécie de versão atualizada do célebre *Capitães de Areia* (1937), de Jorge Amado: em uma narrativa segmentada, com múltiplos personagens, percebe-se que os maiores protagonistas são a miséria e a indiferença. Em nosso trabalho, interessa-nos pensar tanto a forma, ou seja, o processo de montagem dos eixos narrativos, quanto o fundo, isto  , a realidade dos desabrigados e de outras vítimas da injustiça social. Para examinar esta questão, buscaremos embasamento, principalmente, em teorias como as de biopoder (Foucault) e necropolítica (Achille Mbembe).

## **O olhar crítico da poesia de Cida Pedrosa: uma faca de dois gumes**

Susanna Busato (UNESP)

Como equalizar a realidade e compreendê-la no jogo entre pensamento e memória? A necessidade de diz -la, dar-lhe presença no tempo, perpetuá-la para l  da memória e recont -la   o que anima a poesia da poeta pernambucana Cida Pedrosa no trajeto lírico que seu olhar empreende pelos caminhos das ruas, vielas e casas e pelos corpos que encontra, personagens dos quais se apropria para iluminar seus vestígios e destinos. Tomando o olhar crítico como uma faca de dois gumes, desejo promover uma discussão sobre os modos de representa o da constru o estética na expressão do contraditório da sociedade brasileira na poesia de Cida Pedrosa. De modo analítico, buscarei perceber como o engendramento entre palavra e aço, entre poesia e vida equacionam na linguagem poética de Pedrosa os elementos de fric o da cultura.

## **As vozes na margem da esperança**

Eva Batli kov  (Universidade Masaryk)

Esta comunica o abordará o tema de mulheres escritoras dos povos autóctones brasileiros. A literatura indígena   um fen meno relativamente recente, porém nos últimos anos está ganhando cada vez mais visibilidade. Eliane Potiguara   uma das primeiras autoras indígenas que conseguiu publicar sua obra já na década de 1990 e conquistar o reconhecimento tanto da parte dos leitores como da crítica. Assim como a maioria dos autores indígenas, também ela dedica a sua vida   luta pelos direitos da popula o nativa, especialmente pelo direito da educa o. O objetivo do trabalho   refletir sobre o papel das vozes que, finalmente, depois de séculos, conquistaram seu espaço na sociedade brasileira, além de pensar a representatividade das mulheres nesse ambiente e nessa luta.

**Quarta-feira, 6 de setembro de 2023**

11h15 – 13h

## **PAINEL: Circulações intelectuais e acadêmicas II**

### **Internacionalização e Financiamento de Intelectuais na Guerra Fria, Anos 1950-1960**

Marcelo Siqueira Ridenti (Universidade Estadual de Campinas)

A comunicação apresenta um resumo de meu livro recém-lançado sobre a Guerra Fria cultural, intitulado O segredo das senhoras americanas – intelectuais, internacionalização e financiamento na Guerra Fria Cultural (ed. Unesp, 2022, 406 p.). Com base em extensa pesquisa empírica de mais de dez anos no Brasil, na França e nos Estados Unidos, trata de artistas, pesquisadores e estudantes que atuaram nas circunstâncias da Guerra Fria buscando o desenvolvimento pessoal e coletivo em sua atividade. Participando por exemplo do círculo internacional comunista, caso de Jorge Amado e seus camaradas da América Latina. Ou, ao contrário, recorrendo a meios fornecidos pelo lado ocidental, como nos vínculos com o Congresso pela Liberdade da Cultura, sediado em Paris, patrocinador da revista Cadernos Brasileiros com verbas dos Estados Unidos de 1959 a 1970. E ainda pela oportunidade dada pela Associação Universitária Interamericana (AUI) a estudantes para conhecer gratuitamente a Universidade Harvard e o modo de vida americano em plenos anos rebeldes, de 1962 a 1971. Essas três passagens permitem compreender a internacionalização e o financiamento de suas atividades em meio à rápida modernização da sociedade brasileira, especialmente nos anos 1950 e 1960.

### **Trânsitos Acadêmicos e a Produção de Conhecimento: Notas sobre a Migração e as Políticas da Prática Científica entre Doutorandos Brasileiros em Portugal**

Antonio Pedro de Barros (Universidade de Lisboa)

A comunicação proposta é a parte inicial de uma investigação etnográfica acerca dos efeitos epistemológicos da migração para investigadores brasileiros em Portugal. Diante do contexto de emergência da extrema-direita e precarização do trabalho acadêmico no Brasil que se acentuou após 2015, houve um crescimento expressivo da emigração de investigadores e Portugal se configurou como um dos principais destinos para aqueles das áreas das Ciências Sociais e das Humanidades. Pretendo compreender como a formação de uma experiência migratória brasileira coletiva com tons diaspóricos em Portugal reflete em modos de pensar, de constituir agendas político-científicas e de auto posicionamento. Apresento um balanço das condições de trabalho na área das ciências sociais e humanidades no Brasil, a partir de dados históricos e estatísticos. Esse material é enriquecido pelo material etnográfico reunido no trabalho de campo em andamento em alguns centros de formação avançada em Lisboa, em que tenho observado objetivações discursivas dos processos vividos subjetivamente de deslocamento de classe, status, gênero e raça decorrentes da experiência migratória. Para isso, parto das críticas feministas e pós-coloniais à neutralidade científica para interpretar sistemas classificatórios, aparatos teóricos, opções temáticas e metodológicas como recursos de reivindicação

de posicionalidades e estratégias de inserção dos sujeitos de conhecimento.

## **Internacionalização do Ensino Superior: revisão do estado da arte frente às motivações e fatores de decisão**

Luciano Kingeski (Universidade Politécnica da Catalunha)

Ao longo da história é possível observar o aumento gradativo de estudantes que se deslocam para outros países atraídos por uma melhor formação acadêmica e profissional. Nessa lógica, a educação superior adquire um papel fundamental na formação de capacidade de transformação como componentes estratégicos para o desenvolvimento de um país. Este artigo tem como objetivo apresentar a revisão do estado da arte que embasa este tema. Em primeiro lugar, é apresentado o conceito de internacionalização do ensino superior, a relação da internacionalização com a mobilidade dos estudantes internacionais e seus benefícios, finalmente, pretende-se demonstrar as diferentes motivações, fatores de decisão e a percepção dos estudantes internacionais para estudos no exterior. Para todos estes temas, buscou-se coletar os principais estudos disponíveis na literatura que foram publicados nas principais bases de dados e revistas científicas especializadas no assunto nos últimos anos. Os estudos publicados apontam que a internacionalização da educação superior está bem estabelecida, principalmente em grandes nações como Canadá, Estados Unidos, Austrália e Reino Unido, conhecidas pela tradição acadêmica internacional. Por outro lado, existe um aumento significativo de estudos mais recentes que se destacam como os novos destinos para estudos no exterior, são os casos de Ásia e Oriente Médio. No caso particular do Brasil, os estudos que tratam de analisar as motivações dos estudantes universitários brasileiros que migram ao exterior para realizar uma formação profissional são escassos.

## **Os intelectuais na corda bamba: França e Brasil (1960-1990)**

Fabio Querido (UNICAMP)

O objetivo da proposta é traçar uma análise comparativa das transformações do espaço intelectual na França e no Brasil entre as décadas de 1960 e 1980, período marcado por uma inflexão na posição social e nas perspectivas políticas das camadas intelectuais. Para tanto, a análise se concentrará em dois intelectuais identificados com a esquerda não comunista: Cornelius Castoriadis, na França, e Marilena Chauí, no Brasil, figuras cujas trajetórias são representativas da referida inflexão. A hipótese geral do trabalho é a de que se na França a derrocada relativa do “intelectual total” assinalava uma nítida virada em relação à centralidade adquirida pelo marxismo a partir do pós-guerra – como se observa na própria trajetória de Castoriadis, do grupo Socialismo ou barbárie ao discurso “antitotalitário” –, no Brasil esse processo não implicou em uma ruptura com o marxismo (que, no mais, nunca havia sido hegemônico). Como na França, as baterias se voltaram contra o marxismo “oficial” dos Partidos Comunistas, mas no Brasil tal acerto de contas ainda se fazia por dentro da tradição marxista, agora também escorada na legitimidade acadêmica e na oposição democrática à ditadura militar. O caso de Chauí é, aqui, exemplar. Acredita-se que a comparação entre os dois processos permite jogar luz sobre mudanças cujos contornos definiriam a cena intelectual contemporânea da França e do Brasil,

com desdobramentos que extrapolam as fronteiras dos dois países – bastando ver, a este respeito, a importância que a chamada teoria francesa terá na reconfiguração do espaço acadêmico norte-americano a partir dos anos 1990.

## **PAINEL: Paisagens em ruínas, desastres e alterações climáticas**

### **Propagations, resonances. Sounding veer ecologies in Brazil with Daniel Lie, Iara Rennó, and Davi Kopenawa**

Pedro Lopes de Almeida (The University of North Carolina at Chapel Hill)

What is the sound of fibers decomposing? What is the noise of the sky falling? According to Timothy Morton, ecological thought is “the sound of something calling us from within the grief.” Daniel Lie’s installation at the New Museum in New York (“Unnamed Entities,” Feb-Jun 2022) features large-scale organic structures hanging from the ceiling, composed of dirt, flowers, and other vegetable matter. The sculpture decays through time, and the viewer is immersed in this process, following the changes in color, and texture, but also perhaps the soundscape of decomposing organic fibers. In *The Falling Sky* (2010), Yanomami Shaman Davi Kopenawa urges the readers to think with the forest, listening to threatening noises in the sky as they communicate transformations taking place. And in the video performance *Transflorestar* (2021) Iara Rennó develops a visual and acoustic experiment of passages and crossings between vegetable lifeforms, spiritual entities, and humans. Voices, sounds of the forest, cracking wood, and synthesizers come together to reflect on indigenous cosmoecologies. Through these works, we can think with the acoustics of life-making and practices of resonance, opening creative pathways to the sounds of the Anthropocene. These soundscapes of decomposition and transformation also map processes of historic silencing tethered to colonialization, racism, and environmental damage. Ultimately, I will consider how they may gesture towards veer futures, unexpected turns that point us in new directions and propel change, even if in the guise of precarious, fugitive shelters.

### **Desigualdades e Igualdade Substantiva: as contradições dos ODS**

Elenise Faria Scherer (Universidade Federal do Amazonas – UFAM); Maria do Rosário Andrade Leitão (Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE); Mayra Laborda Santos (Universidade Federal do Amazonas – UFAM)

As desigualdades sociais vêm ocupando um destacado espaço nos debates científicos e políticos globais sobretudo aqueles referentes ao desenvolvimento humano, e, ainda, nos fóruns econômicos internacionais quando os atores econômicos adotam em seus discursos as preocupações em diminuir as desigualdades como requisito à estabilidade social mundial. Em outras esferas públicas, as ONGs internacionais estão a indicar que o vírus das desigualdades globais se intensificou nos últimos três anos, simultaneamente ao vírus da pandemia da Covid-19. Reconhece-se que as desigualdades sociais se expandiram continuamente desde o final dos anos 70 quando o liberalismo neoliberal se consolida em países ocidentais e em desenvolvimento, agravando o desemprego, a precariedade o trabalho e a desregulamentação brutal das diferentes vidas econômicas. Desde a crise

econômico-financeira de 2008 e as subsequentes aplicações das políticas de alteridades fiscais contribuíram no agravamento das desigualdades no mundo. Há um consenso mundial que o mundo global foi profundamente afetado pelas desigualdades nos últimos 25 anos aprofundando o fosso abismal entre os detentores da riqueza e do poder e aqueles que vivem da venda da sua força de trabalho. Este resumo resulta da pesquisa sobre o tema tomando como referência ações interventivas de redução das desigualdades globais proposta pela Agenda 2030 das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, com especial enfoque nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). As desigualdades sociais são preocupações transversais em toda a Agenda 2030, contudo, nosso enfoque está centrado na Meta 10.2 que centraliza e propõe mundialmente as diferentes configurações de desigualdade e as suas condições de inclusão de todos aqueles que vivem condições de pobreza, independente das condições econômicas, da idade, gênero, étnica, racial e religião. Acompanhamos o desenrolar e o cumprimento dessa Meta 10.2 em nosso país, particularmente na região norte num contexto de intensificação das desigualdades não apenas na igualdade de recursos mas também no reconhecimento da diversidade cultural e social, ou seja, de uma igualdade substantiva como condição absoluta da sustentabilidade.

### **Cidades dos combustíveis fósseis: descarbonização e desigualdades em disputa, reflexões a partir do estudo de caso da Cidade de São Paulo**

Fernando Túlio Salva Rocha Franco (USP/ETHZ)

A forma urbana segregada é parte estruturante do processo de exclusão socioterritorial e de degradação ambiental, manifesta-se pela desigual distribuição das vantagens e desvantagens do processo de produção do espaço urbano. Os impactos diferenciados apresentam relação direta com o perfil socioeconômico da população e da sua localização, fato que vem sendo discutido a partir de conceitos como o direito à cidade, justiça climática e racismo ambiental. A redução da qualidade de vida e da expectativa de vida - em alguns casos a diferença chega a ser de 23 anos numa mesma cidade, como São Paulo - são resultados desse processo. A mudança do clima, neste contexto, tanto se alimenta quanto reforça as desigualdades multidimensionais, reproduzindo a lógica da injustiça ambiental. A partir de um estudo de caso do Sistema de Planejamento Urbano da Cidade de São Paulo, especialmente centrado no Plano de Ação Climática do Município de São Paulo 2020-2050 (PlanClima), i) relaciono os processos de (des)carbonização e vulnerabilidades socioambientais, e ii) apresento evidências, a partir de dados históricos e da modelagem de cenários com horizonte de 2050 - de forma alinhada às metas do Acordo de Paris. Com isso, contribuo com a avaliação crítica da efetividade das intervenções urbanas previstas no PlanClima, não apenas em relação ao desafio da neutralidade de carbono, mas também no enfrentamento das desigualdades socioambientais. Por fim, discuto as disputas, atores e arenas, em torno da formulação e implementação da agenda da transição ecológica verde e inclusiva.

## PAINEL: Teoria e Gênero

### Entre o Material e o Sensível: Contribuições para Pensar os Arquivos Pessoais Femininos

Nadia Maria Weber Santos (Universidade Federal de Goiás) e Hilda Jaqueline de Fraga (Universidade Federal do Pampa)

A comunicação parte da trajetória intelectual da historiadora Sandra Jatahy Pesavento na relação com seu arquivo pessoal, depositado no IHGRGS, em Porto Alegre/Brasil. O amplo espectro das fontes produzidas por essa mulher de trajetória internacional abre a possibilidade de análise das potencialidades dos arquivos pessoais no tempo presente na sua relação com as perspectivas de gênero. A historiadora investiu em produzir documentação e mantê-la organizada, como transcrição de fontes históricas, manuscritos, estudos, iconografia, objetos, projetos de pesquisa, planos de aulas, diários de viagem, entre outros documentos. A organização do Acervo Sandra J. Pesavento dá visibilidade para os processos de construção de acervos femininos, expondo temáticas importantes para a historiografia, ressaltando o seu papel na conservação e na gestão dos arquivos pessoais produzidos por mulheres. O objetivo da comunicação é justamente problematizar a concepção androcentrada existente na construção de grande parte dos arquivos pessoais, recuperando contribuições das mulheres na História e na historiografia do tempo presente. A abordagem enfocada se justifica pela emergência dos estudos de gênero e ressalta a versatilidade da historiadora Sandra Pesavento em abordar objetos e temáticas inovadores e de grande alcance para o campo, principalmente, da História Cultural.

### “Dividamos o Feminismo em Bom e Má”: As Disputas em Torno da Posição Sujeito Feminista, na Transição Dos Séculos XIX-XX

Jaqueline Almeida (Universidade de Coimbra)

A palavra “feminismo” se tornou recorrente nos periódicos brasileiros a partir dos anos 1890. Frequentemente apresentado como um fenômeno do estrangeiro, o feminismo foi explicado ao público de maneiras diversas: uma doutrina, um partido, a “masculinização do elemento feminino” etc. Partindo da ideia de que o feminismo foi e é um campo em disputa (Costa et al), o mapeamento e a análise dos discursos que objetivaram defini-lo poderá nos ajudar a ter uma compreensão mais alargada a respeito do próprio movimento social e, de forma geral, dos projetos políticos e ideológicos de determinado tempo e lugar. Assim, centraremos nossa atenção entre os anos de 1889 e 1909, período que coincide com a implementação e o desenvolvimento da 1ª República. Por meio de periódicos diversos, buscaremos evidenciar as principais definições atribuídas ao feminismo, refletindo sobre como a imprensa nacional a) interpretou as ações de feministas estrangeiras e locais; b) caracterizou a pertinência do movimento; c) articulou o feminismo às realidades brasileiras. Ademais, interessará conhecer as principais referências teóricas e as representantes feministas evocadas por tais instrumentos de divulgação. Acreditamos que a demarcação sistemática do conceito foi responsável por atrair e, ao mesmo tempo, afastar pessoas, colaborando na construção de uma imagem homogênea e pouco democrática do movimento.

## **PAINEL: Configurações do Público e do Privado: Desafios da Pesquisa Etnográfica**

Coordenação: Guita Grin Debert (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP)

O objetivo do painel é repensar os nexos, as fronteiras e as formas de articulação entre o público e o privado a partir de novos enquadramentos teóricos e domínios empíricos. Com essa finalidade, são contemplados tanto trabalhos que mobilizem novas chaves analíticas sobre o assunto, quanto etnografias de objetos específicos que impõem a revisão da relação entre o público e o privado. Nessa oportunidade, as novas configurações do público e do privado serão abordadas por meio da discussão de temas como os discursos de ódio; as novas formas de engajamento político; as características do cuidado comunitário; o mercado financeiro e endividamento dos setores mais carentes da população e como políticas públicas são vivenciadas por diferentes atores e setores da população.

### **Obrigações do Estado e o mercado: a financeirização da velhice**

Guita Grin Debert (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP) e Jorge Felix (Universidade de São Paulo – USP)

A urgência de atender às novas demandas sociais suscitadas pelo envelhecimento da população tem levado a adoção de soluções financeiras, principalmente quando o Estado delega ao mercado a função de oferecer respostas a essas demandas. Cada vez mais, esse modelo resulta em maior endividamento da pessoa idosa e das famílias, constituindo um fenômeno que denominamos de financeirização da velhice. O trabalho tem como base pesquisas sobre no crédito consignado, que é uma modalidade de empréstimo bancário pessoal, criada em 2002, pelo presidente da República brasileira, por meio do qual o valor das parcelas emprestadas é descontado automaticamente dos pagamentos feitos pelo Estado do salário dos funcionários públicos ou dos rendimentos da aposentadoria dos idosos. Esses empréstimos bancários têm taxas de juros reduzidas, mas não há praticamente riscos de inadimplência para o sistema financeiro, posto que o colateral é o próprio Estado. Interessa, por um lado, mostrar o funcionamento desse sistema de empréstimos bancários com base nas pesquisas de cunho qualitativo realizadas sobre o tema e, por outro, com base em pesquisas qualitativas sobre o uso destes créditos, discutir como essa entrada no mercado financeiro de populações idosas de baixa renda e a consequente experiência de endividamento é por elas percebidas e vividas.

### **O “cuidado comunitário” como política social: algumas problematizações**

Bila Sorj (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

O chamado “cuidado comunitário” vem sendo tratado pela academia, ONG’s e organizações internacionais como um ator social chave para fazer avançar a agenda dos cuidados na América Latina. Pretendemos apresentar uma reflexão e problematização desta política de cuidado, baseada em pesquisa sobre o “Programa Mulheres da Paz”, que visava identificar jovens “em risco” nas comunidades/favelas e encaminhá-los para um programa de “formação profissional e de cidadania”.

## **Sobre Discursos de Ódio e Misoginia**

Maria Filomena Gregori (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP)

Essa apresentação tem por propósito apreender os sentidos êmicos reiterados por ativismos feministas, e LGBTQIA+ no Brasil contemporâneo e as discussões teóricas em torno dos Discursos de Ódio. Além de dar continuidade aos casos emblemáticos que já foram levantados de pessoas que passam a ser objeto de violência em razão de sua visibilidade pública, como ativistas e estudiosos, a ideia é a de adensar a reflexão sobre essas manifestações públicas de ódio que operam em uma fronteira que não fixa os limites entre o assédio, a injúria e difamação, o constrangimento, a ameaça e os ataques físicos. A sociedade contemporânea e as formas de interação virtuais têm desafiado, não apenas as categorias jurídicas que classificam os atos criminosos contra a pessoa, expandindo seus sentidos, como tem propiciado ações de resistência e luta que estimulam problematizar as fronteiras, as vezes tomadas de modo rígido, entre público e privado. De modo a acompanhar não apenas o que se define como discurso de ódio, mas também as ações de combate a ele, vou apresentar reflexões, a partir da atuação de iniciativas de combate ao discurso de ódio, como a desenvolvida pela Safernet: HotLine, que visa produzir contra narrativas para o discurso de ódio.

## **Entre formas de engajamento (profissional e militante): de uma conjuntura para outra**

Isabel Georges (Institut de Recherche pour le Développement - IRD)

Esta proposta tem como horizonte apresentar alguns resultados parciais de uma pesquisa colaborativa em andamento sobre os entrelaçamentos de diferentes formas de engajamento, principalmente profissional e militante. A partir da análise das trajetórias de profissionais e/ou militantes, da área das Ciências humanas, tanto na França como no Brasil, numa perspectiva transnacional, trata-se de desenrolar as suas múltiplas relações. O objetivo é de questionar o conteúdo destas categorias, conforme diferentes conjunturas políticas e sociais, comparando trajetórias de ingressantes na área (como profissionais ou se formando), na época da ditadura militar no Brasil, ou em maio de 68 na França, assim como as pessoas que se formaram, no Brasil, na época dos anos lulistas, e, na França, nos anos 80 e 90. A pesquisa almeja entender as múltiplas relações entre formas de engajamento profissional e militante, de cientistas sociais, de diferentes gerações, numa abordagem biográfica e em diferentes contextos e conjunturas. Visa explorar as articulações de construção mútua entre as trajetórias e estas conjunturas. De cunho colaborativo, esta pesquisa passou por várias etapas e momentos, e integra braços que não sempre avançaram de forma articulada, mas cuja articulação acabou por fazer sentido. Ela passa por diversos deslocamentos e adaptações, como a minha volta para França no momento da chegada ao poder do ex-presidente Jair Bolsonaro no fim de 2018, assim como o desencadeamento da pandemia mundial da Covid-19 desde fevereiro/março 2020, e as suas repercussões respectivas.

## **A política vivida: Impacto das decisões governamentais na experiência da vida cotidiana em Portugal**

Antónia Pedroso de Lima (Iscte-Instituto Universitário de Lisboa/CRIA)

Nesta comunicação pretende analisar a forma como as mudanças de governo em Portugal e as consequentes alterações políticas afetam os cidadãos, os seus quotidianos, seus processos de tomada de decisão, experiências pessoais e sociais e os seus planos para o futuro. Numa análise detalhada sobre os modos como diferentes atores e setores da sociedade experienciam a legislação e as orientações políticas, esta comunicação foca-se nas formas como as pessoas experienciam nos seus quotidianos as políticas que as governam e a forma como as implementam e negociam. Irei analisar a política na sua expressão cotidiana, prática e vivida, a partir de uma pesquisa etnográfica realizada em diferentes contextos da sociedade portuguesa contemporânea e não enquanto uma abstração, localizada num Estado distante.

## **PAINEL: Força versus Democracia como Modo de Controle Social, Político e Econômico: Ilegalidades, Violência e Impunidade na Amazônia Brasileira**

Coordenação: Veronique Boyer (EHESS/CNRS) e Regine Schönenberg (FU-Berlin/LAI)

Nosso painel explora as tensões sociais na Amazônia a partir de diferentes objetos e perspectivas disciplinares (antropologia, ciência política, ecologia política, direito) a partir de pesquisas de campo.

Durante duas décadas, acreditou-se que reduzir as desigualdades socioeconômicas colocaria o Brasil no caminho da democracia. O mandato de Bolsonaro abalou essa crença, mostrando o enraizamento das representações coloniais de um “desenvolvimento” efetuado sem regulação, às custas da predação dos homens e da natureza. Concretizar um retorno democrático não será fácil. A decadência do Estado e das políticas públicas e a legitimação do neoextrativismo constituem importante retrocesso. A tensão entre a “lei do mais forte” e a valorização dos direitos reflete-se nas expulsões e assassinatos de populações vulneráveis, e na apropriação dos aparelhos administrativos por grupos dominantes para benefícios privados e expansão do crime organizado.

Sem mediações institucionais, a pressão global sobre os recursos molda com brutalidade as relações locais. Debateremos o modo como os atores se engajam nesse campo social produzindo universos de sentidos compartilhados, examinando casos paradigmáticos de percepção da violência. A privatização selvagem de vastas extensões florestadas transforma os territórios da Amazônia em ativos econômicos. Num contexto de fragmentação do político, novas estratégias de ascensão social nem sempre se pautam por valores coletivos. Qual o papel e os impactos da disseminação de organizações criminosas consolidadas, as chamadas facções, nesse contexto? A litigância socioambiental é aqui um caminho possível para assegurar a diversidade social e biológica e combater as mudanças climáticas? Terminaremos com uma análise aprofundada das trajetórias de vítimas e perpetradores para expor

uma dupla dimensão da violência - contra humanos e contra a natureza - o genocídio e o ecocídio.

### **Elaborando a violência: o mundo da “consideração” versus a luta pelos “direitos”**

Veronique Boyer (EHESS/CNRS)

A partir da abordagem da sociologia pragmática de Luc Boltanski e Laurent Thévenot (1991), a comunicação se interessa às formas de elaboração dos fatos de violência, analisando-os como “realizações (accomplissements) práticas” (Barthe & al 2013: 195), i.e., como performances. De fato, parece pouco produtivo de considerar a priori que todos os “pobres”, os primeiros a serem atingidos pela violência, a pensam e avaliam da mesma forma. Para observar o modo como os atores sociais se engajam no campo social, produzindo universos de sentidos compartilhados, examinarei dois casos, escolhidos por serem paradigmáticos de posicionamentos frequentemente encontrados. Ambos os entrevistados evocam episódios de violência semelhantes (tentativa de homicídio, assassinato, intimidação, tiroteio, incêndio), mas quando prestamos atenção aos termos que usam, percebe-se que cada um deles vai tecendo vínculos com suas próprias palavras-chave, o que vai desenhando imaginários sociais muito diferentes. Depois de apresentar o que estas duas entrevistas têm em comum na apreensão da violência, abordaremos o que os separa em termos dos modos de subjetivação, o que pode ser resumido na seguinte oposição: o primeiro homem se refere a um mundo onde a “consideração” constitui o valor cardinal enquanto o outro é movido pela “luta pelos direitos”. Esta oposição não é, contudo, absoluta e percebe-se que os dois universos de significado se interpenetram muitas vezes. Por isto, terminaremos dando algumas pistas para entender como esses registros contrastivos podem ser mobilizados pelas mesmas pessoas em momentos e contextos diferentes.

### **Ideologias da Fronteira e dependência social: a “pós-política” na Amazônia**

Roberto Araújo Santos (Museu Paraense Emílio Goeldi)

O processo de privatização selvagem de vastas extensões florestadas, por meio do emprego de fraude e de violência, contra populações residentes cujos direitos de posse ou propriedade se encontram indefinidos ou mal protegidos, é uma característica da transformação dos territórios da Amazônia em ativos econômicos. O processo é retroalimentado por investimentos em infraestrutura que elevam o valor dos ativos e presidem à formação de um mercado de terras (COSTA, 2012), beneficiando um grupo de indivíduos que se percebem como desbravadores ou “pioneiros” (BOECHAT, 2014). Tentaremos mostrar a importância, nesse contexto, de uma “ideologia da fronteira” que tem por função relegar à invisibilidade ou à insignificância os atores que disputam o território aos dominantes (indígenas, movimentos sociais e quilombolas). Veremos que, considerada numa perspectiva de longa duração, essa ideologia remete a um argumentário propriamente colonial. Sempre presente em arranjos institucionais locais (municípios), ela foi assumida recentemente como ideário – em suas formas modernas - no interior do aparelho de Estado a nível nacional. Isso teve por consequência o desmonte das estruturas que

– embora incompletamente – desempenhavam o papel de proteger os direitos das populações. Observa-se a partir daí um recrudescimento da violência, bem como o reforço de uma concepção fragmentada do político que, em detrimento de projetos coletivos, torna mais atrativas estratégias individuais na produção e um retorno em força do apadrinhamento como forma de participação. Isso constitui talvez o principal desafio dos movimentos sociais para os próximos anos.

## **A Gradualidade e a Temporalidade da Criminalização da Amazônia**

Regine Schöenberg (FU-Berlin/LAI)

A Amazônia sempre esteve na fronteira do respectivo estado em termos de penetração legal e institucional. Quando as instituições e leis chegam, as primeiras são geralmente muito fracas e as últimas são inadequadas para regular problemas locais; ambas têm em comum que não estão ligadas a formas de representação e regulamentação local. Ao longo dos séculos, esta situação produziu muita tensão entre as estruturas de poder local e nacional, com o legítimo geralmente tendo precedência sobre o legal. As redes de intercâmbio social refletem essas transições fluidas e também abrangem atividades ilegais locais. Após as rotas transnacionais do tráfico de cocaína terem atravessado a Amazônia durante décadas nestas órbitas, a gestão das atividades comerciais ilegais tem sido cada vez mais assumida por facções do Sul do Brasil. Estou interessada nas causas, formas e impactos da disseminação de organizações criminosas consolidadas, as chamadas facções na Amazônia: Por que elas disseminam na Amazônia após décadas de tráfico transnacional de drogas? Como são as relações das facções com o aparato de segurança? Elas têm relações com as milícias, se elas existem? E, de forma mais ampla, as facções são um sintoma da exclusão social violenta inerente à sociedade brasileira? Como o Estado e a sociedade estão respondendo às aquisições territoriais? Quais alternativas poderiam proteger o principal grupo-alvo, a juventude urbana e rural marginalizada contra o recrutamento? Será que as facções têm o potencial de intimidar as já débeis instituições estatais amazônicas e inibir ainda mais a governança ambiental apoiando um esquema de governança criminal?

## **Direitos Territoriais Indígenas e a Litigância Socioambiental**

José Heder Benatti (UFPA-ICJ)

Pretendemos discutir se o litígio estratégico é um instrumento para assegurar a efetividade do reconhecimento das terras indígenas no Brasil. Avaliaremos, também, se não estaríamos diante de uma litigância socioambiental de proteção dos direitos territoriais dos povos indígenas, em comparação com a discussão sobre a litigância climática. O governo passado, 2019 a 2022, não reconhecia os direitos territoriais dos povos indígenas e das comunidades tradicionais. No âmbito do Congresso Nacional, boa parcela dos congressistas brasileiros não eram sensíveis às demandas ambientais e socioambientais. A composição do atual Congresso Nacional continua conservadora e os projetos de lei existentes que buscam retroceder os direitos socioambientais previstos na Constituição Federal e nas leis infraconstitucionais podem ser aprovados. No Supremo Tribunal Federal está para entrar em pauta a continuação do julgamento do chamado marco temporal e a posse de áreas

reivindicadas pelos povos indígenas. Trata-se do Recurso Extraordinário 1.017.365, com repercussão geral, ou seja, a decisão se aplicará a outros casos de demarcação de terras indígenas. Portanto, o Painel buscará discutir se na atual conjuntura, a litigância socioambiental é um caminho possível para assegurar a diversidade social e a biológica e combater as mudanças climáticas. Analisaremos, também, se diante da eleição do presidente Lula e a criação do Ministério dos Povos Indígenas, o primeiro na história da política nacional a ser dedicado exclusivamente às demandas indígenas, dirigida pela primeira ministra indígena, deputada federal eleita em 2022, Sônia Guajajara, faz sentido continuar com a litigância estratégica.



## **Uma ecologia do genocídio na Amazônia: pensar o nexó ecocídio-genocídio desde a ecologia política**

Felipe Milanez (UFBA)

Nos últimos anos, o nexó genocídio-ecocídio ganhou discussões crescentes clamando por uma mudança de paradigma diante da emergência climática (Levene e Akçam 2021). No caso do genocídio dos povos indígenas no Brasil, a dimensão ecológica e territorial da violência da conquista e da colonização sempre foram, historicamente, reclamadas. Com a aceleração do genocídio e da devastação com o governo Bolsonaro, tal como percebida por lideranças indígenas, este nexó entre o genocídio e o ecocídio também passou a ser um problema analítico a ser melhor compreendido, sobretudo em razão de classificação entre diferentes tipos penais dos crimes contra a humanidade cometidos. Esta apresentação busca oferecer uma perspectiva crítica, pelo paradigma da ecologia política, da relação entre genocídio e ecocídio no Brasil contemporâneo. Proponho uma análise aprofundada sobre um caso paradigmático a partir de pesquisas realizadas ao longo da última década acompanhando diferentes trajetórias das vítimas e dos perpetradores para verificar a imbricação da dupla dimensão da violência contra humanos e contra a natureza: o genocídio de um povo isolado na Amazônia, os Piripkura. Por uma “ecologia do genocídio” denomino a paisagem da devastação, de forma a investigar a relação entre os perpetradores da violência humana estruturada pelo racismo contra os

povos indígenas associada a acumulação primitiva pela grilagem e exploração da natureza. Bem como, nesse mesmo sentido relacional, perceber as alianças de resistência entre o povo Piripkura e a floresta, tendo especial atenção na agência da floresta, através da cooperação e do acolhimento dos sobreviventes, para resistir ao ecocídio-genocídio.

## **PAINEL: Gênero, Maternidade, e as Geografias de Escravidão e Liberdade no Atlântico Ibérico (século XIX)**

Coordenação: Selina Patel Nascimento (Lancaster University)

Este painel revela os contornos das experiências femininas de escravidão e liberdade no mundo atlântico ibérico ao longo do século XIX. Ele reúne pesquisas novas e inovadoras sobre escravidão de gênero no Brasil e em Cuba, examinando as várias trajetórias de mulheres escravizadas e libertas percorridas nas complexas geografias da sociedade colonial.

Machado e Cardoso abrem com uma narração sensível e profundamente emocional da descoberta de uma mulher libertada do assassinato de seus filhos escravizados nas mãos de sua senhora sádica. Eles examinam as dimensões de gênero da violência sob a escravidão e os limites da aceitabilidade social dessa violência no final do século XIX. Ariza também explora o trauma materno e a morte na infância, invertendo a lente para considerar o caso de uma mãe liberta que matou o próprio filho no Rio de Janeiro. Refletindo sobre silêncios do arquivo, ela propõe um repensamento da historiografia de maternidade na escravidão e na liberdade. A comunicação a seguir continua sobre o tema de silêncios no arquivo. Patel Nascimento oferece o conceito da “contraviagem” como uma história oculta de viagens marítimas escravizadas e enfatiza seu papel transformador para mães, filhas e esposas afro-brasileiras. Examinando as geografias de escravidão no Brasil e em Cuba, Cowling demonstra como a maternidade e a batalha legal pela emancipação ou tutela dos próprios filhos eram inerentemente geográficas, oferecendo uma nova perspectiva sobre as experiências de separação sob a escravidão.

Embora todas as apresentações explorem diferentes facetas das vulnerabilidades inerentes às experiências de escravidão feminina, seja através da perda de um filho, da luta por justiça ou da luta para manter as famílias unidas, elas também revelam a história frequentemente oculta de emoções, traçando os traumas, expropriações, angústia, determinação, e esperança que destacaram as cotidianas de mulheres em liberdade e escravidão. O painel é encerrado pela discussão de Acker sobre os temas centrais do painel e suas contribuições para moldar a historiografia de gênero e escravidão no Atlântico Ibérico do século XIX.

### **Geminiana e seus filhos: explorando a maternidade escravizada e o horror no Brasil na era das emancipações**

Maria Helena P. T. Machado (Universidade de São Paulo) e Antônio Alexandre Isídio Cardoso (Universidade Federal do Maranhão)

Nas primeiras horas da manhã de 14 de novembro de 1876, a jovem recém-liberta Geminiana atravessava as ruas de São Luís do Maranhão em busca de seu posto como vendeira. Foi quando palmilhava uma das principais vias de comunicação da cidade, que ela divisou o saimento de um enterro, que caminhava em direção contrária. Não havia cortejo, apenas quatro escravos carregadores sustentavam o modesto féretro. Embora o caixão fosse fechado, notou logo que o esquife era pequeno, e que vinha com cadeado e chave à vista. Alarmada, Geminiana parou os carregadores perguntando de onde saíra o féretro, ao que escutou o que já temia, de que o enterro pertencia a casa de Dona Ana Rosa. Todos os indícios que faziam supor que quem jazia no esquife era o escravinho Inocência, filho dela, criança de 8 anos de idade, que havia sido adquirida por Ana Rosa Viana Ribeiro há pouco mais de três meses, se confirmaram. Chegando ao cemitério, protestou dizendo que “não tendo visto seu filho em vida, queria vê-lo na morte”. Esta apresentação se baseia no livro “Geminiana e seus filhos”, que discute o brutal assassinato de duas crianças escravizadas na era das emancipações graduais em curso a partir da lei do Ventre Livre.

### **Trauma e afeto entre mães e filhos no Brasil escravista (dec. 1880)**

Marília B. A. Ariza (Universidade of São Paulo)

Esse paper baseia-se na análise de um processo criminal de infanticídio movido em 1885 contra uma mulher liberta, habitante e trabalhadora numa região cafeeira do Rio de Janeiro, pretendendo discutir expressões e significados das emoções e vínculos unindo mulheres escravizadas e seus filhos. Laurinda, 15 anos de idade, era mãe de uma menina de dois meses cujo pai não é identificado no processo. Em depoimento, declarou que, sendo essa sua primeira filha, não saberia lidar com seus choros incessantes. Retornando para casa depois de visita a uma cidade vizinha, se perdeu; tentando acalmar a filha, teria lhe espancado com fortes golpes na cabeça, acarretando morte por concussão cerebral conforme laudo médico. Segundo testemunha, Laurinda teria espancado a pequena pois “tinha raiva que fosse menina”. Longos, os autos silenciam sobre as circunstâncias da gravidez de Laurinda, sinalizando a possibilidade de estupro e outras violências de gênero que estariam na raiz de suas relações materno-filiais. A partir de reflexões sobre o

“silêncio dos arquivos da escravidão”, como em Saidiya Hartman e Sasha Turner, este paper explora a perspectiva do trauma e suas implicações nas relações de cuidado, afeto e intimidade entre mães e filhos. Pretende-se repensar os termos e valores habitualmente empregados em discussões sobre maternidade e família, destacando seu atravessamento por vulnerabilidades e marcadores sociais forjados na escravidão.

### **Viajando entre a escravidão e a liberdade: mulheres africanas e afro-brasileiras na ‘contra-viagem’ luso-atlântica.**

Selina Patel Nascimento (Lancaster University)

Esta comunicação revela a contra-história da ‘contraviagem’ no mundo luso-atlântico e o protagonismo da mulher negra. A atenção historiográfica concentrou-se recentemente nas viagens do tráfico negreiro sentido oeste da África Ocidental - Novo Mundo, que eram fundamentais no processo de escravização para milhões de africanos. No entanto, esta comunicação expõe constantes mobilidades marítimas cativas navegando para o leste em direção à Europa a partir das Américas, conceituadas como ‘contraviagens,’ e examina como silêncios institucionais e nos documentos históricos obscureceram a multiplicidade de mobilidades geográficas cativas que resistiram a rotas pré-definidas para corpos negros. Relata dois casos: o primeiro de uma escrava afro-brasileira que faz uma contraviagem para a emancipação legal em Lisboa, e o segundo de uma africana forra embarcada pela Inquisição para ser encarcerada na metrópole. Utilizando livros de impostos de importação, processos inquisitoriais e petições de casamento legal para localizar mulheres afro-brasileiras residentes em Portugal, este artigo argumenta que a contraviagem foi particularmente transformadora nas vidas de mulheres escravizadas no mundo luso-atlântico, permitindo-lhes traçar cartografias alternativas da atividade diaspórica transimperial. Conclui considerando como podemos começar a teorizar a contra-história das contra-viagens para formar uma futura ferramenta conceitual e analítica (a “contra-viagem”) que efetivamente utiliza as epistemologias do Atlântico Sul para uma aplicação mais ampla.

### **Reproductive slavery, reproductive justice: a reassessment of manumission in Brazil (Bahia, 1830-1871)**

Jane-Marie Collins (University of Nottingham)

Research of manumission in Brazil confirms how women and children were over-represented amongst the freed. While the scholarship has shifted from a reliance on data to an understanding of manumission as social history, to date no study has examined maternity and childhood manumission quantitatively or qualitatively. Through analysis of childhood manumissions and probate records of freed women from nineteenth-century Bahia, this paper challenges two discursive strands in the historiography of the manumission of women and children in Brazil: (i) gendered and racialised interpretations of demographic patterns of manumission which associate outcomes with notions of ease, advantage, benefit, privilege and slaveowner preference (ii) the role of paternity and slaveowner affection as expressions of interracial intimacies on the part of manumitters. In sum, this paper re-casts both the

notion of affective relations in manumission and the conventional gendered and racialised accounts of different pathways to manumission. It tilts interpretations of manumission data away from an outmoded lexicon of race and gender that echoes patriarchal logic, slavocrat sentiments and semantics of racial democracy. Alternatively, the gendered and racialized praxis of manumitting women and children is understood as response to maternal dispossession in slavery and pursuit of reproductive justice in freedom rather than the relative benefits and advantages of females over males, children over adults, Brazilians over Africans, and light skin colour over blackness. Finally, an Afrocentric rather than slaveowner approach to manumission reveals how Africans articulated a common cultural sensibility about their expectations of motherhood in freedom in Brazil.

## **PAINEL: Economia do Livro: Diálogos Políticos e Relações Culturais no Brasil – Séculos XIX e XX (II)**

Coordenação: Fabiana Marchetti (Universidade de São Paulo) e Nuno Medeiros (Universidade de Lisboa/Centro de Estudos Comparatistas)

O livro se afirma, cada vez mais, como um objeto de pesquisa para os historiadores, sociólogos, beletristas e outros pesquisadores das ciências humanas e sociais. Os trabalhos das respectivas áreas se ampliam e se diversificam nas perspectivas econômica, política, e cultural, e essa realidade não poderia ser diferente para os estudos brasilianistas. A história do Brasil passa pela relação da sociedade com as mídias impressas. Estas, por seu turno, dinamizam desde atividades do comércio e da indústria, passando pelas redes educacionais e culturais que promovem o seu consumo, até chegarmos em instituições e organizações políticas nas quais o livro se torna um instrumento de ação. Em todas essas esferas os circuitos do impresso e, de modo particular, do livro estabelecem redes que conectam a realidade brasileira e seus sujeitos internamente e em nível internacional. Consideramos para este painel a ideia de economia do livro, tal como a conceberam LucienFebvre e Henri-Jean Martin, em *O Aparecimento do Livro*, de 1958. O livro, a partir dessa abordagem, deve ser entendido como fermento que mobiliza relações humanas de produção e sociabilidade, podendo contribuir para o surgimento de processos de transformação social. No que diz respeito à tradição brasileira, e brasilianista, é preciso lembrar o estudo clássico de Laurence Hallowell, cuja análise se voltou preferencialmente para os profissionais do livro, com especial atenção para os editores. Com a proposta do painel “Economia do livro: diálogos políticos e relações culturais no Brasil - séculos XIX e XX”, para o IV Congresso da Associação de Brasilianistas na Europa, pretendemos reunir pesquisadores que se dedicam a construir uma história do livro no Brasil. A este campo de estudos interessa agregar pesquisas de diferentes áreas em uma perspectiva de debate sobre o livro e seu papel em sua relação com os circuitos de produção e circulação livreira, trajetórias individuais e coletivas de intelectuais e profissionais do livro, circulação de ideias, conceitos e debates a partir de edições, bem como a relação do livro com as trocas diplomáticas, os movimentos sociais, as bibliotecas e as instituições políticas, culturais e educacionais.

## **A ideia transnacional de circulação impressa. Pistas de exploração do espaço transatlântico luso-falante**

Nuno Medeiros (Universidade de Lisboa e Centro de Estudos Comparatistas)

Com esta comunicação pretende-se aprofundar algumas pistas de exploração relativas à abordagem da edição e da circulação de livros e outros impressos no espaço atlântico de língua portuguesa enquanto universo de circulação: de ideias, materiais, modelos, instituições e gente. Trata-se de um universo de circulação em que se torna possível – e até imperativo – explorar num intervalo de tempo longo (do século XVI ao século XXI) as relações plurais entre espaços de produção, irradiação e recepção do objecto impresso entre territórios, mercados e comunidades luso-falantes, incluindo Portugal, o Brasil e a África de expressão lusófona, além de comunidades na diáspora.

## **Montras, ofícios e estantes: a Seção do intercâmbio luso brasileiro e o Circuito editorial transatlântico (1941-1974)**

Gisella Serrano (Universidade de Lisboa e Centro de Estudos Comparatistas)

O trabalho aqui proposto analisa as relações político editoriais luso-brasileiras entre 1941-1974. O objetivo primordial é elucidar aspectos significativos do contexto político do Estado Novo português e de governos ditatoriais no Brasil, em sua relação com o mundo dos livros, da edição e da leitura. A apreciação e análise do acervo da Seção Brasileira do intercâmbio luso brasileiro no Secretariado de Propaganda Nacional em Portugal permitiu a identificação de um programa cultural configurado na produção e circulação da cultura impressa. Exposições, periódicos, ofícios e a correspondência relativa ao circuito editorial foram examinados no intuito de ampliar o conhecimento da relação entre o Estado, editores, autores, leitores e demais participantes do circuito editorial.

## **Rubem Braga e seus livros – entre Rio de Janeiro e Paris, o mundo editorial e as relações diplomáticas**

Rafael da Cruz Ireno (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo/Université Sorbonne Nouvelle)

Esta comunicação abordará a relação de Rubem Braga com o mundo editorial, tendo como um dos horizontes o livro *Furacão sobre Cuba* (1960) de Jean-Paul Sartre. Este volume marca o surgimento da Editora do Autor, importante casa editorial, que acolheu prestigiados autores internacionais e nacionais. Para além de ter sido um sucesso na época, inclusive com a presença de Sartre e Simone de Beauvoir no Rio de Janeiro; a história desta publicação perpassa uma série de questões políticas, sociais e estéticas, que remonta no tempo, pelo menos, dez anos, quando Braga entrevistou o filósofo existencialista, em 1950. Interessa, sobretudo, os aspectos diplomáticos implicados neste processo, visto que o jornalista capixaba manteve boas relações com diversos diplomatas, além de ter sido, ele mesmo, embaixador no Chile e no Marrocos, em 1955 e 1961 respectivamente. Tais experiências parecem ter influenciado não somente sua carreira de editor no Brasil, como as circunstâncias do aparecimento de *Chroniques de Copacabana*, de Paris et d'ailleurs (1963), em Paris.

Neste sentido, investigaremos, por exemplo, o contato mantido com o tradutor Michel Simon-Brésil – importante veiculador da cultura brasileira na Europa -, e, igualmente, com Pierre Seghers, o principal editor literário francês do pós-guerra, que publica o cronista, curiosamente, numa coleção de poesia.

## **PAINEL: Brazilian Immigration, Youth, and Decedents: Linguistic Practices, Identity, and Integration**

Coordenação: Thais França (Cies-Iscte/Iscte-IUL)

Esta proposta tem como objetivo avançar as discussões trazidas por este grupo no II e III congressos da ABRE sobre novas perspectivas de investigação relacionadas a imigração brasileiras. Mais especificamente, este painel almeja analisar a experiência de descendentes de imigrantes brasileiros e da juventude brasileira imigrantes em diversos contextos geográficos – Portugal, Noruega, Inglaterra e Japão - e sociais – família, escola, universidades, cidade e mercado de trabalho. Embora a literatura sobre emigração brasileira tenha crescido quanti e qualitativamente, abordando novas questões relacionadas a estes fenômenos, o conhecimento sobre juventude brasileira imigrante e de jovens descendentes de imigrantes brasileiros é escasso. Mais ainda, estudos que adotam perspectivas comparativas entre diferentes contextos são ainda mais limitados. Os trabalhos aqui reunidos dedicam-se a investigar como jovens brasileiros e brasileiras imigrantes negociam suas identidades transnacionais e as tensões resultantes das experiências de encontros interculturais nestes diferentes cenários. Além disso, as contribuições neste painel também exploram como estes jovens sujeitos posicionam-se como atores dotados de agência na construção de suas aspirações de futuro. Para tanto considera-se diferentes níveis de análises, assimetrias das relações geopolíticas e pós-coloniais, interseccionalidade dos marcadores sociais de identidades – gênero, raça, classe social, etc. – dinâmicas sociais e políticas dos países de residência.

### **The professional aspirations of second-generation Brazilian women in Japan: motivations and obstacles**

Thais França (Cies-Iscte/Iscte-IUL), Tamaki Watari (Aichi Prefectural University)

The “dekassegui” phenomenon, characterized by Brazilians going to Japan, began with the revision and application of the Japanese 1990 Immigration Control Law. This new migration policy opened doors for Brazilians to settle in the country and for the emergence of new subjects of study. In this sense, the objective of this research is to identify the main obstacles and motivations that shape the professional aspirations of the “second generation” of young Brazilian women in Japan, more specifically in the Tokai region. In this research, the definition of “second generation” refers to people born in Japan or who came to the country when they were small, before entering primary school, that is, up to 6 years old. For this purpose, the research relies on qualitative interviews with Brazilian women aged between 18 and 29 who have advanced to higher education in Japan. From an intersectional analysis that considers how social markers of race, ethnicity, social class, and gender interact, reinforcing the inferior position of Brazilian immigrants in Japan and their experiences of discrimination, our study examines how gender norms in the Tokai region and those

of their Brazilian families, the dynamics of racialization that operate in Japanese society, and the structure of the local labor market with regard to gender and racial differences shape these women's educational and professional aspirations.

### **Jovens brasileiros em Lisboa: uma busca pela migração de estilo de vida**

Bianca Lyrio (Cies-Iscte/Iscte-IUL)

Atualmente, os brasileiros constituem a maior população de estrangeiros vivendo em Portugal, sendo que esta nacionalidade possui um perfil mais jovem do que os portugueses. A Área Metropolitana de Lisboa é a que apresenta maior destaque, com praticamente metade da população estrangeira vivendo na capital. Sendo assim, este trabalho tem por objetivo analisar as trajetórias de jovens brasileiros na cidade de Lisboa com relação as suas buscas pelo que consideram um estilo de vida ideal. Realizamos 15 entrevistas em profundidade com jovens estudantes brasileiros inseridos ou recém-saídos do ensino superior português (mestrados ou doutoramentos, principalmente) para compreender primeiramente, quais são os elementos que envolvem um estilo de vida mais adequado para este grupo, e em segundo lugar, como está sendo este percurso nos âmbitos da educação, mercado de trabalho e habitação, sobretudo. Além das entrevistas, acompanhamos desde fevereiro de 2022 a trajetória de parte destes interlocutores através de trabalho etnográfico ainda em andamento. Constatamos que apesar da maioria dos participantes afirmarem que estão mais próximos do que entendem como qualidade de vida, e de um estilo de vida em conformidade com seus desejos e planos para o futuro, seus caminhos são muitas vezes bastante tortuosos. Eles enfrentam uma série de dificuldades em diversos âmbitos de suas histórias, como por exemplo, constrangimentos no ambiente acadêmico e desilusão com os estudos, trabalho precário com baixos salários e contratos frágeis, e moradias superfaturadas com infraestrutura insuficiente.

### **Trajетórias profissionais de jovens de origem brasileira em Portugal**

Renata Carone (Cies-Iscte/Iscte-IUL)

Os estudos sobre imigração brasileira em Portugal intensificam-se a partir da "segunda vaga", isto é, o fluxo a partir dos anos 90, formado, maioritariamente, por um perfil de brasileiros menos escolarizado (Padilla et al, 2015). A partir de 2015, alguns autores falam do surgimento de uma terceira vaga, caracterizada pela intensificação da mobilidade estudantil, investidores e reformados (França e Padilla, 2019). Entre as temáticas estudadas sobre a comunidade brasileira em Portugal podem identificar-se a desqualificação profissional, os estereótipos de género, a discriminação e o racismo, entre outros (Gomes, 2013; Igreja e Peixoto, 2015; Padilla et al, 2015; Padilla e França, 2015; Assis e Siqueira, 2021; Gaspar & Iorio, 2022;), sendo menos comuns os estudos de jovens de origem imigrante brasileira (Togni, 2015; Ribeiro et al, 2019; Seabra e Mateus, 2020) dos quais sabemos pouco sobre as suas trajetórias no mercado de trabalho. A nível europeu, tem se procurado compreender de que forma os contextos institucionais (estruturas e lógicas institucionais próprias de funcionamento de cada setor profissional como, por exemplo, os requisitos de formação para determinada profissão, os mecanismos específicos de recrutamento,

etc.) influenciam os percursos dos descendentes de imigrantes e que recursos são relevantes nesses contextos para que os jovens possam alcançar trajetórias profissionais “improváveis”, ou seja, posições profissionais altamente qualificadas (Pott, Crul e Schneider, 2022). O objetivo desta comunicação é analisar as trajetórias de 8 jovens de origem brasileira (3 nascidos em Portugal e 5 nascidos no Brasil e imigrados em Portugal), de modo a identificar os fatores que potencialmente explicam os seus percursos profissionais ascendentes ou descendentes face aos seus progenitores. A metodologia baseia-se em entrevistas semiestruturadas realizadas a jovens que transitaram para o mercado de trabalho, podendo ou não terem concluído o ensino superior.

### **Língua(gem) e Identidades – Um Foco no Ensino de Português como Língua de Herança na Europa**

Ana Souza (Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade de Brasília (UnB), Oxford Brookes University (OBU))

A importância da língua portuguesa no mundo tem sido reforçada nos últimos 30-40 anos devido ao grande fluxo de brasileiros que migraram para o exterior. Em sua grande maioria, esses emigrantes consideram relevante expor seus filhos ao uso da língua portuguesa mesmo crescendo fora do Brasil. Mais de 30% desses emigrantes encontram-se na Europa, onde tem sido possível testemunhar uma grande articulação para o ensino de português como língua de herança em contextos formais, não-formais e informais. Nesta apresentação serão compartilhados dados sobre o ensino não-formal e sobre o aprendizado informal de português como língua de herança na Europa em geral e com um foco específico no Reino Unido, país europeu com o maior número de brasileiros depois de Portugal. O objetivo desta apresentação é explorar as conexões entre língua(gem) e identidades na perspectiva de crianças e suas famílias por meio de dados qualitativos (entrevistas semiestruturadas). As discussões terão como base teorias de socialização linguística e religiosa.

### **Trabalho X: Multilinguismo Familiar a partir de uma Perspectiva do Sul**

Rafael Lomeu Gomes (University of Oslo, UiT The Arctic University of Norway)

Pesquisas sobre multilinguismo familiar na última década vêm sendo marcada por uma grande variedade de abordagens metodológicas e enquadramentos teóricos. Contribuindo com tal desenvolvimento, este trabalho resulta de um projeto etnográfico com a duração de 3 anos conduzido na Noruega acerca das práticas linguísticas de famílias brasileiras e norueguesas criando filhas e filhos para se tornarem multilíngues. Análise de dados gerados por meio de entrevistas semiestruturadas com duas mães brasileiras chama atenção para a relevância de considerar a interseccionalidade de categorizações sociais como classe social, gênero e raça em narrativas sobre encontros interculturais vividos ao longo de suas trajetórias transnacionais. Ademais, este trabalho enfatiza que o emprego de uma perspectiva do Sul para analisar tal fenômeno nos permite: (i) reconhecer a produção de conhecimento como uma prática contextualizada; (ii) incorporar questões ligadas à justiça social e justiça epistêmica; (iii) desafiar a hegemonia de epistemologias do Norte global; e (iv) identificar as sobreposições das dimensões políticas e geográficas

do Sul global. Por fim, propõe-se que a análise das práticas e crenças linguísticas de famílias a partir de uma perspectiva do Sul nos ajuda a compreender melhor as particularidades das experiências de famílias em suas trajetórias entre o Sul e o Norte.

## **PAINEL: Pequenos elementos que fazem toda a Diferença II – Variação e Mudança de Artigos, Partículas, Preposições e outros Elementos Gramaticais**

Coordenação: Benjamin Meisnitzer (Universität Leipzig)

O objetivo do painel é descrever a variação dos “pequenos elementos” gramaticais, ou seja, morfemas gramaticais livres tais como artigos, partículas, pronomes e preposições, na sincronia e diacronia da língua portuguesa, incluindo a variação e gramaticalização dessas unidades. São elementos cruciais para a determinação das relações existentes na frase e do posicionamento de um falante frente aos efeitos ilocucionários (no caso das partículas modais). Consequentemente, eles marcam profundamente a respectiva variedade do português, tanto nas normas padronizadas quanto nas variedades vernáculas.

Em dois painéis tematicamente relacionados, exploraremos a variação sincrônica e diacrônica de alguns desses elementos, considerando tanto o português brasileiro (PB) como o português europeu (PE), assim como outras variedades.

Nessa segunda parte do painel o foco está na variação diacrônica e diatópica dos elementos gramaticais livres.

Manoel Mourivaldo Santiago Almeida discute a ausência de concordância nominal e verbal na modalidade popular ou informal do português brasileiro, utilizando exemplos de variedades do PB extraídos de registros orais e escritos.

Albert Wall analisa a variação no uso e na aceitabilidade de sintagmas nominais genéricos em português brasileiro e europeu, apresentando dados de dois experimentos de aceitabilidade com participantes do Rio de Janeiro e de Lisboa.

Telmo Mória analisa o uso do quantificador universal definido “ambos” em diferentes contextos gramaticais na variedade padrão contemporânea do português e observa sua ocorrência em sequências supostamente anômalas em textos jornalísticos, mostrando que é uma área crítica de variação linguística.

Joachim Steffen aborda a tendência do português brasileiro em preencher o sujeito pronominal, utilizando como exemplo uma comunidade quilombola no estado do Mato Grosso. Ao contrário de outras variedades do PB, pode-se encontrar o uso de um sujeito pletivo nessa variedade afro-brasileira.

### **Derivatio naturalis et voluntaria: o caso português brasileiro**

Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida (USP/CNPq)

Uma característica atribuída ao português brasileiro (PB) tem a ver com a ausência de concordância nominal e verbal na modalidade popular ou informal no registro oral (e às vezes escrito) de pessoas com baixo ou nenhum nível de escolaridade. Esse é o mote desta comunicação – com exemplos de variedades do PB, como este,

extraído do português falado na baixada cuiabana, Lá NO beira do rio fala arrastado – para revermos um tema de antanho, mas às vezes esquecido ou tratado como algo inovador.

### **A variação no uso e na aceitabilidade de sintagmas nominais genéricos: dois estudos experimentais**

Albert Wall (Universität Wien)

Sintagmas nominais (SNs) genéricos em línguas com sistemas de artigos podem ser construídos com o artigo definido, o indefinido, ou até sem artigo (SN nu). No português brasileiro (PB), isto inclui o singular nu, uma possibilidade não dada em outras línguas desse tipo, como o português europeu (PE) (Müller & Oliveira 2004).

PE: {Um / O / Os / Ø (pl)} corvo(s) possui / possuem penas pretas.

PB: {Um / O / Ø (sg) / Os / Ø (pl)} corvo(s) possui / possuem penas pretas.

No entanto, o contraste exemplificado acima ainda não foi verificado empiricamente com dados quantitativos. Isso também vale para muitos outros contrastes entre os contrastes identificados na literatura (Gerstner-Link 1995, Wall 2017). Esta contribuição discute dois experimentos de aceitabilidade feitos com 42 participantes do Rio de Janeiro e de Lisboa em paralelo que contribuem para o preenchimento dessa lacuna.

### **O quantificador ambos como foco de variação no português contemporâneo**

Telmo Mória (Universidade de Lisboa)

É um conhecido facto gramatical que o quantificador universal definido ambos (diferentemente da locução quantificacional equivalente os dois) tende a bloquear leituras grupais, sendo prototipicamente usado apenas em associação a leituras distributivas – cf., em especial, Peres (1987, 1998) e Alves (1992), além de breves referências em gramáticas tradicionais, dicionários e instrumentos de normalização linguística conservadores. Assim, são geralmente consideradas anómalas frases com predicados grupais, ou afins, como ambas as partes chegaram a um entendimento (Houaiss 2001: 184), ambas beijaram-se (D’Silvas Filho 1997: 151), ambas as raparigas moram em ruas paralelas (Alves 1992: 7), ambos os rapazes estudam em faculdades diferentes (ibid.: 5) ou ambas as crianças gostam uma da outra (ibid.: 66). Entretanto, a variedade padrão parece reconhecer o uso de ambos em alguns contextos que não envolvem estrita distributividade (no sentido de predicação sobre entidades atômicas, em vez de sobre somas individuais). São de destacar pelo menos três situações: com certos adjuntos de valor instrumental (o Paulo levantou a tampa com ambas as mãos – Peres 1987: 285), com argumentos de predicados divisíveis (ambos os livros cabem na pasta – cf. Peres 1998: 361), em construções com mesmo e operadores afins (ambas as raparigas moram na mesma rua – Alves 1992: 7). Nesta comunicação, procurarei avaliar o uso de ambos na variedade padrão contemporânea, tendo em conta os diversos contextos gramaticais relevantes. Recorrerei a corpora de texto jornalístico para observar (e quantificar) a ocorrência de seqüências supostamente anómalas com ambos, mostrando que se trata de uma “área crítica” de intensa variação linguística.

## O uso do sujeito expletivo em português: evidências de uma comunidade quilombola no Estado de Mato Grosso

Joachim Steffen (Uni Augsburg)

É notório que o português brasileiro (PB) desenvolveu uma tendência a preencher o sujeito pronominal, como pode ser constatado, por exemplo, em um corpus de peças de teatro do século XX (Duarte 1993). Para as variedades de comunidades rurais afro-brasileiras na Bahia, Lucchesi (2009: 176) afirma que não existem frequências divergentes em relação a este parâmetro em comparação com a variedade urbana culta. No entanto, esta tendência do PB ainda não foi geralmente acompanhada pelo surgimento de um sujeito expletivo no PB (Lucchesi 2009: 173), embora isso fosse esperado de acordo com as teorias do parâmetro sujeito nulo em sua versão mais forte. Nesta conferência, será apresentado um estudo sobre o uso do sujeito expletivo em português brasileiro, com foco na comunidade quilombola Baixio, localizada no estado de Mato Grosso, onde construções como as seguintes se destacaram em entrevistas realizadas em 2019:

a. Ele tinha escola sim

b. Ele tem aí [no mato] bichinho[s]

Com base nesses exemplos será discutido como a presença do sujeito expletivo pode ser uma característica emergente nessa variedade e como pode estar relacionada a fatores sociolinguísticos e históricos específicos das comunidades rurais afro-brasileiras do MT.

## PAINEL: Crises da Democracia: Teoria Crítica e Diagnóstico do Tempo Presente

Coordenação: Mariana Valente (Universidade de St. Gallen)

O objetivo deste painel é debater trabalhos em torno do diagnóstico da crise da democracia no Brasil, a partir da Teoria Crítica. Quatro diferentes abordagens propõem tanto debates teóricos, a partir de autores teóricos críticos, quanto a interpretação de acontecimentos na história recente brasileira e seus paralelismos com outros momentos e espaços históricos, a partir de investigações empíricas. O trabalho de Marcos Nobre propõe uma compreensão da crise da democracia a partir do declínio do modelo de sociedade instituído pelo neoliberalismo, observando o sistema político brasileiro a partir de seu funcionamento interno. Daniel Tourinho Peres, por sua vez, propõe pensar a crise brasileira para além e aquém da política, a partir da ideia de crise da cultura, na medida em que se disputam os significados de um passado compartilhado, na base da disputa de modelos de país. Em uma espécie de ponte entre os dois trabalhos, Arthur Bueno propõe uma leitura das Jornadas de Junho de 2013 e dos novos movimentos de extrema-direita a partir do diagnóstico de crise da subjetividade neoliberal, “empreendedor de si”, em um contexto de precarização e escalada da desigualdade, resultando em um importante aumento das taxas de depressão nos anos 1990 e 2000. Por fim, Bianca Tavolari retoma temas caros à Teoria Crítica ao analisar a experiência da República de Weimar e os paralelismos que se estabelecem com crises da democracia pelo mundo, em geral, e no Brasil, em particular. No diálogo entre diferentes disciplinas e somando dimensões, os quatro trabalhos contribuem com explicações para os acontecimentos recentes no Brasil,

e buscam contribuir para a compreensão das crises da democracia no mundo. Os cinco membros deste painel, ligados a diferentes universidades, fazem parte do Projeto Temático Crises da Democracia, do CEBRAP, financiado pela FAPESP.

## **Neoliberalismo e Crises da Democracia**

Marcos Nobre (Universidade Estadual de Campinas)

O declínio do neoliberalismo – e de sua figura mais recente, a do “neoliberalismo progressista” dos anos 1990 e 2000, em particular – não só não produziu nenhuma alternativa realista efetivamente progressista como abriu caminho para uma disputa de modelos de sociedade em que a própria democracia deixou de representar a referência primeira nas disputas em torno da melhor maneira de regular a vida em sociedade. Ficou muito mais difícil a tarefa de produzir um modelo teórico que possa explicar, por exemplo, as diferentes configurações e usos de “partido” e, portanto, de funcionamento do sistema político. Para buscar fazer face a essa nova situação, é preciso preliminarmente dissolver o amálgama entre determinadas teorias da democracia e a própria democracia. Mas é preciso igualmente colocar a relação entre capitalismo e democracia em novos termos. O neoliberalismo não foi uma revolução, não estabeleceu uma nova ordem por meio de uma ruptura institucional. Ao contrário, sua tática era a de ocupar a ordem anterior, transformando-a por dentro. Incluiu o elemento decisivo de financiar a disseminação de ideias que acabou por se transformar em uma mudança de paradigma quando a aquisição das instituições centrais foi concluída, das universidades à imprensa, das instituições de Bretton Woods a posições de liderança do sistema político. Nada indica que será possível fazer exatamente o mesmo em relação ao estabelecimento de uma nova ordem, embora paralelos possam iluminar a situação atual. Partir dessa premissa exige, entretanto, uma compreensão do sistema político em termos exclusivamente de seu funcionamento interno.

## **Brasil: futuro do pretérito**

Daniel Tourinho Peres (Universidade Federal da Bahia)

A crise política que vivemos se apresenta em várias camadas que possuem, entre si, inúmeros vasos comunicantes, que acabam por resultar em uma crise sistêmica. Esta crise está, a um só tempo, além e aquém da política. Está além, pois não é uma crise apenas política, mas também aquém, pois não há no horizonte próximo uma saída política que debele uma crise com enorme potencial disruptivo do tecido social. Um tecido social é o resultado não apenas da relação entre os diversos atores sociais, mas também das ideias e valores imanentes a tais relações. Esta constelação de ideias e valores é refletida no conceito de cultura. A crise que vivemos é, também, uma crise da cultura. A comunicação aqui proposta pretende explorar esta dimensão da crise que vivemos; pretende mostrar que se trata não apenas de um conflito entre dois projetos de país, dois caminhos distintos que partem de um mesmo passado, mas que o próprio passado, o seu sentido e sua relação com o presente, está em disputa. Uma disputa quanto ao passado, quanto à experiência comum, no limite, põe em risco o próprio tecido social, sua unidade e identidade como nação, fortalecendo movimentos separatistas, de racismo e xenofobia interna e de possível guerra civil.

Uma solução para a crise em que estamos passa, portanto, por repensar e retrabalhar o imaginário social que constitui a experiência que compartilhamos.

## **A crise da subjetividade neoliberal e a nova extrema-direita brasileira**

Arthur Bueno (Universidade de Frankfurt)

Esta apresentação argumenta que a ascensão da nova extrema-direita no Brasil pode ser encarada como expressão de uma crise não apenas da ordem institucional estabelecida entre o final do século 20 e início do 21, mas também de sua correspondente forma de subjetividade: a de um “empreendedor de si” neoliberal cujas experiências de sofrimento e mal-estar psíquico vieram a ser predominantemente concebidas nos termos da depressão. Tal argumento se funda num conjunto de análises que, nos anos 1990 e 2000, viram no aumento das taxas de depressão um índice de transformações sociais de grande monta. A importância crescente desse diagnóstico clínico foi tida, então, como o signo de um arranjo social na qual os indivíduos vieram a ser confrontados com exigências cada vez maiores de autorresponsabilidade e autorrealização num contexto de escalada da desigualdade e da precarização. Em anos recentes, contudo, as tensões dessa ordem se intensificaram a tal ponto que sua persistência parece estar seriamente comprometida. Estamos às voltas, ao que parece, com uma situação na qual as tensões sociopsicológicas da subjetividade neoliberal atingiram seu ápice, resultando numa variedade de reações e lutas, embora não no estabelecimento de uma nova estrutura institucional estável. Atento a como tais dinâmicas se desdobraram na política brasileira recente, este ensaio interpreta nessa chave dois eventos centrais da última década: as Jornadas de Junho de 2013 e os novos movimentos de extrema-direita que culminaram no governo de Jair Bolsonaro.

## **A República de Weimar como modelo de crise da democracia**

Bianca Tavolari (Insper)

A literatura contemporânea recente sobre a crise da democracia confere centralidade à experiência da República de Weimar. Não apenas porque elementos estruturais do fascismo e do nazismo voltaram à discussão política em países que elegeram governos autoritários, mas também porque Weimar é a expressão de uma democracia que é lentamente corroída por dentro, mantendo sua dimensão institucional formal em funcionamento, com ascensão do autoritarismo por meio de eleições regulares e por meio de instrumentos de exceção previstos na Constituição de 1919. Mas, para que Weimar não se constitua apenas como uma espécie de pedágio que precisa ser pago para tratar das discussões contemporâneas, é preciso analisar quais partes e elementos da crise de Weimar são utilizados como pontos de paralelismo para pensar o panorama mais amplo da crise em diferentes países no mundo e, de maneira mais específica, o Brasil sob Bolsonaro.

## **PAINEL: Ditaduras, transições e democracias: Portugal, Espanha e Brasil em perspectivas comparadas**

Coordenação: Francisco Palomanes Martinho (Universidade de São Paulo/CNPq)

O biênio 2024-25 marcará os aniversários de três importantes processos transicionais em Portugal, Espanha e Brasil. Em 1974, Portugal, através de um processo revolucionário, derrubava uma das mais duradoras ditaduras da História europeia; no ano seguinte foi a vez da Espanha dar início a seu processo negociado de democratização a partir de uma ditadura igualmente longa; por fim, entre os anos de 1984 e 1985, da Campanha das Diretas-Já à eleição de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral, o Brasil procurava dar seus últimos passos para a transição da ditadura militar, iniciada em 1964, à democracia. A presente proposta de painel tem por objetivo a problematização dos processos de transição com ênfase em perspectivas ao mesmo tempo local e transnacional; não menos importante, procurar-se-á discutir o papel e as mutações de culturas políticas que ora apoiam, ora rejeitam ditaduras ou democracia.

### **O “velho” e o “novo” na canção portuguesa: Amália Rodrigues, o fado e o Canto de Intervenção na Revolução dos Cravos**

Francisco Palomanes Martinho (Departamento de História da Universidade de São Paulo/CNPq)

A queda da ditadura do Estado Novo, com o golpe de Estado a 25 de Abril de 1974, veio acompanhada de um processo revolucionário não previsto que impactou política e culturalmente a sociedade portuguesa. Um dos ambientes onde essas transformações vieram à baila de forma especialmente traumática foi no espaço de sua música popular. Por um lado, uma canção supostamente “nova”, engajada nas transformações em curso no país buscava se impor, afirmando-se como verdadeira representação daqueles novos tempos; por outro, o fado e sua mais importante intérprete, Amália Rodrigues, foram – ainda que durante um breve período – estigmatizados como a melhor expressão do “velho” que se deveria superar em definitivo. Fado e Amália representavam, para parte considerável dos adeptos do “novo tempo”, a resignação e o conformismo condizentes com o regime deposto. Além disso, Amália chegara mesmo a ser acusada, não poucas vezes, de colaboradora da ditadura portuguesa. A presente comunicação tem por objetivo analisar o embate entre perspectivas políticas, culturais e estéticas distintas no quadro das aceleradas mudanças ocorridas durante o processo revolucionário português.

### **A Democratização Portuguesa de 1974-75 em Perspectiva Comparada**

António Costa Pinto (Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa)

Portugal conheceu uma transição à democracia em 1974-75, em simultânea com um processo de descolonização do último império colonial Europeu. Este artigo sustenta que foi o carácter simultâneo deste duplo processo que explica a crise do Estado e natureza da democratização portuguesa, com uma acentuada intervenção militar, que representou uma rutura muito mais significativa com o passado autoritário, do que as restantes da 3ª onda de democratizações.

## **Legados em vida: a Fundação Mario Soares, o Instituto Lula e a questão democrática luso-brasileira**

Américo Freire (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/Fundação Getúlio Vargas/CNPq)

Os processos de democratização em Portugal e no Brasil foram fortemente impactados pela presença de Mario Soares e Luiz Inácio Lula da Silva. Ambos lutaram contra regimes autoritários e lideraram legendas partidárias até alcançar a presidência da República em seus respectivos países. Passado o ciclo presidencial, Soares e Lula fundaram ou fortaleceram entidades que cumprem a função clássica de guardar e preservar os documentos pessoais e oficiais de seus patronos. A Fundação Mario Soares (FMS) e o Instituto Lula (IL), cada qual a seu jeito, são também plataformas que operam em dois registros. Um deles é o de alimentar os valores e a tradição da família política socialista portuguesa e o papel de Lula e do PT na democracia brasileira. A FMS tem se destacado em reunir acervos que, em seu conjunto, constroem uma narrativa histórica própria em torno do socialismo e das esquerdas nas lutas sociais e políticas no Portugal Contemporâneo. O IL agrega o Memorial da Democracia e espaços virtuais voltados para ações na África e na construção de políticas públicas. Outro registro é o de manter em evidência a presença do nome dos seus patronos no debate público. O texto acompanha o histórico e a trajetória da FMS e do IL e abre o foco para uma discussão conceitual a respeito da natureza e do papel que esses modelos de entidade representam na conformação das democracias contemporâneas.

## **Acción Sindical Internacional en las Transiciones Ibéricas, 1974-1982**

Francisco Rodríguez Jiménez (Universidad de Salamanca) e Manuela Aroca (Universidad Carlos III)

En las últimas décadas, la historiografía que analiza las Relaciones Internacionales ha avanzado de manera significativa en el análisis de las distintas acciones gubernamentales de los Estados. Se ha investigado sobre ministros y diplomáticos, sobre desarrollo legislativo; también sobre el encaje administrativo y presupuestario -no siempre fácil- de la acción exterior en las agendas políticas nacionales. Sin embargo, aún no contamos con una literatura especializada que aborde, con profundidad semejante, el papel jugado por algunas organizaciones internacionales del mundo sindical, como por ejemplo la Confederación Internacional de Organizaciones Sindicales Libres (CIOSL). Una ausencia que no deja de ser paradójica, habida cuenta de su papel como agentes de modernización y presión contra las dictaduras. Partiendo de ese enfoque general, este paper pretende contribuir a un mejor conocimiento de las transiciones sindicales de Portugal y España, a través de la interacción de los sindicatos portugueses y españoles, contrarios a las respectivas dictaduras, con sus homólogos de la CIOSL, sin olvidar lo sucedido en el escenario tripartito de la Organización Internacional del Trabajo (OIT). Algunas de las cuestiones / hipótesis de partida son: ¿Qué influencia podían tener estos organismos internacionales sobre unas dictaduras ibéricas que no reconocían la legalidad de los sindicatos libres? ¿Cuál fue el papel de los agregados laborales salazaristas y franquistas en dichos internacionales? ¿Establecieron algunas sinergias para frenar

de maneira conjunta las acciones de los sindicatos democráticos representados en la CIOSL? ¿Y cuál fue la relación de las partes implicadas con la poderosa central estadounidense, AFL-CIO? Por último, los representantes del Departamento de Estado en Lisboa y Madrid ¿acudieron a la AFL-CIO para la consecución de sus objetivos? ¿hubo una relación armónica entre las partes? Para responder a tales preguntas se cruzará información de archivos procedente de Portugal, España y Estados Unidos, al tiempo que se cotejará con fuentes hemerográficas de aquellos años, y con los testimonios de algunos de los protagonistas. Clave, por ejemplo, fue Manuel Simón, representante de la CIOSL en Lisboa en aquel convulso íterin de acontecimientos históricos.

## **PAINEL: A Construção do Conhecimento em Fluxos Multidirecionais: Universidade, Ativismos e Movimentos Sociais em Inter-relação**

Coordenação: Débora Dias (CHAM – Universidade NOVA de Lisboa), Henrique Chaves (GOVOPP-UA/CIES-IUL/CEM-USP), Bartira Silva Fortes (Södertörn University)

Este painel propõe discutir diferentes modos de construção do conhecimento a partir da colaboração entre a academia, os diversos tipos de ativismos e os movimentos sociais. Para isso, reúne reflexões originais e estudos de casos desenvolvidos em universidades do Brasil, de Portugal e da Suécia, levantando problemas, desafios e avanços nas áreas da Cultura, da História Pública e Contemporânea, das Artes, da Sociologia, da Antropologia, da Performance e das Ciências Ambientais. Nas propostas de comunicação do painel, são identificados fluxos multidirecionais de construção de saberes que ultrapassam o somatório das contribuições apresentadas pelos atores sociais e institucionais envolvidos, sem perder de vista as tensões, resistências e até contradições que os processos suscitam. Questões ligadas à decolonização das universidades e o ativismo indígena, os coletivos de cultura e a extensão universitária, a democracia no Brasil e os conceitos utilizados na luta social, são alguns dos tópicos reunidos. O que estas relações e experiências trazem de contribuição para a própria academia na sua constituição e reformulação? Bem como, no que fortalecem a ação de ativistas e movimentos sociais?

## **Indigenizando o Conhecimento rumo à Justiça Epistemológica e Socioambiental: a virada decolonial e o ativismo indígena no Brasil**

Bartira Silva Fortes (Södertörn University)

Este artigo visa analisar as discussões em curso no pensamento decolonial sobre o potencial da indigenização do conhecimento para a justiça epistemológica e socioambiental. Através de uma análise exploratória sobre as reflexões decoloniais e o ativismo pedagógico presentes na arte indígena contemporânea no Brasil, este artigo aborda a importância da descolonização a partir das práticas epistemológicas e estéticas de artistas-pensadores indígenas, como Ailton Krenak, Daiara Tukano, Denilson Baniwa, Jaider Esbell e Uýra. Ao analisar várias expressões indígenas de ativismo (arte + ativismo), este artigo reitera o papel da arte para além da estética – como um meio estratégico para práticas de resistência e uma ferramenta educacional que detém o potencial de descolonizar visões de mundo de sociedades marcadas por divisões que têm sido instrumentais para a contínua opressão de

séculos de colonização. Os significados e críticas apresentadas por meio do ativismo indígena contemporâneo se afirmam aqui como uma estratégia poderosa para resistir e reverter as opressões ontológicas, epistemológicas, estéticas e estruturais no seio de nossas sociedades. Considerando o contexto de urgência climática, este artigo argumenta que a busca por justiça socioambiental implica a busca por justiça epistemológica, esta última baseada numa mudança de paradigma que dá centralidade às visões de mundo indígenas. O objetivo é contribuir para os debates sobre alternativas epistemológicas decoloniais aos discursos dominantes sobre mudanças climáticas e os desafios para a aplicação dessas práticas considerando o contexto educacional brasileiro.

### **Os “cursos sobre o golpe de 2016 no Brasil” e as tensões do debate público com a universidade: reflexões sobre experiências intercontinentais**

Débora Dias (CHAM – Universidade NOVA de Lisboa)

No início de 2018, a Universidade de Brasília (UnB) ofereceu a disciplina optativa do “O golpe de 2016 e o futuro da democracia no Brasil”. O curso cumpriu formalmente os ritos institucionais, mas foi publicamente criticado pelo então Ministro da Educação, o que despertou reação no Brasil e em instituições estrangeiras à ameaça de censura e cerceamento da autonomia universitária durante o governo do presidente brasileiro Michel Temer. Os “cursos do golpe” como foram chamados na imprensa brasileira, foram realizados, com diferentes metodologias, objetivos e formatos, em mais de uma centena de universidades no Brasil e em universidades estrangeiras, com a característica de assumir o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff como um golpe de estado. Esta comunicação se propõe a refletir sobre a experiência de realização do curso livre O Brasil Contemporâneo e a Democracia: problemas políticos, jurídicos e culturais, realizado em 2018, na Universidade Nova de Lisboa (Portugal), em parceria com o Coletivo Andorinha – Frente Democrática Brasileira em Lisboa. As questões levantadas no processo de elaboração do curso, bem como a partir dos contatos com acadêmicos de diferentes áreas das ciências humanas e sociais e ativistas em Portugal, são apresentadas em diálogo com a referida disciplina realizada pela UNB e outras experiências em universidades no Brasil, México e Colômbia.

### **Mobilização cruzada de conhecimento e práticas entre academia e ativismo – o contributo do Coletivo Andorinha**

Henrique Chaves (GOVCOPP-UA/ CIES-IUL/ CEM-USP)

Em 2016, a presidenta Dilma Rousseff sofre um golpe e é destituída do seu cargo, momento desencadeador de desmonte de direitos e garantias no cenário político brasileiro, como também de ataque direto aos movimentos sociais e à academia brasileira. Esta agenda política teve forte contestação ao nível internacional, e especificamente em Lisboa (Portugal) contou com uma agenda constante de luta e solidariedade nas ruas, tendo como um dos principais protagonistas o Coletivo Andorinha (CA), movimento de brasileiros imigrantes e portugueses em Lisboa (Cardoso, 2020). O CA interveio também junto do contexto académico, onde realizou diversas iniciativas, como seminários, um curso livre sobre Brasil e democracia (2019),

uma aula pública com a arquiteta Ermínia Maricato (2019) e a publicação de um livro (Dias et al. 2020) com a contribuição de diversos académicos e ativistas brasileiros e portugueses que refletiram sobre a situação do Brasil naquela altura. O trabalho desenvolvido (2017-2021) revela a importância de trazer para o espaço académico as lutas dos nossos dias para demonstrar a não neutralidade deste espaço, e encará-lo como arena de disputas políticas e sociais. Partindo do envolvimento individual do autor no CA e em simultâneo do seu trabalho desenvolvido na academia, esta comunicação visa apresentar os fluxos (Freire-Medeiros e Lages, 2020) de conhecimentos e práticas para a execução destas atividades, através de uma perspetiva de investigação-ação (Tripp, 2005; Almeida, 2001), refletindo sobre o legado das atividades do CA no cruzamento entre a academia e o ativismo.

### **Projetos em paralelo: vulnerabilidades e princípios que aproximam a partir da perspetiva de género. Estudos de caso: projeto Mulheres em Construção!, Portugal e Arquitetura na Periferia, Brasil**

Gabriela Cavalcanti (DCSPT/ Universidade de Aveiro/Associação Mulheres na Arquitectura), Lia Antunes (CIEG/ISCSP-ULisboa/Darq-UC/Associação Mulheres na Arquitectura), Patrícia Robalo (FAUL/ Associação Mulheres na Arquitectura), Elena Parnisari (FAUP/Associação Mulheres na Arquitectura)

A falta de habitação condigna é um problema transversal às realidades de Brasil e Portugal. Também é uma questão de género. As mulheres, devido a sua condição social, responsáveis pelas tarefas domésticas e de cuidado, são as que mais sofrem com a precariedade habitacional. Este trabalho explora como dois projetos em contextos distintos, abordaram a problemática, a partir da perspetiva de género, integrando conhecimento académico e associativista. Promovido pela associação Mulheres na Arquitectura, através do programa Bairros Saudáveis, o projeto Mulheres em Construção! é realizado no bairro de Santiago, Aveiro, Portugal. Consiste em formação teórico-prática em construção civil para mulheres em situação de vulnerabilidade social, tendo como objetivo a emancipação para pequenas melhorias em suas próprias casas e saída profissional. Promovido pelo Instituto de Assessoria à Mulheres e Inovação, o projeto Arquitetura na Periferia surgiu do mestrado da arquiteta Carina Guedes, é localizado em Belo Horizonte, Brasil. Apresenta técnicas e práticas de construção e planeamento e disponibiliza um microfinanciamento para que mulheres realizem reformas nas suas próprias casas. A valorização da co-criação, a partir da ética do cuidado, transparência, escuta e diálogo, permite o encontro destas realidades. Ambas afirmam a importância da atuação em escala local, atendendo e conciliando as demandas das mulheres e demonstram potencial de contribuição para a construção de políticas públicas. A partir de análise descritiva-qualitativa, pretende-se traçar paralelos entre princípios norteadores, metodologias e resultados dos projetos, assim como discutir o potencial de transferência de conhecimento entre estas realidades sócio-económico-culturais aparentemente tão distintas.

# Quinta-feira, 7 de setembro de 2023

9h – 10h45

## **PAINEL: Cidades e formas de governar**

### **Neither Dead Nor Alive: Participatory Slum Governance As A Zombie Program**

Sven da Silva (Radboud University Nijmegen)

This article focuses on PREZEIS, an internationally acclaimed participatory slum governance program in Recife, Brazil. PREZEIS was implemented in 1987 and emerged out of a strong popular movement that resisted forced evictions of squatter settlements under the military regime (1964-1985). To date, however, none of its main objectives—upgrading slums and regularizing land rights—has been achieved, while its executive powers have been dismantled over the years. I argue that the institutionalization of the struggle of the popular movement gave birth to a “zombie program” that lives off the past and refuses to die. I advance the zombie metaphor through the Lacanian notion of “fetishistic disavowal”, of knowing PREZEIS is “dead”, but still believing it can be revived through ritualistic, fetishistic, activities. I conclude that rather than trying to revive zombie programs by repairing their original structures and infusing them with new energy from the outside, the challenge is to accept their death, to create space for the surge of something new.

### **Between Punishment, Protection and Redemption: Security Provision and Religion in the Suburbs of Rio de Janeiro**

Jolien van Veen (Utrecht University)

This contribution focusses on the politics of space, security provision, and religion in Rio de Janeiro. Urban geographers and anthropologists have highlighted the blurred boundaries between state and non-state security actors and their role in (re)producing socio-spatial inequalities. In Brazil in particular, alliances between drug gangs, paramilitary groups, and police officers, as well as churches and NGO's, complicate understandings of security provision as solely the responsibility of the state. Moreover, these alliances take shape in an urban environment characterized by large differences in wealth and infrastructure. While in news reports and upper-class neighborhoods of Rio the suburbs are broadly associated with “danger” and “chaos”, for residents who live in this vast and heterogeneous urban landscape security is a much more complex affair and is mediated through local networks of (fictive) kinship and religion. I build on examples from ethnographic fieldwork conducted over 10 months in a neighborhood in the North of Rio that has come to be known in media outlets as “the Israel Complex” to illustrate these complex negotiations over space and security. In particular, I show how the people involved in an Evangelical church and a centro espírita located within the Complex provided material, psychological and spiritual assistance to residents and promoted particular versions of peace and unity that sometimes (but not always) challenged the actors whom they considered responsible for feelings of unsafety.

## **Percursos da Casa Operária: Circulação de Ideias, Acordos e Tensões na Legislação de São Paulo sobre Habitação Popular (1892-1924)**

Philippe Arthur dos Reis (Universidade Estadual de Campinas)

A casa operária como espaço de morada dos setores mais pobres das cidades foi um fenômeno que ganhou destaque a partir da segunda metade do século XIX. Se percebe como a “questão da habitação” foi um problema partilhado por diversas cidades que transformavam suas economias, viam grandes massas migrantes ali se instalarem e existir um interesse nos processos de urbanização. As tentativas de minimizar a oferta de cortiços e a ampliação de outros espaços tidos como insalubres pelas equipes de inspeção serviam também como componente ideológico da disseminação liberal da casa mínima para aqueles que dispusessem de pequenas quantias de capital aliado à valorização do trabalho. Daí o fato de o conceito da casa operária não ser único da língua portuguesa, mas contar com equivalentes em outras línguas, como o espanhol (casa obrera), francês (maison ouvrière) e inglês (workhouse) (TOPALOV, 2010; BRESCIANI, 2014). Contudo, o repertório discursivo sobre a questão habitacional foi também alvo de intensas ambiguidades e tensões sociais, nas quais proprietários, construtores, inquilinos, operários, comerciantes, políticos e profissionais do poder público se enfrentaram e/ou se organizaram no processo de elaboração de leis que facilitassem o acesso à casa própria para pobres. É o que se observa no conjunto de leis de São Paulo, promulgadas entre os anos de 1892 e 1924, elaboradas em um contexto de acordos e tensões sociais, a exemplo de outras experiências legislativas. A primeira impressão ao lermos os artigos e propósitos das leis sobre o acesso à moradia popular é o de valorização no mercado imobiliário rentista, no qual os setores mais pobres seriam aqueles que financiariam a construção das cidades. No entanto, se percebe como esse conjunto de leis também foi resultado das articulações locais e transnacionais dos diferentes agentes sociais envolvidos, constituindo um repertório de circulação de ideias sobre a casa operária. Assim, nossa comunicação busca historicizar o conjunto de leis da cidade e Estado de São Paulo sobre a temática habitacional, partindo das referências de outras localidades que também contavam com subsídios legais para o acesso à casa própria aos grupos mais pobres.

## **PAINEL: Modernização e a Produção da Identidade Brasileira I**

### **Foundations, US Foreign Policy, and Anti-Racism in Brazil: Pushing Racial Democracy**

Elizabeth Cancelli (Universidade de São Paulo)

Our research analyzes the documentation and intellectual production on the racial question after the Second World War. We could not avoid relating, in a profound and somewhat surprising way, the role the social sciences, US foundations, and US foreign policy played in shaping an international anti-racism agenda. That is why we followed the path carved out by the social sciences in the postwar period, especially taking into account the significant changes in the field. It was essential to detect how liberal modernisation theories transformed contemporary intellectual culture and intertwined it with international engagement with public development policies. The US foundations Ford, Carnegie, and Rockefeller made enormous efforts in training new generations of intellectual workers, emphasising empirical work. Associated with their efforts was a fundamental international agency: UNESCO's Department of Social Sciences. After UNESCO's onslaught in a specific research program about the race problem, Brazil started its direct participation in the discussion of the racial question, as Myrdal's and his *The American Dilemma* treated the race problem: as a moral dilemma and highlighted the need to make efforts to integrate blacks in modern society. UNESCO's research in Brazil would come to be seen as the first major milestone for the universalisation of the anti-racist agenda. But this milestone did not come alone: through the effort of inserting black people into class society, the goal of the project was also to enable the modernisation of societies then called "traditional" and to change and modernise their cultural values, institutions, and economy. In relation to the role of the social sciences, it was believed that the discipline might be able to identify some essential points to promote necessary changes. After all, the race problem was also a main and neuralgic subject related to antisemitism and to the Nazi totalitarian danger.

### **Identificações Brasileiras Além-Fronteiras. Os Pensamentos de Darcy Ribeiro e Abdias do Nascimento numa Perspectiva Pós-Colonial**

Anne Burget (Johannes Gutenberg-Universität Mainz/Germersheim)

Já bem antes que os estudos pós-coloniais se estabelecessem definitivamente na Academia, havia no Brasil pensadores que colocavam reiteradamente questões cruciais sobre a auto-percepção brasileira: Que ordem social para um país marcado pelo colonialismo e pela escravatura? Como lidar com a História e os seus mitos transfigurantes da coexistência simbiótica das etnias nos trópicos? Que ligações a outros países, que conexões com ideias e organizações internacionais parecem fazer sentido? À primeira vista, as respostas a estas questões parecem divergir tanto quanto os estratos económicos e sociais da sociedade brasileira. Darcy Ribeiro vê acima de tudo uma afinidade com a totalidade dos países da América Latina e refere-se em particular ao facto de os povos indígenas serem um elemento comum a todos eles. Abdias do Nascimento está envolvido no movimento Pan-Africano, procurando pontos de ligação com países e culturas dos seus antepassados, bem como com

descendentes de povos africanos escravizados de outros países. O facto de ambos estarem a pensar sobre o mesmo país na mesma época é espantoso, tendo em conta as suas observações e reivindicações em partes contrárias. Contudo, a procura de um caminho comum no que respeita às relações globais dentro e fora do continente manifesta-se também por preocupações bastante semelhantes relativamente às relações a procurar com o - na altura ainda não assim chamado - Norte global. Assim, percebe-se que mesmo que as abordagens sejam muito diferentes, ambos se movem no mesmo terreno, explorando o que sustenta a coesão interna do país e o torna conectável com o exterior. Com uma distância de cerca de meio século e depois de inúmeros pensadores se terem referido aos textos deles e os terem desenvolvido ao longo do tempo, este artigo assume a tarefa de reanalisar a importância de dois grandes pensadores brasileiros. Dois pensadores cujas afirmações nem sempre foram compatíveis, mas em retrospectiva podem ser entendidas como duas posições neurálgicas para a auto-compreensão brasileira. Nesta reflexão, o aspeto fulcral é a questão da identificação brasileira para além das suas fronteiras nacionais. Cada uma das possíveis identificações toca em questões sensíveis no que diz respeito à difícil procura de auto-percepção pós-colonial.

### **História Conceitual como Crítica ao Eurocentrismo? América Latina na Concepção do Dicionário »Ästhetische Grundbegriffe«**

Lydia Schmuck (Leibniz-Zentrum für Literatur- und Kulturforschung)

O dicionário »Ästhetische Grundbegriffe«, publicado entre 2000 e 2005, é um dos mais importantes dicionários de conceitos-históricos de língua alemã. Spiritus Rector foi o romanista Karlheinz Barck. A obra visa uma nova forma de representação lexical do conhecimento, baseada numa abordagem transnacional e transdisciplinar. Como os materiais de arquivo da concepção ainda não estão acessíveis, estão praticamente inexplorados até hoje. Uma primeira análise dos materiais mostrou que, em contraste com a perspectiva europeia mencionada no prefácio, existem numerosas referências a conceitos não europeus, particularmente da América Latina. Além disso, teóricos latino-americanos (Luiz Costa Lima, Roberto Ventura, Carlos Rincón) participaram nos colóquios em Dubrovnik de 1981 a 1989, que foram fundamentais para a concepção do dicionário. O facto de os artigos sobre os termos que contribuíram para a exotização da América Latina terem sido escritos por Costa Lima (Mimesis/Nachahmung) e Rincón (Magisch/Magie, Naiv/Naivität, Exotisch/Exotismus) é indicativo de uma perspectiva crítica sobre o eurocentrismo. Além disso, os materiais conceptuais contêm numerosas reflexões sobre a »descolonização da mentes«. O objectivo da palestra é analisar os conceitos e autores latino-americanos nos materiais de arquivo a fim de responder à questão de até que ponto é implementada uma crítica ao eurocentrismo.

### **Presença do Compositor Brasileiro em Recitais de Piano na Cidade de São Paulo (1925-1965)**

Nina Rosa Fernandes (Universidade de São Paulo)

O tema deste trabalho tem como objetivo avaliar a efetividade de projeto nacional de Mário de Andrade, tomando a presença do compositor nacional no repertório de

piano tocado em recitais na cidade de São Paulo nos anos de 1925,1935,1945,1955 e 1965 como medida desta efetividade. Mário de Andrade é considerado um dos grandes artistas e intelectuais brasileiros. Em o “Ensaio sobre a música brasileira”, ele buscou direcionar o trabalho dos compositores visando pôr em prática um projeto de uma música erudita brasileira. Mario de Andrade criticava a decadência dos ideais modernistas, apontando o problema da adesão a um nacionalismo fácil, que dispensava uma investigação profunda das tradições brasileiras. A pesquisa foi feita por meio da análise dos programas dos recitais. A coleta de dados foi feita junto ao acervo dos jornais do Grupo Folha de São Paulo, utilizando-se como estratégia as palavras “piano e concerto”, investigando-se quais pianistas tocavam, o que tocavam e em que salas de concerto se apresentavam. Os programas dos recitais e concertos eram normalmente repetidos pelos jornais do Grupo e veiculados várias vezes antes dos espetáculos, portanto. As composições nacionais enquadravam-se majoritariamente em produções relacionadas ao movimento modernista. Procuramos demonstrar o sentido do nacional em música, a formação da ideia de brasilidade na música brasileira e as ideologias que dirigiram os processos composicionais no período. Apresentamos os dados colhidos na pesquisa, a partir dos quais apresentamos uma lista dos compositores brasileiros presentes nos repertórios dos recitais de piano na cidade de São Paulo de 1925 a 1965, revelando-se também os locais onde esses espetáculos se realizaram. Os dados sugerem um conjunto de lugares mais próximos ao centro da cidade, que vão se distanciando da região do Teatro Municipal, conforme os anos decorrem seguindo a dinâmica de crescimento da cidade. Foi constatado que a porcentagem de compositores brasileiros tocada nos recitais em São Paulo foi pequena em relação ao repertório de compositores estrangeiros e se manteve estável ao longo deste período de quarenta anos. Tudo indica que o gosto dominante que optava por ouvir as obras de Bach, Mozart, Beethoven, Wagner, Chopin e Verdi, perpetuando a tradição europeia.

## **PAINEL: Memória da ditadura e Bolsonarismo**

### **Memória dos Opressores em Sociedades em Contexto de Pós-conflito: Como as Disputas de Memória Conduziram à (re)Militarização da Política – o Caso Brasileiro**

Fernanda Abreu Silva (Geneva Graduate Institute - IHEID)

Transições de regimes autoritários para democráticos são carregadas de disputas de memória em que os vencidos e os vencedores permanecem em enfrentamento no campo simbólico. A instrumentalização política da memória se mostra um recurso presente nesses contextos. Isso ocorre tanto porque o passado pode ser usado para fins eleitorais - ao construir ou destruir imagens públicas - como para apoio ou rejeição de projetos políticos. Nos países latino-americanos que passaram por ditaduras militares, os embates de memória aparecem frequentemente nos discursos públicos, nas disputas políticas e no cotidiano polarizado da população. Argumentamos aqui que essas disputas mnemônicas propiciam uma justificativa para que grupos remanescentes ou herdeiros de regimes autoritários busquem retomar o protagonismo político em meio a governos democráticos. No caso brasileiro, acreditamos que o reposicionamento dos militares na política institucional

a partir de 2016 – culminando no governo militarizado do ex-capitão Jair Bolsonaro – teve raízes na reação ao processo de justiça de transição conduzido especialmente durante os governos do Partido dos Trabalhadores. Considerando esse cenário, o propósito deste artigo é apresentar a maneira como a memória dos militares a respeito da ditadura foi construída após a redemocratização. Buscamos analisar a batalhas de memórias no espaço público que envolveu a construção dessa imagem, além da sua mobilização como justificativa para a (re)militarização da política brasileira entre 2016 e 2020.

## **Negacionismo Histórico e Usos do Passado sob o Governo Bolsonaro**

Alexandre Avelar (Universidade Federal de Uberlândia)

O que tem sido chamado de bolsonarismo foi construído, ao longo da última década, ao menos, a partir da convergência de diversas forças conservadoras já presentes na sociedade brasileira. Desse modo, podemos aqui mencionar o belicismo como forma de resolução dos conflitos sociais, a religiosidade neopentecostal, a aversão a qualquer partido ou força de política de esquerda (identificados simploriamente ao comunismo e à corrupção), e uma ideologia empresarial associada ao empreendedorismo de si, que enfraquece os laços de solidariedade social e produz uma desconfiança cada vez maior em relação às políticas públicas. Esses aspectos, embora convergentes em sua dimensão conservadora, nem sempre coincidiram pacificamente na coalizão bolsonarista. Desde os seus primeiros momentos, o bolsonarismo se valeu de alguns discursos e práticas que pudessem atuar como elementos de constituição de coesão interna e de identidade. É nesse sentido, que podemos entender como os usos do passado e o negacionismo histórico se mesclaram no interior do discurso bolsonarista. Nessa apresentação, procurarei explorar como esses dois elementos foram mobilizados na leitura e reinterpretação de dois momentos da história brasileira especialmente caros aos bolsonaristas: o período imperial e a última ditadura militar (1964-1985). Ainda que se possa corretamente associar Bolsonaro e o seu governo ao crescimento vertiginoso do negacionismo histórico no Brasil nos últimos anos, é preciso apontar que essa negação de certos passados quase sempre era acompanhada pela mitificação nostálgica de determinados aspectos dessas experiências históricas. Aqueles dois momentos eram sintetizadores, para o bolsonarismo, de uma idealizada “ordem” que teria sido perdida devido a ação de grupos desagregadores da sociedade brasileira. Discutirei essas apropriações do passado, mediadas por formas específicas de negação e mitificação, usando como exemplos as falas e discursos de Bolsonaro sobre a ditadura militar (da qual ele sempre foi um notório defensor) e as comemorações patrocinadas pelo seu governo em torno do bicentenário da independência, ocorrido no ano de 2022.

## **A Participação do Governo Bolsonaro no Processo Legislativo Brasileiro 2019-2022\***

Charles Pessanha (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

O Poder Executivo incorporou na Constituição brasileira de 1988 grande parte das atribuições legislativas criadas durante o regime militar (1964-1985), como o inusitado poder de apresentar emendas à Constituição, o uso de legislação de emergência,

como medidas provisórias e legislação delegada. Além desses institutos, o Executivo manteve o poder de emitir ‘decretos e regulamentos para fiel execução das leis’, controlados pelo Congresso Nacional. O presente trabalho, fruto de uma pesquisa em andamento, pretende analisar a participação do governo Jair Bolsonaro nas emendas constitucionais propostas e aprovadas; no uso das medidas provisórias apresentadas, aprovadas, rejeitadas, caducadas e devolvidas; na taxa de sucesso das propostas de leis ordinárias apresentadas; e nos ‘decretos regulamentares’, com ênfase naqueles alusivos à regulamentação da legislação sobre ‘meio ambiente’, ‘porte e aquisição de armas’ e ‘suspensão de consultas’, previstas pela Lei de Acesso à Informação que, em alguns casos, sofreram sigilo de 100 anos.

## **PAINEL: Arte e Resistência I**

### **“Meu Útero é uma Bomba”: Breviário de uma Sangria Antropofágica Malencar(n)ada**

Isaac Gimenez (University of California)

Em “Sangria”, penúltimo texto incluído na obra homônima de Luiza Romão (DoBurro, 2017), a poeta avisa: “SEI SANGRAR POR MIM MESMA / meu útero é uma bomba / e não precisa de fósforo / para explodir” (s/n). Nesta afirmação, a ganhadora do Prêmio Jabuti 2022 apresenta-se como um corpo em expansão que, mesmo violentado, busca ser definido pela sua potência criativa. De acordo com Nina Rizzi, o caminho eleito foi o de ativar um processo de tecer contínuo (à moda das mulheres bordadeiras), entre os ciclos histórico-econômicos (borracha, café, ouro) e as fases biológicas do útero (ovulação, menstruação, concepção) em uma gestação impossível do “Brasil do futuro”. Tanto os 28 poemas numerados por dias quanto as fotografias que acompanham os textos respondem em forma de calendário à necessidade de recompor a imagem fragmentada e violentada da mulher. Em base aos princípios psicoterapêuticos do silêncio e da ruptura causada pelo trauma – “A COLONIZAÇÃO FOI UM ESTUPRO” –, propomos uma análise visual centrada no corpo feminino em diálogo com pioneiras da vídeo-arte e da performance. Uma vez superada a violência contida no nome e restituída a palavra, analisaremos a crítica corretiva que Luiza Romão faz do Pau Brasil oswaldiano.

### **O Estuprador És Tu! Corpos, Afetos e Internet no Feminismo Brasileiro Recente**

Cristina Wolff (Universidade Federal de Santa Catarina)

A performance “Un violador en tu camino”, inaugurada pelo coletivo Las Tesis de feministas chilenas em protestos contra a violência sexual em 2019, e imediatamente “copiada” por feministas de muitas partes do mundo marcou o ano de 2019. Através de redes e mídias sociais como instagram, facebook e youtube, a performance se reproduziu por vários lugares, entrelaçando corpos, símbolos e construindo afetos. No Brasil ela foi imediatamente traduzida, tanto em palavras como em sentidos, e realizada em várias cidades, em vários contextos, e retomada nos anos posteriores. A proposta desta comunicação é trabalhar sobre esses afetos, que foram de reconhecimento, de empatia e também de estranhamento e oposição, por diferentes sujeitos sociais. Para isso serão analisados vídeos e relatos produzidos

no Brasil nestas redes e mídias, a partir das performances em várias cidades, que aconteceram em 2019 e 2020, bem como comentários e reações a elas. Este trabalho está ligado ao projeto “A internet como campo de disputas pela igualdade de gênero” desenvolvido no Laboratório de Estudos de Gênero e História – LEGH-UFSC, com apoio da FAPESC.

### **Entre Protestos e Criações, da Resistência à Mudança. O Sul Global e a Arte Enquanto Retrato do (de)colonialismo**

Sofia Sousa (Universidade do Porto)

Para esta proposta partimos do pressuposto que as artes, nas suas mais diversas expressões, a inclusão e a resistência caminham lado a lado. Então, pegando nesta perspectiva, torna-se possível introduzir o conceito de ativismo que, em certa medida, pode ser entendido como um meio de enfrentamento, de resistência, e até de existência. Assim, para esta comunicação partimos da ideia de que a arte, em ativismo, tem um duplo papel de representação. Por um lado, assume-se como o veículo prático, estético e visual da resistência e, por outro lado, representa a subversão do status quo. Com efeito, em termos empíricos, iremo-nos debruçar sobre a obra e a ação-resistência de duas artistas do sul Global, nomeadamente Daniela Ortiz, do Peru, e Jota Mombaça, uma bicha brasileira. Com a análise de ambas as obras, pretendemos demonstrar de que modo a arte pintada, escrita, falada e performatizada, podem servir como meio de contestação e resignificação de problemáticas coloniais e decoloniais, mas também pode abordar e incidir sobre tópicos como a desigualdade de gênero e as sociedades patriarcais de outrora e da atualidade. Assim, metodologicamente, iremos aliar as arts-based research, à netnografia e às análises clássicas de conteúdo, neste último caso afetas às criações artísticas.

### **O Gesto Impotente: Masculinidade em Questão em Em Câmara Lenta (1977)**

Marina Adams (Brown University)

Talvez mais do que nunca, o debate sobre a propriedade da narrativa da ditadura militar e a construção de uma memória pública se faz presente na sociedade brasileira. Mesmo com a eleição recente de Luis Inácio da Silva, um resultado que foi configurado como uma vitória da democracia, vemos cada vez mais a pretensão de se negar a realidade do autoritarismo e reconstruir a narrativa histórica de forma nostálgica. Central à essa nostalgia se encontra a hipermasculinização das instituições. Se torna interessante, então, buscar a compreensão de que maneiras ideais de masculinidade são construídos, articulados e re-articulados não só pelo regime militar, mas também por segmentos da oposição que posteriormente vêm a definir a narrativa de sucesso político da esquerda. Através da análise do romance *Em Câmara Lenta* (1977) de Renato Tapajós, esse trabalho procura argumentar que a masculinidade opera não como um sistema colateral ou paralelo ao regime, mas como característica central à lógica repressiva, sistema esse que é emulado (e não desafiado) pelas guerrilhas. Em *Em Câmara Lenta*, o narrador se confronta fervorosamente sobre os motivos da derrota da luta armada, se referindo constantemente a um ‘gesto’, um movimento abstrato que serve de analogia à profunda inquietação do narrador com a sua existência e a

representação da possibilidade de uma conexão com o mundo ao seu redor. O gesto é ao mesmo tempo uma questão existencial e política, ambas determinadas pela masculinidade enquanto sistema político-social. A fusão do gesto enquanto questão existencial do narrador com a luta armada, questão invariavelmente política, nos aponta para uma tensão fundamental do romance que é a incapacidade do autor/narrador de acessar, de fato, a razão da derrota. É nessa tensão em que se percebe a operação da masculinidade, que atua não só como lógica hegemônica da dicotomia ditadura/guerrilha, mas também da própria crítica de Tapajós, criando definidos pontos de tensão irresolúveis no romance.

## **PAINEL: Teoria Literária**

### **Os mapas e as formas: conjecturas sobre Roberto Schwarz e Franco Moretti**

Rodrigo Ennes da Cunha (Universidade de Lisboa)

Na história da crítica literária brasileira, são raros os momentos em que um método é capaz de elucidar, ou mesmo revelar, questões que ultrapassam os limites de uma obra. Quando isso acontece, testemunha-se o fato de que o estudo da literatura pode ser também um meio de produção de conhecimento. O trabalho de Roberto Schwarz alcança esse patamar. Seu método permite que a análise de um objeto literário beneficie o modo de pensar outros campos do saber. A identificação de formas literárias por meio de uma leitura pautada na dialética entre centro e periferia, por exemplo, hoje pedra incontornável no meio do caminho de quem estuda Machado de Assis, auxilia também estudos de História, Sociologia, Filosofia. No contexto europeu, as propostas do italiano Franco Moretti estão entre as que também possibilitam interpretações transcendentais. O caráter experimental e abrangente de sua abordagem abre diálogo com outras disciplinas e é objeto de debate em áreas como Geografia, Estatística, Filosofia. Esta comunicação, que é parte de um trabalho em andamento sobre obras do Romance de 30 e do Neorealismo português, pretende argumentar a favor do uso conjunto dos métodos de análise formulados por Roberto Schwarz e Franco Moretti. Parte-se do pressuposto de que pensar, com o primeiro, o lugar das ideias e a natureza das formas pode ampliar e aprofundar o alcance das leituras do segundo. Acredita-se, ainda, que, dada a universalidade das propostas de ambos – no caso de Schwarz, capaz de articular Machado, Brecht, Fellini; no de Moretti, de abarcar a literatura mundial ou desenhar um atlas continental (e centenário) do romance –, o produto do pensamento dos dois críticos pode elucidar/revelar o que ainda está latente – não só na literatura brasileira.

### **Mia Couto e Guimarães Rosa: tradutores de mundos**

Maryllu de Oliveira Caixeta (Universidade Autônoma de Barcelona/Universidade de São Paulo)

Nessa comunicação, apresento resultados do estudo de pós-doutorado, que venho desenvolvendo com o apoio do CNPq, sobre a metáfora coutiana “tradução de mundos”. Mia Couto recorreu a essa metáfora, ao pronunciar-se sobre sua afinidade com Guimarães Rosa, e me parece que ela resume o sentido político da afinidade

entre os dois escritores. Mia Couto refere-se a uma espécie de ficção de oralidade que o escritor inventa a partir de registros letrados da oralidade (literários, não-literários, etnográficos), conforme alguns de seus críticos têm destacado (veja-se a tese *O inconsciente teórico*, de Anita Moraes). A meu ver, Mia Couto replica um gesto político já identificado no ensaio “Forma, indeterminação e funcionalidade das imagens de Guimarães Rosa”. Nele, Hansen afirma que o escritor mineiro indetermina traços românticos e evolucionistas recorrentes em representações letradas das falas populares do sertão. Particularmente, abordarei o modo como Mia Couto expressa essa declarada vontade de traduzir mundos, em seu prefácio para a antologia de contos do jovem Rosa, *Antes das Primeiras estórias*. O título desse prefácio (“um caminho feito para não haver chão”) já define aquilo que proponho explorar como o sentido político da tradução de mundos: o efeito de indeterminação de caminhos e tempos, que articula mundos muito diferentes, e recusa o ocultamento de um outro cultural tratado em representações letradas evolucionistas como coisa determinada: o sertão identificado a um passado morto após o processo de modernização, no caso brasileiro; e culturas tradicionais destinadas à extinção, no caso moçambicano.

### Nacional por tradução

Nabil Araujo de Souza (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Num ensaio hoje clássico, Roberto Schwarz (1986), partindo da “experiência do caráter postiço, inautêntico, imitado da vida cultural que levamos” (brasileiros e latino-americanos) – experiência sintetizada na fórmula das “ideias fora do lugar” –, demarcou-se tanto dos “nacionalismos de esquerda e direita” e sua “busca de um fundo nacional genuíno [...] através da eliminação do que não é nativo” (o “nacional por subtração”), quanto de “certa filosofia francesa recente” na esteira da qual críticos como Silviano Santiago e Haroldo de Campos buscaram inverter o lugar-comum segundo o qual “a cópia é secundária em relação ao original, oferecendo “uma interpretação triunfalista do nosso atraso” análoga à intentada pelo programa antropofágico na década de 1920: “[d]e atrasados passaríamos a adiantados, de desvio a paradigma, de inferiores a superiores”. Três décadas mais tarde, João Adolfo Hansen (2016), assumindo uma “perspectiva internacionalista” que descarta a um só tempo o problema das “ideias fora do lugar” bem como a resposta nacionalista ao mesmo, irá defender, com base em Abel Barros Baptista, a “ideia da literatura como hospitalidade incondicional e tradução”. Nesse movimento, Hansen endossa inadvertidamente a concepção universalista de *Weltliteratur* postulada no século XIX por Goethe – a qual “se referia ao que é genericamente humano e comum a todos os homens” –, ignorando as profundas desigualdades reconhecidas por Franco Moretti (2001) no “sistema-mundo literário”. O problema reside na falsa equivalência então sugerida por Hansen entre “hospitalidade condicional” e “tradução”: voltando às proposições de Baptista (2005; 2014), mostraremos que a tradução se impõe, na verdade, justamente porque a hospitalidade incondicional no que se refere à literatura não passa de uma “utopia”, e que a heterogeneidade linguística que reclama a tradução como performance constitutiva do idioma é justamente o que permite que se recoloca em nova chave o problema do nacional(ismo) no campo estético-literário: nacional por tradução.

## **A crítica necessária de Gerd Bornheim: a escultura/poesia em Bez Batti e a categoria sujeito/objeto em José Carlos Moura**

Thayna Targa (Universidade NOVA de Lisboa) e Thays Alves (Universidade Federal do Espírito Santo)

Gerd Bornheim (1929-2002) foi um filósofo brasileiro com intensa atuação iniciada a partir dos anos 60. Seus trabalhos sobre a filosofia moderna e contemporânea foram relevantes no circuito intelectual brasileiro e seus estudos sobre de Jean-Paul Sartre e Martin Heidegger são destacados. Em 1969, quando era professor de filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi perseguido pela ditadura militar brasileira, neste momento deixou o país para morar na França. Retornou ao Brasil somente em 1976, onde retornou às atividades como professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mesmo que tenha dedicado grande parte de sua vida ao estudo da filosofia, sua produção contemplou as diversas linguagens artísticas, revelando-se, então, um admirador em sua totalidade das ordens plásticas. A importância da crítica de arte em sua obra torna-se indiscutível, uma vez que parecia ter estabelecido a missão de descobrir as possibilidades de apreciação e de interpretação de um objeto artístico. Dessa forma, mais do que um exercício crítico, os escritos do filósofo manifestam o entrelaçamento do ato de ver e da produção de conhecimento. Ainda é preciso ressaltar que refletir a respeito da crítica de arte em Bornheim torna-se uma tarefa complexa, porque encontra a necessidade da análise de seu pensamento — expresso em uma grande produção teórica e filosófica. Por essa razão, ao compreender a importância desse pensamento na trajetória do filósofo, destacamos em nossa proposta de comunicação os textos escritos por Gerd Bornheim sobre os artistas Bez Batti e João Carlos Moura, ambos brasileiros, com intuito de discorrer sobre a relação intrínseca entre a “categoria do objeto” e o artista, teoria sobressalente em muitas análises realizadas pelo autor.

## **A Revista Minerva Brasiliense e Seus Redatores**

Tânia Maria Bessone Cruz Ferreira (Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro)

A proposta desta comunicação é analisar o impacto da revista *Minerva Brasiliense* e a importância adquirida por seus redatores e publicistas. Em meados do século XIX, a criação de um periódico como foi o caso desta revista constituiu uma proposta alvissareira para uma geração de homens de letras, em sua maioria brasileiros, que podemos denominar redatores ou publicistas. A intenção explicitada por Francisco Salles Torres Homem, o primeiro redator, era que pudessem tratar de temas com superioridade de espírito, princípios e ideias próprias. Torres Homem, na primeira apresentação da revista, explicitou as intenções de inovar e alcançar um leitor que estivesse interessado em novos temas, fossem eles sobre poesia, ciências ou artes. Os redatores responsáveis desde o momento de sua criação se integraram por um certo número de ideais comuns, formação e conhecimento temático adquiridos que, ao mesmo tempo, os identificassem com questões a serem tratadas pela revista. Na década de quarenta do século XIX, passado anos implantação da imprensa no Brasil, já havia uma atmosfera adequada para o lançamento de um periódico que consolidasse novas perspectivas de uma geração, e ao mesmo tempo, buscasse divulgar de maneira ampla a literatura, as ciências, as artes e os conhecimentos recentes. A publicação foi idealizada com este escopo, pretendendo atingir um público amplo, que tivesse interesses semelhantes, a procura por novidades que a palavra escrita pudesse atingir. No momento de sua criação, a *Minerva Brasiliense* (1843-1845) tinha a cidade do Rio de Janeiro como centro e o Brasil como horizonte. Os redatores que o compunham não possuíam o status de editores, dentro da expressão moderna do termo, mas, apesar das restrições que enfrentariam, buscavam atingir um patamar relevante com um jornal inovador. Nele trabalharam para manter uma publicação que pudesse fazer ecoar ideias, ensinamentos e propostas a partir de seus textos. Nessa perspectiva, procuravam propalar conceitos que tinham amplos objetivos políticos, pedagógicos, literários, científicos e históricos.

## **PAINEL: Representações sociais no audiovisual**

### **A história e o futuro da modernidade e da democracia brasileiras: Brasília no cinema de Petra Costa e Maria Augusta Ramos**

Jack Draper (Universidade de Missouri)

Minha apresentação analisa dois filmes sobre a crise política dos últimos anos no Brasil, *O processo* (Maria Augusta Ramos, 2018) e *Democracia em vertigem* (Petra Costa, 2019), com o Distrito Federal de Brasília no centro do palco. Eu considero como as cineastas Petra Costa e Maria Augusta Ramos representam a cidade, seus espaços, e eventos e conflitos políticos recentes como um arquivo da história política e social do país. Costa aborda seu assunto com um estilo mais autobiográfico e ensaístico, enquanto Ramos utiliza um estilo documental mais formal, centrado nas instituições da cidade e nos espaços simbólicos de poder. Esses imaginários audiovisuais podem ser subdivididos em arquivos duros e moles que clarificam para a audiência vários aspectos do cenário e da sua relação com a memória e a história. O arquivo duro

consta do espaço construído, enquanto o arquivo mole consta do corpo e de suas memórias, ligados a vozes que testemunham a experiência e o trauma passados. Ambas as cineastas demonstram as consequências de um sistema político patriarcal e machista para a primeira mulher presidente do Brasil, Dilma Rousseff, e, sob diversos ângulos, uma crise de legitimidade da liderança que abre espaço para o ressurgimento dos espectros da ditadura militar de 1964-1985, e o perigo da repetição discursiva e física da violência sistêmica daqueles anos.

### **Representações Identitárias: TV Globo, Youtubers Brasileiros, Imagens de Controle e Lugar de Fala**

Regina Castro-McGowan (City University of New York/City College)

Por quase cinquenta anos o Grupo Globo de Telecomunicações serviu de voz hegemônica controlando as dimensões narrativas de áudio e vídeo dos fenômenos sociais que influenciavam as atitudes culturais, políticas e sociais da maioria das milhões de residências brasileiras que diariamente consumiam os seus produtos midiáticos. Dentre as divisões do Grupo Globo, nenhuma há sido mais influente do que o canal Globo de Televisão. Ultimamente, com o advento e popularização de formas alternativas e mais democráticas de mídia visual e discursiva (através de políticas de open access), tais como as oferecidas pela plataforma YouTube (onde o Brasil ocupa o segundo lugar em número de usuários), a audiência da TV Globo vem diminuído substancialmente. Meu trabalho discute como a TV Globo, ao longo de cinco décadas utilizou-se de um discurso hegemônico em suas telenovelas e seriados para perpetuar caracterizações de Afro-Brasileiros (particularmente mulheres), além de criar representações (ou subrepresentações) de identidades LGBTQ. Emprego o conceito de controlling images da Patricia Hill Collins e o conceito de lugar de fala proposto por Djamila Ribeiro para comparar a estrutura do discurso da TV Globo em contrapartida ao discurso de alguns dos mais atuais e seguidos canais de YouTube brasileiros de conteúdos Afro-cêntricos e Queer.

### **PAINEL: Experiência Migratória e Dinâmicas Urbanas: Atores, Agency, Visibilidade I**

Coordenação: Ester G. Martins (École des Hautes Études en Sciences Sociales)

Este painel temático busca reunir pesquisadores tratando da experiência urbana dos (i)migrantes, nos séculos XX e XXI. Apresentaremos – e confrontaremos –, assim, estudos de caso em que tais atores deixam suas marcas no espaço urbano. Trata-se, em primeiro lugar, de trazer à tona as formas de hospitalidade, os conflitos e as barreiras que se impõem e permeiam essa entrada de forasteiros nas cidades. E, em segundo lugar, de focar dinâmicas urbanas graças às quais, através das quais ou apesar das quais, segundo estratégias individuais e/ou coletivas, os (i)migrantes inserem-se no tecido urbano, agindo sobre ele, transformando-o e reagindo às normas que, em muitos casos, buscam circunscrever e regular sua presença, limitar sua visibilidade. O processo é duplo: parte das formas tomadas pela vida urbana e, também, do agir dos (i)migrantes que, enquanto atores sociais ativos, intervêm, reagem, ocupam o espaço das cidades e fazem-se mais ou menos visíveis segundo os contextos, as conjunturas, as sobre-determinações históricas mais ou menos

favoráveis.

## **Mulheres imigrantes no trabalho doméstico em São Paulo: trajetórias e arranjos**

Ester G. Martins (EHESS/USP)

Esta comunicação busca articular os temas das migrações internacionais de mulheres e do trabalho doméstico remunerado. Especificamente, nossa atenção se volta às trajetórias de imigrantes trabalhadoras domésticas na cidade de São Paulo – de nacionalidade filipina e de nacionalidade boliviana. Partimos do pressuposto de que cada imigrante é um sujeito coletivo, representante (também) de grupos sociais, razão pela qual suas trajetórias são ilustrativas da diversidade de arranjos familiares, migratórios e laborais que podem existir. Além disso, buscamos ressaltar fatores macroestruturais contextuais da origem, bem como suas próprias percepções sobre as oportunidades que possuem e suas aspirações. Para a realização desta pesquisa, foi feita revisão bibliográfica e documental de dados secundários, além de entrevista semiestruturada com as interlocutoras. Objetivamos, assim, salientar a multiplicidade de experiências e subjetividades, as transformações em curso quanto aos sujeitos envolvidos no trabalho doméstico e na imigração no Brasil.

## **De praça em praça: homens brasileiros e trabalho sexual na Europa**

Guilherme Passamani (NENP-UFMS/CRIA-ISCTE)

Esta comunicação analisa as perambulações de homens brasileiros envolvidos com o trabalho sexual em diferentes países europeus. Em comum, todos eles estiveram ou ainda estão em Portugal. Atento às questões que envolvem a concretização das mobilidades transnacionais, a dimensão de realização de sonhos, a conquista de uma vida melhor, além de “tornar-se outro” no Brasil a partir de uma “europeidade” incorporada. Para tanto, gênero, sexualidade, classe, cor/raça e nacionalidade são as categorias de articulação mais presentes para entender os sujeitos da pesquisa, bem como seus contextos de atuação.

## **Uma questão de inteligibilidade: apropriações não heteronormativas dos espaços urbanos**

Julietta Vartabedian (Universidad Complutense de Madrid)

Através da interseção do gênero, com a sexualidade, a classe social e a transfobia, nesta apresentação vou examinar como as travestis brasileiras trabalhadoras do sexo vivem as cidades nos seus deslocamentos (trans)nacionais e as suas maneiras de se tornar sujeitos inteligíveis enquanto devem enfrentar quotidianamente o fato de sentir-se fora “fora do lugar” na maioria dos espaços rigidamente heteronormativos da nossa sociedade.

## **Empreendedorismo étnico e infraestrutura de mobilidade: mobilidades de parto de mulheres russas em uma capital brasileira**

Svetlana Ruseishvili (UFSCar)

A presente pesquisa tem por objetivo investigar o papel do empreendedorismo étnico enquanto efeito e suporte de mobilidade de parto de mulheres russas para o Brasil. Desde 2016, o fluxo de casais russos que vêm ao Brasil para parir seus filhos e adquirir a nacionalidade brasileira tem ganhado visibilidade no espaço urbano. Essa mobilidade se apoia tanto nas atividades de “corretores” étnicos que prestam serviços de tradução e acompanhamento de parto, quanto na infraestrutura hospitalar municipal (pública e privada) bem desenvolvida. O paper apresenta resultados de pesquisa de campo realizada em uma capital brasileira em outubro de 2022 e visa contribuir com o debate sobre o suporte material (serviços e infraestrutura urbana) para os fluxos complexos de mobilidade internacional.

## **Rua Cincinato Braga, 212 ou 345: gênero, família e etnografia na São Paulo dos anos 1930**

Fernanda Azeredo de Moraes (EHESS)

A família Lévi-Strauss - composta pelo jovem casal de pesquisadores Dina e Claude, e pelos pais do segundo - se instalou na região da Bela Vista, em São Paulo, em 1935. As fotos, documentos e testemunhos relativos a esse lar francês em São Paulo serão o ponto de partida para refletir sobre as condições de acolhimento de homens e mulheres estrangeiros nas instituições de pesquisa da metrópole em construção. Se os relatos de Claude Lévi-Strauss sobre a cidade de São Paulo são amplamente conhecidos, os documentos inéditos relativos à perspectiva de Dina Dreyfus Lévi-Strauss revelam um outro olhar sobre a cidade, uma São Paulo feita de nomes parisienses, de cores surpreendentes e de novas oportunidades, que colocam em questão os modelos de família e ciência trazidos de navio.

## **PAINEL: Povos Originários na Cena da Produção Literária do Brasil do Século XXI: Autoria e Representações**

Coordenação: Rita Olivieri-Godet (Université Rennes 2/IUF) e Rubelise da Cunha (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Neste quase final do primeiro quarto do século XXI, a presença impactante da questão indígena no cenário brasileiro contrasta com o silêncio que durante séculos condenou os povos originários à invisibilidade. Vale ressaltar que, desde a década de 1990, a literatura indígena, escrita em português, vem contribuindo para deslocar o imaginário brasileiro sobre esses povos e suas culturas, abrindo caminho para divulgar textualidades ameríndias que operam a tensão entre ancestralidade e contemporaneidade. Essa produção convive com as múltiplas representações literárias da alteridade ameríndia em obras de autores brasileiros contemporâneos que não reivindicam um pertencimento étnico. Com o objetivo de colocar em perspectiva o imaginário literário que circula sobre os povos indígenas no Brasil, no primeiro quarto do século, o painel interrogará as singularidades e confluências entre obras de autores indígenas e não indígenas, publicadas a partir de 2000, no que diz

respeito a temas fundamentais entre os quais se destacam: o processo de reelaboração histórica e de construção simbólica do espaço; a transmissão da memória familiar e ancestral e a atualização dos saberes autóctones; as relações entre história familiar e coletiva; a denúncia das formas seculares da violência contra os povos indígenas; a releitura dos mitos indígenas; as modalidades de construção da figura do indígena e suas relações com os discursos e o meio social no qual está inserido; o caráter terapêutico da experiência da escrita; a tensão entre a construção de identidades monolíticas e a mise en scène de um entre-lugar simbólico na contemporaneidade pluricultural. Dar-se-á igualmente destaque à análise de estratégias discursivas de textos que desconstruem o discurso hegemônico - marcado pela herança colonial -, para propor a abertura a novas epistemologias, imaginar outras formas de viver a complexificação das identidades, apostando na relação e na construção de um futuro comum.

### **Sonho, transe e migrações na arte e literatura indígena**

Carola Saavedra (Universität zu Köln)

Nas culturas ocidentalizadas os estados alterados de consciência costumam ser vistos como estados de desrazão, ou seja, momentos em que nossa capacidade de pensar e compreender o mundo estaria em suspenso, inacessível. Já para os povos originários, trata-se, justamente do contrário, sonhos, transe e mirações seriam as formas mais aptas de acesso ao saber. Pois o mundo espiritual não estaria separado do mundo “real”, e inclusive, alguns saberes só seriam acessíveis ali, onde é possível conversar com espíritos, seres e entidades da floresta assim como com os próprios antepassados. Para compreender essa lógica não-binária, será abordada a arte e literatura que surge a partir daí, tendo como exemplo obras de artistas como Daiara Tukano, Jaider Esbell e o movimento dos artistas Huni Kuin.

### **Sandra Godinho: uma trilogia para contar os massacres indígenas**

Eurídice Figueiredo (UFF/CNPq)

Como afirmava em *A literatura como arquivo da ditadura brasileira* (FIGUEIREDO, 2017), a literatura funciona como arquivo porque põe à disposição do público livros que ficcionalizam os grandes traumas de maneira a provocar empatia com os personagens que encenam situações próximas daquilo que existiu na realidade. Embora haja estudos sobre o genocídio indígena, ele é pouco tematizado pela literatura. Com a recente crise humanitária com os Yanomâmi, torna-se cada vez mais relevante pesquisar o assunto. Sandra Godinho começou a construir seu projeto de recontar massacres de populações indígenas com o romance *Tocaia do Norte*, que focaliza a expedição do padre Calleri ao território Waimiri-Atroari, em 1968, no momento em que os militares queriam ocupar a Amazônia, considerada uma terra sem homens. Para isso, era preciso construir estradas para “desenvolver” a região como a rodovia BR-174, que atravessa o território Waimiri-Atroari, ligando Manaus a Boa Vista e à Venezuela, iniciada nos anos 1967-68. A expedição do padre italiano Calleri foi massacrada e, em seguida, houve o massacre dos indígenas. A autora continuou com *A secura dos ossos* (no prelo) no qual aborda o massacre Haximu, em 1987, consequência do conflito entre os garimpeiros e os Yanomâmi. Para poder

usar a mitologia yanomâmi, ela recorreu ao realismo mágico. Em Paralelo de sangue (ainda em fase de elaboração), a autora aborda o massacre do Paralelo 11, dos Cinta-Larga, em 1963.

## **Palavras pintadas, escritas faladas: reinvenção de formas e ocupação de espaços na escritura indígena contemporânea**

Lúcia Sá (University of Manchester)

O Brasil atravessa um momento único em sua história: pela primeira vez, a presidência da FUNAI está a cargo uma pessoa indígena (ou, o que é mais importante, de uma mulher indígena), e o atual governo instituiu um Ministério dos Povos Indígenas, também liderado por uma mulher indígena. Essa virada histórica não teria sido possível sem o protagonismo dos próprios indígenas, que desde a Assembleia Nacional Constituinte, na década de 1980, vêm ocupando espaços na cena política e cultural brasileira, narrando sua própria história e desafiando paradigmas em várias áreas do conhecimento, das artes, e da educação. Nesta apresentação, irei examinar o papel da literatura/escritura indígena nesse processo de mudanças políticas e culturais, concentrando-me especificamente em textos que atravessam diferentes gêneros e/ou mídias, como alguns escritos de Julie Dorrico, Daiara Tukano, Denilson Baniwa, Jaider Esbell, Olinda Yawar, Juliana Alves Xukuru, e Ziel Karapotó

## **A dimensão relacional do imaginário literário em obras de autores indígenas e não-indígenas**

Rita Olivieri-Godet (Université Rennes 2/IUF)

A comunicação pretende propor uma reflexão em torno do imaginário da dimensão relacional em obras de autores indígenas e não-indígenas produzidas no Brasil. Discutirei essa questão, partindo da leitura crítica de textos de Sony Ferseck, Eliane Potiguara, Carola Saavedra e Maria José Silveira, examinando, entre outros aspectos : a recorrência ao arquétipo feminino, levando em consideração a inscrição do corpo no espaço e a dimensão política e regeneradora do simbolismo erótico que reaviva a ideia ameríndia da criação e da conexão com as forças do universo e alimenta o caráter cosmológico e mítico das obras; as mobilidades espaciais, memoriais e culturais relacionadas à figuração de um espaço em devir – espaço de convivência, trocas, tensões e conflitos; a reatualização de experiências herdadas da matéria indígena ancestral e sua inserção no conjunto de formas artísticas da contemporaneidade imediata. O pensamento glissantiano rizomático da errância e da Relação subsidiará a leitura crítica de textos que flagram a experiência histórica, dramática e transformadora das culturas em contato nas Américas, inaugurando um movimento de decolonização epistêmico e investindo no imaginário de um mundo comum. Pensar a Relação no sistema mundo atual pressupõe a consciência da violência da colonização, do processo de escravização e do massacre dos povos originários do continente americano. A possibilidade do imaginário do abismo (Glissant) como projeção não escamoteia o movimento da violência parindo a história, pelo contrário, o processo de crioulização integra a violência : o Caos abre-se para a Relação.

## **Para além do nacional: a literatura indígena e a retomada de Makunaima**

Rubelise da Cunha (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

A literatura indígena no Brasil, consolidada a partir do Movimento Indígena Brasileiro iniciado nos anos 1970, insere-se num espaço de debate e disputa de saberes, no qual concepções eurocêntricas que estabelecem fronteiras entre oralidade e escrita; sagrado e secular; autoria individual e coletiva; local e nacional são desafiadas a partir das epistemologias dos povos originários, apontando para a necessidade de revisão de paradigmas para os estudos literários. Neste trabalho, proponho uma leitura de duas obras literárias de 2019: *Eu sou Macuxi* e outras histórias, da escritora Macuxi Julie Dorrico, e *Makunaimã: o mito através do tempo*, obra de gênero artístico híbrido e autoria múltipla, com o intuito de verificar como elas interceptam e desconstruem o imaginário sobre a figura mítica de Makunaimã/Makunaima construído na literatura modernista brasileira através do personagem Macunaima de Mário de Andrade, em *Macunaima: o herói sem nenhum caráter* (1928). Ao reivindicar as histórias míticas de Makunaimã como patrimônio de povos amazônicos, as vozes indígenas nas obras literárias analisadas deslocam o eixo tempo-espaço e retomam o mito através de sua conexão com a ancestralidade dos povos Pemon, Taurepang, Wapichana e Macuxi, desvinculando a figura mítica do discurso de brasilidade que a disseminou na literatura modernista. Além disso, ao vinculá-la aos saberes das mitologias ameríndias, nas quais, de acordo com Tomson Highway (2003), “são narradas as histórias dos movimentos espirituais dos povos através dos territórios”, as duas obras da literatura indígena evocam a transnacionalidade de Makunaimã/Makunaima, contribuindo para uma revisão da história literária no Brasil e nas Américas.

## **PAINEL: Dinâmicas de mobilização política, populismo e redes sociais**

### **Deus no Céu e Lula na Terra: Populismo, Religião e Voto no Nordeste Brasileiro**

Luminita-Anda Mandache (Universidade de Salzburgo)

Para explicar por que o Nordeste brasileiro tem votado constantemente nos últimos 20 anos para o presidente Lula nas eleições nacionais, muitos cientistas políticos analisam o impacto das transferência de renda no comportamento eleitoral. Apoiadores de Bolsonaro usam velhos estereótipos e discurso de ódio para argumentar que a falta de educação e a pobreza determinaram que os nordestinos fossem leais a Lula. Um terceiro grupo que opinou sobre os padrões regionais de votação no Brasil são os próprios nordestinos, que, em 2022, assumiram as redes sociais e a mídia convencional, às vezes representados por jornalistas ou cientistas políticos, para afirmar que salvaram a democracia brasileira. Baseando-me na literatura antropológica sobre o Nordeste brasileiro, sugiro que não são necessariamente as transferências de renda ou a pobreza que podem explicar a devoção do Nordeste a Lula. Uma razão para essa afeição seria a cultura política no Nordeste do Brasil, onde a religião, particularmente o catolicismo, nunca foi separado da política. Para alguns, Lula é um Pai e salvador ao mesmo tempo, no sentido cristão. Lula é para muitos um santo que ama os pobres; ele próprio era pobre e agora literalmente abraça a todos porque pode compreender o seu sofrimento. A popularidade de Lula nesta região

do Brasil mostra como a democracia liberal e os discursos baseados em direitos não são necessariamente opostos à religião e vice-versa. A base de minha análise consiste em materiais utilizados em campanhas eleitorais, oficiais e não oficiais (feitas pela base do PT e divulgadas nas redes sociais) e trabalho de campo etnográfico com ativistas progressistas na periferia de Fortaleza, Nordeste do Brasil, entre 2015 e 2022.

## **Populismo e Militância Digital em Grupos de Apoiantes de Jair Bolsonaro: Comunicação Política Mediada no Facebook**

Gleice Luz (ISCTE)

O avanço global da direita radical vem chamando a atenção diante da crescente polarização da sociedade, percebidos em discursos nas redes sociais contra minorias étnicas, discriminação racial e de gênero, na inobservância diante dos problemas ambientais, na refutação da ciência, bem como de posicionamentos políticos com tendências autoritárias. As narrativas populistas antipluralistas e anti-democráticos que circulam nas redes sociais, amplificadas pela interatividade e conectividade, tornaram-se um desafio imposto às instâncias normativas que evocam deveres e responsabilidades dos indivíduos e do Estado, focados na justiça social para garantir as democracias. Observamos que as redes sociais são utilizadas de forma intensa pelas lideranças populistas e contam com a adesão de utilizadores que se identificam com o conservadorismo. Esses atores sociais assumem o papel de mediadores, transmitindo mensagens das lideranças políticas, em alguns casos de forma orgânica, porém estrategicamente elaboradas. No Brasil, os impactos negativos da governação do Bolsonaro durante os quatro anos de seu mandato - crise econômica, sanitária, ambiental, insegurança alimentar, aumento do desemprego e da desigualdade social, crise das instituições democráticas - ensejaram o interesse desta investigação, que se voltou para a análise da comunicação política do movimento bolsonarista em grupos no Facebook durante o ano eleitoral de 2022. O engajamento dos atores sociais é aqui compreendido como militância digital. Partimos do pressuposto de que estes indivíduos têm um papel relevante na formação da opinião pública e a militância decorre de suas experiências pessoais e de grupo, cujas práticas comunicacionais são percebidas como participação cívica. Para compreender o comprometimento desses atores sociais com a divulgação das pautas da direita radical no Brasil, foram utilizados métodos qualitativos mistos. O levantamento dos dados partiu da etnografia digital e culminou no estudo de caso a ser apresentado. As análises foram elaboradas à luz da Análise Crítica do Discurso. As expectativas dos investigados diante de seu protagonismo no período eleitoral bem como as teias de significados que estão na base de suas construções identitárias são, ainda, relevantes nesta investigação.

## **Jair Bolsonaro no Twitter: o Ambiente Digital e o Populismo na Eleição Presidencial Brasileira de 2018**

Livino Pinheiro Neto (CIES-Iscte)

Esta comunicação apresenta os aspetos discutidos na primeira etapa da pesquisa em curso sobre a utilização do Twitter do ex-presidente Jair Bolsonaro e a relação do populismo com o ambiente digital. A comunicação inclui as principais etapas

procedimentais e conclusões de artigo acadêmico submetido para revisão por pares. Analisa-se o Twitter de Bolsonaro durante a eleição brasileira de 2018, compreendendo-o enquanto rede associativa que possibilita a constituição de comunidades políticas virtuais. Explora-se como as formações discursivas se relacionam com a ideologia, tendo em vista a proveniência dos conteúdos partilhados através de retweets, o discurso sobre a utilização da internet para efetivação da participação popular e da liberdade de expressão, bem como a interdiscursividade presente na utilização de emojis por Bolsonaro e ações teatralizadas executadas por seus seguidores. A base dados tem 796 publicações, extraídas da conta de Twitter @jairbolsonaro, contemplando a primeira e a segunda volta da eleição presidencial brasileira de 2018. A partir da análise de conteúdo (Bardin, 2016), considerando as categorias Atores compartilhados, Internet, liberdade e participação e Ação teatralizadas, desenvolveu-se uma análise do discurso tendo em vista a 'condição de produção', a 'formação ideológica' e 'formação discursiva' (Pêcheux, 2014) do texto publicado. Verificou-se a presença de uma cultura digital fundamental para a constituição de comunidades políticas digitais a partir da liderança populista, suportada pela centralidade dada aos medias digitais e manifestada através da condição de atomização, proveniente do hiperindividualismo e da hiper-representação, da sobrevalorização da liberdade de expressão e da presença da teatralização e da interdiscursividade.

### **Deus e Política: a religião em Ventura e Bolsonaro**

Gabriel Guimarães (ISCTE-CEI), José Pedro Zúquete (Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Lisboa) e David Pimenta (Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Lisboa)

O ano de 2019 revelou-se marcante na política dos países irmãos – Portugal e Brasil. Foi o ano em que André Ventura fundou o Chega e foi eleito deputado do parlamento português; e, foi o ano em que Jair Bolsonaro tomou posse como Presidente do Brasil. Ambos os líderes políticos têm sido alvo de extensa análise, enquanto figuras cimeiras do fenómeno da direita radical populista. Contudo, a compreensão dos dois casos, que tanto impactam a dinâmica política dos dois países, é ainda incipiente em relação à análise comparativa na dimensão da religião. Isto é, qual o verdadeiro significado do apelo religioso nesses fenómenos políticos? É válido lembrar que o Chega, assim como vários partidos de direita europeus - como por exemplo, a União Nacional francesa - se apresentam como defensores de um estado laico. Contudo os apelos à defesa da civilização cristã são, não raras vezes, comuns entre eles. Já na direita brasileira, a defesa de valores bíblicos e judaico cristãos não se desenvolve em conjunto com a defesa de um estado laico. Algo que a coloca, à primeira vista, mais próximo da direita cristã norte-americana. Neste sentido, a presente comunicação tem como objetivo principal apresentar os resultados da caracterização, problematização e comparação entre o posicionamento de ambos os políticos, bem como os conteúdos programáticos dos seus partidos, relativamente à religião. Considerando que, inúmeras vezes, ambos os fenómenos são qualificados de modo idêntico ou indistinto, esta comunicação pretende clarificar e concluir sobre as suas semelhanças e diferenças.

## **PAINEL: Letrados Brasileiros Olhando para o Mundo**

Coordenação: Anna Wolny (Universidade Jaguelônica)

O Brasil é visto, descrito, criado e refiltrado através do olhar dos europeus desde a alvorada da colonização. Por sua vez, a sociedade brasileira, na sua heterogeneidade, engloba, catalisa e reinterpreta outras culturas, recalçando estereótipos ou forjando novos mitos. Processos de colonização, deportação, imigração e emigração refletem o que Silviano Santiago define como “cosmopolitismo do pobre”, arte de observar culturas, absorvê-las e reinterpretá-las, em trânsito, erigindo as realidades latino-americanas como subversão, reavaliação, caricatura ou cópia de modelos oriundos de variegadas latitudes do globo. Culturas hegemônicas e periféricas cruzam-se e colidem, sendo influenciadas por cânones coloniais e imperialistas que interferem e inferem na representação do panorama social brasileiro. A presença deste olhar exterior, que muitos letrados interiorizam implicitamente ou explicitamente, acompanha basicamente toda a história do Brasil, desde os primeiros textos de informação (Caminha, Vespucci, Staden, Léry, Thévet) até aos nossos dias, ou seja, existe um grande arquivo discursivo que se constrói através da infundável pergunta: como é que o imaginário europeu e o sujeito ocidental interpretam o Brasil? No entanto, esse levantamento pode ser invertido e pode-se chegar a uma questão alternativa. Como é que os brasileiros interpretam outras culturas, nações e nacionalidades (europeias) que, ao longo dos séculos, entraram em contato com o Brasil? Como é que o Brasil retrata e projeta estes elementos representativos no seu imaginário? O que o Brasil aprendeu do mundo? Mas, sobretudo, o que o mundo pode aprender do Brasil? Nestas comunicações abordaremos empiricamente estas questões, observando artefactos ficcionais, ao lado de fenômenos históricos e vicissitudes microhistóricas, que reconstróem ou desconstróem a formação e a transformação da sociedade brasileira na sua incessante escuta de um constante e polifônico diálogo, tornando-se diapasão de vários outros modelos e projetos de mundo, convivendo, pacificamente ou não, com legados e vestígios vindos de variegadas latitudes do globo.

### **“Esses malditos polacos” – Leticia Wierzchowski na discussão sobre etnicidade polonesa**

Anna Wolny (Universidade Jaguelônica)

O título da minha apresentação refere-se abertamente a dois elementos culturais importantes para a criação identitária no estado brasileiro do Paraná: a obra, já consagrada, de Dalton Trevisan e um estereótipo étnico um tanto desconfortável. Espero que me sirva também para provocar para uma reflexão nova. Ao se falar sobre a população do Brasil e processos históricos que estiveram na sua formação, entram em uso termos como raça, etnicidade (ou etnia) e nação, todos conceitos resultantes de reflexões de cunho antropológico, sociológico e até político. Baseando-me no conceito de comunidades imaginadas de Anderson (2008) e adotando a definição construtivista, interpreto a identidade étnica polonesa como “continuamente negociada e renegociada no processo de integração.” (Budakowska 2014: 53) O propósito principal desta comunicação é apresentar de que maneira a prosa (com enfoque principal para os romances *Uma ponte para Terebin*, Os

Getka e Cristal polônês) de Letícia Wierzchowski, ela própria descendente dos chamados „poloneses”, se insere na discussão sobre a presença dos colonos da Polónia e certos estereótipos étnicos que a acompanharam. Primeiro, vão ser esboçadas as particularidades deste grupo e a sua vivência a partir do ano 1871, para assim fundamentar as reflexões de Wilson Martins (1955) e Octávio Ianni (1972), pesquisadores que mais impacto tiveram quanto à formação da identidade polonesa. Depois, com base nos romances supramencionados e referindo-se a entrevistas com a autora, falar-se-á sobre a oscilação entre literatura autoficcional e romance histórico. Manifestando o seu compromisso com o sentimento de pertença cultural na escrita, Wierzchowski refere-se – mais ou menos explicitamente – a conceituações e formulações discursivas anteriores à sua obra. O objetivo desta comunicação torna-se assim responder à seguinte pergunta: será esta intertextualidade propositada ou talvez não se possa mais levantar o tema dos poloneses no Brasil sem revisitar textos anteriores?

### **Bárbaros e selvagens – húngaros na literatura brasileira**

Bálint Urbán (Universidade Eötvös Loránd de Budapeste)

Nas últimas duas décadas têm surgido no horizonte da ficção brasileira contemporânea vários romances de temática húngara com protagonistas da Hungria, emigrantes, descendentes de húngaros ou personagens simplesmente seduzidas pela língua e pela cultura do país. Os exemplos mais notáveis, sem qualquer dúvida, são Budapeste (2003) de Chico Buarque, Os Húngares (2011) de Suzana Montoro e Írisz: as orquídeas (2015) da autoria de Noemi Jaffe. Partindo desta presença surpreendente de húngaros no romance brasileiro do novo milénio, a palestra remontará até ao paradigma do pré-modernismo para analisar as primeiras representações de pessoas de origem húngara na literatura brasileira. No romance Canaã (1902) de Graça Aranha encontram-se várias cenas em que húngaros se associam a ações profundamente violentas e agressivas. A palestra, portanto, procura entender numa perspetiva histórica e transcultural as razões deste discurso da crueldade ligado à comunidade húngara no romance pré-modernista, e visa formular algumas observações gerais sobre a representação de húngaros na literatura brasileira.

### **A Escrita de Herbert Daniel: Um Olhar Brasileiro sobre a Revolução Portuguesa de 1974**

Matteo Gigante (CLEPUL – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

Nesta comunicação tencionamos apresentar tópicos dos livros “Passagem para o próximo sonho” (1982) e “Meu corpo daria um romance” (1984), de Herbert Daniel, interpretados como ferramenta para uma reflexão sobre o seu exílio, a sua militância política e a sua postura ideológica. Durante a ditadura militar brasileira Daniel participou ativamente de grupos de resistência (urbana e rural), fugindo da repressão e exilando-se em Portugal e posteriormente na França. Entre outras questões, a sua “literatura pessoal” retratou elementos da sociedade portuguesa logo após a Revolução dos Cravos de 1974. Nesta altura, tendo trabalhado na redação da revista feminina lisboeta “Modas e bordados”, Daniel observou empiricamente as conturbadas vivências de homossexuais e de refugiados brasileiros em Portugal.

Além disso, através desta experiência o escritor conseguiu conciliar a sua sólida formação marxista com as reivindicações feministas e homossexuais, admitindo e explicando a falta de debate, acerca destas temáticas, nos movimentos de esquerda brasileiros, condenados à clandestinidade. Ao mesmo tempo, o autor refletiu tanto sobre a dificuldade de discutir estas instâncias numa organização clandestina quanto sobre a necessidade de atualizar a agenda política da esquerda num contexto de democratização. Assim, a partir de 1981, de volta ao Brasil, Daniel militou no recém-nascido Partido dos Trabalhadores, apoiando campanhas ecologistas e libertárias pelos direitos das chamadas “minorias” e lutando também pelas pessoas envolvidas com a tragédia da AIDS. Assim, enfatizando a sua interpretação da realidade portuguesa da altura destacamos alguns aspetos pioneiros do pensamento deste escritor ainda pouco reconhecido pela crítica literária brasileira.

## **PAINEL: Saúde e Multiculturalismo: A Experiência dos Imigrantes Brasileiros**

Coordenação: Juliana Iorio (Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa)

A existência de bens e serviços, como a saúde, e a possibilidade de lhes aceder constitui uma componente fundamental para a garantia do exercício da cidadania. É reconhecido que fatores monetários e não monetários, como tempo-distância, têm uma relação inversa com a utilização/procura de serviços de saúde, sendo este efeito negativo potenciado nos territórios empobrecidos (Vaz et al., 2014). Além do acesso à saúde ser considerado um fator imprescindível para a integração, é robusta a literatura que demonstra que uma vez no país de destino, as condições de saúde, incluindo os padrões de mortalidade dos imigrantes tendem a piorar com o tempo, pelas condições de vida e laborais [Wallace et al., 2019]. Contudo, apesar dos imigrantes serem frequentemente mais saudáveis e terem melhores condições físicas e financeiras do que seus pares (Anderson et al., 2004), fenómeno conhecido como Health Immigrant Effect (HIE), com o passar do tempo no destino, tendem a adotar práticas semelhantes à população nativa, nem sempre as mais saudáveis, especialmente na migração Sul-Norte (Hosper et al., 2007). Adicionalmente, não se tem observado uma utilização efetiva dos cuidados de saúde públicos, sobretudo pelos jovens imigrantes (Gaspar & Iorio, no prelo), tendendo os imigrantes a enfrentarem restrições no acesso aos cuidados de saúde (Dias et al., 2008; Fonseca et al., 2007). Os impactos da Covid-19 na saúde mental dos imigrantes, passaram também a ficar em evidência (Iorio et al., 2020). Neste quadro, este painel objetiva reunir comunicações que discorram sobre sociedades multiculturais que envolvam imigrantes brasileiros, fomentando o debate sobre (i) direito, acesso, barreiras e utilização dos serviços de saúde; (ii) condições de vida e trabalho no destino, com efeito sobre a saúde-doença; (iii) percepção dos profissionais de saúde acerca desses imigrantes e da multiculturalidade nos países de destino; e (iv) auto percepção da saúde dos imigrantes brasileiros.

## **Os estudantes brasileiros do ensino superior em Portugal e o direito à saúde durante a pandemia de Covid-19**

Juliana Iorio (IGOT-ULisboa)

Sabe-se que o número de estudantes internacionais vem crescendo no mundo. A aposta de muitos países para aumentar sua capacidade de competição tem sido feita, em grande medida, através da internacionalização das suas Instituições de Ensino Superior - IES(s) (GURUZ, 2011; SUTER E JANDL, 2008). Este processo tem contribuído para a promoção do multiculturalismo também no ambiente universitário, incluindo o português (ALVES, 2015; ALVES & IORIO, 2021; SILVA & MALHEIROS, 2021). Contudo, embora o multiculturalismo possa apontar para a ideia de “coesão na diversidade”, se não acompanhando por novas políticas e práticas institucionais pode contribuir para promover ou aprofundar desigualdades entre os diferentes grupos/culturas (Tiryakian, 2003). No que respeita o direito e acesso a saúde pelos diferentes grupos de estudantes internacionais no país de destino, argumentamos que o fomento a multiculturalidade pelas IES(s), sustentado como sinônimo de “positividade”, pode enevoar as desigualdades existentes entre os diferentes grupos. Neste contexto, esta comunicação pretende discorrer sobre como os estudantes internacionais no ensino superior em Portugal percebem o direito à saúde, com base nas suas experiências durante o período da pandemia da Covid-19. Adicionalmente, procurar-se-á perceber se o direito à saúde dos estudantes internacionais foi contemplado, considerando: (i) diferenças culturais; (ii) seus períodos de adaptação; e (iii) as mudanças à que estiveram sujeitos no contexto trazido pela pandemia. Metodologicamente, esta investigação é suportada por inquéritos (realizados entre abril e maio de 2020) e 22 entrevistas online, em profundidade, (realizadas entre setembro de 2020 e janeiro de 2021), a estudantes internacionais matriculados numa IES portuguesa.

## **Reflexões organizadas a partir do atendimento clínico do Centro de Etnopsicologia Clínica (CEC – APPsyCI – Ispa): particularidades dos migrantes brasileiros numa abordagem longitudinal**

Maria Emília Marques (Ispa – Instituto Universitário)

Desde 2014 que o CEC mantém uma atividade de investigação e de atendimento clínico regular e diversificado, com o predomínio de consultas transculturais. Os dados, as reflexões e a discussão que propomos apresentar são os da utilização dos cuidados de saúde mental de população migrante brasileira que decorre da implementação de programas FAMI (2014-2015 e 2020-2022), ARVoRE VI (2018) e ARVoRE VIII (2021 -2022) da OIM, bem como da investigação realizada em 2019 e 2021 a pedido da CML sobre o acesso à Educação e à Saúde na zona da Av. Almirante Reis, com forte implementação de população migrante multicultural. Da análise dos dados, tomados nesta perspetiva longitudinal, destacam-se profundas alterações e flutuações no perfil desta comunidade. Destacamos: (i) de pessoas sozinhas a famílias com menores a cargo, (II) de processos migratórios longos (acima de 5 anos) a processos curtos (3 a 5 meses), com pedidos de apoio ao retorno voluntário; (III) o nível da educação e formação que vão do pouco diferenciado ao bastante qualificado em diversos domínios. Há, todavia, uma característica que permanece constante, a saber, uma procura muito ativa, e partilhada dentro da comunidade, de todos os

serviços acessíveis e gratuitos em termos de saúde mental. Pode afirmar-se, sem margem de dúvida, que a população brasileira é a que mais procura respostas a este nível.

## **Trabalho Pago de imigrantes brasileiros em Portugal à luz da perspetiva de profissionais: impactos para a saúde**

Estefânia Gonçalves da Silva (Universidade da Maia – ISMAI/ISCSP-ULisboa)

A presente comunicação versa sobre o projeto Boomerang, financiado pelo Programa EEA Grants, promovido pelo ISCSP da Universidade de Lisboa e em parceria com organizações não governamentais e universidades. Este, inserido numa matriz interseccional, visa caracterizar as perceções de mulheres e homens imigrantes em Portugal sobre o impacto económico da partilha desigual do trabalho não pago e analisar os seus efeitos do ponto de vista da conciliação pessoal, familiar e profissional. A partir da realização de focus groups participaram, neste projeto, 39 profissionais, com idades compreendidas entre os 22 e os 80 anos, de estruturas de atendimento a pessoas imigrantes (CNAIM, Associações de imigrantes, Câmaras Municipais, ACM) localizadas a nível nacional. Os dados analisados segundo a metodologia de análise temática sugerem para discussão a existência de crenças conservadoras e tradicionais sobre o género nas relações de trabalho, a presença de situações de exploração e discriminação laboral, a dificuldade no reconhecimento das qualificações, as dificuldades em conciliar a vida profissional com a familiar com impacto negativo ao nível da saúde mental, daí que esta comunicação pode constituir-se como uma componente fundamental para o reforço das políticas públicas nacionais em matéria de migrações.

## **Precariedade Laboral e Saúde Mental: estudo exploratório sobre pessoas brasileiras investigadoras e Professoras em Universidades da Península Ibérica**

Katielle Silva (Universidade Federal de Roraima/CEG-IGOT-ULisboa)

O capitalismo tardio também alcançou a universidade e tem degradado as condições de trabalho de investigadores e professores. Contudo, o prestígio do trabalho intelectual tem sido mantido, ainda que apenas simbolicamente. Neste contexto, a extrema competência alcançada e exigida para se inserir plenamente como profissionais no sistema científico não é compensada face a precariedade de seus empregos: baixa remuneração, instabilidade, impossibilidade de conciliar trabalho com tarefas de cuidado, são alguns exemplos. Esta situação explica porque este grupo profissional tem sido um dos mais atingidos por problemas de saúde mental nos últimos anos, destacando-se pesquisas recentes no mundo anglo-saxão (Ivancheva et al., 2019; Manzi et al., 2019), ainda timidamente exploradas em outros contextos geográficos (Perpetua, 2022). É consensual que a saúde mental ultrapassa fatores de ordem biológica e genética, (Loureiro et al., 2015), exercendo a instituição trabalho/emprego um papel relevante para o processo saúde-doença-mental (Dejours, 2000). Este trabalho argumenta que a flexibilização do trabalho, leia-se precariedade laboral, que acometeu também com a universidade, repercute sobre a saúde mental das pessoas precariamente inseridas (Franco, Druck & Seligmann-Silva, 2010). Assim, objetivamos analisar em que medida a condição de precariedade

laboral experienciada por professores e investigadores brasileiros, em universidades portuguesas e espanholas, com bolsas e/ou contratos com prazo determinado, repercute na sua saúde mental e/ou bem-estar. Metodologicamente esta investigação é suportada pelo General Health Questionnaire (GHQ-12) (Goldberg, 1972, 1978), ferramenta validada para fins de estudos sobre saúde mental e condição laboral (Borges e Argolo, 2002; González-Romá & Espejo, 1993).

## **Quinta-feira, 7 de setembro de 2023**

11h15 – 13h

### **PAINEL: Urbanismos e territorialidades [ONLINE]**

#### **(Re)Montando o Mosaico Urbanizador Paulistano: Joaquim Eugênio de Lima e Suas Relações Transnacionais**

Fernando Atique (Universidade Federal de São Paulo) e Lucas Knabben (Universidade Federal de São Paulo)

A produção do espaço urbano da cidade de São Paulo é marcada, desde os Oitocentos, por dois fenômenos interligados: a decretação da Lei de Terras (n.601/1850), e a consequente atuação do capital privado. Esta ação, coadunada ao *laissez-faire*, imprimiu no solo paulistano marcas que não são difíceis de serem notadas, já que durante o processo de expansão vertiginoso que a cidade passou, loteamentos foram sendo abertos de forma legal, mas não submetidos a um plano de conjunto. Dentro desse contexto, a ação do que denominamos promotores urbanos foi preponderante para a cristalização do mercado imobiliário na cidade. Dentre esses agentes figura Joaquim Eugênio de Lima - JEL. Nascido no Uruguai, no ano de 1845, JEL irá fazer sua formação acadêmica em Agronomia em território germânico e retornará ao Brasil no último quarto do século XIX. No Brasil, JEL irá se envolver em diversos empreendimentos, como jornais, várias sociedades com empresários e explorará o mercado imobiliário, abrindo diversos loteamentos pela cidade. Dentre esses estão a abertura da Avenida Paulista e a construção do Viaduto do Chá. JEL se mostra articulado com uma busca por profissionais estrangeiros, notadamente europeus, como os franceses Jules Martin - com quem desenvolve o Viaduto do Chá - e Paul Villon - demandado por ele para o desenho do Parque Trianon, na Avenida Paulista. Por estas atividades urbanas, o jornal *L'Echo du Brésil* chamou-o de 'precursor do urbanismo no Brasil'. Assim, por meio de levantamentos a partir de periódicos e de documentação arquivística, pretendemos apresentar considerações históricas e historiográficas que ajudem a compreender as ligações transnacionais de JEL, e as razões para que ele se tornasse personagem eclipsado na historiografia. O intuito é ajudar a compreender o mosaico formador da paisagem urbana paulistana, elucidando as estratégias capitalistas que foram organizadas em São Paulo, ainda nos Oitocentos, e que legaram uma forma de cidade, que longe de ser desconexa, foi conectada a interesses exploratórios do solo e dos cidadãos da Urbis.

## **Passear, Deambular, Trabalhar e Vadiar: Mulheres e as Formas de Circulação pela Cidade de São Paulo no Início dos Anos 1940**

Maira Rosin (Universidade Federal de São Paulo)

Caminhar pela cidade faz parte das atividades mais corriqueiras a qualquer um que nela habite. É um traço essencial na vivência urbana, mas, no entanto, é uma prática que atravessa o corpo de cada um de uma forma distinta. Pensando nisso, esta comunicação se propõe a analisar a forma como as mulheres dos mais distintos estratos sociais passaram a circular pela cidade de São Paulo após as reformas do Perímetro de Irradiação do Plano de Avenidas, desenhado e executado pelo engenheiro Francisco Prestes Maia durante sua gestão na prefeitura de São Paulo (1938-1945). Para trabalhar a história da mulher e suas relações com a cidade ainda se faz necessária uma busca nas entrelinhas e nos baixios da história, trazendo à tona o que não se deseja ver, os desvios, os indesejáveis que a cidade desejava conter e combater e, logo, deles emergem essas mulheres que estiveram fora das expectativas do universo feminino e do interior do lar. O período abordado ainda conta com a ideia de uma busca de moralização do espaço apoiado pelas propostas urbanísticas de Prestes Maia em conjunto com o Departamento de Cultura da capital, que, de diversos modos, colocou a mulher em uma posição de subjugamento diante da própria cidade, impedindo a circulação de algumas e confinando outras em espaços de exclusão ditados, vigiados e controlados pela municipalidade. Através deste panorama, perceberemos que, em um mundo projetado por homens e cuja referência é o corpo masculino do homem vitruviano, as mulheres não só são invisibilizadas, mas também têm suas próprias existências privadas do tecido urbano, dificultadas e, em grande medida, impedidas mesmo de transitar de maneira livre por ele, muitas vezes pagando o preço de ousarem viver as ruas de qualquer maneira, seja como passante, seja como trajeto, seja como vivência. É importante salientar que o Plano de Avenidas é orquestrado em um pensamento rodoviarista, o que torna a cidade ainda mais hostil ao corpo feminino. A presente comunicação visa, portanto, explorar os efeitos da lógica moralizadora e da implementação do projeto do Perímetro de Irradiação do Plano de Avenidas de Prestes Maia sobre os corpos das mulheres e seu uso do espaço público no processo de modernização da cidade de São Paulo no início dos anos 1940.

### **PAINEL: Arte e Resistência II**

#### **“Reconhecer-se”: Aprendizado, Transformação e Cura no Bloco Afro Ilú Obá de Min**

Ingrid D’Esposito (Università degli Studi di Torino)

O Bloco Afro Ilú Obá de Min é um coletivo atuante no carnaval de rua de São Paulo, Brasil, cujo nome em ioruba significa “mãos femininas que tocam tambor para o rei Xangô”, segundo a livre tradução das fundadoras do grupo, atualmente formado por cerca de 450 mulheres, principalmente negras. Em particular, o bloco trabalha para a difusão e a preservação da “cultura negra” e das suas múltiplas manifestações e expressões; e para o fortalecimento e o empoderamento individual e coletivo das mulheres na sociedade brasileira, através das performances afrodescendentes que

se tornam um instrumento de identificação e de militância política antirracista, antissexista e contra todas as formas de discriminação. A principal atividade do Ilú Obá de Min, embora não seja a única, é a construção do cortejo de carnaval, um processo de criação longo de seis meses, ao longo dos quais as integrantes do bloco constroem coletivamente suas performances afrodiaspóricas, assim como espaços de pertencimento. No centro desse processo há os corpos, diversos e plurais, das mulheres do grupo, corpos que tocam, dançam e cantam e, desse modo, descontrolam discursos e representações normativas dominantes. Nessa perspectiva, o objetivo principal da construção processual do carnaval não é “somente” o cortejo em si, mas o próprio processo artístico-pedagógico que leva à sua realização. Pois, ao longo desse processo, as “práticas pedagógicas” do bloco promovem a produção, o compartilhamento e o aprendizado de saberes plurais e, simultaneamente, a ativação de processos coletivos e individuais de reconhecimento, transformação e cura para as mulheres do grupo.

## **A Diplomacia Musical e Ativista nas Comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil em Lisboa**

Andrew Snyder (UNL NOVA FCSH)

No dia 10 de setembro, 2022, o primeiro-ministro de Portugal, António Costa do Partido Socialista, realizou na sua residência em Lisboa uma celebração da música brasileira pelo Bicentenário da independência do Brasil. Os bicentenários no Brasil foram notadamente politizados pelo presidente Bolsonaro durante a campanha de reeleição que ele perderia no mês seguinte. Em contraste aos comícios de Bolsonaro, Costa realizou um programa de música com atos que eram notavelmente feministas, esquerdistas e explicitamente pró-Lula. Nesse evento diplomático, apresentações musicais – incluindo um bloco feminista, grupos femininos de samba e maracatu e uma “intérprete imigrante afro-transgênero” – criticaram Bolsonaro e apoiaram Lula. Costa, porém, em seus discursos no evento, apenas declarou apoio a Lula após o primeiro turno. A diplomacia musical muitas vezes “serve como um espaço neutro, um terreno comum e uma linguagem compartilhada” “fora da política” (Mahiet, Ferraguto e Ahrendt 2014:9) “por meios não verbais” (2 ) atrás da qual se faz a “política real”. Nesse caso, porém, foi pela música, mais do que pelo discurso político,

que uma visão mais explicitamente política e pró-Lula se impôs nas comemorações do Bicentenário. Mostrando como alguns dos atos do evento manifestaram sua política por meio de referências musicais e políticas, enfatizo as capacidades críticas da diplomacia musical.

### **Arranjos Transnacionais: raça e autenticidade em Pixinguinha e Louis Armstrong**

Rafael Cesar (Universidade de São Paulo) e Dmitri Cerboncini Fernandes (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Formas musicais originárias do encontro de tradições africanas e europeias, o choro brasileiro e o jazz estadunidense pouco foram aproximados pela literatura especializada nos últimos cinquenta anos. Seja do ponto de vista musicológico, atento às similaridades harmônico-rítmicas de ambos, seja do ponto de vista histórico, preocupado em identificar estilos híbridos e traçar genealogias, os esforços analíticos disponíveis costumam ter como caução certas noções relativas à autenticidade musical, critério cuja espessura socioantropológica é muitas vezes denegada em prol de asserções inatistas sobre o “bom” ou o “mau” gosto. Nesta comunicação, partimos da hipótese de que, no registro específico da música popular do continente americano, discursos sobre autenticidade e raça mantiveram relações semânticas e políticas de mão dupla, constituindo-se mutuamente. Recusando uma abordagem comparativa convencional, em que os fenômenos comparados são mantidos como discretos, nos interessa pensar a circulação e a materialização desses discursos a partir de duas personagens centrais às histórias do choro e do jazz: Pixinguinha (Alfredo da Rocha Vianna Jr, 1897-1973) e Louis Armstrong (1900-1971). Homens negros oriundos de cidades heterogêneas em termos etnicorraciais – Rio de Janeiro e Nova Orleans, respectivamente –, eles vivenciaram cada um a seu modo os constrangimentos do racismo e foram considerados “gênios” incontestes em suas artes. Com base na análise de dados biográficos e da crítica musical brasileira e estadunidense, nosso objetivo é compreender o processo de consagração desses artistas à luz da relação transnacional entre raça e autenticidade, desvelando as conexões entre a música popular e performatividades raciais.

### **Foi Você Quem Convidou, Letra e Música de Nei Lisboa**

Aparecida Cristina Moura (UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

“Foi você quem convidou” (3:57seg) abre Pandora, novo EP de Nei Lisboa, disponível em variadas plataformas digitais, pode ser acessado: <https://www.neilisboa.com.br/> Obra composta por cinco canções inéditas fortemente inspiradas pelo contexto social e político brasileiro recente. A atuação do artista gaúcho, por mais de quatro décadas, abrange 12 discos lançados, dois livros: uma coletânea de crônicas e um romance editado no Brasil e na França. Sua paixão pela música se inicia ainda na infância, com forte influência do irmão que sofreu as agruras da ditadura após o golpe de 1964 no Brasil. No final de 2021 lança Pandora com a primeira canção de título inusitado, “Foi você quem convidou”, parece sugerir uma resposta ou consideração à uma situação. O poema imputa culpa e responsabilidade ao anfitrião da festa. A sonoridade do poema/letra ganha outra dimensão com a música e a

contestação torna-se mais evidente com o ritmo do roqueiro. Vem o deboche com o coro no refrão, a crítica político-econômico-social, mais evidente a partir da segunda estrofe, tem cunho de denúncia antifascista, desabafo e lavação de alma. Ouvi-la provoca um sentimento que enseja a cantar junto. O texto é irônico, provocativo, descabido, irreal, descreve a festa grotesca mesclando sonho, ou melhor, pesadelo e realidade. O tom imagético e metafórico remete a castelo à beira mar, insanidade e superficialidade do pós-guerra, termos e expressões fortes, chocantes, situações não habituais evocadas e o êxtase sem nexos dos sanguessugas em ostentação suprema. Tudo para lançar dúvidas, questionar a razão (ou a falta dela).

## **PAINEL: Modernização e a produção da Identidade Brasileira II**

### **Pensar a Cidade: as Teorias Raciais na Compreensão dos Imigrantes em São Paulo (1910-1930)**

Renata Geraissati Castro de Almeida (Unicamp)

“A afinidade das raças é o mais poderoso elemento de assimilação” com essa frase o historiador português Joaquim Pedro de Oliveira Martins encetava, em *O Brasil e as Colônias Portuguezas* publicado em 1880, os contornos de um debate que durante anos figurou como uma questão central para o país. Apesar de sugerir que a “imigração é um bem”, alertava para que “a infusão de sangue estrangeiro” não fosse além “dos limites de quantidade que o fundo preexistente pode assimilar, e muito menos que traga elementos antipáticos ou heterogêneos”. Apreensivo com o futuro do Império, alertava, que assim seria formada “uma estalagem e nunca uma nação”. Martins salienta que diferentemente de uma possessão em que o lucro se configurava como o objetivo, em uma nação o principal propósito era a formação permanente do Estado. Era portanto fatal, e “dissolvente para a organização interna de uma nação o ingresso abrupto, a infusão de elementos que, além de excessivos para as forças de absorção do povo nacional” tendem a “ser por natureza rebeldes e até insusceptíveis de assimilação”. Construir uma “nação crescente” e promover seu “progresso” pressupunham a assimilação social do estrangeiro. Seus escritos evidenciam um discurso que vincula nacionalidade, imperialismo e capitalismo com questões raciais, popular em fins do século XIX e início do XX. Raça e etnia se tornaram objeto de estudo de interpretes da sociedade que ansiavam por compreender as implicações políticas e espaciais da entrada dos grupos de imigrantes no tecido urbano, tais estudos visavam conhecer detalhadamente o que ocorria nas cidades para assim conseguir reestabelecer “a ordem social”. A disseminação destes ideais fazia com que agentes do poder público acreditassem ser de sua incumbência selecionar quais seriam os “genes” a serem acolhidos pela sociedade e que trariam benefícios em sua formação. O uso da biologia serviria de subsídio para a “melhoria cultural” e para “o progresso” do país. Nesta comunicação pretendemos compreender como este grande influxo de estrangeiros foi entendido por alguns de seus contemporâneos.

## **A História de São Paulo como História do Brasil: a Constituição de um Saber Científico para a Retórica Bandeirante**

Karina Anhezini (Universidade Estadual Paulista – UNESP)

A presente comunicação visa investigar a história da constituição de um saber científico que para se estabelecer definiu como uma de suas regras a montagem de um arquivo para interditar a fantasia. Este saber será apresentado por meio da análise de um curso, o Curso de Bandeirologia, ministrado na cidade de São Paulo, Brasil, no ano de 1946. A emergência de um saber especializado chamado “bandeirologia” parece ser o sintoma de que em determinado momento a História de São Paulo, produzida desde fins do século XIX, ganhou poder de verdade científica constituindo uma história nacional que elege e recorta São Paulo e os acontecimentos relacionados às bandeiras e aos bandeirantes no período colonial como seus espaços e tempos originais. O Curso de Bandeirologia, afora as particularidades dos autores, reuniu a síntese da produção acerca do passado paulista das primeiras décadas republicanas e apresentou, após o fim da ditadura do Estado Novo (1937-1945), uma história com vistas a reavivar o lugar requerido pelo Estado de São Paulo como guia da Nação. O passado recalado retorna ao presente e, como lembra Certeau (2011: 71), “o morto assombra o vivo; ele re-morde (mordida secreta e repetida)”. Tomando este acontecimento, o curso e a posterior publicação das conferências ministradas, como ponto de observação, pretende-se analisar a construção daquilo que venho chamando de “retórica bandeirante” utilizada para a escrita de uma História de São Paulo que se pretende História do Brasil.

## **Plasticidade e Metamorfoses: para o Estudo das Identidades do Brasil da Época Moderna**

Maria Leonor Garcia da Cruz (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

Tendo como campo de investigação o Brasil da época moderna na sua complexidade histórica, com alterações demográficas, encontro e desencontros de culturas, experimentações políticas e económicas, inclusões e estigmas sociais, paralelismos e hibridismos religiosos, revela-se como núcleo de observação fecundo nesta comunicação o problema das identidades. Comparamos facetas sociais, políticas e religiosas que nos levem a responder a questões de aplicabilidade de conceitos tais como hibridismo e mestiçagem, mesclagem ou amálgama cultural, residualidades. Recorrendo na análise à interdisciplinaridade, revemos conceitos e métodos de diferentes campos do saber agora aplicados à História. Utilizamos fontes de natureza diversificada (de cartas e relatos a documentos jurídicos) para observar, avaliando, em especial a identidade ou identidades dos mamelucos, fruto da união de europeus e ameríndios. Caracterizações que se alteram no tempo e no espaço permitem-nos uma reflexão sobre a plasticidade de indivíduos ou grupos na sua vivência quotidiana, plasticidade essa intrínseca ou externa, isto é, desenvolvida pelos próprios indivíduos face a condicionantes diversas, ou definições que lhes são atribuídas por outrém, no sentido positivo ou negativo. Seja como for, as metamorfoses observáveis podem acentuar ou, contrariamente, por em causa processos de construção identitária.

## **PAINEL: Trabalho, Classe Social e Precariedade**

### **Empresários de si ou Vidas Entregues? – Uma etnografia da (des)regulação do mundo do trabalho**

Carlos Eduardo Viana (Universidade Federal Fluminense)

Esta comunicação individual pretende tratar da transformação no mundo do trabalho por meio das plataformas de serviços digitais que compõem a “economia de plataforma”. Capaz de atrair dezenas de milhares de indivíduos em situação de desemprego, fazendo uso de um discurso empreendedor que estimula a migração dessa força de trabalho para modelos de negócios que enfatizam a individualidade e o mérito como ferramentas de sucesso. É meu propósito promover uma reflexão crítica sobre esta “nova economia” e os possíveis impactos sociais e econômicos sobre o trabalho, atentando, em especial, para a elaboração de narrativas, conhecimentos e interpretações acionadas no reforço constante deste discurso por parte das plataformas em contraponto com a análise da experiência dos indivíduos que passaram a integrar este mercado. Para isso, desenvolvo um trabalho etnográfico em um trabalho de campo realizado principalmente em duas cidades, sendo elas o Rio de Janeiro, no Brasil, e Paris, na França. A partir do contato continuado com diversos interlocutores durante suas jornadas de trabalho, pausa e descanso, apresento sentidos de representação, histórias de vida e, principalmente, vivências sobre a experiência sobre o que é o trabalho no século XXI.

### **Tipologias do Povo: as Narrativas sobre o Suburbano Operário em um País Modernamente Subdesenvolvido**

Felipe Scovino (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

A comunicação se volta para as obras iniciais de Rubens Gerchman (1942-2008) e Carlos Zilio (1944-), especialmente aquelas que reportam condições desiguais de pessoas subalternizadas. Os dois artistas começaram suas trajetórias em meados dos anos 1960 quando o Brasil atravessava um contexto de repressão e violência. Produzir obras de forte endereçamento político, após o golpe de 1964, transformava-se em uma atitude de resposta tanto a um meio artístico conservador quanto a instrumentos de censura que começavam a ensaiar seus tentáculos. Gerchman e Zilio se voltam para o ambiente e temas de classes econômicas desfavorecidas. Ao contrário do modernismo, não havia um sentimento de entrelaçar e miscigenar culturas mas expor personagens que não eram vistos. Gerchman retrata a crueza do racismo em uma série longa de pinturas chamada “Elevador social” (c. 1966); os concursos de beleza; a televisão como meio midiático de alienação e propagação de exclusão, entre outros temas que refletem o lugar do indivíduo precarizado em uma sociedade desigual que deseja ser moderna. Zilio se volta para o meio operário, produzindo pinturas e objetos que refletem sobre a precarização do trabalho, a relação exploratória entre patrão e empregado, a serialização e a alienação do homem moderno. Como a máquina, a serviço do capital, produz sistematicamente uma rotina de violência. Investigamos a produção de retratos desses artistas e a forma em como expuseram personagens e lugares que foram exotizados pela história da arte e seguramente ficaram à margem de qualquer protagonismo no processo de

desenvolvimento econômico brasileiro nos anos 1960.

## **Afro-Brazilian Entrepreneurs' Chances of Credit Access During The COVID-19**

Marcelo Paixão (The University of Texas at Austin)

The paper investigates the ongoing impact of the COVID-19 pandemic on Afro-Brazilian entrepreneurs. It employs data from the Brazilian National Institute of Statistics (IBGE) PNAD-COVID-19 survey. This source displays that one of every ten entrepreneurs reported having applied for a loan (eleven percent black & brown versus twelve percent white). However, whereas seventeen percent of Afro-entrepreneurs had their loan applications denied, this percentage among white business owners was four scores less. We conducted logistic regression analyses to identify the factors associated with access to credit, controlling for age, sex, education, region, income, and other socio-economic variables. The model shows that Afro-Brazilian entrepreneurs (adjusted odds ratio [aOR]=0.75; 95% CI: 0.59-0.96) were less likely to get credit. These findings show that Afro-entrepreneurs, who historically had inadequate access to capital and credit in Brazil, were primarily impacted by the COVID-19 pandemic and are struggling to recover from the economic impact caused by the pandemic. Previous studies showed that, historically, Afro-Brazilian-owned businesses are more exposed to economic shocks because of more fragile business structures and discrimination in the financial market. While more studies are needed to investigate the impact on the job market, economic inequality, and policy implications, especially in the credit sector, initial findings suggest that COVID-19 disruptions have disproportionately impacted the financial strength of Afro-Brazilian entrepreneurs and their capacity to absorb the financial impact and recover.

## **PAINEL: Patrimônio, musealização e memória**

### **Veiga Valle e o campo artístico goiano (1950-60)**

Daniel Rincon Caires (Instituto Brasileiro de Museus)

Em minha pesquisa para o doutorado em História Social escolhi investigar os processos pelos quais a sociedade produz significados sobre determinados objetos e como isso altera a relação com eles. No caso específico, analiso esculturas de madeira policromada representando imagens de santos católicos que sofreram uma sobreposição de significados e, com isso, perderam parcialmente suas funções originais, passando a percorrer outros circuitos de utilização. Ao mesmo tempo, investigo as alterações de estatuto que o produtor desses objetos experimenta, passando da categoria de santeiro para a de artista. Minha pesquisa se concentra no caso do santeiro goiano José Joaquim da Veiga Valle (1806-1874) e o processo de aquisição da sua produção pelo aparato museal e patrimonial. Nessa comunicação apresento um momento específico desse processo de instituição de novos significados, quando as obras atribuídas a Veiga Valle reaparecem na cena pública no contexto do novo circuito das artes que se criava na capital recém-inaugurada, Goiânia. Elas seriam então apresentadas como como exemplares de uma determinada "época artística" de Goiás, compondo um quadro evolutivo que começava nas paredes de pedra pré-históricas, passava pela arte "indígena" e popular e culminava na arte

que se começava a fazer então em Goiânia, especialmente pelos artistas ligados à Escola Goiana de Belas Artes. Foram estes que, acionando os recursos discursivos da história da arte cultivada pelos modernistas do Brasil e do mundo, instituíram novos significados às estátuas de madeira policromada do santeiro goiano.

### **Díaspóra, Memória e Reparação: uma Proposta Inovadora de Turismo de Base Comunitária**

Robson Pedrosa Costa (Universidade de Lisboa/Instituto Federal de Pernambuco)

Em diferentes partes do mundo, milhares de pessoas vivem em comunidades formadas por descendentes de africanos escravizados que escaparam do cativeiro. Muitas dessas comunidades resistiram ao tempo, lutando para valorizar suas raízes africanas e preservar sua memória coletiva. No Brasil, essas comunidades se autodeclaram Quilombolas e hoje buscam melhores condições de subsistência e reconhecimento. Devido à sua cultura e modo de vida sustentável, essas comunidades têm grande potencial turístico. No entanto, entendem que há um grande risco em abrir as portas da comunidade para uma possível exploração irresponsável e excludente. Para conhecer melhor a realidade dessas comunidades, ouvir suas demandas e ajudar na superação da pobreza, criamos (no Instituto Federal de Pernambuco, Recife, Brasil) o “Laboratório de Humanidades Digitais e Inovação Social - Malungo Lab”, cujo objetivo é captar recursos que contribuam para estruturar comunidades afrodescendentes com vocação para o Turismo de Base Comunitária. Essa modalidade visa promover o desenvolvimento da comunidade, valorizando sua história, cultura, meio ambiente e modo de vida sustentável. Nessa modalidade, a comunidade participa de todo o processo, desde a identificação de suas potencialidades até o planejamento de ações e gestão do patrimônio material e imaterial. Ao optar por esta abordagem, nossa equipe visa ajudar as comunidades parceiras a quebrar o círculo vicioso do turismo predatório, gestão externa e autoritária e projetos impostos de “cima” para “baixo”. Neste trabalho apresentarei os projetos e experiências que têm contribuído para a construção de um modelo replicável de Turismo de Base Comunitária, que pretendo compartilhar com o público participante.

### **Roteiro Iconográfico de Templos Católicos dos Séculos XVII a XIX em Itaporanga d’Ajuda, Sergipe, Brasil: Uma Proposta de Ensino de História Local**

Douglas Silva (Universidade Federal de Sergipe) e Paulo Souto (Universidade Federal de Sergipe)

Este estudo tem por finalidade compreender o papel social, político e econômico dos templos católicos no município de Itaporanga d’Ajuda, Sergipe, Brasil, ao longo do vale do rio Vaza-Barris, entre os séculos XVII e XIX, com o propósito de construir um roteiro iconográfico a ser utilizado nas escolas de Ensino Fundamental como suporte pedagógico ao ensino de História. Justifica-se a escolha do tema para ampliar estudos da História no município de Itaporanga d’Ajuda, sendo um referencial para o suporte pedagógico e para ampliação dos conhecimentos da História Local. Para viabilizar este trabalho, foram realizadas pesquisas documentais concernentes à preservação do patrimônio histórico, registros paroquiais, visitas a órgãos públicos, e, empreendidas visitas de campo nas igrejas Nossa Senhora d’Ajuda

Colégio Tejupeba, Nossa Senhora do Rosário e Senhor do Bonfim. Além da realização dos registros fotográficos foi possível verificar distintos níveis de conservação das edificações e contextualizar a relação espaço-temporal desses templos religiosos no vale do rio Vaza-Barris para a produção açucareira no atual Estado de Sergipe nos períodos Colonial, Imperial e primeira década do período Republicano brasileiro. A expectativa é a de que estes estudos tragam contribuições significativas para aquisições de novos saberes para o ensino de História local no Brasil.

### **Vontade de Lembrar. Museus de Favela e Culturas da Memória no Rio de Janeiro no século XXI**

Silvia Ilg Byington (PUC-Rio/Forschungsstelle für Zeitgeschichte in Hamburg – FZH)

A comunicação trata de um fenômeno cultural que vem crescendo no Rio de Janeiro nas duas últimas décadas, a saber, iniciativas de memória de favelas protagonizadas por coletivos de moradores e estruturadas em redes colaborativas locais, nacionais e transnacionais. O fenômeno não é exclusivo dessa metrópole, ocorre em outros territórios periféricos e refere-se a práticas e narrativas que afirmam, nas palavras de um de seus agentes, uma “vontade de lembrar”. Assumem a forma de museus, museus de território, memoriais, centros e “casas” de memória, constituindo uma espécie de cartografia da ação comunitária para o lembrar. E expressam-se de tantas maneiras quanto são dinâmicas e diversas, social e culturalmente, essas comunidades. Em comum, a compreensão da memória como um campo em disputa e como ferramenta de comunicação e ação política nas lutas por direitos e pela inscrição desses territórios e suas populações no mapa da cultura da cidadania. Nessa perspectiva, as memórias de favelas são insurgentes ao desafiar o conhecimento histórico e o silêncio dos arquivos. Dessa forma, as seguintes questões se colocam: como são caracterizadas essas culturas de memória; quem são seus agentes e como estão organizados? Quais são os tempos dessa memória? E que diferentes culturas e políticas de memória informam essas narrativas e práticas? Qual é o alcance e o significado dessas iniciativas em relação aos territórios das favelas, à história urbana e às políticas de cultura e memória no Brasil? Quais são os caminhos e desafios que esses eventos oferecem para a História e para os Estudos de Memória? A comunicação buscará abordar as distintas apropriações culturais e políticas da memória por esses coletivos e assim formular algumas questões que esse fenômeno sugere à luz do contexto local de violência e violações de direitos das populações periféricas pelo Estado; em relação aos desafios de construção de políticas públicas de cultura, direitos e memória no contexto brasileiro; assim como em relação aos atuais debates no campo de Estudos de Memória, em que é reivindicado por vários autores o caráter “global”, “transnacional”, “multidirecional” das culturas da memória no século XXI.

## **PAINEL: Experiência Migratória e Dinâmicas Urbanas: Atores, Agency, Visibilidade II**

Coordenação: Alexandre de Oliveira Silva (EHESS/UFF)

Este painel temático busca reunir pesquisadores tratando da experiência urbana dos (i)migrantes, nos séculos XX e XXI. Apresentaremos – e confrontaremos –, assim, estudos de caso em que tais atores deixam suas marcas no espaço urbano. Trata-se, em primeiro lugar, de trazer à tona as formas de hospitalidade, os conflitos e as barreiras que se impõem e permeiam essa entrada de forasteiros nas cidades. E, em segundo lugar, de enfocar dinâmicas urbanas graças às quais, através das quais ou apesar das quais, segundo estratégias individuais e/ou coletivas, os (i)migrantes inserem-se no tecido urbano, agindo sobre ele, transformando-o e reagindo às normas que, em muitos casos, buscam circunscrever e regular sua presença, limitar sua visibilidade. O processo é duplo: parte das formas tomadas pela vida urbana e, também, do agir dos (i)migrantes que, enquanto atores sociais ativos, intervêm, reagem, ocupam o espaço das cidades e fazem-se mais ou menos visíveis segundo os contextos, as conjunturas, as sobre-determinações históricas mais ou menos favoráveis.

### **Sobre brasileiros em Paris: música, festividades e cultura nacional brasileira em foco**

Alexandre de Oliveira Silva (EHESS/UFF)

Esta pesquisa se propõe a mapear e a analisar espaços e circuitos marcados pela presença de imigrantes brasileiros e de festas, rodas de samba e outras experiências de brasilidade em Paris. Desde o “Studio de l’Ermitage” ao “Couleurs Brazil”, estes atores circulam pela cidade (e/ou fora dela) e se relacionam com outros brasileiros e franceses, construindo expressões da cultura nacional brasileira e acionando diacríticos de brasilidade de acordo com o contexto social e os atores/público envolvidos. A partir de um trabalho de caráter etnográfico, apresento o levantamento inicial e as questões sociais, de trabalho, de moradia e as demais estratégias por eles acionadas dentro do contexto urbano estudado.

### **Violinos na Cracolândia – Músicos do Leste Europeu em São Paulo**

Liliana Segnini (Unicamp)

O objetivo desta comunicação é analisar os dados obtidos por meio de entrevistas e estatísticas sobre a vivência da imigração de músicos oriundos do Leste europeu, sobretudo violinistas russos (as), considerando três aspectos: (1) os desafios impostos pelas fronteiras nacionais e pelos processos seletivos, (2) a vivência de um trabalho artístico numa sala considerada de excelência - Sala São Paulo, localizada num bairro degradado pela droga, sobretudo crack, (3) o papel do Estado nas questões anteriores. Quais os desafios vividos por esses músicos, como os representam e os superaram.

## **Onde está o Brasil no “jardim crioulo” de Lisboa? Emoções, memórias e afetos na cena musical lusófona da capital portuguesa**

Amanda Fernandes Guerreiro (ISCS/ICS – Universidade de Lisboa) e Bart Paul Vanspauwen (Universidade Nova de Lisboa)

Nos últimos trinta anos, empreendedores culturais em Lisboa têm investido muito na promoção global de expressões culturais de língua portuguesa. Importantes momentos internacionais – como o lançamento da coletânea Rápública (1994); a fundação da CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (1996); a Exposição Mundial de Lisboa (1998); e a promoção do documentário Lusofonia, a (R)Evolução (2006) – revigoraram uma visão de culturas lusófonas interligadas por meio do “Atlântico Pardo” (Vale de Almeida 2002). Numa altura em que instituições e imprensa portuguesas têm vindo a demonstrar uma maior abertura para a “mistura” – apoiando projetos interculturais como o Lisboa Crioula (2021), protagonizado pelo músico português Dino D’Santiago, e do evento subsequente Jardim de Verão, sob curadoria do mesmo (2022) – e que a migração brasileira em Portugal consolida-se em fluxos numerosos e constantes, perguntamo-nos, assim como Vítor Belanciano o fez no Jornal Público (2022), se existe mesmo um “Jardim crioulo em Lisboa”. Existindo, de que maneira os migrantes brasileiros participam dele? Propondo uma reflexão antropológica e etnomusicológica, ancorados em extenso trabalho de terreno com brasileiros e africanos em Lisboa, pretendemos verificar se existe efetivamente uma mudança de paradigma em curso, relativamente às comunidades racializadas na antiga metrópole colonial – nomeadamente em relação a seus protagonistas brasileiros. Indagamos se Lisboa encontra-se permeável às influências não-ocidentais, com potencial terapêutico vis-à-vis o racismo social, cultural e institucional (Ba, 2014) que durante muito tempo permeou a sociedade portuguesa. Desta forma, buscamos também perceber qual o lugar que a comunidade brasileira ocupa nos debates acerca de uma experiência urbana pós-colonial.

## **Migração e práticas artísticas na cidade de São Paulo: uma análise do acervo digital do coletivo Visto Permanente**

Laure Guillot-Farneti (Université Lumière Lyon 2/Universidade de São Paulo)

A apresentação aborda as ações do Visto Permanente, coletivo que se formou em 2015 em São Paulo e desenvolveu uma plataforma digital. O objetivo dele é de criar vídeos com e sobre os artistas migrantes (provenientes da África e da América Latina principalmente), que moram na megalópole brasileira. A plataforma digital é analisada na apresentação, através de vários questionamentos: Quais são as representações dos espaços urbanos no conteúdo dessa plataforma? Quais são as representações das migrações dentro desses espaços? Porque podemos dizer que essa forma de comunicação dá uma visibilidade maior a vida cotidiana das pessoas em situação de migração e à forma como elas usam e habitam a cidade? Para essa pesquisa, dois métodos foram usados: a análise semio-discursiva do site e dos vídeos presentes na plataforma e entrevistas semi-estruturada com integrantes do coletivo e pessoas migrantes que foram filmadas.

## **Experiência migratória e representação em museus de cidade: como exposições dão visibilidade às diferentes comunidades migrantes**

Andrea Delaplace (Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne)

A apresentação aborda as ações do Visto Permanente, coletivo que se formou em 2015 em São Paulo e desenvolveu uma plataforma digital. O objetivo dele é de criar vídeos com e sobre os artistas migrantes (provenientes da África e da América Latina principalmente), que moram na megalópole brasileira. A plataforma digital é analisada na apresentação, através de vários questionamentos: Quais são as representações dos espaços urbanos no conteúdo dessa plataforma? Quais são as representações das migrações dentro desses espaços? Porque podemos dizer que essa forma de comunicação dá uma visibilidade maior a vida cotidiana das pessoas em situação de migração e à forma como elas usam e habitam a cidade? Para essa pesquisa, dois métodos foram usados: a análise semio-discursiva do site e dos vídeos presentes na plataforma e entrevistas semi-estruturada com integrantes do coletivo e pessoas migrantes que foram filmadas.

### **PAINEL: Imaginários Urbanos numa Amazônia Mais que Humana**

Coordenação: Patrícia Vieira (Universidade de Coimbra) e Javier Uriarte (Stony Brook University)

A Amazônia é frequentemente apresentada como a epítome da natureza intocada, ameaçada pela expansão dos seres humanos. Esta narrativa baseia-se num entendimento do espaço natural como separado da humanidade, que necessariamente o contamina, sendo as cidades vistas como o oposto da natureza pristina. No entanto, a socio-bio-diversidade da bacia do rio Amazonas leva-nos a questionar a conceptualização de “cidade” e “natureza” como antónimos e convidanos a repensar o significado do urbano. Neste painel, refletimos sobre imaginários urbanos na Amazônia de uma perspetiva histórica e levando em conta tanto definições ocidentais de cidade como perspetivas indígenas e não humanas sobre que seria um ambiente urbano. Por exemplo, a famosa caracterização que fez Euclides da Cunha das “cidades errantes” da Amazônia sugere que o conceito ocidental de cidade devia ser revisto e repensado. A imaginação urbana tem a ver com utopias infraestruturais como sonhos de dominação do “selvagem.” Mas, ao mesmo tempo, o imaginário cidadão convoca cenas de comunhão ou de proximidade entre universos urbanos e aquilo que foi entendido como wilderness, o seu oposto mais definitivo.

Desde as lendárias cidades perdidas na selva, cujas supostas riquezas impulsionam há séculos a cobiça de exploradores amazônicos, até ao enorme crescimento da população urbana da região nas últimas décadas, a Amazônia está longe de corresponder ao estereótipo de um mundo natural inalterado pela humanidade. Mais ainda, considerando o papel central das populações indígenas na criação da biodiversidade da floresta, a Amazônia pode ser vista como uma espécie de jardim cultivado, onde convergem seres humanos, animais e plantas. De que forma é que estes ambientes urbanos humanos e mais que humanos contribuem para um debate sobre o que é uma cidade? Quais são os momentos em que, no espaço amazônico, as ideias ocidentais de cidade são desafiadas e novas formas de comunhão e “cidadania” podem surgir?

## **Os imaginários urbanos em A Selva, de Ferreira de Castro, e Ressuscitados, de Raimundo Morais**

Nataly Jollant (Sorbonne Université)

Em 1930, o escritor Ferreira de Castro (1898-1974) publicou o romance de ficção A Selva. A obra veio a lume no contexto particular dos modernismos brasileiro e português, e da debacle econômica da borracha na Amazônia. Ambientada nos seringais, concorreu para a consolidação de representações avernais da região. Tais representações fundamentaram-se principalmente na dicotomia entre natureza e cultura. As imagens da Amazônia propostas pelo escritor português iam de encontro aos esforços de alguns homens de letras brasileiros que, na mesma década, buscaram distanciá-la das visões redutoras de um espaço selvagem ou puramente mítico, como foi o caso do escritor Raimundo Morais (1872-1941). Em sua obra Ressuscitados, publicada em 1938, igualmente ambientada nos seringais amazônicos, Raimundo Morais propôs imagens de uma Amazônia que se afasta aos poucos do lugar de não-civilização, ao qual era comumente associada, para se aproximar de um lugar de promessa. Entretanto, apesar das dissonâncias na construção simbólica da região amazônica em suas obras, ambos os escritores partilharam imaginários urbanos alicerçados na contraposição entre o citadino e o campestre. Ao fazê-lo, recriaram na ficção literária uma urbe que não correspondia ao modelo estrutural e civilizacional que o mundo ocidental ansiava para a Amazônia. Assim, através de uma leitura conjunta das obras A Selva e Ressuscitados, pretende-se cotejar os imaginários urbanos propostos por Ferreira de Castro e Raimundo Morais com o intuito de compreender em que medida eles contribuíram para a construção dos imaginários dominantes acerca das cidades amazônicas.

### **Entre o inferno verde e o paraíso tropical: narrativas cartográficas sobre a Amazônia (séculos XIX-XX)**

Danielle Heberle Viegas (Universität München)

Nesta comunicação, apresentarei resultados de uma pesquisa que evidencia como produções cartográficas historicamente representaram ambiguidades associadas a Amazônia, bem como criaram suas próprias narrativas sobre a floresta, confrontando, assim, alcunhas como as de inferno verde e paraíso tropical à luz do contexto da globalização, do Antropoceno e das políticas desenvolvimentistas brasileiras. Busco problematizar como a cartografia legitimou o discurso sobre uma natureza tropical, avaliando de que forma a centralidade do ambiente natural em registros cartográficos amazônicos cedeu espaço, ao longo do tempo, para outras composições endereçadas às utopias urbano-industriais, na mesma medida em potencializou estratégias para invisibilizar povos indígenas e separá-los dos seus ambientes. Embora a natureza tropical-equatorial tenha sido vista como uma composição mítica para a identidade nacional brasileira na condição de um cenário prístino, durante o século XX a imaginação sobre os sentidos da floresta foi parcialmente transformada em prol da nova marca adotada pela moderna nação, pautada pela

crença na industrialização como única chave para a autorrealização do país. Nesse sentido, o tropical deve ser visto antes de tudo como um ambiente socialmente construído, cuja aparente naturalização está profundamente entrelaçada com a descrição de viajantes científicos, artistas itinerantes e outras publicações às quais os mapas acadêmicos e científicos estão associados. Por fim, será explorado como os mapas dão a ver indícios de outras formas de significar e espacializar a floresta, no passado e na contemporaneidade.

### **O que é uma urbe? Comunidades humanas e não humanas em Águas do Pastaza de Inês Alves**

Patrícia Vieira (Universidade de Coimbra)

O filme *Águas do Pastaza* (2022) de Inês Alves retrata o ambiente idílico das margens do Rio Pastaza, onde habita o povo indígena Achuar. Mas o fluir imemorial deste rio, marcando o compasso das vidas que dele dependem, contrasta com a presença ubíqua do telemóvel, que acompanha os Achuar enquanto estes realizam as mais variadas atividades. À primeira vista, a intrusão de um aparelho que se tornou um poderoso símbolo da pós-modernidade globalizada na rotina desta comunidade indígena parece incongruente, na medida este aparelho está associado à contemporaneidade, marcada pela existência em grandes metrópoles. A oposição entre o fluir das águas do rio e o telemóvel retratados no filme serve de ponto de partida para uma reflexão sobre o significado de comunidade num contexto amazónico. O filme revela que, para os povos amazónicos, a técnica é parte integrante da vida de comunidades humanas e não humanas, que a usam para domesticar (para tornar a sua casa, ou domus) o mundo que os rodeia. Há assim no filme a percepção de que a comunidade se forma através de intra- e interações, mediadas por técnicas da vida, entre os diferentes seres que formam a complexidade da floresta. Uma urbe nada mais é do que a soma dessas relações, podendo assim existir cidades na natureza, nas quais os laços mediados pela técnica englobam seres humanos e mais que humanos.

## **Cultura visual e crítica social na Amazônia: fotografia e ética do encontro no Complexo do Ver-o-Peso, em Belém do Pará**

Jamille Pinheiro Dias (University of London)

Esta apresentação traz uma discussão da cultura visual contemporânea de Belém, capital do Pará, cidade amazônica com mais de 2 milhões de habitantes, partindo da obra da fotógrafa, educadora e artista visual Nayara Jinkns, que tem como um de seus principais cenários o icônico Complexo do Ver-o-Peso. Fundado em 1625, o Ver-o-Peso, composto por um mercado de ferro inglês que funciona conjuntamente com a maior feira aberta da América Latina, está situado às margens da Baía do Guajará. Por lá circulam feirantes, fregueses, pescadores, erveiras, urubus, turistas, pessoas em situação de rua, usuários de drogas, dentre outros transeuntes. Pelas lentes de Nayara – cujo trabalho parte de uma relação de intimidade e confiança com as pessoas fotografadas – surgem imagens de uma incisiva crítica social. A partir da produção da paraense, pretende-se lançar luz sobre a banalização da vida; a confluência caótica entre as águas do rio, a violência e a urbanidade; e a ética do encontro que se propõe como aliada da fotografia, dentro das experiências de criação de Nayara com quem vive o Ver-o-Peso. Esta comunicação se baseia também em interlocuções com Nayara em conversas com outros fotógrafos que organizamos juntas para o projeto Culturas do Antirracismo na América Latina, da Universidade de Manchester.

## **Sobre possíveis cidades-jardim na Amazônia**

Javier Uriarte (Stony Brook University)

Esta comunicação se pergunta sobre as formas de imaginar o jardim no contexto amazônico. Quais são os tipos de jardins imaginados e que tipos de imaginários urbanos invocam? Trabalhando sobre as relações entre jardim, quintal, parque e floresta, refletirei sobre algumas formas de modificar ou alterar o espaço natural e sobre algumas tecnologias ou infraestruturas da paisagem que implicam diferentes formas de se relacionar com o mundo vegetal. Uma pergunta central na nesta proposta tem a ver com o papel da cidade na imaginação do mundo vegetal: por exemplo, as ideias de parque e de jardim foram associadas com frequência com a Amazônia, e nesta comunicação quero entender quais são os elementos urbanos que aparecem em várias representações do espaço amazônico. Ao descrever a selva como jardim, parque ou quintal desaparece o imaginário do selvagem, e aparecem elementos que ficam mais perto da paisagem urbana, da casa, da ordenação e apropriação do espaço, mas também um sentido de intimidade e de cultura diferentes. Trabalharei com cenas dos livros *Green Mansions* (1904), de William Henry Hudson, *Inferno verde* (1908), de Alberto Rangel, e com narrações indígenas recolhidas no livro de Theodor Koch Grunberg, *Do Roraima ao Orinoco* (1917). Quais são os imaginários urbanos sugeridos nas formas de representar o jardim o parque ou o quintal aqui? Quais são as cidades alternativas que aparecem aqui e quais são as formas de equivalência ou encontro entre a cidade e o selvagem em cenas de alteração ou apropriação do mundo vegetal através do trabalho?

## **PAINEL: João Guimarães Rosa: de Tradutores e Recepção**

Coordenação: Jacqueline Penjon (Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3)

Um ano depois do centenário da Semana de Arte Moderna, parece-nos imprescindível examinar a obra do grande autor brasileiro do século XX, João Guimarães Rosa, que também queria renovar a língua: “Somente renovando a língua é que se pode renovar o mundo” diz ele. Um escritor que declara: “ enquanto vou escrevendo, eu traduzo, extraio de muitos outros idiomas. Disso resultam meus livros, escritos em um idioma próprio, meu, e pode-se deduzir daí que não me submeto à tirania da gramática e dos dicionários dos outros”, não é um escritor de leitura ou de tradução fácil. Portanto, resolvemos verificar como o autor foi recebido no seu próprio país e na Europa.

Marcos Antonio de Moraes define uma poética da tradução através da correspondência autor - tradutores. Jacqueline Penjon se dedica às primeiras traduções na França; Alva Teixeira estuda a recepção de Rosa na Espanha ; Sarka Grauová analisa duas estratégias de tradução da obra rosiana na República Tcheca, e Conceição Coelho procura compreender as mudanças de perspectiva da crítica literária brasileira na segunda metade do século XX.

### **À procura de tradutores**

Jacqueline Penjon (Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3)

Guimarães Rosa residiu em Paris de 1948 a 1951 como primeiro secretário da Embaixada do Brasil. Já era um escritor consagrado no seu país mas nem por isso, conseguiu um reconhecimento literário. E preciso esperar 1958 para que um texto rosiano seja lançado na França. Examinaremos o panorama literário da época, a presença de eventuais tradutores. Das duas fases de traduções que se destacam, privilegiaremos a primeira, na década de sessenta. A correspondência entre o autor e o tradutor é bastante esclarecedora. Escolhemos “A terceira margem do rio” como exemplo de traduções múltiplas. A análise do papel dos críticos literários nos permitirá avaliar essa primeira recepção das obras rosianas.

### **Poéticas da tradução: Mário de Andrade e Guimarães Rosa**

Marcos Antonio de Moraes (Universidade de São Paulo/CNPq)

Os escritores Mário de Andrade (1893-1945) e Guimarães Rosa (1908-1967) refletiram, em suas cartas, sobre as traduções de suas obras, marcadas vigorosamente pelo experimentalismo formal e linguístico. Esta comunicação pretende perceber nas correspondências desses ficcionistas, no diálogo que estabeleceram com tradutores e amigos do campo letrado, a definição de uma poética da tradução, concepções da prática tradutória, assim como flagrar elementos que se constituem chaves interpretativas de suas produções literárias. Aborda, em particular, testemunhos epistolares que discutem a tradução do “idílio” Amar Verbo, intransitivo (1927) e da “rapsódia” Macunaíma (1928) de Mário de Andrade, assim como das novelas de Corpo de Baile (1956), de Guimarães Rosa.

## **A singularidade plural da recepção de Guimarães Rosa na Espanha**

Alva Martínez Teixeira (Universidade de Lisboa – FLUL)

Pretende-se, primeiro, contextualizar a recepção da obra de Guimarães Rosa na Espanha e, em especial, do Grande sertão: veredas. Neste sentido, serão examinadas as traduções da obra publicadas no território espanhol: as traduções realizadas pelos brasilianistas Ángel Crespo, Florencia Garramuño e Gonzalo Aguilar, e, igualmente, de Xavier Pàmies (autor da tradução para o catalão, em 1990). A análise focará, entre outros aspetos, as dificuldades de tradução - na Espanha, elas não foram ‘assistidas’ por Rosa – embora a tradução de Crespo fosse elogiada pelo escritor brasileiro. Em segundo lugar, pretende-se dedicar especial atenção, em âmbito galego, por razões de afinidade e ideário linguístico, ao estudo da obra A galecidade na obra de Guimarães Rosa (1978), do membro da Real Academia Galega, Valentín Paz Andrade. A proximidade linguística fez com que a obra rosiana nunca fosse traduzida na Galiza, sendo divulgada entre os leitores galegos na versão original e inspirando essa relevante obra do intelectual galego.

## **O local e o universal rosiano como problema de tradução**

Šárka Grauvová (Universidade Carolina de Praga)

No decorrer dos anos, a obra de João Guimarães Rosa foi traduzida para tcheco por duas tradutoras, Pavla Lidmilová (1932 2019) e Vlasta Dufková, uma geração mais jovem. A primeira foi autora de uma tradução pioneira do Grande Sertão: Veredas (1971, revista para a 2ª edição de 2003 sob a supervisão editorial da segunda), enquanto a segunda traduziu duas novelas d’O corpo do baile: Buriti (2008) e Dão-Lalalão (1982, revista 2010). Posteriormente, Dufková apresentou sua tradução de Buriti, acompanhada de um estudo, o qual inclui também um comentário sobre a tradução, como sua tese de doutorado (2012). Baseado neste material, a comunicação analisa duas estratégias diferentes, uma das quais prioriza a dimensão local e a outra dimensão universal da obra rosiana.

## **Considerações a respeito da evolução da fortuna crítica do autor mineiro**

Maria da Conceição Coelho Ferreira (Université Lumière Lyon 2)

A obra de João Guimarães Rosa é, certamente, aquela que mais incitou e incita a crítica literária no Brasil. São realçados o “virtuosismo” (com suas vertentes negativa e positiva) dos textos rosianos – com linguagem e temas que vão do regionalista ao universal, conforme as publicações se sucedem. A crítica saúda desde a consagração do escritor com a publicação de Grande sertão: veredas (1956) a ruptura dessa obra com a literatura brasileira dos anos 1930-1940, o que culmina com uma nova forma de fazer literatura – “o grito de independência da nossa literatura”, segundo Sérgio Milliet, ou ainda o que Daniella Corpas considera como “um novo modelo de escrita da história”. O objetivo deste estudo é cotejar as leituras críticas da literatura rosiana da segunda metade do século XX (Antonio Candido, Walnice Nogueira Galvão, Susy F. Sperber, Marie-Lou Daniel, Benedito Nunes, Davi Arrigucci Jr.) às do século XXI (José Antonio Pasta Jr, Yudith Rosenbaum, Luiz Roncari, Daniella Corbas, Ana Paula Pacheco) a fim de compreender as mudanças de perspectiva da crítica literária

brasileira acerca da obra do autor mineiro.

## **PAINEL: Imigração e emigração no Brasil Contemporâneo: Mobilidade, Família e Quotidianos**

Coordenação: Wilson Fusco (Fundação Joaquim Nabuco) e Jorge Malheiros (Insitituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa)

A diversificação e complexificação das mobilidades no final do século XX e inícios do século XXI tem como consequências, em termos (geo)políticos e sociais, um incremento nas dificuldades de gestão dos fluxos associado a um agravamento do sofrimento dos migrantes e, em termos teóricos, uma conscientização dos limites dos conceitos habitualmente utilizados para descrever e classificar as diferentes formas de mobilidade, que incluem as migrações como subtipo. Neste novo contexto, organizações como a OIM ou a ONU começaram a utilizar o conceito de Migrações Mistas para descrever fluxos migratórios frequentes e complexos que conjugam refugiados, vítimas de tráfico e pessoas que se deslocam à procura de trabalho. Já em 2021, um Grupo de Peritos da ONU em estatísticas das migrações apresentou um relatório(1) que propõe uma revisão dos conceitos utilizados na classificação das migrações internacionais que, entre outros aspetos, sublinha os movimentos irregulares e reconceptualiza as formas de conceber a mobilidade temporária.

Esta necessidade de reajustar conceitos relativos à classificação da mobilidade, que se repercute nas formas de organizar a informação estatística, significa também que os quadros sociodemográficos que contextualizam as migrações, os modos de inserção dos migrantes e as relações que estabelecem entre origem e destino(s) estão em mutação. Por exemplo, a perspetiva do transnacionalismo migrante releva as intensas conexões internacionais de diversos migrantes e a construção de espaços sociais supranacionais. O crescimento dos matrimónios mistos num contexto marcado por relações conjugais mais fragmentadas e que apresentam uma temporalidade mais curta, em que os movimentos migratórios se feminizaram implica novos desafios. A significativa imigração irregular, e as causas estruturais associadas, resultam em experiências migratórias duras e específicas que exigem respostas justas.

Tomando como referência o quadro de mudança apresentado, este painel propõe uma reflexão sobre alguns aspetos em transformação, com destaque para as dinâmicas familiares e o papel de homens e mulheres nos processos de inserção e na geração de mobilidades, internas e internacionais. A leitura da inserção é enriquecida com uma abordagem das experiências de vida irregular dos migrantes. No sentido de reforçar a coerência, todas as comunicações incidem sobre mobilidades no Brasil e que e/ou envolvem brasileiros/as, considerando-se que os processos abordados são didáticos e contribuem para uma melhor compreensão das situações contemporâneas envolvendo migrantes da e na América Latina.

1- UN Expert Group on Migration Statistics (2021). *Final Report on Conceptual frameworks and Concepts and Definitions on International Migration*. United Nations, New York, 27 April 2021.

## **Migração internacional em contextos familiares e tipos de famílias: laços, redes e experiências institucionais. Notas sobre a migração venezuelana e senegalesa para o Brasil 2015-2022**

Duval Fernandes (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Os arranjos familiares são peças fundamentais para o sucesso de um projeto migratório. Várias são as estratégias migratórias que podem ser adotadas, dentre elas: a opção em apoiar a partida daquele mais apto ao sucesso, a construção de redes familiares que possam garantir os fluxos e os refluxos ou a migração de toda a família na expectativa de atuar como uma unidade econômica de vários atores, no país de destino. A migração de senegaleses para o Brasil se inscreve na ótica da migração de famílias estendidas, na qual as decisões coletivas no âmbito familiar têm importante papel na construção da proposta migratória. Por outro lado, após 2015, a migração venezuelana vem ocupando importante espaço nos fluxos migratórios internacionais que têm o Brasil como destino. Nesse particular a questão da reunião familiar toma especial importância, pois é fundamental elemento no processo de interiorização promovido pelo Governo federal, no qual aqueles que chegam à fronteira têm prioridade no recebimento da ajuda governamental caso possam contar com a acolhida de um familiar. A proposta que apresentamos tem por objetivo analisar as estratégias migratórias adotadas pelos imigrantes desses dois coletivos - senegaleses e venezuelanos - no âmbito da migração familiar, discutindo as formas de participação da família na construção do projeto migratório.

### **União exogâmicas no Brasil segundo país de nascimento**

Wilson Fusco (Fundação Joaquim Nabuco)

A união entre pessoas de grupos diferentes, entre o local e o estrangeiro, o que chamamos aqui de exogamia, é um fenômeno verificado, em maior ou menor dimensão, nos processos de migração desde as mais remotas sociedades humanas nos mais diversos territórios ou países. Há uma grande gama de estudos sobre exogamia, ou casais mistos, mas as pesquisas que privilegiam a formação de casais entre brasileiros e estrangeiros, residentes em solo brasileiro, são mais raras. Com o objetivo de ampliar a discussão sobre este tema, o objetivo deste trabalho é apresentar um cenário descritivo e produzir análises sobre as uniões exogâmicas no Brasil, nas quais um dos cônjuges é nascido no país, com a utilização dos resultados dos microdados da amostra do Censo Demográfico realizado em 2010 pelo IBGE, o levantamento desta natureza mais recente publicado. Dentre as questões a serem verificadas, considera-se importante observar a propensão de estrangeiros em se unir com pessoas de sua própria origem ou do Brasil. Além disso, pretende-se comparar a razão de sexo segundo a origem e por tempo de residência na constituição destas uniões. Por fim, será analisada a relação entre a origem e sexo do cônjuge nascido no exterior, em termos de continente, e o período, mais antigo ou mais recente, da chegada ao país.

## **O papel do transnacionalismo bidirecional na construção do espaço social luso-brasileiro: exemplos de estudantes e casais mistos**

Jorge Malheiros (Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa) e Katielle Silva (Universidade Federal de Roraima)

Esta comunicação retoma a discussão relativa ao espaço social transnacional bidirecional luso-brasileiro, enfatizando alguns elementos que se assumem como contributos para o debate em torno dos pressupostos que habitualmente suportam a perspetiva do transnacionalismo migrante. Esta perspetiva consolidou-se nos últimos 30 anos e foca-se no envolvimento simultâneo dos migrantes em processos económicos, políticos, sociais e culturais que ocorrem na origem e no(s) destino(s). O grupo transnacional de migrantes tem uma origem efetiva ou ancestral clara que funciona como espaço de referência estruturante. Na abordagem que propomos, o espaço social transnacional luso-brasileiro é interpretado de um modo algo distinto, privilegiando-se uma leitura de tipo bidirecional complexa uma vez que não só os fluxos se desenvolvem em ambos os sentidos, como as noções de origem e destino se misturam. Ao integrar portuguesas/es e brasileiras/os, este espaço social assume características que complexificam os pressupostos acima referidos, uma vez que as fronteiras entre origem e destino(s) tendem a esbater-se, sendo que ambos funcionam como referências para quem flutua nesta complexa e fluida geografia. De algum modo, a noção de migrações recíprocas é aqui convocada, pois trata-se de fluxos bidirecionais que envolvem pessoas com referências culturais e sociais distintas, não sendo simples “migração e retorno”. Usando informação estatística sobre fluxos migratórios e características dos migrantes, combinada com elementos coletados em entrevistas com uma amostra ilustrativa de estudantes brasileiros em Portugal e casais luso-brasileiros com experiências de vida no Brasil e em Portugal, exploraremos os vínculos e práticas no Espaço social bidirecional luso-brasileiro. Analisaremos os projetos de vida e os fatores de mobilidade e (im)permanência destes alunos e casais, dando especial atenção às posições de género, bem como às suas atividades transnacionais de duplo sentido.

## **Diversificação das estratégias de mobilidade das famílias e desenvolvimento regional no semiárido setentrional brasileiro**

Ricardo Ojima (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

A mobilidade pode ser entendida como uma estratégia familiar/domiciliar para aumentar a resiliência social frente a eventos económicos, sociais e ambientais. Diante de limitações de infraestrutura, a população do semiárido nordestino sempre se viu na necessidade de realizar longos deslocamentos migratórios. Mais recentemente, essas condições têm mudado e uma diversidade maior de movimentos (migratório e pendulares) passam a existir. Procuramos discutir as condições do desenvolvimento regional que permitiram essa ampliação das opções de mobilidade regional no contexto do semiárido setentrional e analisamos como essas possibilidades fomentam a diversificação de estratégias das famílias no enfrentamento de condições adversas. A discussão, portanto, espera aprofundar o debate sobre as desigualdades regionais numa das regiões mais carentes do Brasil e perceber como as migrações e a mobilidade pendular se complementam na construção de contextos mais resilientes.

A partir dos anos 2000, as políticas de transferência de renda somados ao processo de interiorização dos investimentos em educação técnica e superior na região passaram a contribuir para esse novo contexto e perspectivas para o desenvolvimento regional. Diante disso, é fundamental analisar a dinâmica da mobilidade populacional na região do semiárido setentrional brasileiro para entender o desenvolvimento de novos e antigos espaços de articulação regional. O semiárido setentrional concentra 66% dos municípios do semiárido brasileiro e, segundo o Censo 2010, abrigava 14 milhões de brasileiros em seis Unidades da Federação, fato que contribui para tornar mais complexa a articulação de iniciativas regionalizadas tanto na escala municipal como também no contexto estadual.

### **(Des)construção de caminhos de irregularidade: migrantes brasileiros na Área Metropolitana de Lisboa**

Desideria Santella (Universitá di Bologna/Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa) e Alina Esteves (Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa)

A migração em Portugal tem aumentado exponencialmente nos últimos anos e, não obstante a diversificação verificada nas origens, atualmente cerca de um quinto dos imigrantes residentes no país são cidadãos brasileiros (SEF-GEPF et al., 2016-2021), cuja concentração é particularmente visível na Área Metropolitana de Lisboa (AML). Neste contexto, o fenómeno da migração irregular tem assumido um carácter estrutural e endémico em Portugal, afetando também a migração brasileira contemporânea. Partindo desta relevância da imigração irregular entre os imigrantes brasileiros, esta comunicação, que tem como base elementos recolhidos na tese de doutoramento da primeira autora, pretende contribuir para a compreensão dos percursos de construção e desconstrução de irregularidade destes migrantes na AML, e como esta situação tem repercussões no seu quotidiano, afetando diferentes esferas da vida social, com destaque para o trabalho, a saúde e a habitação, bem como o acesso aos principais direitos sociais. O período de referência do estudo situa-se entre 2015 e 2020, correspondendo à quarta e mais recente onda migratória brasileira para Portugal. Foi utilizada uma metodologia qualitativa, assente em 25 entrevistas semiestruturadas com migrantes brasileiros em situação irregular ou que experimentaram essa condição durante o seu percurso migratório. A fim de recolher elementos de contexto, foram ainda realizadas 5 entrevistas não estruturadas com representantes de associações que trabalham com estes migrantes, nomeadamente a associação Casa do Brasil em Lisboa.

## Quinta-feira, 7 de setembro de 2023

15h-17h

### **PAINEL: Análises de produção cultural [ONLINE]**

#### **Entre a Acomodação e o Conflito: Representações das Personagens em Processo de Ascensão Social no Cinema Brasileiro Contemporâneo**

Mariana Martinelli de Barros Lima (UNICAMP)

As reflexões elaboradas nesta comunicação são oriundas do recorte de uma discussão que atravessa a pesquisa de doutorado em andamento, Entre o riso e o afeto: as representações de classificação social no cinema brasileiro contemporâneo. Destarte, a pergunta que visamos responder se refere à relação a como o par de oposição, acomodação e conflito, são mobilizados na representação das personagens em processo de ascensão social nos filmes: O som ao redor (2013), Até que a sorte nos separe (2012), Que horas ela volta? (2015) e Tô ryca (2016). Podemos estabelecer que no contexto cinematográfico do cinema brasileiro contemporâneo (2000-2016) há como eixo temático comum o tema do deslocamento social. Na medida em que são incorporadas, de diferentes formas, as narrativas imagéticas, os movimentos de ascensão social presentes no primeiro e meados do segundo decênio dos anos 2000. Isto posto, nas comédias comerciais e nos filmes de autor, da nossa seleção, os efeitos das diferentes formas de abordar a acomodação e o conflito incide sob uma narrativa, discurso e representação nas cenas, aparentemente, antagônicas. Não obstante, buscamos estabelecer as possíveis aproximações, rupturas e repetições temáticas e discursivas nos filmes, a partir do método de decupagem (XAVIER, 1984) e da noção de estética sociológica (BASTIDE, 1979).

#### **Brasil, o País do... Conflito!?**

Marly D'Amaro Blasques Tooge (Universidade de São Paulo/UFABC)

Vimemos um período de turbulência no Brasil, que trouxe à tona o que Homi K. Bhabha (1998:1) denominou "sensação de transitoriedade", da existência de um nacionalismo arbitrário, construtor de discursos monolíticos, imaginando "uma única fonte" da nação. Ao pensar o recente processo de recrudescimento das práticas de sectarismo no país desde meados da década passada, acompanhando correntes mundiais nesse sentido, surgem à mente a ideia de que o nacionalismo é um domínio onde interesses privados assumem sentidos públicos (Schwarcz, 2012:37). O outrora "país da democracia racial" ou "país do futuro", dono de um poder brando admirável nos anos 1990, mostrou uma face oculta, cuja existência era sabida, mas não comensurada. Ela revelou fortes conflitos políticos e sociais e correntes de influência existentes no país. Esta comunicação traz exemplos do uso de discursos multimodais (Kress & Van Leeuwen, 2006), em produções de mídias audiovisuais trazendo imagens e conflitos ligados às favelas brasileira, em especial no cinema e nas plataformas de streaming, onde o discurso migrou da palavra escrita para ícones imagéticos, sonoros e sensoriais, utilizando manobras de persuasão conhecidas pela neurociência (Patrick & Morin, 2005). São exemplos retirados de obras de grande audiência ou de acesso público mais difuso, que se vincularam a grupos políticos

no Brasil e defenderam diferentes ideologias. Entre elas encontram-se filmes como Cidade de Deus, Tropa de Elite e Trash.

### **Um crítico em ponto de bala: Jean-Claude Bernardet e a Ditadura**

Rubens Machado Jr (Universidade de São Paulo)

Paulo Emílio Salles Gomes começa assim o prefácio apresentando o 1º livro de nosso crítico, o hoje clássico Brasil em tempo de cinema: ensaio sobre o cinema brasileiro de 1958 a 1966 (1967): “Jean-Claude Bernardet, hoje um escritor brasileiro em ponto de bala para seu país e seu tempo, há poucos anos era um jovem esteta europeu bastante contemplativo e um tanto melancólico. A metamorfose foi provocada pelo Brasil e pelo cinema brasileiro.” Escrevendo sempre em periódicos, seu modo de aprender o português, sua crítica e ensaísmo não se deve tanto à relação com o campo francófono quanto ao modo de apropriar-se dele conforme sua formação sólida na cinefilia e debate intelectual desde São Paulo, onde chega com aos 13 anos com a família francesa, tendo nascido na Bélgica em 1936. Afirma que o cineclubismo foi sua verdadeira faculdade, seguindo-se a sua atividade como Crítico, além de funcionário da Cinemateca Brasileira. Paulo Emílio o chama para a criação do curso de cinema da UnB e, com a Ditadura, a partir de 64 é afastado da docência (retomada nos anos 80, USP), período em que escreveria esse 1º livro. Sua análise comparativa no livro de 1967 bem como na crítica exercida ao longo da Ditadura entrelaça forma fílmica e conteúdo social trazendo temas controversos e polêmicos como “personagem-pêndulo”, “luz estourada”, e perspectiva política popular como ponto-de-vista de classe média, questões históricas reveladoras de qualidades, sintomas e pontos cegos da inteligência estética e política nacional desde então duradouros na cultura intelectual brasileira.

### **A Song of Toxic Mud and Melancholy: An Elegy for the Post-Human Condition in O gosto amargo dos minerais**

Leila Lehnen (Brown University)

Environmental crisis is a recurrent trope in Brazilian literature. Frequently images of natural devastation point to the – often problematic -- imbrication between the human and the more than human. Recently, such imagery has gained traction as threats to Brazil’s varied biomes increased. Fires in the Amazon, deforestation in the cerrado, and environmental disasters from toxic spills have fertilized the country’s literary imagination. This presentation proposes to examine how Swiss-born, Brazilian-based writer Prisca Agustoni addresses the environmental disasters of Mariana and Brumadinho. In both cases, toxic spills from iron ore mine tailings destroyed human communities and surrounding environs. In her book-length poem, *O gosto amargo dos minerais* (2020), Agustoni creates an elegy to the human and more than human existences lost in the wake of both tragedies. The presentation considers how through a poetics that encompasses and transcends the human, Agustoni problematizes the Anthropocene while proposing a framework that surpasses the imaginary of catastrophe. Via this dual movement, *O gosto amargo dos minerais* activates world-making practices (Pratt 2022) that engage what Rosi Braidotti has termed the “post-human condition” (2019).

## **Queer Ecologies, Queer Futurities: “Boca a Boca”**

Jeremy Lehen (Brown University)

Boca a Boca is a Netflix series announced in 2019, previous to the COVID-19 pandemic and released on July 17, 2020 in the first months of the pandemic. This six-part miniseries was created by directors and screenplay writers Esmir Filho (whose credits include *Verlust* 2020, *Alguma Coisa Assim* 2017, *Saliva* 2007) and Juliana Rojas (As Boas Maneiras 2017, *Sinfonia da Negróple* 2014, *Trabalhar Cansa* 2011). This talk argues, through the theoretical lens of queer ecologies, that Boca a Boca posits the contemporary generation of youth in Boca a Boca as embodying an optimistic commitment to re-imagined futurities. The series moves beyond the binary opposition between queer non-futurity and reproductive futurism (think Edelman). Rather this paper explores how Boca a Boca re-envisioning queer futurity as founded on an expanded framework or understanding of communities that recognize through empathy the interconnectedness of and interfaces between communities (both human and non-human), ecosystems, and political economies (think Nicole Seymour’s rereading of canonical LGBTQIA+ texts in *Strange Natures*).

## **PAINEL: Literatura indígena e amazónica [ONLINE]**

Colección y Exposición: Nación, Patrimonio y Amazonia

Maria Florencia Donadi (Universidad Nacional de Córdoba)

La ponencia se propone analizar el contraste entre la conformación y concepción de la colección de Ermanno Stradelli, que abarcó toda su vida amazónica (entre 1879 y 1926), y la apropiación que de ella hicieron museos y exposiciones. La colección de Stradelli se comprende como pathos (Benjamin, 2005, 2012), mientras que aquellos componentes que fueron empleados por el dispositivo exhibitivo (Benett, 1993) conciben a la colección como conjunto ordenado y útil. Este último contribuye a dar forma a los objetivos de “integración” y subordinación de la territorialidad amazónica a la nación “Brasil”, un procedimiento que se evidencia en ese contraste. Mientras la nación, a través del dispositivo de ferias y exhibiciones patrimonializa la colección y la territorialidad amazónica, Stradelli se propondrá respetar su singularidad, inapropiable y recuperar su misterio como herencia. Analizaremos los escritos del conde italiano Stradelli y relevamos algunos documentos que dan cuenta de la conformación de su colección. Asimismo, relevamos la presencia de elementos o fragmentos de la colección de autoría de Stradelli en diferentes ferias y exposiciones: en Brasil y en el exterior, especialmente en la Exposición de las Misiones Católicas (1892) y en la Exposición Universal de Saint Louis (1904).

## **Amazônia Indigenous Tales from Brazil: o imaginário mítico sob a perspectiva indígena**

Michele Nascimento Kettner (New York University)

A Amazônia sempre foi um cenário fértil para viajantes criarem mitos onde realidade e imaginação se confundem criando um imaginário mítico literário, como aponta a teórica chilena Ana Pizarro. No livro *Amazônia Indigenous Tales from Brazil*, o (re) contador de histórias, Daniel Munduruku, cria uma vitrine para vislumbrarmos a imaginação dos povos nativos suprimida pelo discurso colonial desafiando a tradição maniqueísta literária regionalista amazônica. O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise dos contos do livro em contraste com a mítica ocidental cristã e a tradição regionalista colocando-o não como somente como um contraponto mas sim como uma provocação para refletir a construção da região amazônica na interseção entre espaço mítico, literário, nacional e ideológico. Para tanto, a análise dos contos de *Amazônia Indigenous Tales from Brazil* explorará especificamente temas como ideologias de poder, patriarcado e mitos originários utilizando ideias de teóricos como Pedro Maligo, em sua análise das antíteses representativas da literatura amazônica, e Marcos Frederico Krüger Aleixo, no que concerne o estudo da ideologia no uso do mito na literatura.

## **Os Kadiwéu e as Fotografias da Expedição Etnográfica de Lévi-Strauss**

Carolina Barbosa (Universidade Nova de Lisboa/Instituto Federal do Espírito Santo)

A proposta dessa comunicação oral é apresentação parte dos resultados de minha pesquisa de doutoramento referente à aplicação de duas metodologias das áreas da Antropologia Visual e Culturas Visuais em uma aldeia indígena. Dessa maneira,

em meu campo, desenvolvi a foto-elicitção e a repatrição visual das fotografias produzidas na expedição etnográfica promovida por Lévi-Strauss aos Kadiwéu no início do século XX. A foto-elicitção é um método de entrevistas que se utiliza da fotografia como ponto de partida e a repatrição visual é o retorno das imagens aos interlocutores, essas geralmente guardadas como arquivos, pessoais ou institucionalizados, ambas promovem diálogos sobre as imagens podendo gerar novas perspectivas e contra-narrativas. Os Kadiwéu, que se autodenominam Ejiwajegi, vivem em um território de 538.536 hectares, localiza-se no município de Porto Murtinho, Estado do Mato Grosso do Sul, Brasil. A aldeia onde desenvolvi meu campo foi a Alves de Barros, considerada a aldeia principal da nação Kadiwéu, para onde migrou parte da população que vivia na região conhecida como Nalique, a qual Lévi-Strauss visitou em sua expedição. Meu propósito ao dialogar sobre as fotos era bem simples: saber o que aquelas fotos evocavam em meus interlocutores Ejiwajegi. Não me importava se essas tratavam a respeito do conteúdo das fotos e de seus contextos ou de memórias que não se relacionavam diretamente com o assunto fotografado. O que os Ejiwajegi tinham a me dizer sobre elas? Eu estava familiarizada com as histórias e percepções de Lévi-Strauss sobre essas imagens e intencionava saber quais outras narrativas emergiriam do encontro dos Ejiwajegi do presente com os do passado. Assim sendo, trarei algumas discussões em torno dos desafios metodológicos – a herança de outras pesquisas etnográficas e os desafios encontrados – e também sobre os principais resultados obtidos – a relação dos Ejiwajegi com essas fotografias e as novas histórias que foram construídas dessas imagens.

### **Considerações e Alguns Dilemas sobre Autoria (ou Voz) na Literatura Indígena** Sheila Praxedes Pereira Campos (Universidade Federal de Roraima)

A comunicação parte das discussões empreendidas em torno das narrativas feitas pelos indígenas Arekuná Akúli e pelo Taulipang Mayuluaipu, o motivo do “gozo” do Mário de Andrade e o insight para a escrita de Macunaíma, grande obra do modernismo brasileiro. A história do herói sem caráter seria, segundo o escritor paulista, o “sintoma do brasileiro”, e estão registradas no volume 2 de Vom Roroima zum Orinoco, obra do etnógrafo alemão Theodor Koch-Grünberg, resultado de sua viagem à Amazônia entre 1911 e 1913. A descoberta que Mário faz quando da leitura de Koch-Grünberg (e que o faz “gozar”, como confessa) é a possível descoberta de que a narrativa indígena é, de certa forma, invisível, ou seja, há a imagem generalizada de que o índio não sabe escrever e que, na fala, produz uma narrativa desconexa e sem continuidade. Mário parte dessa ideia do senso comum propondo a “narrativa indígena” (e popular, portanto) como possível de ser literária e até mesmo canônica, como uma narrativa que tem semelhanças com outras formas do ocidente, mas com foco no popular. A proposta da comunicação é pensar a ideia de como a autoria (ou voz) indígena pode apontar para um elaborado processo de construção literária que, em muitas situações, usa o registro das narrativas indígenas como ponto de partida e passa, em muitos casos pelo trabalho da chamada “mediação cultural” ou “intermediação acadêmica”, como exemplificam alguns textos da recente literatura indígena e que circulam na Amazônia brasileira.

## **PAINEL: Concretismo, neoconcretismo e forma poética [ONLINE]**

### **As Subdivisões Prismáticas da Ideia**

Inês Oseki (Universidade Aix-Marselha)

Do Coup de dés de Stéphane Mallarmé, último poema do poeta antes de sua morte, originalmente publicado no número 17 da revista Cosmopolis em 1897 em Paris, numerosas foram as leituras. Propomos apenas uma breve análise sui generis aqui. Com efeito, desejamos, de forma bastante sincrônica, apresentar três momentos hipertextuais de criação que se seguiram ao surgimento do poema nos séculos XX e XXI no Brasil, colocando-nos a questão de um Mallarmé em última instância político: um primeiro momento a partir de 1965 ; um segundo, no final do século XX, e um terceiro, hoje. Sua recepção brasileira, como se sabe, deve-se principalmente aos poetas concretos Décio Pignatari, Haroldo de Campos e Augusto de Campos, autores, a partir de 1965, da obra introdutória do movimento, Teoria da Poesia Concreta, constituída por uma coleção de artigos e poemas e na qual o poeta francês ocupa um lugar relevante. A eles também devemos o volume Mallarmé, de 1975, com ensaios, traduções do poeta francês e particularmente do Coup de Dés, que se transformou em Um Lance de Dados. Procuraremos mostrar em que medida a leitura deste poema gerou uma teorização muito produtiva sobre a poesia e as artes em geral por parte dos três poetas, sobretudo de Haroldo, mas também em que medida marcou de forma definitiva a obra dos próprios poetas. Apresentaremos, em seguida, os efeitos dessa repercussão na obra do poeta gráfico e cantor Arnaldo Antunes (nascido em 1960) de quem examinaremos apenas uma ínfima parte de sua vastíssima obra. Com efeito, nunca foi dissimulada a filiação deste poeta aos poetas concretos, embora Arnaldo Antunes não seja essencialmente autor de ensaios nem de textos teóricos ou metalinguísticos. Para concluir, evocaremos um poeta brasileiro muito contemporâneo que realiza o mesmo tipo de pesquisa formal do poeta francês, mas desta vez com um propósito oposto: ele não é um poeta metacrítico, mas um poeta, pode-se dizer dizer “político”, André Vallias.

### **Haroldo de Campos e Roman Jakobson: O Diálogo pela Tradução e Pela Invenção**

Vinicius Carneiro (Université de Lille)

A crítica literária europeia tem frequentemente repensado a contribuição de poetas e prosadores de grupos literários da segunda metade do século XX, sendo um pequeno grande exemplo a obra de Vincent Kaufmann Poétique des groupes littéraires, de 1997. Contudo, sistematicamente a mesma crítica tem se esquecido de considerar movimentos outros não forjados no velho mundo ou nos EUA, tal como o concretismo brasileiro, cuja contribuição está fundamentada na construção de um projeto em que criação artística, crítica literária, concepção tradutória e reescrita da história da literatura estão intrinsecamente conectadas. O presente estudo tem por objetivo repensar a atualidade da problemática concreta, integrando-a a um quadro mais amplo de transformações literárias decisivas da poesia contemporânea. Para tanto, serão levados em conta o diálogo instaurado pelos poetas concretos, sobretudo por Haroldo de Campos, com Roman Jakobson (tido também como poeta

da linguística por muitos autores europeus das décadas de 1960 e 1970).

### **Guerra e festa em Catatau (1975) de Paulo Leminski**

Keisy Carvelli (Universidade Estadual Paulista/Universidade de Coimbra)

A trajetória literária de Paulo Leminski pode ser percebida a partir de duas perspectivas que se emaranham: uma, a vida; outra, o texto. Na primeira delas, na vida, um gesto radical: o de ser, como o próprio poeta diz, um “administrador de papéis”, um “poeta 24 horas por dia”. Na segunda delas, no texto, o gesto mais radical está no “porre verbal” de Catatau (1975) – para citar expressão de Affonso Romano de Sant’Anna (1976) –, prosa experimental considerada obra-prima da Literatura Brasileira de invenção. Se, por um lado, conforme indica Leminski, Catatau apresenta uma solução pessoal para as angústias do autor em relação à cultura letrada, por outro também apresenta o impasse entre o rigor formalista, sobretudo aquele ligado aos preceitos da poesia concreta, e o relaxo da poesia marginal, tendência que ganha força no pós-1968. Trata-se, assim, da formulação primeira daquilo a que chamamos de dialética do pensamento leminskiano presente, em Catatau, na recorrente imagem dual da guerra e da festa. A presente exposição visará, pois, discutir a presença da guerra e da festa em Catatau como imagem representativa da tensão dialética do próprio campo literário do pós-1968, como se as variações psicotrópicas do narrador, Cartesius, dessem a ver a tensão do próprio escritor: “Cheguei tarde na guerra, já era festa e eu com armas” (LEMINSKI, 2013, p. 85).

### **Poesia Base Material do Poema**

Roberto Navarro (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Edson Pereira Silva (Instituto de Biologia da Universidade Federal Fluminense)

É possível avaliar que, mesmo decorridos mais de cem anos das reflexões fundadoras da moderna teoria da literatura, com o formalismo eslavo, a questão do que define poesia e poema permanece desafiadora. Neste ensaio, o enfrentamento do problema se dará numa perspectiva materialista e dialética. Assim, o poema será encarado como a realização concreta e histórica da poesia como um objeto de apreciação e, a poesia, tomada como a base material que constitui o poema. Esta distinção será explorada em dois momentos. Primeiro, a poesia será definida como uma tensão entre dois elementos. São eles a operação significante, que toma as palavras na sua realidade material e, portanto, apartadas de seus significados correntes, de modo que possam ser compostas em um movimento de tensionamento significante de produção de sentidos não dados a priori e, em segundo lugar, o tempo, entendido como tensões entre vibração e repouso, ruído e silêncio, pulso e pausa que produzem o ritmo ou “musicalidade” dos poemas. Neste sentido, defende-se que a interpretação da poesia pode se beneficiar de uma análise baseada nisto que está se definindo aqui como base material dos poemas, que é a poesia entendida esta tensão dialética entre significante e tempo. No segundo momento, esta proposição será utilizada na análise de alguns poemas de modo a explicitar tanto esta interpretação materialista dialética dos poemas/poesia quanto para demonstrar que ela pode ser útil como ferramenta teórica e prática, ou seja, na práxis poética.

## **PAINEL: Literatura de Viagem**

### **Geografia do Abandono em Por Escrito de Elvira Vigna**

Karolina Valova (Charles University)

Uma das formas de acesso ao romance *Por escrito*, de escritora brasileira Elvira Vigna (1947 – 2017), publicado em 2014 é a análise do espaço. O termo “geografia do abandono” inventou o teórico Michel Onfray que no seu livro *Teoria da Viagem: poética da geografia (Théorie du voyage: poétique de la géographie, 2005)* trata sobre as experiências vividas sob o signo do nomadismo. Nesse termo enfatiza a importância do “meio do caminho” do que os pontos de chegada e partida. A prosa *Por escrito* está situada sobretudo em espaços de transição. A narrativa, ou melhor um mosaico multifacetado, é dividida em quatro partes e todas têm como pano de fundo as viagens realizadas pela narradora. As viagens parecem mais um rito de passagem e estão relacionadas à ideia principal de movimento. Como outra entrada analítica convém o conceito de “não lugar”, constructo basilar da antropologia de Marc Augé como aeroportos, estações, hotéis, etc. Ao fazer suas viagens e nelas se defrontar com as memórias que compõem o esquema da própria vida, a narradora se prepara para a sua decisão importantíssima.

### **Mulheres em Deslocamento (Alemanha/Brasil ca. 1880-1910)**

Karen Macknow Lisboa (Autônoma)

Em minha comunicação exploro a vida e os escritos de mulheres alemãs que se destinaram ao Brasil entre no final do século XIX e início do XX. Em particular, analiso a trajetória de três mulheres com perfis e destinos diferentes: a) Therese Stutzer, que emigra com o marido e família para Blumenau; b) Emilie Heinrichs, que ao lado do marido, tornou-se colona pioneira; c) Ina von Binzer, mulher solteira e educadora que foi ao Rio de Janeiro e São Paulo. O objetivo é problematizar as complexas dimensões desencadeadas pelo deslocamento espacial, cultural, social e político tributário da saída de sua cultura de origem. Nesse âmbito, pergunta-se quais as mudanças e continuidades observáveis na trajetória dessas mulheres migrantes/viajantes, no que diz respeito às construções identitárias, às relações de gênero, às representações delas mesmo e dos outros, às práticas do trabalho e do cotidiano, bem como às interações com os diferentes contextos sociais e ambientes naturais. Para tanto, procura-se analisar essas mulheres/escritoras como sujeitos compreendidos em contextos históricos em que são contempladas perspectivas locais, nacionais e transnacionais.

## **PAINEL: Circulação e projeções internacionais de Brasil e brasilidades II**

### **Dick Farney na Broadway: Canção Popular Brasileira, Internacionalização e Distinção**

Aldecio Camilo Machado (Universidade Federal de São Carlos)

De modo geral, as discussões em torno da presença da canção popular brasileira nos Estados Unidos se voltam para dois momentos, sendo o primeiro situado no início da década de 1940, tendo Carmen Miranda como seu principal símbolo, e o segundo nos anos 1960, centrado no show de artistas ligados à bossa nova em 1962 no Carnegie Hall. Com os holofotes voltados predominantemente para estes dois momentos, parece haver uma menor atenção para outros cancionistas brasileiros que também se inseriram no cenário musical estadunidense, bem como para os sentidos sociais e históricos de cada uma destas situações. É isso o que ocorre com o pianista e cantor Dick Farney que, entre 1946 e 1947, fez duas viagens a trabalho para os Estados Unidos, sendo que, na segunda ocasião, manteve-se em cartaz por dois meses no programa de rádio da emissora NBC. Ainda nessa turnê de 1947, Farney gravou um conjunto de fonogramas que integrariam futuramente o seu LP *Na Broadway*, lançado no Brasil pela gravadora Sinter em 1954. Assim, através de um exame deste disco e das repercussões destas viagens na imprensa brasileira da época, esta comunicação pretende discutir sobre os sentidos que revestiam o trânsito da canção brasileira do Brasil para os Estados Unidos, revelando práticas, imaginários e representações ali contidas. As análises revelam como Farney já havia incorporado o estilo hegemônico da canção popular estadunidense e como representava o Brasil em seu repertório de maneira idealizada, o que aponta para o caráter de distinção em sua produção.

### **A imprensa infantojuvenil brasileira na Europa: circuitos, mediações e interlocuções**

Andréa Borges Leão (Universidade Federal do Ceará)

Esta comunicação individual propõe a análise da circulação europeia do periódico infantojuvenil *Joca*. Em especial, coloca em debate a sua proposta editorial de formação de uma comunidade leitora transnacional, desde o formato original em português. No Brasil, o jornalismo infantojuvenil tem íntima ligação com o desenvolvimento do mercado editorial. *Joca* foi criado em 2013, na Editora Magia de Ler, pela administradora de empresa franco-alemã Stéphanie Habrich, profissional com ampla experiência no mercado financeiro da Suíça, Nova York e do Brasil. *Joca* se apresenta como uma novidade no setor da informação, do entretenimento e da cultura. Seu objetivo é formar o leitor para atuar em uma esfera global de opinião pública, convidando-o a enfrentar os debates atuais sobre as crises humanitárias, como a climática e sanitária. Ao iniciar o empreendimento com jornalismo infantojuvenil no Brasil, Stéphanie Habrich tentou uma negociação com a editora francesa Bayard Presse, uma das gigantes no setor da imprensa educativa, a fim de convencê-la a publicar suas revistas no Brasil. Porém, a proposta de converter os modelos europeus para o público de língua portuguesa não agradou a editora

francesa. Hoje, Joca tem muito a dizer ao mercado editorial francês. Circula em português, espanhol e inglês por assinaturas de escolas e famílias, no formato de tabloide impresso e no formato digital, ambos organizados em vários gêneros textuais: notícia, resenha, entrevista, relato, artigo e curiosidade.

### **O lugar do Brasil na crítica de arquitetura doméstica francesa contemporânea**

Carolina Pulici (Universidade Federal de São Paulo)

A presente proposta de comunicação busca examinar o lugar do Brasil no âmbito de algumas instâncias de validação de gostos domésticos na França dos dias de hoje. Se no contexto brasileiro as concepções francesas da “bela morada” ainda se mantêm numa posição proeminente nos repertórios prescritivos do “bem-morar”, a visibilidade que uma parte da crítica de arquitetura feita atualmente no Hexágono concede às casas e objetos residenciais provenientes da sociedade brasileira não é isenta de ambiguidade. Como se procurará demonstrar, o enobrecimento internacional da arquitetura e do design brasileiros não faz apenas valorizar os modos de morar advindos de uma nação não pertencente às elites dos países centrais, dado que por detrás de uma certa complacência relativamente a obras arquitetônicas e decorativas supostamente inspiradas “nas formas voluptuosas da paisagem brasileira” prolongam-se, quer se queira quer não, os estereótipos historicamente atribuídos aos países tropicais, abordados seja na perspectiva do exotismo, seja enquanto produtos dos aprendizados advindos do Hemisfério Norte. No momento atual em que tanto se discute, em escala mundial, a importância da abertura à “diversidade”, a conferência apresentará, num primeiro momento, indicadores quantitativos da desigual representatividade dos diferentes países nos suportes escrutinados para, num segundo momento, integrar a esses distintos índices de internacionalidade uma análise qualitativa dos intercâmbios internacionais, notadamente mediante a apreensão das representações geopolíticas subentendidas nas taxonomias estruturantes dos discursos de celebração em exame.

### **A Festa de Yemanjá na Suíça: Celebração e Organização do Povo de Santo na Europa**

Tatiana Golfetto (John Cabot University)

As religiões afro-brasileiras, especialmente o Candomblé e a Umbanda, fazem parte do atual cenário religioso europeu. Favorecidas pelos fluxos globais e pela circulação de pessoas, estas religiões se difundem cada vez mais e consolidam-se em vários países, ao mesmo tempo em que enfrentam uma série de dificuldades. Tendo em vista essa expansão, é importante observar como foram organizadas, nos últimos anos, algumas iniciativas por parte de babalorixás para reunir o povo de santo presente na Europa em momentos comemorativos como as festas que homenageiam orixás e entidades. A festa de Yemanjá está em seu terceiro ano e é organizada pelo Omo Abèbé, associação fundada por um pai de santo brasileiro que vive em Sirnach, pequena cidade da Suíça. A presente comunicação irá ilustrar alguns aspectos relacionados a este evento cultural realizado em um contexto de migração. A partir da participação da festa realizada em agosto de 2022 e de entrevistas, busca-se refletir sobre a complexidade dos processos relacionados à sua organização e realização, as dificuldades enfrentadas, a escolha dos elementos

culturais, as adaptações, ressignificações e a produção de sentidos e de significados pelos diversos atores envolvidos.

### **A Inserção do Brasil e o Projeto de Política Externa Brasileira Hoje**

Sabrina Medeiros (Universidade Lusófona) e Ana Paula Rodriguez Leite (Interagency Institute)

Os últimos anos, em meio à pandemia da COVID-19, significaram perdas significativas para o capital político internacional brasileiro. As razões para isso tocam o aprofundamento da crise política nacional desde a assunção da representação de direita do presidente Jair Bolsonaro (2019-2022), com perda substancial de credibilidade internacional. Dada a transição com Lula da Silva como presidente em 2023, a presença brasileira no sistema internacional tende a trazer de volta orientações políticas abandonadas ou enfraquecidas. A principal delas, na condição de política externa centrada no pragmatismo multilateral, em nome da presença brasileira regional e qualificada por diretrizes relevantes para a atuação internacional do Brasil. Assim, além da presença do Brasil como parte das lideranças do Sul Global, há uma tendência de tentar recuperar essa participação a partir de componentes internos relevantes como política ambiental e indigenista. Assim, vamos observar como o Brasil deve contar com o provimento de estratégias regionais e alternativas de escopo para sua reinserção global, com foco no Sul Global, por meio de sua representação regional e nos BRICS.

### **PAINEL: O Sentido do Feminino – Tradição, Cultura e Identidade [ONLINE]**

Coordenação: Claudia Pires de Castro (Universität Wien)

Desde sua primeira empreitada para alcançar a Presidência da República, Bolsonaro decretou conflito com a educação e a ciência, promovendo, especialmente, adjetivos pejorativos às ciências sociais, gerando um visível comprometimento das ciências humanas. Neste contexto, duas adversidades específicas dos campos de pesquisa transdisciplinares vieram à tona: enfrentar o descrédito e ataques constantes e postar-se como campo de pesquisa verossímil apesar das suas fronteiras não fortemente delineadas.

Neste sentido, os estudos de gênero no Brasil, que tem suas raízes nos movimentos sociais feministas, e que são estudos transdisciplinares que visam compreender a representação de gênero como importantes categorias de análise, vem enfrentando desafios diversos devido ao avanço das políticas educacionais e culturais conservadoras, que se configuram, entre outros aspectos, em uma barreira para o avanço das agendas feministas.

Diante da urgência de discussão de gênero na sociedade brasileira, o painel tem como objetivo fomentar e estimular debates sobre o sentido do feminino, pelas lentes da tradição, da identidade e cultura e através do olhar de quatro grupos distintos de mulheres: Jokanas Pataxó, jovens estudantes do ensino médio, imigrantes brasileiras na Áustria e mulheres jornalistas 60+ no Estado de São Paulo.

O painel reúne trabalhos com diferentes abordagens teóricas e metodológicas, que irão debater o tema a partir de uma lente transdisciplinar e colaborativa, aspirando apontar um campo fértil para reflexão sobre o sentido do feminino nos diversos Brasis, além de construir perspectivas relevantes a partir da reflexividade e de conhecimento situado no campo de interação entre as diversas áreas.

### **Jokanas Pataxó**

Marcia F. de Camargo (Uppsala University/UFSCar)

Jokana, mulher em patxohã. Dentro das jokanas, há uma presença divina, a Deusa Lua, a Mãe Terra, a Mãe d'água, aquela que nutre e carrega uma força com base na tradição, cultura e memória que constituem identidade. A tradição é como uma magia, é uma maneira de falar com a cultura, com o passado, com seus ancestrais em uma linguagem que é reinventada e dinâmica através do tempo. A identidade da jokana é coletiva e de união, atravessando as barreiras do tempo, as lutas e as memórias de dor enfrentadas durante o colonialismo e fogo de 51 na Aldeia Barra Velha, solidificando uma força através do respeito e da coletividade. Seu olhar transparece sua luta, suas vivências e sabedoria. Jokanas ouvem com os olhos, escutam com a alma e vestem-se de sorrisos e silêncios. É através desta identidade que a jokana fala, grita e luta pelos seus direitos. O diálogo é a ferramenta de luta, seja ele falado, dançado, cantado, escrito ou mesmo expressado nos olhares, no silêncio e nos gestos. Este trabalho visa, apresentar a identidade das jokanas pataxó, desmistificar pré-conceitos, mostrar a potência e força, além de evidenciar a união e coletividade desta comunidade, onde a “mulher” não é desvalorizada por ter filhos, onde o trabalho acolhe as futuras gerações. Jokana é futuro, sabedoria, força, potência e esta forma de olhar a mulher pataxó passa de geração em geração, no olhar dos homens para com elas, reconhecendo, na face do outro, o que há nela e precisa dela para existir.

### **A Ressignificação do Feminino nos Memes**

Francisca Helena Gonçalves Vetorazo (Unicamp)

A escola contemporânea é o lugar privilegiado para o encontro das diferenças. É, também, o lugar onde os preconceitos se manifestam por meio de brincadeiras e de piadas. Esses comportamentos costumam ser normalizados pelos estudantes e pelos adultos, como parte de uma jocosidade própria das juventudes. Essa pesquisa, realizada em três escolas públicas e em uma escola privada - nos períodos de 2013 a 2015 e de 2017 a 2020 -, com estudantes do ensino médio, identifiquei que, especialmente as meninas, têm enfrentado as práticas cotidianas, consideradas por elas como expressões de machismo, de racismo e de misoginia. Esses enfrentamentos, que acontecem dentro da escola e nas plataformas digitais, buscam ressignificar o feminino abordando o gênero como uma representação social imbricada às relações de poder que organizam o mundo entre homens e mulheres. Neste trabalho, apresento um recorte da investigação com a análise dos memes que foram os mais usados pelas estudantes para ressignificar o feminino e as relações de gênero, dentro da escola e nas redes sociais virtuais.

## Imigrantes brasileiras na Áustria

Claudia Pires de Castro (Universität Wien)

Apesar do relatório “Oferta de Trabalho e Migração na Europa”, de 1979, já apontar o papel das mulheres nas migrações, a sociedade e a academia estão começando a reconhecê-lo, apontando a feminização como uma das mais interessantes alterações nas migrações transnacionais. Podemos observar um grande aumento de mulheres migrantes, porém suas necessidades ainda não estão no radar das políticas de migração e nos programas de apoio a imigrantes, pois, na maioria das vezes, a migração feminina está ligada à masculina, resultado da ainda atual visão do migrante como força de trabalho, ou seja, um homem. Como apontado por Engle (2004), a história das migrações é “HIStory” e não “HERstory”. No caso das imigrantes brasileiras, ainda contamos com uma variável que nos acompanha desde o início do Brasil Colônia, com a Carta do Descobrimento, pela qual Caminha diferencia homens e mulheres por suas características, concentrando-se, no caso das mulheres indígenas, nas “vergonhas nuas” e “peitos nus”. Este direcionamento do olhar, que recai na sensualidade/sexualidade, alimentando o imaginário de hipersexualização, persiste sobre as brasileiras, sendo utilizado tanto como elementos agregador e positivo, como perturbador e atormentador, transformando as imigrantes ou em seres invisíveis e objetificados ou em seres diabolizados. Na Áustria, onde 63% dos imigrantes brasileiros são mulheres, as imigrantes experimentam os efeitos desse imaginário, enquanto são responsáveis por abraçar o Brasil estando fora dele, e introduzi-lo para as demais gerações de imigrantes brasileiros. Esse trabalho visa, portanto, apresentar esse cenário e sua importância na manutenção da cultura brasileira.

## Mulheres jornalistas 60+ no Estado de São Paulo

Igor José Siquieri Savenhago (UFSCar)

Quando estudamos o Jornalismo, observamos dilemas democráticos que se evidenciam nas possibilidades de transformar a realidade com ferramentas digitais e nas dinâmicas produtivas e de consumo da informação, o que influencia nas condições de trabalho. Isso porque o profissional jornalista, conforme aplica a técnica, está sujeito a seus efeitos. Para direcionar o olhar especificamente às mulheres dessa faixa etária, deve-se considerar que a adaptação a um cenário tecnológico vem acompanhada pela atenção a atividades domésticas e à saúde, o que se intensifica

com o avanço da idade e que demanda esforços com a pandemia de Covid-19. Em São Paulo, que detém, entre todos os estados paulistas, o maior número de profissionais de Jornalismo em atividade, as mulheres contratadas em 2019, segundo o Dieese (2019), superavam os homens (51,4% a 48,6%), mas ganhavam, em média, 18% menos (R\$ 6.090,40 contra R\$ 7.374,50). No mesmo ano, aquelas com mais de 65 anos – o Dieese inclui até 64 na faixa etária a partir dos 50 – eram, aproximadamente, apenas 0,9% nas empresas de comunicação paulistas. Esses dados não incluem, ainda, as mudanças decorrentes da Covid, que, segundo a Fenaj (2021), ampliou o trabalho remoto, influenciou as condições laborais e provocou a morte de muitos profissionais. O principal objetivo é analisar as percepções de mulheres jornalistas 60+ em São Paulo, sobre transformações tecnológicas, relações trabalhistas e envelhecimento, esperando contribuir para subsidiar políticas públicas que versem sobre trabalho e saúde das pessoas idosas e, neste caso, das profissionais jornalistas.

## **PAINEL: Saúde Mental e Gênero: Representações e Intervenções Sociais e Médico-Científicas [ONLINE]**

Coordenação: Eliza Teixeira de Toledo (Fundação Oswaldo Cruz)

Este painel propõe um amplo diálogo entre seus comunicadores que perspasse questões de saúde mental e gênero. A princípio, suas comunicações partem de análises históricas e exploração de semiótica fílmica, mas se abre para diferentes perspectivas de análise oriundas de outros campos das ciências humanas e médicas. Ele se inspira, em parte, pela sessão de comunicações Gênero: corpos femininos, feminização do trabalho, ciberfeminismo (II Congresso da ABRE, 2018), e se justifica pela pertinência do olhar sobre os saberes e práticas médico-científicas concernentes à relação corpo-mente nas mais variadas temporalidades.

Os trabalhos apresentados trazem análises sobre a história de áreas disciplinares e institucionais como a psiquiatria e a psicanálise, e de que maneira suas produções discursivas e técnicas agiram e agem no sentido de conformar/na conformação de experiências e identidades sociais. Isso será explorado, por exemplo, nos estudos das terapias biológicas correntes no Brasil no século XX. Como propõe Delfine Gardey, a revisão histórica das tecnologias médicas nos dá a possibilidade de escrever uma história de transformações que afetaram corpos e identidades.

Pretende-se ainda, de forma mais ampla, explorar a multiplicidade de abordagens sobre temáticas que tenham como objeto representações e intervenções sobre corpo e o psiquismo humanos. O painel dá ênfase à pertinência dos estudos sociais das ciências, sua relação com os estudos de gênero e a possibilidade de uso de produções cinematográficas para análises sócio-históricas sobre as representações da loucura - como analisado no estudo do filme Nise, o coração da loucura (2015) e sua mise-en-scène fílmica que reflete realidades culturais brasileiras do passado e do presente.

Esse painel se abre também para apresentações sobre condições de vulnerabilidade social e seus impactos para a saúde mental, abarcando perspectivas de análises preocupadas com questões migratórias, étnico-raciais e de classe, entre outras.

## **Psicocirurgia Gênero, Classe e Raça em São Paulo e Rio de Janeiro nos Anos 1940 e 1950: Um Esforço Comparativo**

Eliza Teixeira de Toledo (Fundação Oswaldo Cruz)

Esta apresentação visa trazer novos resultados acerca da utilização de métodos psicocirúrgicos no Brasil, com ênfase na pesquisa realizada atualmente nas fontes clínicas da Colônia Juliana Moreira – Rio de Janeiro. Na tese A circulação e aplicação da psicocirurgia no Hospital Psiquiátrico do Juquery, São Paulo: uma questão de gênero (1936-1956) investiguei os esforços terapêuticos que impulsionaram as tentativas psicocirúrgicas naquele hospital. Analisei os investimentos médicos em relação aos diagnósticos, sexo, idade e cor dos pacientes operados, entre outras variáveis. A pesquisa demonstrou grande incidência da cirurgia em mulheres – mais de 95% dos casos – com especificidades em relação a questões étnico-raciais. Ficou também evidente a incidência de cirurgia em casos de comportamentos considerados “turbulentos” e de ordem “amoral”. Uma nova etapa de pesquisa se estabelece em relação aos usos das cirurgias, agora no Rio de Janeiro. Em pesquisa amostral no arquivo de fontes clínicas do Hospital Juliano Moreira demonstrou uma discrepância menor em relação ao sexo daquela encontrada no Juquery – foram encontrados para o mesmo período (1949 a 1955), sete casos de pacientes homens e seis de pacientes mulheres na Colônia. Neste momento, a pesquisa se concentra nos documentos de pacientes do sexo feminino – já foram encontrados mais de 40 casos. A comunicação trará os resultados da pesquisa corrente ao longo de 2023, com atenção não apenas aos fatores numéricos, mas às motivações de escolha de pacientes que foram lobotomizados e suas especificidades em solo carioca.

## **Pontos de Partida e de Fuga em Nise: O Coração de Loucura e Hollywood**

Cecilia Beecher Martins (FLUL/CEAUL Universidade de Lisboa)

Nesta comunicação examinarei os elementos da mise-en-scène cinematográfica empregues em Nise: O Coração de Loucura (Robert Berliner, 2015). Utilizarei os modelos apresentados em Film Art (Bordwell e Thompson 1979) para questionar se/ como estes elementos visuais facilitam o desenvolvimento do enredo mais aberto de Nise, porque há um ritmo, uma abertura e ousadia para considerar a ambiguidade no Nise que normalmente não se vê nos filmes de Hollywood. Mesmo filmes documentários de formação médica, como Making Rounds (Muffie Meyers, 2005) tem uma manipulação de imagem que não acontece no Nise. No entanto as cenas de abertura e fim poderiam ser vistas como um enquadramento Hollywoodesque no qual a história do filme se desenvolve de forma menos estruturada e apresenta uma nova forma de interação com o espectador. Examinarei o mise-en-scène na abertura porque isso reforça o preconceito de gênero na comunidade médica exibido no filme. Em um segundo momento, irei explorar a potencialidade deste filme como documento que nos permite problematizar um momento histórico. Ressaltarei dois aspectos importantes: o posicionamento da psiquiatra contra as terapêuticas biológicas em voga naquele contexto; e a consideração de sua atuação como médica num meio maioritariamente masculino. Por meio da mobilização deste filme como fonte, pretendo ainda enfatizar como o estudo histórico das produções cinematográficas nos falam também do momento no qual foram produzidos, no

caso de Nise, relevando importantes questões e demandas sociais no Brasil em relação a questões de gênero e cuidados psiquiátricos.

### **A Influência do Gênero na Oferta Terapêutica do IPUB (1940-1952)**

Diana Lea Ferraz Amorim Ferreira (University College London)

Esta comunicação vai explorar a diferença nos percursos terapêuticos de mulheres e homens que passaram pelo Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB), entre 1940 e 1952, com foco na utilização de eletroconvulsivoterapia (ECT) como forma de tratamento de doentes diagnosticados com esquizofrenia. IPUB é o nome que o Instituto de Psicopatologia e Assistência a Psicopatas tomou em 1938, quando passou a integrar a Universidade do Brasil, após o encerramento da sua instituição-mãe (o Hospital Nacional de Alienados, descendente direto do Hospício Pedro II), devido a questões de sobrelotação e falta de condições sanitárias, e a transferência de seus doentes para outras instituições do estado do Rio de Janeiro. Como ponto de entrada, o IPUB acolhia doentes de ambos os sexos por um período máximo de duas semanas, depois das quais recebiam alta ou eram encaminhados para unidades de cuidados continuados. A ECT, terapia de choque experimentada pela primeira vez em 1938, tornou-se num dos principais métodos de tratamento usados, particularmente no período de 1949 a 1951. Se, nos anos que sucederam à integração do instituto na Universidade do Brasil, se verifica uma diversidade de terapias, nesses anos existe uma notória preferência pela ECT. Através da análise de dados estatísticos e dos prontuários de Observações Clínicas da época em questão, demonstrar-se-á a evolução do número global de doentes, assim como as justificações médicas para a escolha de tratamento, tendo em consideração a importância de gênero na tomada dessas decisões.

### **Classe e raça: terapêutica e aprimoramento de técnicas obstétricas no Brasil (1904 – 1915)**

Isabela Dornelas (Max Planck Institute for the History of Science)

Essa comunicação tem como objetivo explorar uma das facetas do meu trabalho a respeito da história do desenvolvimento da história do desenvolvimento da cesariana no Brasil. É próprio da prática médica, especialmente da prática cirúrgica, a aquisição de habilidades para realizar cirurgias advindas do aprendizado prático. Em minha pesquisa, eu pude observar que pacientes submetidas a cesariana no Brasil entre 1904 e 1915 eram majoritariamente brancas. No entanto, a maior parte da mortalidade decorrente do procedimento estava associada com grupos racializados. Minha apresentação tem como objetivo discutir a experiência do sofrimento corporal e mental das pacientes com específicos marcadores sociais e como este quadro se relaciona com o desenvolvimento de habilidades cirúrgicas para o desenvolvimento da cesariana.

## **Violência contra mulheres, sofrimento mental e diagnósticos psi: uma abordagem interseccional de gênero a partir de casos de abordagem policial nos EUA e violência política e sociocultural no Brasil**

Giovanna Catussi (Simon Fraser University - Vancouver Campus)

Minha comunicação se baseará em estudos recentes de meus projetos de pesquisa sobre mulheres, vulnerabilidade e manifestações de violências físicas e psicológicas. Atualmente em meu mestrado em estudos de igualdade, tenho me dedicado a problemáticas em torno de patologização, acessibilidade e deficiência de mulheres negras e indígenas no contexto social norte americano. Esta apresentação se adequa ao painel especialmente pelas questões que abordam violências e sofrimento mental em uma perspectiva interseccional de gênero, já que essas mulheres são classificadas /diagnosticadas como padecendo de deficiências de âmbito psicológico – depressão, esquizofrenia - e trata de abordagens policiais nesses casos. Meu objetivo de pesquisa se opõe ao modelo médico de classificação da deficiência, propondo uma abordagem social e de gênero com relação ao diagnóstico e tratamento. Em uma perspectiva que traz para o Brasil tais violências, farei um paralelo entre tais abordagens e a violência contra as mulheres durante o governo Bolsonaro no país, como forma de identificar problemas de gênero enraizados em preconceitos, vulnerabilidade feminina no contexto político.

### **PAINEL: Formas de Iconoclastia: Apropriação e Destruição do Patrimônio Público e da Memória Coletiva no Brasil**

Coordenação: Vera Beatriz Siqueira (UERJ)

Em 8 de janeiro de 2023, manifestantes apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro – candidato derrotado nas eleições presidenciais de 2022 – invadem as sedes dos Três Poderes em Brasília em protesto à vitória do presidente Lula. O protesto, ou ataque, provocou uma série de destruições intencionais ao patrimônio artístico e arquitetônico brasileiro que podem ser caracterizados como atos de vandalismo e de iconoclastia. Dentre as obras de arte danificadas no ataque, encontramos um raro relógio do século XVII construído por Balthazar Martinot; a tela “As Mulatas” de Di Cavalcanti, painel de azulejo de Athos Bulcão e outras peças de importância para o patrimônio nacional. Para além das obras de arte, foram encontrados danos aos monumentais prédios projetados por Oscar Niemeyer, numerosas peças de mobiliário destruídas e um estado de avaria e sujeira generalizado.

Partindo desse fato recente, este painel deseja discutir a questão da iconoclastia em diferentes formas, problematizando a questão da construção e da destruição do patrimônio público e da memória coletiva no Brasil. Clara Habib (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e João Brancato (Université Paris Nanterre) vão discutir o episódio em Brasília, entendendo-o como parte do projeto iconoclasta maior do governo Bolsonaro e discutindo os aspectos visuais e simbólicos das imagens fabricadas pelos próprios manifestantes. Danielle Stewart (Warwick University) e Carla Hermann (Universität Hamburg) irão tratar da questão memória coletiva indígena, abordando a sua resistência seja através de histórias em quadrinho que ficcionalizam gestos de desobediência civil na luta pela terra e pela soberania, seja por intervenção

artística contemporânea na cidade do Rio que propõe a demarcação de um território indígena no bairro da Glória. Vera Beatriz Siqueira (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) atuará como debatedora, trazendo, a partir das apresentações feitas, algumas questões que as unem, na tentativa de ampliar o conceito de iconoclastia e pensar em suas diferentes formas e em sua aporia constitutiva.

### **Caminho Ancestral da Glória: apagamento e reconstrução de territorialidades indígenas**

Carla Hermann (Universität Hamburg)

Nos últimos três anos, em face a ações de brutalidade policial que levaram ao assassinato de George Floyd em maio de 2020 nos EUA, uma série de manifestações e protestos tomaram o mundo. Dentre diversas ações, vimos manifestações de insatisfação com estátuas públicas que representam o racismo ou o colonialismo. Isso levou a diversas ações físicas contra obras de arte. Em uma questão de dias, vimos símbolos coloniais do passado sendo levados a julgamento nas ruas e uma discussão midiática sobre o patrimônio com o qual lidamos em nossas vidas diárias. Na esteira desses acontecimentos na escala global, diversas propostas também buscaram revelar os apagamentos sofridos pelos povos originários das nações colonizadas. É nesse contexto que o projeto de intervenção urbana Caminho Ancestral da Glória ocorreu entre setembro de 2022 e março de 2023. O projeto teve curadoria de Mariana Várzea e a participação dos artistas Mana Bernardes, Antonio Ton, Anapuaka Tupinambá e dos fotógrafos César Duarte e Milton Guran com a realização de intervenções em 300 m2 de muro na Ladeira da Glória, com o intuito de trazer à tona a ancestralidade daquele território, onde viviam indígenas tupinambás aldeados e onde ocorreu a batalha Urusumirim no século XVI. Essas intervenções são resultantes do trabalho do coletivo Rio Tupinambá Karioka, que propôs nos últimos dois anos, junto à prefeitura do Rio de Janeiro, o reconhecimento de um território indígena tupinambá, através da renomeação de uma praça no bairro da Glória para Uruçumirim, no local onde supostamente se deu a referida batalha. O objetivo da comunicação é realizar uma análise crítica da intervenção, considerando o contexto em que ela ocorreu e a dinâmica de construções e apagamentos de memórias e das territorialidades dos povos originários na cidade do Rio de Janeiro.

### **Iconoclastia material e simbólica no governo Bolsonaro**

Clara Habib (UERJ)

O ataque em Brasília em 8 de janeiro de 2023 é chocante e sem precedentes na história brasileira, mas não é uma ação isolada. Ao contrário, ela reflete o descaso com o patrimônio que foi uma das características marcantes de toda a gestão de Jair Bolsonaro. Assim, o objetivo desta comunicação é entender este episódio como etapa de uma estratégia continuada de iconoclastia material e simbólica praticada por Jair Bolsonaro e seus seguidores. A princípio, um ataque iconoclasta deveria pressupor uma destruição material. Iremos, entretanto, ampliar o sentido do termo e entendê-lo também como um tipo de oposição conceitual. No ataque em Brasília, a materialidade do patrimônio foi destruída, mas para além disso todo um projeto de civilização foi atacado. O governo Bolsonaro foi iconoclasta desde seu início, tanto

através de estratégias literais de destruição quanto através de estratégias simbólicas. A destruição de Brasília pelos seguidores de Bolsonaro é trágica e impactante, mas só coroa um projeto de iconoclastia continuada de seu líder.

### **Indigenous Brazilians and popular media**

Danielle Stewart (Warwick University)

As reported in international news outlets, the 2018 fire at the Museu Nacional in Rio was attributable to gross negligence on the part of the Brazilian federal government. While not a purposeful act of destruction, approximately 90% of the collection was destroyed—around 18 million items—in an event that has been called “a new genocide.” In 2023, the carnage continues with emerging reports of indigenous Yanomami populations being decimated by disease and malnutrition as they live with the repercussions of the Bolsonaro government’s permissive position towards illegal gold mining operations that destroy habitats, pollute water sources, and monopolize arable land. In the face of this extermination born of negligence, indigenous Brazilians and their allies have sought recourse in direct appeals to the public that circumvent government bureaucracy and indifference by publicizing their plights in popular media. This presentation highlights two examples of recently published graphic novels that foreground indigenous land claims and embodied resistance. “Xondaro” (2016, Editora Elefante) and “Os donos da terra” (2020, Editora Elefante), both illustrated by Victor Flynn Paciornik, recount real and fictionalized acts of civil disobedience on the part of indigenous peoples engaged in struggles to defend their right to the land. Completed in a visual style aimed at a popular audience, the graphic novels are both highly legible and evocative accounts of recent radical action that confronts governmental neglect and commercial incursion. Created via sustained dialogue with indigenous communities and researchers, the graphic novels demonstrate a grassroots attempt to draw popular support for indigenous sovereignty.

### **Iconoclastia e fabricação de imagens no ataque à democracia brasileira em 8 de janeiro de 2023**

João Brancato (Université Paris Nanterre)

A apresentação irá abordar o aspecto de fabricação de imagens em torno dos atos de vandalismo e iconoclastia de 8 de janeiro de 2023, em Brasília, levando-se em conta a posição daqueles que registram os atos e que discursos transmitem; os aspectos visuais e simbólicos em torno dos que os realizam (como figurino e performance) e as eventuais significações das intervenções e destruições acarretadas às obras. As imagens sobre o evento análogo ocorrido nos Estados Unidos da América em 6 de janeiro de 2021, a invasão do Capitólio - logo após a derrota de Donald Trump por Joe Biden -, servem como recurso comparativo às imagens do evento brasileiro, auxiliando a elucidar a particularidade de seus aspectos construtivos. Por fim, defende-se que o ataque à Brasília, na especificidade de seus atos iconoclastas, pode ser encarado como uma resposta material e simbólica da direita radical à posse de Lula em 1 de janeiro, ocorrida no mesmo local, e as imagens produzidas nesse evento, nem tudo o que elas representam de diametralmente oposto aos discursos

do candidato derrotado e de seus apoiadores.

## **Formas e aporias da iconoclastia**

Vera Beatriz Siqueira (UERJ)

A ideia da comunicação é partir das demais apresentações do painel para levantar algumas questões sobre um conceito ampliado de iconoclastia, pensando em suas diferentes formas, suas motivações variadas, sua recepção diversa e mesmo sua aporia constitutiva. Nesse sentido, serão levantados para debate problemas como as relações entre construção e destruição do patrimônio público e da memória coletiva; as intrincadas conexões entre patrimônio cultural e democracia; a iconoclastia como forma de ataque ou resistência democrática, entre outras.

## **PAINEL: Passado Presente: Ditadura, Negacionismo e Direitos Humanos no Bolsonarismo [ONLINE]**

Coordenação: Cristina Buarque de Hollanda (New York University Abu Dhabi) e José Szwako (IESP/Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

A emergência de vozes e atores ultraconservadores na sociedade civil e no Estado brasileiros levanta questões tanto teóricas como políticas que desafiam a imaginação das Ciências Humanas. Por certo, a gênese desse coro reacionário não está limitada ao governo de eleição de Jair Bolsonaro, nem à sua eleição e sequer ao golpe que destituiu Dilma Rousseff em 2016. Antes e junto desses processos, são variadas as dimensões, escalas temporais e trajetórias dos atores que nos trouxeram a esse cenário ultraconservador – hoje resumido no termo ‘bolsonarismo’ – notadamente marcado pelo repúdio dos direitos humanos, pela intolerância racial e religiosa, bem como pelos ataques às instituições de pesquisa, com especial destaque aos ataques dirigidos contra a universidade pública brasileira. Este painel propõe um olhar mais aprofundado em uma dessas dimensões para se interrogar, especialmente, sobre as múltiplas conexões estabelecidas pelo bolsonarismo em suas relações com o passado(s) da ditadura militar brasileira (1964-1985). Ele acolhe comunicações individuais que abordam (i) o negacionismo da violência da ditadura; (ii) as apropriações do discurso e da institucionalidade dos direitos humanos, com ênfase no tema dos mortos e desaparecidos do regime, (iii) o processo de partidarização (ou não) da memória sobre a ditadura, (iv) o futuro da justiça de transição no país, (v) a comparação com Moçambique.

## **Negacionismo de Estado? Comissões, Memória e Ditadura no Governo Bolsonaro**

Cristina Buarque de Hollanda (New York University Abu Dhabi) e Matheus Vitorino (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

O período que sucede a promulgação da constituição de 1988 representa um momento de construção e consolidação, ainda que gradual, das políticas e instituições de reparação, memória e justiça aos crimes cometidos pelo Estado brasileiro durante os anos de ditadura militar. Contudo, o impeachment da presidente Dilma Rousseff em 2016 e a eleição de Jair Bolsonaro em 2018 representam um ponto de inflexão

na trajetória das políticas de reparação, memória e justiça. Durante os quatro anos de mandato de Bolsonaro foram extintos o Grupo de Trabalho Araguaia (GTA), a Equipe de Identificação de Mortos e Desaparecidos Políticos (EIMDP) e a Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP). Neste mesmo movimento, a Comissão de Anistia (CA) passou por alteração total de seu corpo de conselheiros, incorporando militares e atores ligados à defesa da ditadura. Desta forma, a formalização do negacionismo histórico como discurso oficial de Estado combina a desinstitucionalização de capacidades estatais com o uso institucional de outras. O presente trabalho pretende investigar as estratégias de difusão do negacionismo como discurso oficial de Estado, e também o modo como ele foi incorporado e/ou dissolveu as instituições de Estado de reparação, memória e justiça.

### **Como Bolsonaristas Veem a Ditadura? Passado, Violência e Direitos Humanos no Imaginário Ultraconservador Brasileiro**

José Szwako (IESP/Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

O paper apresenta os resultados parciais de uma bateria de grupos focais realizada em 2022 com eleitores bolsonaristas (homens e mulheres) que tanto votaram em Bolsonaro em 2018, como mantinham seu apoio em 2022. Ele parte de seis grupos focais cujo critério de recrutamento pretendeu aliar a diversidade da base de apoio bolsonarista com a postura de oposição ou de hesitação face à defesa dos direitos humanos no país. Todos recrutados na cidade de Curitiba (Paraná), os seis grupos se dividiam entre faixas de renda A ou B (dois grupos), e os demais de renda C ou D (quatro grupos). A faixa etária dos grupos foi igualmente dividida entre três grupos de jovens (de 18 a 35 anos) e três de adultos (36 a 65 anos). Por fim, além de dois grupos exclusivamente composto por várias denominações evangélicas, cada grupo tinha, ao menos, duas pessoas que até 2022 ainda não haviam se vacinado – no entanto, por ter sido realizado on-line, a escolha pelo grupo focal evitou quaisquer riscos sanitários. Os resultados mostram a equação ambivalente pela qual ditadura, presente e violência são percebidos e narrados. A versão de um regime ditatorial como algo necessário ou legítimo parece perder força, embora aspectos parciais e idealizados do passado sejam evocados, ainda que eles não coloquem em xeque a escolha pela “liberdade” democrática. Essa escolha, no entanto, convive ambigualmente com as percepções não somente de que a “violência” atual é impune, mas também de que os direitos humanos cumprem papel decisivo nessa negatividade.

### **As Anistias do Passado como Fatores de Retrocesso Democrático? Uma Revisão do Caso Brasileiro e Moçambicano**

Natália Bueno (Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra)

Depois de quase duas décadas (1985-2010) de um aprofundamento da democracia brasileira, seu retrocesso tornou-se inegável depois do questionável impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff em 2016. Ainda durante o primeiro termo do presidente Filipe Nyusi (2015-2019), Moçambique passou de um regime híbrido para um autoritário. Apesar das muitas diferenças, Brasil e Moçambique guardam uma importante semelhança: o obscurecer do passado através das amnistias que mascararam períodos de grandes abusos e violações, como governos ditatoriais e

uma guerra civil, respectivamente. Este artigo questiona as possíveis conexões entre o processo de justiça de transição e o desenvolvimento democrático de ambos os países. Em particular, examina de que forma o “ignorar” de um passado violento forneceu as bases para um sucessivo recrudescer político e social tanto no Brasil quanto em Moçambique. Tal análise tem como base uma ampla revisão de literatura, pesquisa de arquivo de jornais, documentos oficiais e anos de investigação de campo particularmente em Moçambique.

### **Citizens’ Attitudes Towards the Past in Brazil: a Comparative Analysis Before and During Bolsonaro’s Term**

Filipa Raimundo (Iscte-IUL) e Jayane Maia (German Institute for Global and Area Studies)

What explains citizens’ attitudes towards their authoritarian past? Using data from 2014, Raimundo and Maia (2019) showed that, contrary to what was found in other countries (Raimundo and Santana-Pereira, 2021), citizen attitudes towards the military dictatorship in Brazil were not politicized. In other words, party ID was not relevant to explain how citizens felt about the previous dictatorship. This conclusion was different from what other studies on attitudes towards the past found, but in line with the extant literature on the role of ideology and party ID in explaining political attitudes and behaviors in Brazil. In general, studies focused on Brazil have shown a decline in the relationship between ideology and vote since the beginning of the XXI century. However, important developments have taken place in the past years that may have changed this pattern. In 2011-16 President Dilma openly condemned the previous regime, whereas in 2017-2022 President Bolsonaro openly defended it. This change in how the past has been publicly discussed is likely to have affected individual attitudes, particularly on the right, given the historically well-known phenomenon of the ‘ashamed right’ (Souza, 1989), something that has been suggested by recent studies (Quadros and Madeira, 2018). Comparing the period before and during Bolsonaro’s presidency, this paper asks whether this change in public discourse has had an impact on citizens’ attitudes towards the past and their relationship with party ID, in the same way that Fuks and Marques (2020) find a growing relationship between ideology and vote in the last years.

### **Justiça de Transição à Brasileira: Passado, Presente e Desafios**

Paulo Abrão (Universidad Pablo de Olavide)

O Brasil tem uma história marcada pela violência e autoritarismo. O golpe de Estado civil-militar de 1964 e a ditadura por ele instaurada perseguiu, censurou, prendeu, torturou, assassinou e desapareceu com os corpos de milhares de brasileiros que se engajaram nas mais diversas formas de resistência. A transição democrática teve como elemento central a Lei de Anistia de 1979 e a abertura política foi marcada pelo discurso da “reconciliação”, que representou mais uma vez a tentativa de impor o esquecimento sobre o passado repressivo. Desde a redemocratização algumas respostas estatais e mobilizações sociais tentaram promover garantias de não repetição, como o direito à memória, à verdade, à reparação e, principalmente, à justiça, para as vítimas da ditadura e seus familiares, e para toda a sociedade. Esse

esforço não foi suficiente para atender a todos os reclamos sociais em matéria de justiça de transição e menos ainda para impedir um processo recente de revisionismo histórico e de retomada do militarismo no protagonismo na vida política nacional, ao ponto de o país ter sofrido novos ataques às instituições democráticas em 8 de janeiro de 2023. A luta social para desnaturalizar a cultura autoritária e o corte entre as violências do passado e presente para apontar as suas permanências e continuidades na história parece uma tarefa difícil. Considerando os desafios históricos pendentes e as consequências do último ciclo autoritário, quais são as perspectivas para a agenda da justiça de transição no Brasil a partir da eleição de Lula da Silva?

## **PAINEL: Experiência Migratória e Dinâmicas Urbanas: Atores, Agency, Visibilidade III**

Coordenação: Simone Frangella (ICS – Universidade de Lisboa)

Este painel temático busca reunir pesquisadores tratando da experiência urbana dos (i)migrantes, nos séculos XX e XXI. Apresentaremos – e confrontaremos –, assim, estudos de caso em que tais atores deixam suas marcas no espaço urbano. Trata-se, em primeiro lugar, de trazer à tona as formas de hospitalidade, os conflitos e as barreiras que se impõem e permeiam essa entrada de forasteiros nas cidades. E, em segundo lugar, de focar dinâmicas urbanas graças às quais, através das quais ou apesar das quais, segundo estratégias individuais e/ou coletivas, os (i)migrantes inserem-se no tecido urbano, agindo sobre ele, transformando-o e reagindo às normas que, em muitos casos, buscam circunscrever e regular sua presença, limitar sua visibilidade. O processo é duplo: parte das formas tomadas pela vida urbana e, também, do agir dos (i)migrantes que, enquanto atores sociais ativos, intervêm, reagem, ocupam o espaço das cidades e fazem-se mais ou menos visíveis segundo os contextos, as conjunturas, as sobre-determinações históricas mais ou menos favoráveis.

## **Dos modos de morar em Lisboa: análise longitudinal da habitação de migrantes brasileiros**

Simone Frangella (ICS – Universidade de Lisboa)

Essa comunicação pretende refletir quais as perspectivas e estratégias, ao longo das últimas quatro décadas, período de intensificação do fluxo migratório brasileiro para Lisboa, em torno das formas de morar em Lisboa. Levando em conta que as características desses fluxos e as condições de habitabilidade da cidade foram mudando ao longo do tempo, interessa aqui pensar, por um lado, quais os esquemas e estratégias que permearam as escolhas de onde e como morar; e, por outro lado, quais as representações que migrantes brasileiros criaram da cidade e de que forma as suas formas a vida quotidiana que construíam e constroem modificaram a cidade. Essa comunicação tem como base empírica um estudo sobre os migrantes brasileiros em Lisboa na década passada e a sua atualização temporal.

## **“Ao gosto europeu”: circulação de imigrantes e a popularização do cafezinho no Rio de Janeiro (1840-1890)**

Bruno Bortoloto do Carmo (Museu do Café, Santos)

O café enquanto bebida é consumido no Brasil por milhões de pessoas todos os dias. No entanto, nem sempre a bebida esteve por aí como centro das atenções: a penetração foi lenta ao longo dos séculos XVIII e XIX, algo que se construiu ao longo dois séculos até se incorporar aos hábitos do brasileiro. Nesta comunicação, pretendo abordar a circulação de portugueses, franceses italianos e ingleses no Rio de Janeiro e sua participação na popularização de cafeterias fomentada por uma europeização de costumes da Corte Imperial. Sendo a maior parte dos estabelecimentos geridos por imigrantes, e até mesmo ornamentados e com cardápios “ao gosto europeu”, algumas cafeterias tornaram-se extremamente populares na Capital brasileira. Com base em uma pesquisa em jornais e periódicos, apresentarei os principais estabelecimentos da época, tais como: Café do Braguinha (1840-1870), o Café Francez (1842–1860), o Cercle du Commerce (1855–1878), o Café Parisien (1859–1868), Café Americano (1866–1879), entre outros.

## **Casa Ilha da Madeira: Territórios, trajetórias e memórias (madeirenses em S. Paulo décadas de 1950-60)**

Maria Izilda S. de Matos (PUC-SP/CNPq)

Esta investigação busca uma contribuição para os estudos sobre a e/imigração madeirense, ancorando a investigação nos imigrantes que se estabeleceram em São Paulo e que mantêm vínculos com Casa Ilha da Madeira (associação localizada no bairro do Tucuruvi/SP). Enfrentado o desafio de restaurar histórias até então inatingíveis, buscou-se dar visibilidade a presença dos madeirenses chegados nas décadas de 1950 e 1960, valorizando-se as trajetórias a partir da construção de uma documentação oral, que permitiu questionar diferentes perspectivas desse processo de deslocamento e inserção na cidade.

## **A Colônia Luxemburguesa – construindo juntos um século de laços de aço entre o Luxemburgo e o Brasil (1921-2022)**

Dominique Santana (Université de Luxembourg)

Em 1921, o conglomerado siderúrgico luxemburguês Arbed – hoje ArcelorMittal – inaugurou sua subsidiária brasileira, a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, provocando um século de trajetórias de migração entre ambas as regiões. Esses industriais ergueram a cidade de João Monlevade no meio da mata mineira, em um processo de acelerada urbanização para atender à usina, acomodando uma comunidade heterogênea, entre engenheiros europeus e ex-trabalhadores rurais. O projeto transmídia chamado A Colônia Luxemburguesa ([www.colonia.lu](http://www.colonia.lu)) é uma experiência interativa, revelando progressivamente o que está por trás da narrativa corporativa instrumentalizada da Belgo Mineira através da multivocalidade – um trabalho colaborativo de democratização e dinamização do conhecimento histórico, empoderando as comunidades locais a terem finalmente acesso a seu patrimônio histórico e a se tornarem autoras da sua própria história.

## Sexta-feira, 8 de setembro de 2023

9h-10h45

### **PAINEL: Análise Literária I – Formas e fontes**

#### **Os bastidores do Movimento Antropofágico nos arquivos de Raul Bopp**

Fabiola Mourthé (Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais)

O presente trabalho tem como propósito escrutinar os arquivos de e sobre Raul Bopp, localizados em diversas instituições de pesquisa, tais como o Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo, a Casa de Rui Barbosa, o Arquivo Histórico do Itamaraty, a Fundação Biblioteca Nacional, os Arquivos de Sérgio Bopp, dentre outros, revelando a sua atuação e a sua perspectiva no processo de criação do Movimento Antropofágico e concomitantemente do entorno da Revista de Antropofagia. Vale ressaltar que Bopp foi poeta, advogado, jornalista, diplomata, mas, acima de tudo, um viajante apaixonado, que já percorreria o Brasil quando participou ativamente dos debates artístico-culturais na década de 1920, período em que a cultura foi marcada por diversas manifestações, como a Semana de Arte Moderna, além das publicações de obras literárias, revistas, manifestos e o surgir de movimentos. Em seus arquivos compostos por extensa correspondência com diversos escritores e intelectuais, especialmente o gaúcho Augusto Meyer, recortes de jornais, documentos da diplomacia brasileira, e outros materiais, analisaremos os bastidores do Movimento Antropofágico, resgatando a importante atuação de Bopp, atualmente bastante esquecida, as articulações para a Revista de Antropofagia, a sua relação com a artista plástica Tarsila do Amaral, o escritor Oswald de Andrade e a musa modernista Pagu. Esse recurso aos arquivos de Bopp servirão para perceber o processo de criação, a diversidade temática, os preparativos para a escrita e o esboçar da trama do seu Cobra Norato, poema fulcral do Modernismo brasileiro.

#### **Cartas, Rascunhos, Diários: Os Arquivos como Via de Revisitação da Literatura Brasileira**

Viviane Cristina Oliveira (Universidade Federal do Tocantins)

Em texto intitulado “Arquivos literários: entre o público e o privado”, Reinaldo Marques (2015, p. 30) assinala a contribuição das pesquisas nos arquivos de escritores para o “surgimento de novas abordagens críticas”, a “revitalização de antigos discursos críticos” e o estímulo à transdisciplinaridade nos estudos literários. Compreendido enquanto espaço constituído por distintos tempos e subjetividades, o arquivo é via pela qual obras e conceitos podem ser revisitados e revitalizados quando relacionados a documentos marcados pelas dinâmicas da multiplicidade e do inacabamento. Assim, diários, cartas, rascunhos são interessantes caminhos para uma releitura de textos como os do escritor mineiro Mário Palmério, bem como do conceito ao qual a produção desse escritor foi associada: regionalismo. Indicar as possibilidades de revisitação da questão regional a partir do arquivo de Mário Palmério é o objetivo deste trabalho. Para tanto, alguns documentos de seu arquivo serão comentados, em especial, o diário que escreveu a bordo de seu barco Fray Gaspar de Carvajal durante uma longa estadia na Amazônia. O diário, de maneira

mais intensa do que cartas e rascunhos esparsos, sinaliza um constante trabalho de coleta de dados regionais capaz de conferir novos matizes à leitura da ficção regionalista igualmente impulsionada pelo registro de particularidades locais. Conceito marcante nas histórias da literatura brasileira, o regionalismo, lido a partir da experiência desse viajante mineiro, ganha sentidos que podem justificar seu constante retorno à cena literária mesmo à revelia de alguns juízos críticos.

### **João do Rio na Kosmos**

Álvaro Simões Junior (Universidade Estadual Paulista)

Sucesso de público e de crítica, o livro *A alma encantadora das ruas* (1908), de João do Rio (Paulo Barreto), resultou da seleção de textos publicados no jornal diário *Gazeta de Notícias* e na revista mensal *Kosmos*, ambos do Rio de Janeiro, no período de 1904 a 1907. Julga-se de grande interesse avaliar as relações desses textos com os veículos que os divulgaram inicialmente, considerando os condicionamentos, definidos por Marie-Ève Thérénty, que são exercidos pela matriz jornalística por meio da periodicidade, da submissão à atualidade, do efeito-rubrica e do trabalho coletivo. No caso específico de *Kosmos*, pretende-se analisar o contraste muitas vezes flagrante entre a linha editorial da revista, verdadeiro álbum da assim chamada *Regeneração do Rio de Janeiro*, liderada pelo prefeito Pereira Passos de 1903 a 1906, e os textos do cronista carioca, que neles tratou dos tatuadores, das religiões e festividades de origem africana, dos blocos de Carnaval, da modinha e da venda ambulante de orações impressas, entre outros assuntos relativos à cultura popular da então Capital Federal. A hipótese é a de que seria possível perceber nos textos publicados na luxuosa revista ilustrada o mesmo teor antiideológico que se defende ser possível atribuir ao livro *A alma encantadora das ruas*.

## **PAINEL: Saúde e Cuidado: Novos e Velhos Desafios dos Cuidados de Saúde**

### **A popularização da política de saúde na Era Vargas**

Ricarda Musser (Ibero-Amerikanisches Institut)

Não há dúvida de que a Era Vargas (cenário político brasileiro) enfatizava tanto a estabilização quanto o controle social em suas políticas. Os cuidados com a saúde não foram exceções. A política de saúde na década de 1930 foi caracterizada pela criação de um novo aparelho estatal que a definiu, a centralizou e monitorou seu cumprimento. Era um elemento significativo da política social mais ampla e visava criar um 'novo homem' e uma 'nova raça' dentro do projeto político-ideológico do Estado brasileiro. Este estado buscou ativamente a disseminação do conhecimento nos campos da saúde e da higiene, prossequindo suas próprias campanhas e estratégias para educar o público sobre doenças individuais e sua possível prevenção ou tratamento. Estas atividades estaduais foram acompanhadas pelas últimas descobertas da indústria farmacêutica, que foram frequentemente divulgadas ao público em anúncios para seus produtos em diferentes meios de comunicação. O objetivo dessa palestra é examinar vários meios de comunicação que contribuíram

para a popularização do conhecimento sobre saúde e higiene nesse período. Serão incluídos na análise: cartazes, Literatura de Cordel, revistas ilustradas, revistas para crianças e filmes documentários. A palestra busca respostas para a questão das estratégias de popularização e do tratamento de temas específicos da política de saúde para diferentes grupos da população.

### **Quem nos cuidará na velhice?**

Michelle Redondo (CRESPPA)

O aumento da expectativa de vida e as mudanças na organização familiar nos apresentam novos desafios. Esta comunicação apresentará os diversos tipos de trabalhadoras que se inscrevem nos cuidados dedicados aos idosos, suas condições de trabalho e experiências. Dessa forma, refletiremos sobre a organização social que se estabelece em relação aos cuidados dos idosos e abrimos uma discussão sobre o que o cuidado e o cuidar. Para tanto, nos baseamos na experiência de trabalhadoras que cuidam de pessoas idosas na França e no Brasil. As informações coletadas fazem parte de uma pesquisa transnacional sobre o Care (cuidado e cuidar), que nos permitiu entrevistar tanto trabalhadoras ligadas à instituições quanto aquelas que negociam diretamente com a família e nos permitirão fazer um debate sobre a realidade das trabalhadoras nesses países estudados.

### **Mapeando a Art-Based Research no Brasil nas áreas de Educação e da Saúde**

Marcio Mello (FIOCRUZ-RJ)

Fazer arte e ciência tem sido historicamente uma capacidade inerente à humanidade, pois mesmo quando nem sequer existiam essas divisões de disciplinas, esses conhecimentos já caminhavam juntos e os seres humanos já possuíam tanto capacidades criativas, percepções abstratas e simbólicas, bem como linguagem mítica e cosmologias que explicavam o mundo. Até que chegamos ao período da revolução científica no séc. XVI, quando ocorre uma ruptura das ciências com as artes. No século XX, há um momento de reaproximação da Ciência com a Arte, e, uma das formas que esse processo tem acontecido é com o desenvolvimento da pesquisa qualitativa, da CienciArte e com a emergência da Art-based Research (ABR). Sendo assim, este trabalho pretende explorar um pouco mais sobre a ABR no Brasil, buscando mapear algumas iniciativas existentes no país e no mundo, concentrando nossos esforços principalmente nas áreas da educação e da saúde. Partimos das vivências que temos experimentado enquanto grupo de pesquisa nas nossas reflexões e ações dentro do Instituto Oswaldo Cruz (IOC)/Fiocruz. Nestas pesquisas que temos desenvolvido no Núcleo de Estudos em Arte, Cultura e Saúde (NEACS), percebemos a PBA como um teor artístico que pode estruturar e conduzir toda a pesquisa. Trata-se de pensar a linguagem artística não como ornamento de um trabalho produzido cientificamente, mas como a própria forma da construção do trabalho, uma vez que nem disciplina, nem campo, a Pesquisa Baseada em Artes é antes de tudo uma prática. Afinal, nessa perspectiva o processo torna-se essencial, o foco desloca-se das respostas fechadas para as problematizações possíveis, dos resultados para os questionamentos, da estética para a experiência, das formas hegemônicas de pesquisa para práticas que estimulam a imaginação, a criatividade,

a inovação, a invenção, a multiplicidade de relações e criações possíveis de serem vivenciadas entre pesquisador, participantes e leitores. Ao desestabilizar o olhar do senso comum e abrir espaço ao desconhecido e ao encontro, a PBA pode operar, mais do que uma construção epistemológica, uma ação ontológica – um devir-arte, uma estética da existência, um acreditar na possibilidade do mundo e de maneiras outras de pesquisar, educar e viver.

## **PAINEL: Mulheres que Ex(im)primem: O Protagonismo Feminino na Imprensa**

Coordenação: Everton Vieira Barbosa (Université Sorbonne Nouvelle)

Este painel tem como objetivo apresentar e analisar o protagonismo feminino na imprensa em diferentes temporalidades. Dentre as mulheres estudadas, destacam-se Gervásia Nunézia Pires dos Santos Neves (1824-1872), Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), Rachel de Queiroz (1910-2003) e tantas outras que atuaram na direção de jornais e revistas, mas também na escrita de crônicas, poesias, textos literários e políticos, contos, ensaios, resenhas de livros e outros temas e formatos que contribuíram na construção e circulação de ideias e ideais dessas e de outras senhoras. Diante de uma sociedade construída sob a égide do patriarcado e da noção de “bela, recatada e do lar” atribuída às mulheres, dar visibilidade às diferentes formas de atuação na imprensa expõe seus pontos de vista sobre variados assuntos que estavam em voga naquele momento permite identificar e compreender os dilemas que perpassam o universo feminino e a constante disputa de poder que paira em torno das questões de gênero (SCOTT, 1995). Além disso, falar de mulher para além das mulheres é um dos pontos que permeiam essas escritas e esse painel, colocando em xeque as múltiplas formas de submissão feminina em relação aos homens e levantando assuntos que eram tabus para a sociedade da época. Assim, temas como a educação, o voto, o trabalho, a maternidade, a vida doméstica, política, a moda e outros podiam ser narrados para expor o olhar feminino sobre o assunto, mas também para subverter a ordem vigente, quebrando paradigmas e propondo novas formas de experimentar e viver o mundo. Vamos, então, tratar as narrativas impressas dessas mulheres e destacar a importância social que elas deixaram para nós.

### **As crônicas de moda de Júlia Lopes de Almeida em O Paiz**

Ana Cláudia Suriani da Silva (University College London)

Esta comunicação tem como objetivo examinar a coluna “A Moda” publicada por Júlia Lopes de Almeida sob o pseudônimo Ecila Worms em O Paiz. A colaboração foi solicitada pelos editores à escritora, com o objetivo de diversificar o conteúdo do jornal destinado ao público feminino. Ao iniciar a série em 1892, Júlia Lopes de Almeida já era um nome conhecido e respeitado como cronista de moda, tendo colaborado entre 1888 e 1891 com a revista ilustrada A Estação (RJ, 1879-1904). Entretanto, ao longo de mais de nove anos em que as leitoras de O Paiz puderam acompanhar a série, que figurou no jornal em cento e cinco oportunidades, a identidade de Júlia Lopes escondeu-se por trás do pseudônimo. Argumenta-se que a escritora valeu-se do pseudônimo para criar uma autora fictícia com características

personais e literárias próprias, uma jovem de gosto refinado, que viveu em Paris e teve longo aprendizado em modas, para justificar o tom prescritivo e o ar professoral dos seus textos. O recurso do pseudônimo permitiu que a escritora mantivesse séries paralelas de crônicas em *O Paiz*, nas quais ela pudesse defender opiniões mais ou menos eurocêntricas. Muito menos patriota do que a Dona Júlia das crônicas de “Dois dedos de prosa”, em “A moda”, Ecila Worms defende a hegemonia cultural francesa e a moda como um processo trickle-down, movida pelo princípio da ostentação e imitação.

### **Escrituras femininas nas revistas ilustradas *Eu sei Tudo* e *Je Sait Tout*: escavação de textos e imagens-fósseis do início do século XX**

Andrea Casa Nova Maia (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

O objetivo deste paper é “escavar” alguns textos-fósseis de escritoras presentes nas revistas *Eu sei Tudo* (Brasil) e *Je sais Tout* (França) na primeira metade do século XX. Buscamos problematizar escrituras de mulheres que, no início do século XX, narraram histórias, escreveram sobre moda, política, ciência e cultura em formato de almanaque. São mulheres que deixaram nas linhas e entrelinhas da *Eu Sei Tudo* e da *Je sais Tout* inscrições que fazem ver suas visões um mundo em transformação. Atravessadas pela vontade do novo, noticiavam, discutiam, inferiam suas opiniões e produziam escrituras singulares embora ainda, por vezes, mantenedoras de papéis subordinados do feminino. Neste trabalho, procuramos iluminar esses fragmentos de textos e imagens do feminino, revelando as mudanças de comportamento social ao longo das primeiras décadas do século XX.

## **A redação-chefe e as crônicas de Gervásia Nunézia Pires dos Santos Neves em O Jornal das Senhoras (1853-1855)**

Everton Vieira Barbosa (Université Sorbonne Nouvelle)

Esta comunicação tem por objetivo identificar e analisar a contribuição da redatora-chefe e escritora Gervásia Nunézia Pires dos Santos Neves (1824-1872) no impresso O Jornal das Senhoras, entre os anos de 1853 e 1855. Ao atuar na direção do periódico por mais de dois anos, a escritora também colaborou redigindo algumas crônicas que tratavam do cotidiano musical e teatral no Rio de Janeiro. Sua contribuição deu continuidade ao projeto de instrução por meio da imprensa encabeçado por Joana Paula Manso de Noronha (1819-1875), primeira redatora do impresso, e de Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco (1817-1875), segunda redatora. Ao lado de seu marido, o poeta e funcionário público Antonio José dos Santos Neves (1837-1874), Violante contribui na publicação de informações destinadas ao público feminino, difundindo conhecimento e proporcionando entretenimento para suas leitoras. Assim, compreendemos que participação dessa redatora e escritora na imprensa, ainda pouco analisada, deve ser tratada, pois revela diferentes facetas da atuação feminina na direção e redação de impressos periódicos em meados do século XIX.

## **As crônicas políticas de Rachel de Queiroz e os limites entre história e ficção**

Natália Guerellus (Université Jean Moulin Lyon 3)

Esta comunicação analisa um corpus de 150 crônicas políticas publicadas pela escritora brasileira Rachel de Queiroz entre 1927 e 2000 nos jornais O Povo (CE), Diário de notícias (RJ), O Jornal, Correio do Ceará e na revista O Cruzeiro. Através da seleção apresentada, analisa-se a inserção profissional da cronista nos diversos veículos em que publicou, o papel intelectual desempenhado pela autora no espaço público brasileiro ao longo de todo o século XX, e as relações entre escrita de autoria feminina, crônica e política. Destaca-se, por fim e a partir das considerações do teórico Luiz Costa Lima sobre os limites entre história e ficção, a importância das crônicas rachelianas na construção de um imaginário próprio à direita brasileira contemporânea, entre a democracia e o autoritarismo.

## **Maria Amalia Vaz de Carvalho correspondente de O Paiz (1884-1889)**

Tania Regina de Luca (Universidade Estadual Paulista)

Essa comunicação integra o projeto É preciso falar das ausentes: mulheres cronistas na imprensa oitocentista e tem por objeto a colaboração da escritora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921) no jornal O Paiz, iniciada em 1884, ano de lançamento do periódico, e que se estendeu, com pequenas interrupções, até 1889. Trata-se, por um lado, de inquirir os caminhos que garantiram notoriedade à escritora dos dois lados do Atlântico e, por outro, de evidenciar tanto a natureza diversa dos 98 textos que enviou para o matutino quanto suas múltiplas possibilidades analíticas. As contribuições dirigiam-se ao público feminino e distinguem-se pela diversidade: crônicas, contos, ensaios e resenhas de livros. O material, que já foi transcrito e recolhido em volume, constitui-se num importante testemunho acerca da escrita feminina e das concepções acerca das mulheres então em voga.

## **PAINEL: Desafios e Tensões no Panorama Artístico e Cultural Brasileiro: Entre o Local e o Global**

Coordenação: Maria Lucia Bueno Ramos (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Embora os sistemas de valor mudem no tempo e os universos sociais sejam marcados pela heteronomia, a arte e a cultura continuam a desempenhar um papel essencial. Assim, mudanças na arte e em várias dimensões da cultura podem ser tomadas como índices e consequências de transformações mais amplas tanto no Brasil, quanto na sociedade contemporânea em geral.

Registramos um crescimento da influência da arte e da cultura junto as práticas sociais, apesar dos processos de precarização que afetaram essas áreas em nosso país nos últimos anos. Nesse contexto, o universo estético sofreu uma considerável ampliação: abarca museus e grafites, concertos e shows de rap, desfiles de moda e festivais de gastronomia. A questão da desigualdade e, sobretudo, da desigualdade no acesso à arte e a cultura; os debates sobre a economia criativa; os processos de patrimonialização das culturas tradicionais; a incorporação de pautas identitárias de movimentos sociais ao próprio sistema de arte e os limites do projeto moderno estão entre os temas que este painel propõe debater. Um outro objetivo é investigar em que medida as reflexões sobre a produção da arte e o surgimento de novos movimentos culturais permitem refletir sobre o lugar que as instituições e expressões de diferentes regiões do país ocupam nesse contexto de globalização e emergência de simulacros de nacionalismo.

Neste painel, cada uma das autoras a partir de seus temas específicos, trata de desafios e tensões enfrentados por esferas distintas do universo artístico e cultural brasileiro, com vistas a elaboração de táticas e estratégias de sobrevivência e retraditionalização, que possam fazer frente ao processo de desconstrução e reconstrução constante imposto pela dinâmica globalizada. Questões como a defesa da sustentabilidade e as dificuldades para se avançar no equilíbrio precário, entre os fluxos locais e globais, despontam como traços de ligação entre as reflexões aqui reunidas.

### **Tensões e disputas pelo glocal no Museu de Inhotim de Arte Contemporânea**

Sabrina Parracho Sant'Anna (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Na narrativa oficial, o Museu de Inhotim começou a ser concebido por Bernardo de Mello Paz a partir de meados da década de 1980. Construída dentro fazenda do colecionador como instituição sem fins lucrativos, a fundação foi aberta em 2006. Destinada à conservação, exposição e produção de trabalhos contemporâneos de arte, Inhotim apresenta hoje uma das mais importantes coleções privadas de arte contemporânea em âmbito internacional, com acervo constituído por obras de Damián Ortega, Rikrit Tiravanija, Franz Ackermann, Janet Cardiff, Olafur Eliasson, Matthew Barney, Chris Burden, Helio Oiticica, Tunga, Adriana Varejão e outros. Como em outras instituições privadas, a criação do museu constrói para seu mecenas uma imagem pública que confunde patrono e coleção, fazendo aderir projetos museais a narrativas de histórias de vida (Duncan, 1995; Sant' Anna 2011). Do ponto de vista

do projeto museal, importa, portanto, entender como é possível constituir uma fina relação entre o projeto de instituição internacional e uma fazenda encravada numa cidade de 38.000 habitantes, espaço simbolicamente marcado pela experiência local. Mais do que isso, no entanto, importa também entender o tensionamento entre experiências locais marcadas pela relação com a mineração, pela produção de commodities para o mercado internacional, pelo passado escravista, e pela presença de uma arte internacional que passa a se produzir como economia criativa. Tensionamentos que se tornam tanto mais relevantes, a partir do desastre protagonizado pela Vale do Rio Doce em Brumadinho, em 2018, quando mais de 270 moradores morreram soterrados pelo rompimento da barragem do Córrego do Feijão.

### **Artes, activismos ambientais e batalhas sem heróis no Sul Global. Os casos de Luciana Magno e de Bordalo II**

Paula Guerra Tavares (Universidade do Porto)

Nas últimas décadas tem havido uma crescente preocupação com as questões ambientais em praticamente todas as esferas da vida social. Estas implicaram um repensar da ação humana, havendo um conjunto de autores que começaram a falar do Antropoceno. Ora, não podemos dizer que esta preocupação seja recente na sociologia, já que nos finais da década de 1980 e inícios de 1990, houve uma viragem ambiental no pensamento sociológico, com o surgimento de abordagens como a sociedade de risco, a modernidade tardia ou o conceito de modernização ecológica. Pelo mesmo diapasão, a mudança na percepção sobre a diversidade, esta viragem ambiental da sociologia, acompanhou uma crescente preocupação com as minorias e os seus conhecimentos e sabedorias. Falando agora dos repertórios de ação para descrever as diferentes formas que os grupos/movimentos sociais usam para alcançar os seus objetivos podemos enunciar os activismos presentes nas obras de Luciana Magno do Brasil e de Bordalo II de Portugal. No caso da primeira, trabalha com performance, frequentemente direcionada para fotografia e vídeo, objeto e website. Com uma pesquisa focada no corpo e em ações performáticas, aborda questões políticas, sociais e antropológicas, relacionadas ao impacto do desenvolvimento da região amazónica. Bordalo II usa o lixo das ruas para criar esculturas de animais deslumbrantes, com o propósito de alertar as pessoas sobre a poluição e todos os tipos de espécies que se encontram ameaçadas de extinção. A partir da street art desenvolve a sua prática, evoluindo para o que hoje é considerado trash art.

### **Terroir brasileiro, savoir-faire francês: trocas materiais e simbólicas na rota da seda entre Brasil e França**

Guilia Falcone (École de Hautes Études en Sciences Sociales Paris/Universidade de São Paulo)

Nas últimas décadas do século XX, o Brasil se tornou um importante fornecedor de matérias-primas para a produção de seda na indústria global de moda. Destacando-se mais pela qualidade do que pelo volume produtivo, a seda grégia de origem brasileira passa a ser utilizada na manufatura de artigos de seda por um restrito grupo de marcas consagradas no mercado de luxo. Ao focar a relação específica

entre a indústria brasileira de seda e uma centenária maison de luxo francesa, esta comunicação se concentra nas trocas materiais e simbólicas que constituem a rota da seda entre Brasil e França. Diante disso, objetiva-se, em primeiro momento, cotejar a distribuição transnacional e a hierarquia organizacional das etapas produtivas da seda, desde a atividade de sericicultura realizada na região rural do Paraná à confecção de artigos de luxo na periferia de Lyon. Em segundo momento, intenciona-se analisar os processos de valorização que entremeiam essas relações produtivas, de modo a descrever a dinâmica de distinção geossimbólica entre Brasil e França no circuito global da moda.

### **Calma, São Paulo! O slow fashion entre o local e o global na maior cidade do Brasil**

Maria Celeste Mira (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Podemos entender o slow fashion como um segmento da moda que incentiva certas práticas “consumo consciente”. Preocupadas com a questão ecológica, procuram promover o desaceleramento produtivo, priorizando o trabalho com material local, reciclado, diverso, duradouro, acreditando tornar a moda mais sustentável. Colando-se em clara oposição à produção global massificada de modas efêmeras que caracterizam a fast fashion, essas iniciativas ganharam maior projeção especialmente na década de 2010, após os escândalos do uso de trabalho escravo que envolveram grandes marcas globais. No entanto, é importante apontar que o segmento slow fashion, apesar de originalmente composto por ações locais, tem sido globalizado por coleções de grandes marcas com programas de sustentabilidade, como H&M e Forever 21 que já lançaram, em diferentes ocasiões, coleções “sustentáveis”. Nesta comunicação, analiso manifestações do slow fashion na cidade de São Paulo, Brasil, com especial ênfase em um determinado grupo de agentes: pequenas marcas de vestuário paulistanas que se destacam no segmento. Por meio de entrevistas e análise dos websites e redes sociais destas marcas, foi possível notar uma série de características comuns entre elas, como sua situação geográfica em regiões centrais da cidade e, portanto, privilegiadas do ponto de vista econômico e cultural; e seu envolvimento com as pautas de minorias, como a LGBTQIA+ e feministas, a da diversidade de corpos etc. Algumas marcas, como a Calma São Paulo, chegaram a se posicionar politicamente por meio da roupa a favor do então candidato a presidente Lula.

### **A geografia mundial da gastronomia encolheu na pandemia. O caso dos chefs estrelados brasileiros no Guia Michelin**

Maria Lucia Bueno Ramos (Universidade Federal de Juiz de Fora)

No final do século XX, com o fortalecimento da sociedade de consumo, registramos uma ampliação mundial da geografia da gastronomia. Entre as bases da cultura gastronômica destacam-se a refeição e as maneiras de comer. Se até a década de 1960 a linguagem dominante nesse universo era a da cozinha francesa clássica, no início do século XXI, na era do Slow Food, os chefs passaram a ser valorizados pela diversidade cultural das suas propostas, como artífices de um novo mundo, recriando a partir das cozinhas dos seus restaurantes, novas maneiras de ser e

comer, que promoviam a valorização dos pequenos produtores, da biodiversidade e da sustentabilidade do planeta. Nosso objetivo é refletir sobre os abalos que esta cultura gastronômica vem sofrendo desde o início da pandemia, particularmente a partir dos episódios de fechamento de restaurantes, que são suas unidades de produção, difusão e consumo. O ritual da refeição, um ato social e cultural, envolve produtos, mas não se materializa e nem se reduz a eles. Ao contrário de boa parte do universo do luxo, que se materializando em produtos se expande com a pandemia, no mundo da gastronomia o fechamento do restaurante representa a extinção de um universo. Abordaremos, particularmente, o exemplo dos chefs de restaurantes paulistanos, que embora contemplados com estrelas no guia Michelin, estão reduzindo ou encerrando as atividades, uma vez que a experiência gastronômica, se esgotando no ato da refeição, geralmente não se presta ao delivery.

## **PAINEL: Experiência Migratória e Dinâmicas Urbanas: Atores, Agency, Visibilidade IV**

Coordenação: Sônia Ferreira (CRIA/NOVA FCSH)

Este painel temático busca reunir pesquisadores tratando da experiência urbana dos (i)migrantes, nos séculos XX e XXI. Apresentaremos – e confrontaremos –, assim, estudos de caso em que tais atores deixam suas marcas no espaço urbano. Trata-se, em primeiro lugar, de trazer à tona as formas de hospitalidade, os conflitos e as barreiras que se impõem e permeiam essa entrada de forasteiros nas cidades. E, em segundo lugar, de focar dinâmicas urbanas graças às quais, através das quais ou apesar das quais, segundo estratégias individuais e/ou coletivas, os (i)migrantes inserem-se no tecido urbano, agindo sobre ele, transformando-o e reagindo às normas que, em muitos casos, buscam circunscrever e regular sua presença, limitar sua visibilidade. O processo é duplo: parte das formas tomadas pela vida urbana e, também, do agir dos (i)migrantes que, enquanto atores sociais ativos, intervêm, reagem, ocupam o espaço das cidades e fazem-se mais ou menos visíveis segundo os contextos, as conjunturas, as sobre-determinações históricas mais ou menos favoráveis.

### **Migrações “lusófonas” e processos de racialização: ser cabo-verdiano no Brasil**

Sônia Ferreira (CRIA/NOVA FCSH)

Partindo de uma etnografia ainda exploratória que se situa historicamente no quadro do império português, esta comunicação analisa as migrações que a partir deste se desenvolveram interrogando a categoria histórica, social e política de migrante “lusófono”. Partindo do exemplo dos migrantes cabo-verdianos no Brasil, discutir-se-á a reprodução, negação ou reconfiguração de políticas raciais herdadas do regime colonial português e as impostas pelo contexto de acolhimento.

### **Timoun na tidyaspora. Da nomeação ao corpo: a construção da pessoa e a infância da diáspora haitiana no Brasil**

Omar Thomaz (Unicamp)

A vida social de Campinas foi, nos últimos dez anos, marcada pelo estabelecimento

de um número significativo de haitianos, na atualidade o maior número de imigrantes da cidade. O trabalho de anos junto a grupos domésticos estabelecidos em distintas partes da cidade impôs o desafio de pensar com e sobre as crianças, boa parte já nascida no Brasil. Enfrentaremos aqui o processo de construção da pessoa na diáspora da gestação - entre o Haiti e o Brasil - ao fim da primeira infância - quando tipitit bebe (os bebês) transformam-se progressivamente em timoun (crianças). Do (tenso) processo de nomeação (no Brasil) ao cotidiano da creche e da pré-escola, bebês e crianças (seus pais, suas mães, seus “tios”, granmoun) se veem às voltas com instituições (maternidades, postos de saúde, cartórios, creches e pré-escolas), seu entorno afetivo imediato (fanmi, entre consanguíneos e afins, presentes e ausentes, visíveis e invisíveis), espaços públicos (ruas, praças, transportes públicos) e religiosos (igrejas), que constituem espaços e momentos constitutivos da formação da pessoa. Corpo e pessoa se constroem a partir de referências ao Haiti e a uma diáspora que extrapola o território brasileiro e conecta cidades distantes a noções tais como “raça”, “língua” e “história” e à experiência cotidiana do racismo.

### **A visibilidade dos ciganos no Brasil no início do século XX**

Martin Fotta (Instituto de Etnologia, Academia Tcheca de Ciências)

A pesquisa historiográfica emergente está demonstrando uma crescente e inédita visibilidade dos ciganos no início do século 20 no Brasil. Nesta apresentação vou oferecer um panorama desta pesquisa até hoje. Com base em minha própria investigação relacionada à Bahia, analisarei então o contexto social que deu origem a tal visibilidade.

### **Estado, Diáspora, Subjetividades. O caso de Israel a partir do Brasil**

Miguel Vale de Almeida (CRIA/ISCTE-IUL)

A partir dos contextos israelense, brasileiro (e português), abordar-se-á a tensão entre o esforço do estado de Israel em definir-se como lugar de legitimidade para as subjetividades judaicas, nomeadamente através do processo da “Aliyah” e do “Direito de Retorno”, por um lado, e a judeidade diaspórica, contrapondo-se assim um projeto estatal e nacionalista que incentiva a migração e perpetua a estrutura de opressão dos palestinos a um processo cosmopolita que resultou de migrações forçadas.

### **PAINEL: Ut musica poesis: diálogos interartes na Literatura Brasileira 1**

Coordenação: Paulo Teixeira Iumatti (Crepal/Sorbonne Nouvelle) e Sara Grünhagen (CLP-Universidade de Coimbra/Crepal-Sorbonne Nouvelle)

A conhecida máxima horaciana *Ut pictura poesis* é transformada aqui para servir de fio condutor de um painel que reúne diferentes pesquisas sobre o diálogo constante e variado que a Literatura Brasileira estabelece com outras expressões artísticas. Se não há dúvidas sobre a antiguidade dos diálogos interartes e o modo como eles são, com muita frequência, intrínsecos à própria noção de arte, também é certo que cada Literatura, como cada época e criação, terá a sua especificidade. Assim, no amplo

contexto cultural brasileiro, a importância da música, por exemplo, é consensual e tem deixado marcas e melodias em não poucas criações literárias, tenham elas como cenário a floresta amazônica, a metrópole ou a Corte carioca.

Divididas em duas mesas, as comunicações propostas tratarão desse e de outros diálogos, refletindo, a partir de estudos de caso, sobre as relações entre música e poesia (Fernando Paixão, Beatriz Azevedo), entre literatura e performance (Maria Caterina Pincherle) e entre escrita e artes plásticas (Ana Clara Ferraz). Mais de um trabalho buscará aprofundar o debate sobre o diálogo entre História e criação artística, a exemplo da música de protesto produzida durante a ditadura militar brasileira (Marcus de Mouro Barros). Uma lupa será colocada sobre certas produções literárias e musicais, como aquelas de Chico Buarque (Maurício Ayer, Paulo Iumatti), de Carlos Gomes e José de Alencar (Eugenio Lucotti), de Ana Miranda e João Nyn (Brigitte Thiéron) e de Machado de Assis (Sara Grünhagen).

Diversas nas narrativas e nas temáticas abordadas, tais comunicações têm em comum a premissa do diálogo como motor criador, entendendo-se, de novo com Horácio, que a músicos, poetas e romancistas brasileiros também “se concedeu, desde sempre, a faculdade de tudo ousar” (cf. tradução de Rosado Fernandes da Arte poética de Horácio, p. 51).

### **Literatura e música na obra de Chico Buarque: a questão do narrador no romance *Essa gente* (2019)**

Paulo Teixeira Iumatti (Crepal/Sorbonne Nouvelle)

A proposta desta comunicação é investigar as relações entre a obra literária e a produção musical de Chico Buarque, centrando-nos no estudo do romance *Essa Gente*, publicado pelo escritor e artista em 2019. Estruturado na maior parte como uma espécie de diário de um escritor falido nos anos Bolsonaro, o romance oscila entre o familiar e verossímil e o fantasioso e onírico, construindo uma galeria de personagens-tipo e situações por vezes absurdas que revelam a falência de uma ordem social e simbólica em que o enriquecimento, a “malandragem”, a ausência de solidariedade social, o machismo e o racismo predominam de forma perversa, gerando uma sociedade hipócrita e violenta, que massacra e castra os mais fracos, com a convivência passiva de sua elite ilustrada. Do ponto de vista das relações entre literatura e música, pode-se observar que, no romance, algumas referências importantes, implícitas ou explícitas, dizem respeito a canções do próprio Chico Buarque ou a clássicos da bossa nova como *Manhã de carnaval*, de Luiz Bonfá e Antônio Maria – e é certamente possível explorar tais referências para adentrar alguns significados mais profundos do panorama de falência tecido ao longo do romance. Todavia, pretendemos em nossa comunicação investigar tais relações também a partir do exame da questão do narrador no romance. Construído sob a forma predominante de um diário, há em *Essa gente* múltiplas vozes que se cruzam, por vezes deixando dúvidas quanto à identidade do narrador – algo que se revela central na narrativa à medida em que o romance caminha para seu desfecho. Argumentamos, em nosso trabalho, que os enigmas colocados pelo mistério em torno da identidade do narrador no romance dizem respeito diretamente ao modo

como o eu lírico aparece em parte das canções do compositor, procurando explorar, assim, de um novo ponto de vista, o diálogo entre a obra musical e a produção literária de Chico Buarque.

**A língua como afirmação da alteridade em Yuxin, de Ana Miranda, e Tybyra: uma tragédia indígena brasileira, de João Nyn**  
Brigitte Thiérion (Crepal/Sorbonne Nouvelle)

Esta comunicação abordará dois universos literários bastante diversos. Não obstante, cada um, à sua maneira, propõe uma reflexão sobre a alteridade e sobre o modo como ela pode se manifestar no contexto de um espaço literário expandido, graças ao entrecruzamento de várias expressões artísticas. Assim, Ana Miranda, no romance Yuxin (2009), nos leva a acompanhar o fluxo de pensamento de uma jovem indígena, traduzido em uma linguagem de sons e ritmo aparentemente estranhos, mas que se inscreve em um estreito diálogo com a composição musical híbrida criada a partir das pesquisas realizadas pela irmã da autora, a compositora e cantora Marlui Miranda. Por sua vez, o ator e dramaturgo potiguara João Nyn, autor da peça Tybyra: uma tragédia indígena brasileira (2020), aborda a questão da alteridade através de uma ortografia e uma linguagem mistas, o Potyguês, que permite dar voz a Tybyra, silenciado, condenado e executado no século XVII por sodomia. Essas duas narrativas inscrevem a diferença na língua de maneira a resgatar a voz e o pensamento de figuras oprimidas ao longo da História: um homossexual no Seiscentos, uma mulher indígena no Oitocentos. Nesse sentido, o espaço linguístico representado é também uma metáfora do caráter subversivo da escrita, que se torna o lugar máximo da liberdade.

**Quando a poesia se põe a escutar a música**  
Fernando Paixão (Universidade de São Paulo)

A partir da prévia reunião de um conjunto de poemas em torno ao tema da música, pretende-se refletir como a forma escrita lida para tentar recuperar o momento da audição musical. Tendo em vista que constituem artes distintas, que pontos de contato podem ser estabelecidos entre elas, quando o poeta se põe a transfigurar a experiência oitiva? Ou haverá, entre um campo e outro, a (inevitável) distância de duas margens que se comunicam (apenas) por meio do reflexo das águas? Em que medida, neste caso, pode-se aplicar o conceito tradicional de ecphrasis? Nesse domínio, será inevitável abordar brevemente as (polêmicas) relações entre música e poesia, sobretudo à luz das ideias distintas de Henri Meschonnic, Paul Valéry e outros pensadores – sem haver um consenso crítico nesse tópico. Apesar disso, procuraremos desenvolver uma análise com vistas a elucidar diferentes modos de escuta musical, da mais subjetiva à que exala transcendência. Pois são diversos os caminhos percorridos, quando a imaginação salta da nota sonora à palavra no papel. A abrangência do tema será respaldada pela citação de alguns dos poemas coletados e que se restringem ao universo da poesia brasileira e portuguesa – a exemplo de Jorge de Lima, Mário Quintana, Mário de Sá-Carneiro e Jorge de Sena.

## **Um estudo sobre o percurso discursivo de Maria Martins**

Ana Clara Ferraz (Crepal/Sorbonne Nouvelle)

Esta pesquisa propõe perpassar o percurso discursivo na trajetória da artista plástica brasileira Maria Martins. O objetivo deste trabalho é investigar a abordagem da artista diante do erotismo e do feminino em sua arte, utilizando como fio condutor uma perspectiva comparativa da sua produção literária e nas artes plásticas. Para este fim, optamos por, inicialmente, revisitar o caráter discursivo das suas esculturas no projeto Amazônia (1943), analisando os poemas de sua autoria presentes no catálogo da mostra Maria: New Sculptures – exposta na Valentine Gallery, em Nova York, no ano de 1943. Apesar de ter sido uma artista com pouco destaque na sua época, Maria foi responsável por obras contempladas na coleção do Museu de Arte Moderna de Nova York, e produziu esculturas até hoje instaladas no Palácio da Alvorada, em Brasília. A partir do fim dos anos 1950, começou a se dedicar à escrita, quando publicou Ásia Maior: o planeta China (1958), seguido por Ásia Maior: Brama, Gandhi e Nehru (1961), e Deuses malditos I: Nietzsche (1965). Já no fim dos anos 1960, Maria colaborou com o portal de notícias Correio da Manhã, na coluna “Poeira da Vida”. Por conseguinte, a partir do arco de objetos citados, almejamos desenvolver uma análise aprofundada da sua literatura, bem como dos principais elementos influenciadores nas suas obras. Neste ponto, destacamos, em particular, a sua relação com o Surrealismo, a sua relevância durante a trajetória do movimento modernista no Brasil e a problemática da ausência do reconhecimento de mulheres modernistas na história da arte brasileira.

### **“A gente escreve o que ouve, nunca o que houve”**

Beatriz Azevedo (UNICAMP FAPESP/Tisch Arts New York University)

Partindo da citação de Oswald de Andrade, abordamos o “mundo oracular”, “de orelha”, da escuta das relações entre música e poesia no universo do modernismo Brasileiro e da antropofagia, no século XX, em articulação com a criação contemporânea de música popular no século XXI. Unindo as dimensões teórica e prática, expomos um conjunto de canções criadas a partir do diálogo com textos e com as figuras de Oswald de Andrade, Pagu, Raul Bopp, Tarsila e outros modernistas, incluindo ainda suas respectivas versões musicais e audiovisuais.

### **Trânsitos entre dois romantismos: Il Guarany de Antônio Carlos Gomes**

Eugenio Lucotti (Università Ca’Foscari Venezia)

A presente proposta pretende refletir sobre opções poéticas e necessidades técnicas na adaptação do romance O Guarani (1857), de José de Alencar, para o melodrama. O romance pertence à fase nativista do autor, cuja reflexão se preocupa principalmente com a construção de uma narrativa fundadora da identidade nacional. Entretanto, Il Guarany, ópera do compositor brasileiro Antônio Carlos Gomes com libreto dos italianos Antonio Scalvini e Carlo d’Ormeville, transpõe o enredo alencariano para um dos gêneros artísticos mais apreciados pelas elites europeias da altura. O libreto, por sua vez, foi redigido a partir da tradução para o italiano do romance alencariano, por Giovanni Fico, publicada em 1864. A ópera constitui a primeira “tradução

intersemiótica” (Jakobson, 1959) do romance de Alencar, à qual se seguem várias outras em diferentes mídias, e é fundamental para delinear a recepção do seu autor na segunda metade do século XIX. A ópera, representada pela primeira vez no teatro Alla Scala de Milão em 1870, adapta o romance tanto às exigências musicais, do ponto de vista formal, como, no que diz respeito ao conteúdo, às de um gênero artístico que deve ir ao encontro do gosto historicista e exotizante do seu público-alvo. Neste contexto, as personagens principais e o enredo da narração alencariana modificam-se para se encaixar nas feições típicas do melodrama romântico, levando a uma reestruturação radical da significação da obra original. Na nossa comunicação, pretendemos, por um lado, evidenciar a perda do caráter mitológico-nacionalista da narração na ópera de Gomes e, por outro, analisar o papel que o processo de adaptação do romance ao código do teatro lírico desempenhou na referida ressemantização.

## **PAINEL: Conflitos e Direitos: Análises sobre questões agrárias no Brasil**

Coordenação: Susana Matos Viegas (Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Lisboa)

O presente painel analisa a questão agrária brasileira, a partir de múltiplas janelas de investigação. A primeira enfoca a complexa relação entre a apropriação territorial no Maranhão e a manutenção das dificuldades de acesso ao alimento. Ao desnudar a permanência e o agravamento dos conflitos fundiários no Estado, a historiadora da universidade estadual do Maranhão, Monica Piccolo, lança luz sobre as raízes históricas da expropriação rural e da violência no campo. A segunda contribuição revisita a experiência demarcatória de terras indígenas. Ao ter por base seus apontamentos de campo no processo da demarcação da Terra Indígena Tupinambá de Olivença, a antropóloga do Instituto de Ciências Sociais de Lisboa, Susana Matos Viegas discute a efetivação do direito ao território, em sua relação com os chamados “encantados”. Márcia Motta, coordenadora do INCT Proprietas, focaliza em sua pesquisa o processo histórico de ocupação irregular de terras, a partir da análise sobre o fenômeno da grilagem e os desafios - hoje mais uma vez em pauta- para estancar um dos crimes mais recorrentes da Nação.

## **Reconfigurações territoriais: experiência na demarcação de terras indígenas no Brasil e os novos desafios**

Susana Matos Viegas (Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Lisboa)

Juristas, antropólogos e advogadas indígenas como Samara Pataxó ou Eloy Terena têm mostrado que a demarcação de terras indígenas no Brasil não cria direitos à terra, mas efetiva direitos ao território, previamente consagrados. Essa territorialidade indígena está marcada pela multiplicidade de sujeitos, humanos e não humanos, entre eles “os encantados”. Encantados são, em muitos casos, grandes peritos políticos, particularmente na reivindicação de direitos à terra – afinal, eles são criaturas da territorialidade, eles existem em lugares. Nesta comunicação focome nas mudanças em curso nos processos de consagração de direitos territoriais indígenas, viabilizados pela re-instalação da democracia no Brasil, a partir do “re-

encantamento” do mundo. Como material etnográfico, primeiro, recupero episódios dos meus apontamentos de campo durante o processo da demarcação da Terra Indígena Tupinambá de Olivença (2009), somando-os às etnografias de outros antropólogos que fizeram campo depois desse processo e às minhas interlocuções em episódios de defesa da demarcação. A partir desse material procuro como se dão as associações dos Tupinambá com os encantados que habitam em lugares de habitação antiga e como eles gerem tensões e conflitos territoriais. Em segundo lugar, analiso o processo de criação do famoso manto Tupinambá do século XVI pela Célia Tupinambá a partir das associações com pássaros surgidos com a demarcação da terra. Tomo a perspectiva desta artista indígena para refletir sobre as novas alternativas ambientais inscritas na história indígena para a efetivação das demarcações de Terras Indígenas no Brasil.

### **As grilagens de terras no Brasil: a historicidade de um sistema de dominação**

Marcia Motta (Universidade Federal Fluminense)

Nos últimos anos, tenho realizado pesquisas sobre o fenômeno da grilagem no Brasil e as dificuldades históricas de discriminar as terras públicas das privadas. A manutenção da concentração fundiária num país de dimensões continentais ainda é capaz de sustentar uma nação onde apenas 1% dos proprietários rurais detêm 44% das terras, enquanto 67% deles detêm apenas 6%. É difícil pensar na recriação da nação brasileira, sem levar em conta tão tristes números. O respeito à propriedade privada consagrado pela Carta Magna de 1988 é, na maior parte das vezes, o argumento definitivo para a condenação das atitudes dos posseiros, caboclo, indígenas e de todos os que questionam a manutenção da estrutura fundiária vigente. Passados tantos anos desde a proclamação da Constituição, já é hora de reconhecermos que a grilagem não é recente, constitui-se, pois num processo histórico e secular de ocupação ilegal. Ela deve ser compreendida à luz da dinâmica e transmissão de patrimônio dos grandes fazendeiros, ou melhor, grilar não é uma prática isolada, mas tem a ver com os esforços dos senhores e possuidores de terra em expandir suas propriedades ad infinitum. Por último, a grilagem não é somente um crime cometido contra o verdadeiro proprietário (seja um indivíduo, no caso de terras particulares invadidas, seja em áreas pertencentes ao Estado, no caso mais frequente de invasão de terras devolutas), mas é um crime cometido contra a nação. A presente comunicação revisita o fenômeno da grilagem e lança luz sobre os dilemas a serem enfrentados para a constituição de uma distribuição de terras menos desigual, capaz de desnudar distintas interpretações sobre a história social do lugar. A partir de alguns casos emblemáticos, pretende-se discutir como a grilagem tem se mantido como estratégia privilegiada de alguns terratenentes e as débeis ações do governo para deter a rotina de um crime.

### **Insegurança alimentar no Maranhão: muita terra para quem?**

Monica Piccolo (Universidade Estadual do Maranhão)

Com área de 331 937,450 km<sup>2</sup> e com 217 municípios, o estado do Maranhão é o segundo maior estado da região Nordeste e o oitavo maior estado do Brasil. No indicador de renda, o Maranhão fica em último lugar, com índice de 0,612. Vinte e

três cidades do Maranhão estão entre as 100 cidades do Brasil com pior IDH, mas dentre as 200 cidades brasileiras com melhor IDH, nenhuma é maranhense. Dos 217 municípios, cerca de 140 possuem IDH baixo. A Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras do Estado do Maranhão (FETAEMA) indicou, a partir de um levantamento de dados, o crescimento de conflitos agrários em todo o Maranhão. No primeiro trimestre de 2022, cerca de 92 ocorrências ocasionadas por disputas de terra foram registradas no estado. Em um relatório divulgado em 2020, pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), o Maranhão liderava o ranking de conflitos agrários em todo o país, com 173 ocorrências. Segundo publicação no jornal O Globo, de 06 de abril de 2022, o advogado Diogo Cabral, que atua junto à FETAEMA, informou que os suspeitos de ameaçarem e atearem fogo na casa da família de agricultores serão indiciados pelos crimes de tentativa de homicídio, crime de dano e ameaça. Segundo ele, a ocorrência se soma à crescente ação de milícias rurais, que elevam os índices de crimes no campo em diversas regiões do estado. Em 2021, foram registrados 215 conflitos de terra, em 51 municípios maranhenses, com oito assassinatos. Ainda de acordo com o advogado, há uma supervalorização das terras, no estado do Maranhão, e por isso que há expulsões, inclusive, em assentamentos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)”. Partindo deste diagnóstico, essa proposta de comunicação objetiva analisar as raízes históricas dos conflitos agrários no Maranhão, tomando como referência a Lei de Terras Sarney, aprovada em 1969, e as estreitas relações entre os aparatos repressores da ditadura civil-militar e os grandes proprietários de terras no processo de expropriação rural e de avanço da fronteira agrícola da soja, além da atividade de mineradoras, sobre a porção amazônica do estado, produzindo profundo impacto sobre a produção alimentar no estado.

### **Do Rio Negro à nauta: indígenas e caboclos em terras de fronteira na Amazônia oitocentista**

Francivaldo Alves Nunes (Universidade Federal do Pará)

Nos ocuparemos em compreender a relação entre o discurso construído em torno do modo de vida da população que ocupava os sertões amazônicos e as estratégias apresentadas como necessárias para promover o desenvolvimento econômico da região em áreas de fronteiros e litígios internacionais. Para isso utilizaremos o roteiro de viagem produzido por João Wilkens de Matos, na época secretário do governo da província do Amazonas e deputado provincial na Assembléia Geral Legislativa, publicado em 1854, entre outros documentos da época. Buscaremos demonstrar o contexto em que se pretende conhecer as diferentes regiões do país com o propósito de um exercício de maior controle do governo imperial, tendo como ambiente privilegiado de observação as regiões ao norte e de fronteira com outros países, a exemplo do Peru. Nesse caso, dialoga com um pensamento da época em que se pauta pelo controle do espaço amazônico e das áreas de limites territoriais, o que exigiria das autoridades públicas um desempenho não apenas de manutenção da ordem, atuação de forças militares, mas como instituição promotora de políticas de controle das populações interioranas no século XIX. Também será objeto de preocupações os modos de vida e atuação desses agrupamentos humanos que guardam estratégias próprias de negociação, resistências e acomodações nestas

áreas de fronteiras transnacionais.

## **Conflitos, amnésias e anistias: desafios para pensar a ocupação territorial no Brasil (Amazonas, séculos XIX e XX)**

Alan Dutra Cardoso (INCT Proprietas)

A proposta visa discutir, do ponto de vista da História Social das Propriedades, o antecedente de conflitos em relação à ocupação de terras no estado do Amazonas na virada do século XIX para o século XX. A partir do cruzamento de fontes, especialmente aquelas oriundas do Poder Judiciário, bem como das produções acadêmicas das ciências humanas e sociais, buscar-se-á problematizar aspectos estruturantes da concentração fundiária no Brasil. Faz-se necessário retomar, a partir de um aspecto histórico, o questionamento acerca de processos sociais ainda pouco discutidos pela totalidade da população e que são amplamente manipulados e/ou ignorados pela sociedade civil e política: as anistias concedidas aos diferentes infratores das leis, o processo de amnésia histórica produzida acerca dos conflitos oriundos da ação desses e a incapacidade da ação do Estado – de forma consciente ou não – na defesa das terras públicas, devolutas ou destinadas às comunidades tradicionais. Essa investigação e seus resultados preliminares foram concebidos no âmbito do INCT Proprietas, instituto internacional cujo enfoque central é a desnaturalização da propriedade, a partir das chaves de leitura admitidas através da análise sócio-histórica. Almejamos contribuir, neste sentido, com ilações que permitam direcionar as reflexões acadêmicas a partir dos desafios impostos pelas novas conjunturas, especialmente em relação ao manejo dos recursos naturais, que têm como maior expoente a floresta amazônica. Objetivamos, portanto, pensar as capacidades estatais no tempo presente – sobretudo através dos acordos nacionais ou internacionais possíveis –, através da necessária retomada da problematização de aspectos centrais do processo de formação sócio-territorial do Brasil, com a finalidade de construir uma expectativa de futuro em relação aos patrimônios naturais públicos mais ativa, generosa e ancorada no bem-comum.

## **PAINEL: A Produção Cultural Brasileira Durante a “Modernização Conservadora” da Ditadura Civil-Militar (1964-1985)**

Coordenação: Leandro Leão Alves (École de Hautes Études en Sciences Sociales)

Com o golpe sobre governo de João Goulart, a ditadura civil-militar brasileira foi instaurada em 1 de abril de 1964 e durou até 15 de março de 1985. Marcada pelo autoritarismo, ela foi se intensificando por meio da publicação de diversos Atos Institucionais, culminando com o de Número Cinco (AI-5) de 1968. Diversas ações delinearão a repressão ao longo do período, como a substituição da Constituição em 1967, a dissolução do Congresso Nacional, a supressão das liberdades civis e a criação de um código de processo penal militar que permitia que o Exército e a Polícia Militar pudessem prender e encarcerar pessoas consideradas suspeitas, sem qualquer revisão judicial. O período foi marcado por torturas e assassinatos civis.

No campo econômico foi adotada uma política desenvolvimentista, com o “milagre econômico”: aumento dos investimentos estatais nas indústrias de base por um lado,

mas com o acelerado crescimento das desigualdades sociais por outro, sobretudo pelo rebaixamento dos salários para controle inflacionário. Era a dita “modernização conservadora”. Este painel busca debater dentro deste contexto político, social e econômico como se deu a produção cultural do país que, ao mesmo tempo, tinha no ufanismo patriota uma das marcas da imagem nacional do governo, mas por outro, censurava as artes e os meios de comunicação do país, torturando e exilando dissidentes.

### **Um Palácio na transição: a construção do Itamaraty em Brasília, dos anos Juscelino Kubitschek à ditadura civil-militar**

Leandro Leão Alves (École de Hautes Études en Sciences Sociales)

O edifício do Ministério das Relações Exteriores, Palácio Itamaraty, está incluído no segundo momento de projetos do arquiteto Oscar Niemeyer para prédios oficiais de Brasília. Foi concebido, projetado e construído entre os anos de 1959 e 1970, isto é, entre meados do mandato presidencial de Juscelino Kubitschek (1956-1961) e a os primeiros anos da ditadura civil-militar (1964-1985). Um dos principais responsáveis pela transferência da chancelaria do Rio de Janeiro para Brasília, o diplomata Wladimir do Amaral Murtinho (1919-2002) foi o maestro não apenas das ações políticas, mas também do diálogo com os profissionais e da escolha das obras de arte que permitem caracterizar o edifício como um “palácio-museu”. Trata-se de um personagem que, mesmo não sendo nem artista nem arquiteto, afetará diretamente a escolha das obras do Itamaraty e a construção da identidade nacional manifestada por meio do edifício. De todos os prédios institucionais da nova capital, o Palácio Itamaraty, projeto de Niemeyer com Milton Ramos (construção) e Olavo Redig (interiores), reúne um dos maiores conjuntos de obras de arte, principalmente de obras integradas à arquitetura. Estas foram produzidas por artistas muito diversos entre si, tais como Alfredo Volpi, Athos Bulcão, Bruno Giorgi, Emmanoel Araújo, Franz Weissmann, Lasar Segall, Maria Martins, Mary Vieira, Roberto Burle Marx e Sérgio Camargo. Essa diversidade buscava construir uma imagem moderna brasileira para o exterior. Esta comunicação pretende analisar o processo deste edifício – com suas obras de arte, e seus jardins – projetados e executados justamente na transição entre o governo democrático de Kubitschek e a ditadura civil-militar no Brasil.

### **Deus, pátria e sexo: a produção de discursos nas pornochanchadas**

Maria Isabela Buzolin Lucreddi (École de Hautes Études en Sciences Sociales)

A presente comunicação abordará os filmes de Pornochanchada A Super Fêmea (1973), As Aventuras Amorosas de um Padeiro (1975) e Corpo Devasso (1980). Desenvolvendo-se ao longo de toda a década de 1970, a pornochanchada alcançou o sucesso comercial em plena ditadura civil-militar no Brasil, evoluindo dentro do quadro do projeto de modernização conservadora posto em obra pelos militares. Inserido nesse contexto político complexo, que conjugava repressão autoritária e desejo modernizante, o cinema erótico, frequentemente etiquetado de filme « de má qualidade », interpretou à sua maneira as contradições do país daqueles anos. Através de uma análise de cenas dos três filmes selecionados, esta comunicação discutirá sobre a associação de elementos arcaicos e modernos presentes na

linguagem cinematográfica que revelam a ambiguidade de discursos produzidos pelas pornochanchadas. Como evidenciaremos, aspectos de crítica política e social podem ser observados nos filmes do gênero, que enfrentaram uma Censura essencialmente moral, praticada pela Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), órgão ligado à Polícia Federal, focalizada no caráter erótico das obras.

### **Do Ibirapuera a Osaka: Arquitetura e Ditadura Militar no Brasil**

Victor Piedade de Próspero (Universidade de São Paulo)

A ditadura militar que governou o Brasil entre 1964 e 1985 teve como uma de suas características centrais a associação entre crescimento econômico e autoritarismo. O período conhecido como “milagre brasileiro” (1968-1973) foi ancorado em larga medida no rebaixamento dos salários para conter a inflação—garantido pelo controle dos sindicatos e intensa repressão à oposição política—e em altos investimentos no setor da construção civil, sobretudo em infraestruturas públicas e no financiamento direcionado ao mercado de habitação. Frente a este quadro, pode-se dizer que o impacto da ditadura no campo profissional da arquitetura teve duplo sentido. Se por um lado arquitetos foram perseguidos, presos e torturados por suas posições políticas, por outro, o campo arquitetônico se beneficiou de um amplo aumento no número de encomendas públicas e privadas. Em uma aparente contradição, uma série de atores do período passaram pelas duas pontas desse processo, sendo perseguidos e, ao mesmo tempo, convocados a prestar serviços por sua excelência técnica ou mesmo a desenhar símbolos da “modernização conservadora” que vinha se consolidando com aquele regime. Para tratar de tais ambivalências, o presente artigo apresentará dois casos emblemáticos: o Quartel Militar de São Paulo (1965), que compõe o conjunto monumental do Ibirapuera, projetado pelo arquiteto comunista Paulo Bastos, e o Pavilhão do Brasil em Osaka (1969), projetado por Paulo Mendes da Rocha para representar o Brasil do “milagre” internacionalmente.

### **A distopia tropical ou as imagens de um Brasil despótico**

André Masseno (University of Zurich)

A presente comunicação oferecerá uma análise crítica de narrativas visuais e textuais oriundas da arte e da comunicação e que se interessaram pela representação do contexto brasileiro durante 1960 e 1970, especialmente os anos do chamado “período de chumbo”. Evidenciaremos como certos agentes culturais e veículos de comunicação lidaram com a representação do contexto distópico em vigor, marcado por uma política autoritária que conjugava modernização e conservadorismo, além de aspirar a imagem de um país tropical e moderno perante o olhar internacional. Para isso, abordaremos reportagens sobre o país e publicadas no exterior, com ênfase à matéria da Times dedicada ao Brasil, e que seria uma das inúmeras reportagens que, especialmente nos Estados Unidos, difundiriam o país como uma nação tropical economicamente milagreira/milagrosa e em vias de modernização. Entretanto, algumas manifestações artísticas poriam em xeque as imagens oficiais, elaborando visões de um trópico despótico e representações dos movimentos de resistência, por meio do procedimento alegórico. Neste caso, analisaremos as produções de artistas como o compositor Caetano Veloso, o poeta Nicolas Behr, a artista visual Anna Maria

Maiolino. Defenderemos a hipótese de que tais representações sedimentaram criticamente a imagem de uma etapa da história sociopolítica do Brasil como um território marcado pela distopia, onde a eficácia dos tradicionais movimentos utópicos estaria sendo posta em xeque ao mesmo tempo que se assinalava a urgência de novas frentes de confronto ao autoritarismo vigente.

### **Cinema, modernismo e história: O homem pau-brasil (1981) de Joaquim Pedro de Andrade**

Luiz Octávio Gracini Ancona (Universidade de São Paulo)

Esta comunicação abordará o longa-metragem *O homem do pau-brasil* (1981), último filme do cineasta brasileiro Joaquim Pedro de Andrade (1932-1988). Coproduzido pela Embrafilme, fruto de um programa especial de financiamento de filmes históricos, o longa traz uma biografia do escritor modernista Oswald de Andrade (1890-1954) em estilo bastante peculiar. A comunicação discutirá as representações e memórias construídas pelo filme sobre Oswald de Andrade, em particular, e sobre o modernismo brasileiro, em geral. Com isso, objetiva-se inscrever o longa nos debates culturais de seu tempo. Ao se debruçar sobre vida e obra de Oswald, *O homem do pau-brasil* não só reinterpretou personagens e eventos da primeira metade do Século XX como também se posicionou num conjunto de debates em torno da noção de antropofagia que se desenrolavam desde os anos 1960 e que eram redimensionadas no Brasil da Abertura. O momento era de balanços e revisões, de produção e embate de memórias sobre a ditadura, inclusive sobre as lutas culturais travadas em seu interior. Conforme demonstrarei, *O homem do pau-brasil* incorporou elementos caros à obra oswaldiana e a diferentes leituras de seu legado, mas o fez a fim de expor os limites e contradições da atuação de Oswald e da trajetória modernista brasileira – da qual o próprio realizador foi um importante protagonista.

### **PAINEL: Desafios do Governo Lula**

Coordenação: Anthony W. Pereira (Florida International University/King's College London)

O terceiro mandato do Luiz Inácio “Lula” da Silva começou com muita tensão, com a invasão do Planalto por apoiadores do Jair Bolsonaro no dia 8 de Janeiro de 2023. Esse painel representa uma tentativa de avaliar os desafios do terceiro governo Lula nas áreas da economia, cultura, segurança pública, e a defesa da democracia. O painel oferece uma mistura de disciplinas (economia, ciência política, sociologia, e estudos culturais) e temas e trabalhos apresentados por pessoas baseados em dois países.

### **Erosão Democrática no Brasil**

Leonardo Avritzer (Universidade Federal de Minas Gerais)

A derrota eleitoral do Jair Bolsonaro põe fim ao bolsonarismo como forma de governo, mas parece não ter afetado decisivamente o bolsonarismo enquanto movimento antidemocrático. O Brasil passou perto de um colapso total do seu

sistema democrático entre as eleições de 29 de outubro de 2022 e o dia 08 de janeiro. As reconstrução da democracia depende de uma recuperação da habilidade em fazer política capaz de gerar um aumento da confiança nas instituições políticas. Nesse paper, pretendemos apresentar dados sobre o colapso da confiança nas instituições políticas sobre a calcificação da polarização entre P.T. e antipetismo e dos seus elementos valorativos. Ao final do paper faremos uma análise sobre as perspectivas de reconstrução de padrões de comportamento democrático e confiança nas instituições.

## **Lula and the Macroeconomy: Reconciling Policy Preferences and Political Tensions**

Mahrukh Doctor (Universidade Johns Hopkins SAIS Europa/Universidade de Hull)

The 8 January attacks on government buildings in Three Powers Square in Brasília showed the hand of the Far-Right groups who were unwilling to accept President Bolsonaro's defeat in the 2022 elections. The high levels of political polarisation alongside the undermining of Brazil's democratic institutions during the Bolsonaro years distracted attention away from another significant set of disagreements related to the course of macroeconomic policy under the new government. President Lula has clearly indicated that he was elected to govern for "all Brazilians", and as such intends to prioritise social policy areas and the climate change agenda alongside pursuing economic reforms and reviving economic growth and investment. This has raised tensions between markets and business actors on the one hand, and party and social activists in his support base on the other hand. The paper will discuss some of the key tensions arising between these two sides in terms of macroeconomic policy, including the issue of Central Bank independence and monetary policy, role of the development bank (BNDES), tax reform proposals, fiscal policy issues related to public debt, and trade policy related to Mercosur and key partners such as the European Union and China. Analytically, the paper will consider (i) how the likely return of new developmentalism in decision-making will affect governance in the economic policy arena; and (ii) how government policy-making is responding in terms of strategy and tactics to balance the demands of both sides.

## **Culture Wars: Margareth Menezes at the Ministry of Culture**

Christopher Dunn (Tulane University)

The government of Jair Bolsonaro brought a new approach to public policy in the area of culture. On its first day in office it abolished the Ministry of Culture and replaced it with a Special Secretariat. With five secretaries, one of whom was fired for plagiarizing a speech from the Nazi Minister of Propaganda Joseph Goebbels, the Secretariat was marked by confusion and discontinuity, culture wars against the left, a drastically reduced budget, and the propagation of a pro-traditional family, evangelical Christian, and socially conservative agenda. The Lula government, which started on 1 January 2023, appointed the Bahian singer and composer Margareth Menezes to be the Minister of the newly-reconstituted Ministry of Culture. This paper examines the challenges that Minister Menezes faces and the legacies of the Bolsonaro culture wars.

## **Crime, Violence, Public Security and the Third Lula Administration**

Anthony Pereira (Florida International University/King's College London) e Renato Sergio de Lima (FGV-SP)

This paper examines the challenge of public security policy for the new government of President Luiz Inacio "Lula" da Silva (2023-present). It first reviews the changing trajectory of crime and violence, as well as the police and public security policy, during Lula's first two terms as president (2003-2010). It then analyzes the transformation that Brazil has gone through since the 2013 protests and the election of Jair Bolsonaro in 2018, including the liberalization of controls over (and the proliferation of) gun ownership and the encouragement of police violence during the Bolsonaro administration (2019-2022). In the third section, the paper examines the kinds of issues the new Lula government is confronting, including the re-introduction of controls on gun ownership, attempts to reduce rates of violence, including violence against women, debates about how to reform the police, and calls to reduce racial inequality in policing and the criminal justice and penal systems. In the final section the paper examines the pressing issue revealed by the 8 January 2023 attack on the Planalto – the existence of authoritarian tendencies within the military and police forces.

## **Sexta-feira, 8 de setembro de 2023**

11h15-13h

### **PAINEL: Produção Cultural Brasileira na década de 70: Dimensões Sociais e Política**

#### **"Tá Boa, Santa?" Em Cena os Dzi Croquettes: Política, Sexualidade(s) e Linguagens Artísticas do Brasil dos Anos 1970**

Katia Rodrigues Paranhos (Universidade Federal de Uberlândia)

Examinar a trajetória dos Dzi Croquettes equivale a revisitar, de certa forma, o momento vivido no Brasil: seus espetáculos denunciam e subvertem enquanto nos possibilitam uma aproximação com estilos narrativos diferenciados de representação do poder institucionalizado. Delineia-se, assim, uma experiência artística que mesclava, sem dúvida alguma, comportamento, existência, sexualidade(s) e criação estética. Nessa esteira, focalizo de que maneira a utilização do discurso musical afeta o espectador não só por meio dos parâmetros sonoros, mas igualmente pela sua capacidade de sugerir imagens e de inventar espaços e lugares ao criar figurações cênico-dramáticas. A propósito, acrescente-se que a música sempre foi uma referência fundamental no trabalho de diferentes grupos teatrais (como o Arena e o Opinião), dramaturgos e diretores (como Augusto Boal e João das Neves). Daí a pertinência da discussão que envolve o contraponto entre as linguagens musicais e plásticas na composição da polifonia intrínseca do seu teatro.

## **Música Popular na Contramão das Políticas Sexuais Hegemônicas: Brasil, Década de 1970**

Adalberto Paranhos (Universidade Federal de Uberlândia)

Esta comunicação incursiona pelos caminhos da história da música popular brasileira na década de 1970, que assinalou a emergência, numa proporção jamais vista, de compositores(as), cantores(as) e canções que tematizaram a problemática das mulheres, da sexualidade e da erotização das relações de gênero. Destacaram-se, então, outros enfoques, para além dos habituais, sobre questões que envolvem as relações afetivo-sexuais, a ponto de abarcarem também, num segundo plano, temas referentes ao universo gay e à androginia. Compreender o significado desse momento histórico, quando – em meio à ditadura militar e a um suposto “vazio cultural” – outras formas de ação e/ou de contestação política adquiriram força e expressão social, é um dos propósitos fundamentais do texto. Ele pretende evidenciar o alargamento da noção de política, em circunstâncias sob as quais ganhou espaço a concepção feminista de que “o pessoal é político” e de que as políticas do corpo eram igualmente uma maneira legítima de afirmação da presença no mundo de sujeitos sociais nem sempre valorizados politicamente. Para tanto, a produção no campo da música popular – desde as canções, suas interpretações, até as capas dos discos – fornece elementos que desaguarão na reflexão sobre os enlaces estabelecidos entre as áreas da cultura e da política.

### **Uma vida privada: Música Popular Brasileira (MPB) e sexualidade na trajetória de Gal Costa**

Augusta da Silveira de Oliveira (Brown University)

A trajetória profissional e pessoal da cantora baiana Gal Costa (1945-2022) foi marcada por mudanças comportamentais na sociedade, refletidas nas suas escolhas estéticas e musicais, bem como na sua ascensão à ícone da contracultura nos anos 1970. Neste trabalho, argumento que a necessidade de rotular, categorizar e “desvelar” uma certa verdade sobre a sexualidade impactou a cantora Gal Costa, parte do “grupo baiano” que se instalou no sudeste do Brasil a partir da metade da década de 1960. Nesse ínterim, é fundamental mencionarmos que a Ditadura Militar operou para reprimir as sexualidades e comportamentos que desviassem da norma heterossexual, ampliando o conceito de subversão para também incluir os dissidentes sexuais. Ao mesmo tempo, houve a popularização de artistas e personalidades que desafiaram as fronteiras do gênero e da sexualidade, e o surgimento de um movimento homossexual que passou a demandar direitos e visibilidade. Sinalizo Gal Costa como artista emblemática nos debates sobre sexualidade e representatividade na música popular brasileira. Analiso o material disponível sobre a cantora na mídia e como jornais e revista abordaram questões sobre sexualidade ao longo de sua carreira, também levando em consideração suas declarações sobre o tema. Em seguida, discuto as implicações do “outing”, ou o “sair do armário”, e a relação disso com as esferas pública e privada. Afirmo que “sair do armário” é um gesto retórico em direção à limitação de uma identidade, embora não deslocado de sua importância política. Não é imprescindível que esse gesto ocorra para que haja identificação mútua e sentimento de representatividade por parte da comunidade LGBTQIA+.

Finalmente, concluo com as reverberações a respeito da morte inesperada da cantora em novembro de 2022, a publicização do longo casamento com outra mulher e declarações sobre natureza “discreta” de sua vida pessoal.

### **Gerd Bornheim e a Estética Brasileira Contemporânea**

Gaspar Paz (Universidade Federal do Espírito Santo)

Nossa intenção é valorizar as contribuições do filósofo brasileiro Gerd Bornheim (1929-2002) para a abertura, ampliação e consolidação dos estudos estético-político-filosóficos no Brasil. Bornheim foi articulador de diálogos fundamentais e sua obra reconhecida nos diversos meios em que atuou. Dedicou-se ao ensino e à pesquisa em importantes universidades brasileiras e estrangeiras. A violência e as perseguições da ditadura militar nos anos 1960-1970 o levaram ao exílio, época que acompanhou de perto a vida universitária e as manifestações culturais na França, Inglaterra e Alemanha. Deixou-nos uma vasta produção ensaística. Alguns de seus trabalhos tratam do teatro em conexão com a filosofia e com outras linguagens e problematizações artísticas. Nesse estudo, duas de suas publicações nos interessam particularmente: o livro *Páginas de filosofia da arte*, que mostra a diversidade de interesses do autor a partir de interpretações históricas, estudos de crítica artística e leituras sobre artes plásticas, cinema, literatura e teatro; e *Ensaio e conferências sobre teatro, literatura, artes plásticas, música e crítica de arte*, livro póstumo que reúne textos esparsos e inéditos e se soma a esse mosaico de interpretações. São textos da última fase de produção (1998 a 2002) e complementam as pesquisas estéticas bornheimianas. É importante perceber ainda que mesmo em publicações nas quais a temática não se restringe à estética, tal área é invariavelmente mencionada por Bornheim. Nessas e outras obras perduram a acuidade dos posicionamentos do autor, que vem ganhando releituras nos últimos anos. Trata-se de um dos pensadores indispensáveis para se compreender a realidade sociocultural brasileira.

### **Palimpsesto Tropical: o Álbum Concretista-Paulista de Caetano Veloso**

Guilherme Granato (Universidade Nova de Lisboa)

Esta comunicação busca iluminar alguns pontos relativos à concepção do álbum *Araçá Azul*, lançado pelo compositor brasileiro Caetano Veloso no ano de 1973. Primeiro trabalho autoral de Veloso gravado no Brasil após o período de exílio, foi classificado pelo próprio compositor como um obra de inspiração “concretista-paulista”. A expressão sugere a influência direta do ideário estético/teórico da Poesia Concreta, o que, além de ser um dado interessante relacionado à interpenetração entre diferentes segmentos culturais no Brasil, fornece uma chave interpretativa valiosa para este álbum tão singular. Inicialmente situarei a simbiose entre Veloso e os poetas concretos em meio às tensões inerentes ao cenário cultural e político brasileiro da segunda metade da década de sessenta, destacando entre estas o debate em torno da relação entre formulação estética e diagnóstico social e entre expressão nacional e influência estrangeira. Nesse contexto, mostrarei como *Araçá Azul* caracteriza-se como uma obra que busca conciliar crítica estética e crítica social, dentro de um movimento duplo e arriscado de adesão às engrenagens da indústria cultural e de crítica a estas. Em um segundo momento, a comunicação abordará

aspectos próprios do álbum, destacando características formais e peculiaridades de sua produção. Levantarei aspectos relativos ao emprego das recém desenvolvidas tecnologias de gravação e edição sonora e à utilização de procedimentos transtextuais, importantes para a compreensão de Araújo Azul como uma obra única na carreira de Veloso e na música brasileira.

## **PAINEL: Atuação institucional das extremas direitas**

### **A Atuação das Bancadas Temáticas na Câmara dos Deputados do Brasil: O Caso “BBB”**

Guilherme Ribeiro (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) e Maria Celina D’Araújo (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

A bancada BBB, que representa no Congresso Nacional os setores do agronegócio, das forças de segurança e dos evangélicos (“boi”, “bala” e “bíblia”, respectivamente), tem sido objeto de variadas pesquisas acadêmicas na última década, além de constar frequentemente nas páginas da imprensa, sobretudo a partir de sua aproximação com o Poder Executivo durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022). A apresentação visa a mostrar as principais características desses grupos, enfatizando suas linhas de ação e seus objetivos. Defende-se a tese de que a principal função das bancadas é a geração de informação para seus pares sobre aquilo que são seus objetos de interesse. Também se argumenta que a bancada BBB é a principal porta de entrada no Legislativo de temas atinentes a uma pauta conservadora. O trabalho rejeita a ideia de que os grupos suprapartidários dominam a agenda congressual, mas não subestima a capacidade de articulação dessas bancadas: por meio de estratégias discursivas e de ações planejadas, elas conseguem pautar determinados temas nas comissões permanentes e no plenário, além de exercer poder de veto em assuntos que contrariam suas bandeiras. A apresentação faz parte da pesquisa de pós-doutorado financiada pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e realizada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

### **Brazilian Autonomy in South America Under the Changing Global Order**

Hazal Melike Coban (ICS-University of Lisbon)

This study aims to understand how regional powers construct their autonomies in their region and how this autonomy is impacted by the great powers having a connection with the region. Although, after the Cold War, the international system has evolved to a multipolar structure, it is still dominated by great powers. Regional powers have been affected and controlled implicitly or explicitly by them. They establish regional multilateral institutions to decrease great powers’ influence while increasing cooperation in maintaining regional autonomy. In this study, as the consensual hegemon of South America, Brazil’s foreign policy towards the region is analyzed, and how the US, the historically dominant, and China, the new great power relations, impact Brazil’s autonomy is questioned. Brazil’s changing autonomy from Unasul’s establishment until its dismantling (2008-2018) is examined using the process-tracing technique. Besides the specific focus on this period, great powers’

historical relations are also examined, especially after the Cold War and during the beginning of the commodities boom period. The impact of great powers on Brazil's increasing and decreasing autonomy during this period is analyzed through interviews with foreign policymakers. As an illustrative case, understanding changing Brazil's regional autonomy under the shadow of US-China relations will guide us in other regional powers' interactions with great powers regarding regional politics.

## **O Parlamento Europeu e as relações União Europeia-Brasil durante a presidência de Jair Bolsonaro**

Giuliano Guidi Braga (Centro de Investigação em Ciência Política CICP)

A crescente participação do Parlamento Europeu na Política Externa e de Segurança Comum (PESC) fez com que a instituição, através dos eurodeputados, se envolvesse em atividades diplomáticas com países terceiros, como o Brasil. Dada a saliência do país sul-americano resultante do estabelecimento de uma parceria estratégica com a União Europeia (UE), em 2007, o Parlamento desenvolve seu papel diplomático através de diversos mecanismos, nomeadamente as audiências, missões parlamentares e as delegações bilaterais e interparlamentares como a DMER e a DLAT. Por outro lado, o Congresso Nacional do Brasil também possui parlamentares dedicados à agenda de política externa através da sua comissão para relações exteriores. Particularmente durante a Presidência de Jair Bolsonaro, o Parlamento Europeu recorreu ao seu direito de codecisão para bloquear o acordo entre EU-Mercosul, causando reações por parte do Congresso Nacional. À luz dos pressupostos do institucionalismo sociológico e do conceito de diplomacia parlamentar, este paper busca traçar as discussões do Parlamento Europeu e do Congresso Nacional sobre a parceria estratégica entre UE e Brasil. Tendo por base os documentos oficiais publicados pelo Parlamento Europeu e pelo Congresso Nacional entre 2018 e 2022, a análise tentará identificar as nuances do tratamento do tema ao investigar as particularidades de compreensão do tópico por parte dos diferentes grupos e partidos políticos.

## **PAINEL: Género como eixo analítico I**

### **Mulheres Eleitas para Administrar Municípios em Santa Catarina-Brasil: História, Memória e Relações de Poder**

Joana Maria Pedro (Universidade Federal de Santa Catarina) e Teresa Kleba Lisboa (Universidade Federal de Santa Catarina)

O Brasil é um dos piores países no Cone Sul em relação à presença de mulheres em espaços de poder. Santa Catarina tem sido considerado um dos estados mais conservadores do Brasil. Nos 295 municípios do Estado, atualmente, temos apenas 50 mulheres eleitas como prefeitas. O trabalho que apresentamos faz parte do projeto intitulado MANDONAS: memórias, políticas e feminismos no Cone Sul (1980-2020), com recursos do CNPq e que tem como finalidade narrar a trajetória de algumas mulheres que se tornaram lideranças no Cone Sul. Para esta comunicação focalizamos as mulheres que foram eleitas para os municípios de Santa Catarina. Para a realização da pesquisa, recebemos apoio da Federação Catarinense dos Municípios (FECAM) que disponibilizou a lista das prefeitas eleitas com seus respectivos contatos. A

maioria das entrevistas está sendo realizada de forma online pela plataforma zoom. Além disso, coletamos informações sobre o município e sobre a trajetória da prefeita em sites, blogs e relatórios do município. Nas entrevistas buscamos saber sobre as trajetórias de vida, o motivo que as levou para a política, os principais desafios e conquistas; suas concepções sobre feminismo e o principal legado que deixam para os municípios. Como constatação preliminar da pesquisa notamos que, muitas não fazem referência às manifestações de machismo das quais são vítimas. Falam de competências, seriedade e comprometimento com o trabalho administrativo realizado nas Prefeituras de seus Municípios.

## **Colônias de Pescadores em Pernambuco-Brasil: Território masculino e feminino?**

Maria do Rosario de Fatima Leitão (Universidade Federal Rural de Pernambuco)

A pesquisa aborda a história das mulheres, trabalhadoras da pesca artesanal em Pernambuco. o eixo condutor são as relações de poder configuradas através das relações de gênero e do modelo patriarcal. A pesquisa qualitativa ancorada na epistemologia feminista e na literatura referente às violências produzidas pelo patriarcado. Foram realizados: levantamento bibliográfico, visitas de campo e análise documental. A pesquisa de campo ocorreu na colônia de pescadores/as incluiu colônias localizadas no litoral de Pernambuco lideradas por mulheres. Na análise documental, foram exploradas matérias de jornais, legislações e o acervo de trabalho de campo da irmã Nilza Montenegro membra da congregação das Doroteias. A proposta metodológica de conhecimento situado, vem resgatando histórias de mulheres há quase duas décadas no Grupo de Pesquisa Desenvolvimento e Sociedade (GPDES), ligado ao CNPq-UFRPE ([www.gpdeso.com](http://www.gpdeso.com)). Sob o recorte metodológico adotado, problematiza-se a vida das mulheres acompanhadas, buscando mostrar quem são elas, o que fazem e os obstáculos que superam em sua rotina diária. Além de livros e periódicos especializados no tema, foi utilizado um portal brasileiro de publicações científicas em acesso aberto, o OasisBR, por meio do qual foi realizado um levantamento da literatura sobre o tema abordado. Abaixo, tem-se uma relação entre as palavras-chave empregadas nesse levantamento e o número de publicações científicas localizadas através delas: 1 - Mulheres marisqueiras, com um total de 47 publicações, sendo 23 dissertações, 8 teses, 7 artigos, 7 TCC e 2 conferências; 2 - Mulheres presidentes de colônias, com apenas uma publicação, o artigo "As mulheres e a construção da Colônia de Pescadoras Z-25 em Jaguarão/RS, 2005"; 3 - Mulheres AND colônias de pescadores, com 25 títulos, sendo 3 com abordagem de gênero e 1 fundamentado no ecofeminismo. Das 25 publicações, 2 são teses e 2, dissertações; 4 - Pescadoras AND marisqueiras, também com 2 teses e 2 dissertações, focadas no tema gênero e pós-graduação em ciências sociais. A inclusão das pescadoras nos espaços de poder e decisão das colônias de pescadores/as em Pernambuco, representa uma conquista expressiva em lugares onde anteriormente essas mulheres eram excluídas como profissionais.

## **Estilos de Feminilidade e (des)vantagens Escolares: Uma Análise das Relações de Gênero na Escola**

Maria Fernanda Frazão (UNICAMP)

A reversão do hiato de gênero é uma tendência comum dos países que expandiram seus sistemas de ensino, sobretudo a partir da segunda metade do século XX. Quando as mulheres tiveram o acesso à escola assegurado, elas passaram a apresentar melhores resultados que os homens tanto na progressão quanto no desempenho escolar. Entretanto, esse movimento geral não elimina desigualdades de gênero, que permanecem com novas segmentações no interior dos sistemas educacionais e articula-se com outros marcadores sociais, como raça e classe. Na literatura nacional e internacional, em um primeiro momento, a explicação para a vantagem escolar feminina centrou-se na socialização familiar de meninas, que incentivaria comportamentos escolarmente rentáveis, como a obediência às regras e a organização da rotina. O movimento recente desse debate tem buscado complexificar essa análise, incluindo outros fatores e compreendendo que não existe apenas um tipo de socialização familiar voltado para as meninas, assim como não existe apenas um ideal de feminilidade valorizado pelas famílias, pela escola e pela sociedade como um todo. Nesta pesquisa, busco analisar esses fatores em um bairro periférico do município de Campinas (São Paulo), analisando as dinâmicas da socialização e das relações dentro e fora da escola entre meninas de 12 a 15 anos. Que modelos de feminilidade circulam nesse território? Como esses modelos se relacionam com as trajetórias escolares? Uma primeira experiência de pesquisa me permitiu identificar diferentes estilos de feminilidade que ficam particularmente evidentes nessa faixa-etária, quando a sexualidade das meninas passa a ser um tema central para elas mesmas e para os diferentes adultos com quem convivem. Na comunicação descreverei esses estilos e analisarei como eles se cruzam e influenciam a relação de diferentes grupos de meninas com a escola, mostrando como se convertem em vantagem ou desvantagem escolar.

## **Feminismo Negro Transnacional em “Por Cima do Mar”, de Deborah Dornellas** Joyce Silva Fernandes (Brown University)

Lígia Brasil é uma mulher negra do Distrito Federal que se transporta “por cima do mar” no romance de Deborah Dornelles até chegar em Benguela. Seus deslocamentos físicos, psíquicos e afetivos entre Brasil e Angola nos induzem a refletir sobre experiências de mulheres negras em contextos diaspóricos e transnacionais. Neste trabalho, pretendo investigar de que formas a narrativa de Dornellas se encaixa em uma tradição de ficção feminista negra internacional. Aplicar teorias do feminismo negro internacional/transnacional como uma lente para estudar o romance objetiva refletir as múltiplas perspectivas feministas que conectam mulheres negras em escala global. Esse tem sido o posicionamento de estudiosas como Cheryl Sterling (2022), Régine Michelle Jean-Charles (2022) e Suzan Z. Andrade (2011). Tal perspectiva, contudo, não pretende apagar a individualidade da autora e as especificidades de sua obra, mas sim conectá-la a outras obras focadas em experiências de mulheres negras. A partir do pressuposto de que o romance de Dornellas seja uma manifestação artística engajada socialmente e historicamente,

acredito que a história de Lígia contribua para a crescente produção de ficção sobre experiências de mulheres negras, no Brasil e no mundo.

## **Federação Brasileira pelo Progresso Feminino: o feminismo transnacional na década de 1930**

Giovanna Rodrigues Molina (École de Hautes Études en Sciences Sociales)

A Federação Brasileira para o Progresso Feminino é reconhecida como a principal organização responsável pelo sufrágio feminino no Brasil. O grupo foi organizado principalmente entre mulheres instruídas, de classe abastada, e predominantemente brancas. A história da organização feminista se confunde com a biografia de sua líder, Bertha Lutz (1894 -1976). Após estudar na Europa por 7 anos, Lutz retornou ao Brasil em 1918 e fundou a Liga para a Emancipação Intelectual das Mulheres. Foi nesta época que ela lançou um intenso movimento para contactar vários grupos feministas no cenário internacional e, após a primeira Conferência Interamericana de Mulheres em 1922 acabou rebatizando a organização. Historiadoras como Rachel Soihet, Teresa Cristina Marques, entre outras, demonstram um grande interesse intelectual sobre a importância da atuação política e social da FBPF e de Lutz em uma escala nacional. No entanto, para pensar o papel da FBPF no campo internacional, é preciso recorrer a historiadoras estadunidenses como Leila Rupp e Katherine Marino. Ainda assim as informações são muito esparsas. Esta proposta de comunicação individual pretende debater a partir do dossiê intitulado "Paz e Desarmamento", presente no Fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, no Arquivo Nacional, a presença da FBPF enquanto parte ativa dos movimentos feministas transnacionais da primeira onda feminista internacional, na década de 1930.

## **PAINEL: Educação Superior e Formação de Público Leitor II**

### **A Influência Colonial nos Desafios para Formação do Leitor em Guiné Bissau e no Brasil**

Nadina João Lopes Nhanca (Instituto de Estudos da Linguagem-IEL)

As condições de produção de sentido e domínio do português proeminentes na cultura de Guiné-Bissau evidenciam os aspectos de colonialidade, que envolvem a alfabetização e a leitura dessa língua no país. Por sua vez, , , o ambiente de

alfabetização no Brasil, também um país ex-colônia de Portugal, tem a língua portuguesa como eixo como principal no âmbito da alfabetização. Nesse sentido, ao analisar as relações entre poder e saber em uma perspectiva de Michel Foucault, propõe refletir-se sobre alguns aspectos sócio-históricos que permeiam o ensino do português, e que são demarcadas nos currículos escolares guineenses e brasileiros. Ao olhar as diferenças entre os dois contextos, busca-se entrelaçamentos entre as dificuldades e desafios acerca das práticas de leitura na Guiné-Bissau e no Brasil, compreendendo o lugar que o português tem nas relações com o conhecimento. Pautando-se na concepção de que há diversas formas de ler o mundo e de se colocar como “sujeito-leitor” (OLIVEIRA, 2013), e sendo o âmbito da educação formal um lugar propício para reflexões sobre sujeitos e sentidos, discute-se, em contraponto às práticas educacionais brasileiras, a influência das relações de colonialidade na instituição histórica “do baixo índice da leitura e da elevada iliteracia da população guineense” (DJALO, 2010, p.1). Assim, assumindo as implicações das confluências da globalização (IANNI, 1996) que influenciam nas culturas de diversas nações, incluindo as culturas guineenses, pauta-se nas teorias da linguagem para pensar as relações de poder e a constituição de sujeitos e de sentidos na formação de leitores da Guiné-Bissau.

### **Novos Temas para Jovens Leitores: Aspectos da Narrativa Juvenil Brasileira Contemporânea**

Danilo Souza (Universidade Federal do Espírito Santo)

A proposta de comunicação ora apresentada é parte da pesquisa de mestrado intitulada “Literatura juvenil premiada: diálogos entre pesquisas acadêmicas, crítica especializada, escola e adolescentes leitores” e da pesquisa em andamento no doutorado em Letras sobre a literatura juvenil brasileira de Luís Dill, ambas vinculadas às investigações do Grupo de Pesquisa “Literatura e Educação”, da Universidade Federal do Espírito Santo. De abordagem qualitativa, este estudo objetiva analisar as tendências da narrativa juvenil brasileira contemporânea, bem como com as temáticas predominantes das obras analisadas. Entendemos que a literatura juvenil, no contexto brasileiro, tem encontrado destaque em termos de público e crítica acadêmica especializada. Um dos motivos desse subsistema literário alçar cada vez mais leitores é o claro rompimento com o pedagógico-moralizante que se perpetuava no Brasil, desde os primórdios da literatura infantil até o início da década de 1980. Hoje, de acordo com Martha (2011, p.2), os autores contemporâneos por meio de técnicas mais complexas de narrar e por meio de uma linguagem questionadora de normas e convenções exploram temas considerados fraturantes como sexo, morte, violência, bullying, perdas, sexualidade, afetividades e crises de identidades, temas que anteriormente eram proibidos a leitores jovens, mas que agora ganham força e desafiam críticos que veem o gênero como “menor”. Assim, abordaremos, no decorrer da apresentação, os temas e formas dos livros juvenis que receberam maior destaque da crítica especializada nos últimos anos, enfatizando a temática predominante em cada obra, bem como o projeto gráfico-editorial de cada livro. Embasam nossas análises, os estudos de João Luís Ceccantini (2000; 2004; 2015a; 2015b; 2016; 2017), Alice Áurea Penteadó Martha (2011; 2012; 2013; 2014) e Vera Teixeira de Aguiar (2012; 2013; 2015), dentre outros autores.

## Aspectos da Participação Indígena na Cultura Brasileira Letrada

Fabio Almeida de Carvalho (Universidade Federal de Roraima)

O artigo tanto apresenta como, a partir do final da década de 1980, povos originários passaram a ocupar determinados espaços de produção e circulação textual que antes não ocupavam na cena cultural brasileira (por motivos de ordem social, linguística e cultural, mas também política e jurídica), quanto discute como esse processo tem provocado um vigoroso movimento de dilatação das fronteiras textuais e discursivas tradicionais na cultura ocidental. Textos derivados da atuação de indígenas na esfera dos discursos acadêmicos são, em geral, bilíngues, e se estruturam em formas que conjugam aspectos próprios da produção intelectual com os da criação artística. Ademais, também se estruturam em torno de uma concepção bastante complexa da noção de autoria (haja vista que são escritos por um autor, mas representam a voz de seu povo). Para fins de exemplificação, o ensaio analisa o caso de Os cantos tradicionais Ye'kwana, do indígena Fernando Gimenes Ye'kuana, ganhador da edição 2020 / 2021 do Prêmio de melhor dissertação de mestrado Dirce Cortes Riedel, da Associação Brasileira de Literatura Comparada / ABRALIC-BR, na condição de típico exemplar do fenômeno cultural em tela. Os cantos tradicionais Ye'kwana apresentam significativas transgressões em relação às tradicionais noções de lógica narrativa, e às próprias formas de narrar vigentes nos campos da Literatura e da História. A outorga desse prêmio acadêmico para um indígena habitante da floresta, na fronteira entre o Brasil e a Venezuela, atribuído pela maior associação de Literatura Comparada da América Latina, além de ser importante ato em termos políticos, demonstra o quanto urge repensar processos de divulgação literária global para além dos quadros restritos configurados pela lógica das culturas hegemônicas, que se assentam em divisões e hierarquias cerradas. Com isso, pretendemos contribuir com o processo de inclusão de textos ameríndios no repertório da Literatura Comparada e da World Literature.

## PAINEL: Análise Literária II – Formas e Fontes

### Identities Feminina e Negra na Obra de Conceição Evaristo

Lais Botler (The Hebrew University of Jerusalem)

Um dos estudos mais importantes no campo da identidade e suas mudanças evolutivas na pós-modernidade é o de Hall (2015). Segundo o autor, na pós-modernidade, os sujeitos, cujas identidades antes eram consideradas unificadas e estáveis, estão se fragmentando. Identidade, portanto, não significa mais “ser”, mas sim “tornar-se”. Abordando o contexto feminista em particular, Braidotti (2011, 124) afirma: “A teoria feminista expressa a necessidade estrutural das mulheres de se colocarem como sujeitos femininos (...), como seres situados”. No campo feminista, os conflitos entre distintos aspectos da identidade – como judaísmo e feminismo, ou negritude e feminismo – são comuns, pois, por muito tempo, o movimento feminista “branco” exigiu um silenciamento em relação às identidades marginalizadas. Ehlers enfatiza como, para as mulheres negras, “o feminismo dominante concentrou-se persistentemente em uma identidade oprimida (mulher) como um meio de unificação, ofuscando outras formas de opressão” (Ehlers, 2015, 351). Esta

apresentação examina, nos textos “Ponciá Vicêncio”, “Becos da Memória” e “Canção para ninar menino grande”, de Conceição Evaristo, como camadas coexistentes de identidade são negociadas, especificamente no que diz respeito às identidades feminina e negra para personagens e narradoras na escrita de mulheres brasileiras. Segundo Ludmer (1985), a percepção da existência de uma autoridade externa que “dá e tira palavras” está presente na literatura escrita por mulheres desde pelo menos o século XVII, como em Respuesta de Sor Juana Inés de la Cruz a Sor Filotea. A autora, as narradoras e as personagens vão contra a “autoridade”, seja ela religiosa, literária ou social? Como essas identidades coexistem e se influenciam? Como o contexto sociopolítico impacta a configuração e o posicionamento dos personagens?

### **A dicção rasurada de Carolina Maria de Jesus e Elza Soares**

Rafael Eisinger Guimarães (Universidade de Santa Cruz do Sul)

Configurando-se como dois sistemas simbólicos basilares para a construção da identidade nacional, a literatura e a canção brasileira sofreram, em especial durante o século XX, um processo de “branqueamento” - mais explícito no caso daquela, mais sutil no caso desta - que foi fundamental à construção da imagem de um país moderno, segundo os preceitos de uma inteligência masculina, branca e de elite (GARRAMUÑO, 2009; NETO, 2017; SODRÉ, 1998; VIANNA, 2002). Nesse contexto, são bastante emblemáticas as figuras de Carolina Maria de Jesus e Elza Soares, mulheres negras com trajetórias de vida marcadas pelo sofrimento, que fizeram de suas obras um espaço de problematização dessa ideia homogênea de Brasil. Para além das aproximações óbvias no que tange a suas biografias, as duas artistas compartilham o fato de seus trabalhos terem sido marcados pelo signo do exotismo e do estranhamento, em especial por apresentarem uma dicção, na escrita e na voz, que rasura os preceitos estéticos tidos como norma nos âmbitos da literatura e do samba. Com essas questões em mente, este estudo pretende aproximar a obra de Carolina Maria de Jesus e Elza Soares a partir de três aspectos principais: a presença da fome como elemento determinante, a dicção singular das artistas e a configuração da palavra - escrita e cantada - como instrumento de transformação da dor.

### **“Torto Arado”: O Desafio de Tornar Visíveis os Sujeitos Ocultos da História**

Benedito Antunes (Universidade Estadual Paulista – UNESP, Câmpus de Assis)

O romance *Torto arado* (2019), de Itamar Vieira Junior, tem-se destacado desde seu lançamento pelo sucesso de público e de crítica. Uma das explicações para isso pode ser sua conformação literária: linguagem clara e envolvente e narrativa muito bem estruturada, que quase não deixa dúvidas quanto às personagens e suas ações, bem como ao tempo e ao espaço em que ocorrem. Por outro lado, ao tratar de uma comunidade quilombola, o romance parece dar voz a um setor marginalizado da sociedade brasileira que o elege como uma bandeira de resistência por se identificar com o tom dominante da temática. Com efeito, é provável que muitos leitores negros ou afrodescendentes estejam se sentindo representados pelos dramas do livro e tenham contribuído para a sua difusão. Partindo dessas hipóteses iniciais, a comunicação abordará no romance a relação entre literatura e história, procurando discutir de que maneira a organização dos elementos temáticos e formais contribuem

para a boa recepção no Brasil. Na análise, será considerada fundamentalmente a relação do universo real, constituído pelas comunidades da Chapada Diamantina, com o ficcional, configurado pelo povo de Água Negra. Embora o romance seja de natureza realista, a representação do mundo de Água Negra cria uma espécie de utopia, uma vez que se trata de um mundo à parte, em que todos os seus elementos se combinam integralmente, de forma clara e ordenada. Por isso, o resultado final poderá, além de tornar visíveis “sujeitos ocultos da história”, oferecer sugestões do possível desfecho do conflito entre quilombolas e proprietários das fazendas e acenar com modos possíveis de vida em que a integração do homem a seu ambiente ocorra sob outras formas de organização social.

### **No meio do caminho desta vida, me descobri na Vista Chinesa: refundar o Brasil a partir dos corpos políticos. Uma análise de “Vista Chinesa”, de Tatiana Salem Levy**

Nicola Biasio (Universidade de Bolonha)

No panorama da literatura brasileira contemporânea, a urgência de refundar o Brasil a partir da crítica da sua violência intrínseca e sistêmica contra os grupos sociais não hegemônicos tornou-se uma característica central das produções culturais, conforme afirmam Dalcastagnè (2008) e Ginzburg (2013). Partindo deste contexto e considerando textos mais recentes, o presente trabalho pretende analisar o romance *Vista Chinesa* (2021), de Tatiana Salem Levy, e sua valência simbólica e política como contribuição atual para repensar o Brasil. Ambientado no Rio de Janeiro de 2014, o romance desconstrói a imagem do Brasil “país do futuro” – com a Copa do Mundo prestes a acontecer e as Olimpíadas de 2016 à vista – através da história da protagonista, brutalmente violentada na Vista Chinesa. A violência penetra tanto no corpo da mulher quanto no espaço da cidade, a qual revela o fracasso social e econômico do tão esperado “progresso” do Brasil. O estupro da mulher torna-se o estupro da cidade: as duas afundam por causa do desinteresse público e da negligência política do país. Contudo, ao denunciar a história de violência, a mulher e a cidade se tornam corpos políticos que importam (Butler, 1996) perante o naufrágio do país. Retomando a metáfora dantesca, esses corpos têm que descer no abismo do inferno para entender o sistema no qual estão inscritos. A intenção da comunicação é de analisar o caráter testemunhal do livro, o qual não é apenas uma longa carta aos filhos da protagonista, mulher que receia que o seu trauma possa ser transmitido à prole, mas é também uma reflexão sobre como as novas gerações podem sobreviver ao Brasil e à sua violência. Temas como memória, trauma, corpo político e violência serão analisados dentro de um quadro teórico que reflete sobre a ética da representação e o papel daquela linha da literatura brasileira que se encontra “diante da dor dos outros” (Sontag 2003). Literatura que permite abrir uma reflexão sobre uma (im)possível refundação do país a partir daquela dor.

### **O Narrador na Biografia: Anita Leocádia Prestes. Seu Pai e Sua Mãe**

Vavy Pacheco Borges (UNICAMP)

Vou trabalhar o papel do narrador na biografia como texto histórico-literário. As biografias da autora sobre Luiz Carlos Prestes (2015) e Olga Benário Prestes (2017)

podem propiciar reflexões instigantes para se pensar essa questão; um paralelo entre as duas biografias e a autobiografia publicada pela autora (2019) pode enriquecer essas reflexões. No campo literário encontramos generalizado um esquema em relação ao autor de um texto: 1- narrador onisciente 2- narrador na terceira pessoa 3 - narrador na primeira pessoa. A relação do biógrafo para com seu biografado foi esquematizada, entre outros semelhantes, pelo historiador Michel Trebistch em três paradigmas dominantes não excludentes: 1- “biografia clássica” (Antiguidade até séc. XVIII) : o biógrafo emite valores e apreciações sobre o biografado; 2- “biografia romântica” (sécs. XVIII até XX): biógrafo se vê como um observador imparcial; 3- a “biografia moderna” ou “contemporânea” (a partir do séc. XX) : o biógrafo se apresenta necessariamente como implicado no que pode ser chamado de “relação biográfica”. Pensando nessas duas diferentes classificações como básicas e baseada em uma primeira aproximação das obras vamos analisá-las a partir da hipótese seguinte: a autora se pretende imparcial através de uma narração onisciente construída a partir de uma metodologia de pesquisa histórica apresentada como objetiva e na qual são omitidos voluntariamente seus laços com os biografados. Serão analisados objetivos e valorizações, explícitos ou não, em cada uma das obras e em seu conjunto.

## **PAINEL: História II – Perspectivas sobre a ditadura militar no Brasil**

### **Geração 77: A Juventude e a Derrota da Ditadura Militar**

James Green (Brown University)

Em meados da década de 1970, uma nova geração de estudantes secundaristas e universitários, que chamo de Geração 77, surgiu no Brasil e começou a reorganizar as associações estudantis e a realizar ações semiclandestinas para revitalizar as mobilizações contra o regime militar. Eles foram motivados por uma variedade de influências políticas, sociais, econômicas e culturais que eram significativamente diferentes daquelas que inspiraram a juventude a protestar contra a ditadura em 1968. Novas ideias articuladas por movimentos emergentes entre a juventude brasileira perturbaram o que antes era um paradigma generalizado entre estudantes politizados que consideravam essas questões “secundárias” e “divisórias” na luta contra a ditadura. Este artigo traçará aspectos da história social e cultural dessa nova geração de jovens rebeldes que adotaram novas agendas políticas e introduziram novos conteúdos nos protestos públicos. As mobilizações estudantis de 1976 a 1978 serviram de incubadora para movimentos sociais emergentes que se concentravam em questões de identidade pessoal e sua relação com a política e a mudança social.

### **História e Psiquiatria no Brasil: a loucura como estratégia de perseguição política (1947-1979)**

Célia Costa Cardoso (Universidade Federal de Sergipe)

A pesquisa aborda a loucura no Brasil no período da Guerra Fria, com o intuito de investigar os diagnósticos de doença mental fornecidos por setores públicos e privados a alguns ativistas políticos perseguidos por órgãos de segurança e repressão, bem como compreender o modo como ocorreram certas interações em

instituições psiquiátricas. Busca ainda, reconstruir trajetórias de vida de militantes confinados em manicômios, para asseverar a vinculação de algumas casas de saúde com o projeto de violência do Estado. A fundamentação desta história terá como base uma abordagem interdisciplinar, a partir da relação entre história e psiquiatria, com intuito de compreender a loucura e as suas diversas formas de enquadramento. Espera-se com esse estudo analisar as falácias do uso da doença mental para internação de alguns militantes, principalmente do PCB, e as estratégias montadas na tentativa de se comprovar a necessidade do confinamento. A pesquisa percorre a ideia da permanência de uma cultura autoritária na República brasileira, observando, neste caso, alguns episódios representativos de situações de barbárie manifestadas em um cenário de exclusão social e política.

### **Petrobras: a Vigilância e a Repressão Contra os Trabalhadores e Outras Graves Violações de Direitos Humanos Durante a Ditadura Militar**

Janaina Almeida Teles (Universidade do Estado de Minas Gerais)

Esta comunicação tem como objetivo apresentar os resultados parciais obtidos pela investigação a respeito das graves violações aos direitos humanos cometidas pela Petrobras durante a ditadura militar, empresa estatal que detinha o monopólio da pesquisa e extração de petróleo no Brasil. Este estudo é particularmente relevante na medida em que o relatório da Comissão Nacional da Verdade (2014) não considerou a responsabilidade empresarial pelos crimes de lesa-humanidade cometidos durante o período autoritário. O que significou deixar de lado agentes do aparato repressivo que atuavam na empresa; a atividade de sua Divisão de Segurança e Informações (DIVIN); o apoio logístico a operações dos órgãos responsáveis pela segurança interna; a invasão de terras indígenas para pesquisar e explorar recursos minerais e, a perseguição a trabalhadores não apenas por motivos ideológicos, mas por sua orientação sexual. Esta comunicação pretende apresentar um panorama da atuação da DIVIN da Petrobras durante o período estudado, sobretudo, os anos 1970. A caracterização da atuação da DIVIN joga luz sobre o período mais repressivo da ditadura e sobre os crimes de lesa humanidade cometidos pela empresa, a fim de contribuir para a superação da lacuna observada tanto na produção historiográfica quanto na da CNV. A apresentação versará sobre a estrutura da DIVIN, o histórico de seu funcionamento, bem como a evolução institucional da Divisão, com base nos documentos inéditos encontrados no Arquivo Nacional, os quais revelam indícios de um crescente envolvimento da Petrobras em operações de Segurança Interna, dentro e fora da empresa. Ademais, neste período, observou-se um acelerado processo de acumulação capitalista no Brasil, durante o qual o país concedeu facilidades às grandes empresas nacionais e transnacionais por meio de políticas estatais e reduzidos custos da mão de obra. Neste contexto, buscar-se-á apresentar alguns subsídios que indiquem os mecanismos de favorecimento oferecidos pela Petrobras à indústria petroquímica, entre outras.

## Os Atos Historiográficos De Julgar: Cenas Do Julgamento Histórico Da Independência No Maranhão

Aline Menoncello (UNESP)

A presente comunicação traz um dos problemas fundantes do fazer história: o julgamento histórico. Tema de minha recente tese doutoramento que interrogou: os historiadores julgam? Se sim, o que julgam? Seria a ação de uma dada individualidade a ser imitada? Ou seria a importância de um acontecimento para a construção cívica de uma sociedade? Para responder estas questões, recortei para esta apresentação a análise de dois textos, a “Independência no Maranhão” (1884) de Tristão de Alencar Araripe e a “Comemorativa do Centenário da Proclamação e Juramento da Independência em São Luiz do Maranhão” (1923) de Augusto Olympio Viveiros de Castro. A noção utilizada para interpretar tais textos foi a de “atos historiográficos de julgar” - noção cunhada a partir das problematizações de Paul Ricoeur sobre o ato de julgar e de Reinhart Koselleck sobre a dissolução do topos *Historia magistra vitae* e a constituição do conceito moderno de História, que buscou demonstrar como as mudanças na forma de apreender o passado e alterações institucionais transformaram a relação destes sujeitos historiadores com seus objetos de estudo, mudando também as formas de remontar os fatos e emitir juízos para, enfim, tomar posição sobre a cena da Independência no Maranhão.

## **PAINEL: História da Assistência: da Filantropia à Saúde Pública – Questões & Debates**

Coordenação: Gisele Sanglard (Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz)

A assistência à saúde, ou os cuidados à saúde, é, historicamente, um conjunto de ações voltadas aos vulneráveis: pobres, doentes, velhos, mulheres, crianças e loucos. Igualmente a noção de saúde é uma construção social. Logo, “assistência” e “saúde” tem significados distintos em tempos e espaços diversos. Entender suas especificidades e problemáticas é um dos objetivos deste painel. Como se verá neste painel, a criação de hospitais e congêneres, o oferecimento de serviços especializados e o controle dos alimentos são ações que caracterizam a assistência.

O próprio alargamento da noção da doença, que deixa de ser problema do indivíduo para se tornar uma questão de saúde pública é um dos pontos que será explorado neste painel: as estratégias governamentais, das elites e dos médicos serão exploradas pelos autores. As transformações impostas pela industrialização, pelo conhecimento médico e pelo surgimento das especialidades médicas vai se transformando, aos poucos, o hospital.

Qual o papel do estado na assistência à saúde? O que significa abrir um hospital no interior da Bahia? O surgimento de novas especialidades médicas – a pediatria e os cuidados paliativos – como cada uma transforma a assistência à saúde?

Alimentação e saúde é um tema fulcral na assistência à pobreza, que ganha contornos específicos a depender de cada contexto histórico. Um prato de comida era, muitas vezes, o maior “remédio” para o indivíduo enfraquecido. A alimentação foi o ponto central da assistência oferecida pelos hospitais durante boa parte de sua história. O alimento era uma importante medida de recuperação da “saúde” do pobre que buscava o hospital para recuperar suas energias. O hospital era o lugar de buscar o alimento para o corpo (agasalho e comida) e para alma (religião) – tal vocação perdurou por muito tempo, mesmo quando o conhecimento médico começou a transformar o espaço hospitalar.

## **Assistência, pacificação social e poder de distinção no Brasil Imperial: o protagonismo dos afrodescendentes na criação da Santa Casa da Misericórdia de Nazaré (1830-1850)**

Maria Renilda Barreto (UFBA)

A pesquisa apresentada discute os mecanismos de organização da assistência à saúde, no interior da Bahia, na primeira metade do século XIX, a partir da criação da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Nazaré, em 1830. Investiga-se a composição social, racial, econômica e de gênero do grupo social que organizou a irmandade, as finalidades e como essa estrutura se ajustou as demandas do cenário local, nacional e global. A referida irmandade oferece uma possibilidade de compreender o protagonismo da população afrodescendente e da experiência de interiorização da assistência no Brasil Império. O cenário desenhado é de um território majoritariamente negro, em uma Bahia atravessada pela bandeira do federalismo e das revoltas sociais. O antigo modelo de articulação entre estado e sociedade em prol do controle social é reorganizado pelas elites locais, tanto em nível provincial, como nacional. Para a Bahia, a fundação das irmandades tem a um só tempo o papel de diálogo entre os poderes local, estadual e nacional, bem como a organização de segmentos sociais em prol de uma agenda comum. A hipótese central é de que a população negra elaborou estratégias de diferenciação social, capitalizou prestígio, ampliou os contatos sociais e deu o tom da civilidade local, ainda que por vias conservadoras. As principais fontes documentais utilizadas foram o Compromisso da Irmandade da Santa Misericórdia da Constitucional Cidade de Nazareth, de 1852, registros de óbito, testamentos e documentos institucionais.

## **Fernandes Figueira e a alimentação infantil no Rio de Janeiro (1900-1928)**

Gisele Sanglard (Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz)

A partir de 1900 vemos a criação no Rio de Janeiro de instituições filantrópicas, dirigidas por pediatras, voltadas à assistência materno-infantil, que tinham a distribuição do leite esterilizado como uma de suas funções. Paralelamente a entrada massiva da indústria alimentícia. Este período é marcado pela discussão sobre a mortalidade infantil, que tinha na má alimentação uma de suas principais causas. No caso do Rio de Janeiro, a capital Republicana, o crescimento populacional só não era vegetativo graças à imigração. É nesse cenário que o pediatra carioca Antônio Fernandes Figueira procura definir a melhor forma de alimentar a criança de até um ano, evitando assim, a mortalidade infantil – extremamente alta. Em 1910, este médico publica o livro de vulgarização científica – O Livro das mães – consultas práticas de higiene infantil – formado por 107 “consultas”, das quais 70 versam sobre a alimentação infantil, ou seja, 65,42%. Definir a boa alimentação era também uma forma de prevenir a mortalidade infantil. Este trabalho tem por objetivo analisar o que Fernandes Figueira entendia como a boa alimentação infantil – para além do aleitamento materno. Tal estudo se torna importante uma vez que caberá a este pediatra a estruturação das primeiras políticas públicas para a infância, onde a questão da alimentação terá espaço importante. Em suas ações a vulgarização do saber, através do convencimento das mães, estará presente. Neste trabalho serão ressaltadas questões de medicina e práticas culturais da alimentação infantil.

## Luta sem fim: mercado de leite e políticas sanitárias no Rio de Janeiro, 1900-1930

Sören Brinkmann (WBZ/UWr)

Desde o final do século XIX, surgiu no Rio de Janeiro um mercado pequeno mas em rápido crescimento para o leite de vaca, que, de acordo com os médicos da época, atendia principalmente a uma crescente demanda por alimentos artificiais para bebês. Um motivo de preocupação foi o fato de que este leite, dependendo de sua origem, tinha enormes déficits higiênicos, razão pela qual muitos pediatras viam isto como a principal causa da alta taxa de mortalidade infantil e exigiam a intervenção das autoridades sanitárias. Assim, parte desse leite veio de pequenos estábulos espalhados por toda a cidade, e era geralmente produzido em condições precárias de higiene e vendido de forma cru. Pasteurizado, por outro lado, era o chamado leite de Minas, que era importado principalmente de áreas distantes nos estados vizinhos do Distrito Federal e geralmente tinha uma carga de germes extremamente alta devido a inúmeros defeitos na cadeia de frio. Neste contexto, e para o período de 1900 até o final da Primeira República em 1930, o artigo examina os esforços das autoridades públicas para “sanear” o mercado leiteiro do Rio, identificando, ao mesmo tempo, aqueles fatores estruturais no lado da indústria leiteira que em grande parte anularam o sucesso das intervenções públicas.

### História dos cuidados paliativos em questão. Um estudo de caso

Denise Sant’Anna (PUC-SP)

O movimento em prol dos cuidados paliativos conquistou importância mundial especialmente a partir das últimas décadas do século passado. Em paralelo com o aumento dos debates sobre a eutanásia e o suicídio assistido, a necessidade de melhorar a qualidade da vida daqueles que padecem de doenças progressivas e incuráveis, em hospitais públicos e privados, se transformou em um tema urgente e não tardou a se fazer presente também no Brasil. De maneira mais ampla, a presença da dor crônica, ocasionada por diversas patologias foi um dos motivadores para a evolução tanto da noção de “cuidado” quanto de novas concepções acerca da qualidade de vida e da dignidade do paciente durante toda a sua existência. Em 1997 houve a fundação da Associação Brasileira dos Cuidados Paliativos e, em 2005, foi criada a Academia Nacional dos Cuidados Paliativos. Desde então, os avanços na área foram se tornando cada vez mais significativos. Minha apresentação é fruto de um trabalho de pesquisa sobre algumas ações paliativistas inovadoras, ocorridas na capital paulista, antes e durante a pandemia de Covid-19. Essas ações acabaram por revelar alguns dos principais dilemas sociais e éticos que envolvem a história dos internamentos hospitalares e das condutas médicas. O trabalho se insere na história dos hospitais e da medicina, mas também engloba questões relacionadas à longa história dos cuidados com o corpo e dos significados das doenças.

## **PAINEL: Urbanismo e Política: Entrelaçamentos Transatlânticos**

Coordenação: Angelo Bertoni (Université de Strasbourg) e Maria Stella Bresciani (CIEC-Unicamp/CNPq)

As variadas formas de comunicação entre profissionais da arquitetura e do urbanismo constituem, sem dúvida, contribuições essenciais para a formação e constante atualização de suas trajetórias. As intensas trocas internacionais entre os profissionais da área do urbanismo em formação nas décadas iniciais do século XX (Christiane Collins 2009), convidam a entender diferentes formas de comunicação e o modo

pelo qual as injuções políticas atuaram na definição do campo num período marcado pela 1ª Guerra Mundial e suas ressonâncias pelos anos seguintes. O quanto o ambiente de confronto de ideias e de opções políticas entre profissionais se expressaria em seus planos e interações com autoridades públicas e o capital privado marcando a atuação de profissionais que se deslocaram entre diversos países?

Como campo teórico e pragmático, o urbanismo se firmava como disciplina propositiva e operatória (Donatella Calabi, 2000) ao reconfigurar o tecido construído de cidades já densamente urbanizadas, mas também ao configurar novas áreas em cidades em fase de crescente urbanização, como várias cidades brasileiras.

As trajetórias dos profissionais analisadas neste painel expõem parte significativa dos importantes debates e as diversas formas de interação em contextos diferenciados, e colocam em foco as distâncias entre projeções técnicas idealizadas como normas gerais e as possibilidades de efetivá-las, não só tendo em vista questões técnicas, mas também as complexas ingerências políticas em âmbito nacional e internacional. As formas diferentes de atuação desses profissionais na transformação e gestão do território é o objetivo central da discussão ao se buscar entender o quanto o diálogo e a circulação de conhecimentos teóricos e práticas profissionais se viram frente a questões a serem resolvidas e resultaram, metaforicamente, na “desprovincialização” da cultura arquitetônica e urbana brasileira, e em sentido inverso, contribuíram de modo eficaz para alargar o campo do urbanismo em âmbito internacional.

### **Trajетória do urbanista Etienne de Groër entre França, Brasil e Portugal**

Angelo Bertoni (Université de Strasbourg)

No estudo das trajetórias dos profissionais estrangeiros na América Latina, podemos distinguir algumas áreas privilegiadas de intervenção, como as obras de saneamento urbano, a renovação de espaços urbanos centrais e as extensões residenciais. A presença destes profissionais, envolvidos em projetos de várias escalas, é importante para compreender a circulação e adaptação na América Latina das teorias urbanas debatidas neste período na Europa e nos Estados Unidos, mas também para esclarecer as contribuições de alguns profissionais latino-americanos nos intercâmbios transatlânticos. A trajetória do urbanista de Étienne de Groër permite-nos, por um lado, acompanhar a evolução das teorias do urbanismo no período entre guerras, marcada em particular pela afirmação gradual da escala

regional e pela consolidação do plano/regulamentação urbana. Por outro lado, a sua carreira revela as dificuldades e erros da profissão de urbanista, que na década de 1930 ainda se confrontava com uma comissão pública nascente e a concorrência de outras profissões. Neste contexto, a estreita colaboração com um urbanista de renome, Donat-Alfred Agache, e a mobilidade internacional desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento profissional de Étienne de Groër. Paris, Rio de Janeiro, Lisboa e outras importantes cidades portuguesas ofereceram-lhe a oportunidade de implementar e aperfeiçoar o seu pensamento urbanístico, no qual a ideia da cidade jardim desempenhou um papel importante.

### **Viagens transatlânticas e seu impacto nas trajetórias profissionais de Lucio Costa e Le Corbusier – década de 1920**

Maria Stella Bresciani (CIEC-Unicamp/CNPq)

Minha contribuição começa por aceitar a proposta de que as variadas formas de comunicação entre profissionais do campo da arquitetura e do urbanismo constituem, sem dúvida, contribuições essenciais para a formação e constante atualização de suas trajetórias e que as intensas trocas internacionais entre os profissionais da área em formação do urbanismo nas décadas iniciais do século XX, período marcado pela 1ª Guerra Mundial e pelos seus ecos nos anos seguintes. Optei por colocar em paralelo dois profissionais em situações diferenciadas: o arquiteto Lucio Costa, recém-formado pela Belas Artes do Rio de Janeiro, em viagem prêmio à Europa em 1926, e Le Corbusier, profissional já experiente, em sua primeira viagem à América Latina em 1929. Afinal, como diz Donatella Calabi (2017) “uma viagem e uma visita atenta às paisagens urbanas podem constituir para um jovem arquiteto uma experiência de formação de enorme importância [...] particularmente para o estudante de arquitetura” e, em seguida amplia o alcance dessa afirmação ao estendê-la o profissional já atuante “e para o arquiteto...”. Minha proposta visa a compreender como a imersão pessoal em ambientes urbanos diferentes são imprescindíveis para, pela sensação física abrir formas de compreensão de dimensões e escalas nas projeções urbanísticas, para além da representação gráfica dos projetos.

### **Globalizing between Europe and non-European Countries: The professional path of architect-urbanist Donat Alfred Agache between Paris and Brazil**

Pelin Bolca (Politecnico di Torino)

Intercultural mobility paved the way for knowledge exchange for the leading European architects during the interwar period. Their travels between Europe and many non-European countries left traces in their professional paths that influenced their approaches to the built historic environment. Among others, the path of French architect Donat Alfred Agache formed many parallel histories where different cultures intersect in a global framework. As a Beaux-Art architect, he was a founder member of French Society of Urbanists that pioneered the institutionalization of the discipline of urbanism. His first travel to Brazil in 1926 was the result of an official invitation from the municipality of Rio de Janeiro. However, this was only a starting point of his path through many Brazilian cities that allowed him to gain new insights. His planning ideas and networking with local actors influenced the trajectories of

decision makers' approaches to historic cities in practice and theory until 1950s. In addition, this long-term period chronologically superimposed of Agache's planning processes in many historic cities of Latin America, Middle East and Europe in his career. This research firstly investigates the timeline of Agache's professional path by highlighting the plurality of his mobility in European and non-European countries. Secondly, it concentrates on his presence in Brazil by relating his collaboration with locals and his involvement to the decision making process. Lastly, it discusses his legacy in Brazil by tracing the global perspective in the entire timeline.

### **Disputas pan-americanistas pelo futuro das cidades: Flavio de Carvalho no IV Congresso Pan-Americano de Arquitetos**

Leonardo Faggion Novo (CIEC-Unicamp)

Nas últimas décadas, a historiografia tem privilegiado o estudo da trajetória de arquitetos e urbanistas de maneira a contemplar o processo de circulação de ideias e enfatizar os fluxos e redes profissionais dedicadas a problematizar o urbano. A presente comunicação parte de uma avaliação crítica das mobilizações da noção de "circulação de ideias" para argumentar sobre a importância da política como fator que possibilita esse processo de trocas, disputas e compartilhamento de estratégias. Nesse sentido, o IV Congresso Pan-Americano de Arquitetos (Rio de Janeiro, 1930) é analisado para mapear a rede profissional transnacional empenhada em identificar problemas e propor soluções para as cidades sul- americanas entre as décadas de 1920 a 1940. A hipótese da importância dos embates para a permanência do debate sobre as cidades americanas no período é explorada a partir da atuação do arquiteto, engenheiro e artista Flávio de Carvalho. Suas viagens entre América e Europa, as polêmicas levantadas sobre sua tese "A Cidade do Homem Nu", bem como sua crítica a outros projetos elaborados para o Rio de Janeiro, notadamente o de Alfred Agache, nos permitem sublinhar as relações entre urbanismo e política. Os pressupostos americanistas desses projetos urbanos indicam a importância do pan-americanismo como prática política e seu papel nas disputas entre arquitetos e urbanistas pela transformação e pelo futuro das cidades americanas no entreguerras.

### **Princípios urbanísticos em escala transatlântica: os manuais de urbanismo nas relações multidirecionais, desiguais e políticas nos anos 1920**

Josianne Cerasoli (Unicamp)

Este estudo discute a configuração do campo profissional do urbanismo analisando manuais nos anos 1920. Peças-chave na difusão dos princípios do novo campo conceitual e prático de apreensão e intervenção na cidade, tais manuais de urbanismo são tomados como estratégias de consolidação do campo e como vias indiretas de difusão de ideários comprometidos com hierarquias e relações de poder. A análise dos primeiros manuais incorporados aos acervos especializados no Brasil problematiza a circulação de saberes supostamente neutra. Esta investigação parte das primeiras publicações sobre urbanismo adquiridas pela Biblioteca da Escola Politécnica de São Paulo e incorporadas à formação dos profissionais, introduzidos ao temário antes da formalização de uma disciplina do urbanismo, em estudos sobre arquitetura e higiene das cidades. Entre manuais disponibilizados aos politécnicos

até 1926 (Jaussely, Unwin, Crozat, Ford etc.), destaca-se o *Traité d'Urbanisme* de Ed. Joyant, publicado em dois volumes em 1923, revisado em 1928 e 1934. Engenheiro des Ponts et Chaussées, professor de urbanismo na École spéciale des travaux publics e agente da diretoria de obras pública do protetorado do Marrocos, Joyant e seu manual são acolhidos como autoridades teóricas e práticas, reforçadas pela participação do profissional na colonização liderada pelo marechal Lyautey na África. Ao focalizar algumas matrizes coercitivas e alguns matizes colonizadores nessas publicações, busca-se problematizar as articulações entre pensar, enunciar, fazer e prescrever em urbanismo em escala transatlântica.

## **PAINEL: Experiência Migratória e Dinâmicas Urbanas: Atores, Agency Visibilidade V**

Coordenação: Mônica Raisa Schpun (EHESS)

Este painel temático busca reunir pesquisadores tratando da experiência urbana dos (i)migrantes, nos séculos XX e XXI. Apresentaremos – e confrontaremos –, assim, estudos de caso em que tais atores deixam suas marcas no espaço urbano. Trata-se, em primeiro lugar, de trazer à tona as formas de hospitalidade, os conflitos e as barreiras que se impõem e permeiam essa entrada de forasteiros nas cidades. E, em segundo lugar, de focar dinâmicas urbanas graças às quais, através das quais ou apesar das quais, segundo estratégias individuais e/ou coletivas, os (i)migrantes inserem-se no tecido urbano, agindo sobre ele, transformando-o e reagindo às normas que, em muitos casos, buscam circunscrever e regular sua presença, limitar sua visibilidade. O processo é duplo: parte das formas tomadas pela vida urbana e, também, do agir dos (i)migrantes que, enquanto atores sociais ativos, intervêm, reagem, ocupam o espaço das cidades e fazem-se mais ou menos visíveis segundo os contextos, as conjunturas, as sobre-determinações históricas mais ou menos favoráveis.

### **Os Nipo-paulistanos e a ocupação do bairro da Liberdade (1932-1945)**

Mônica Raisa Schpun (EHESS)

Nesta comunicação procuro desenhar a ocupação do bairro da Liberdade pelos nipo-paulistanos nos anos 1930-40. Os objetivos são de desenhar a concentração étnica em um bairro central, popular e multi-étnico da cidade de São Paulo em um período de perseguição étnica anti-nipônica, quando a concentração e a visibilidade urbana não os favoreciam.

### **Experiências migratórias na formação das redes urbanas do oeste paulista e da pampa úmida argentina: uma abordagem regional comparativa**

Oswaldo Truzzi (UFSCar/CNPq)

Para se constituírem como economias agroexportadoras, tanto o interior paulista quanto a pampa úmida argentina tiveram que enfrentar desafios comuns, sendo que um deles dizia respeito à importação de imigrantes, sobretudo europeus. Em contrapartida ao desenvolvimento agrícola e pecuário das respectivas regiões, desenvolveu-se também um sistema de cidades, articuladas sobretudo pela rede

ferroviária implantada em cada uma destas regiões. Cada núcleo urbano funcionava como um nó de uma rede que afunilava no sentido da capital paulista (e Santos) e da capital portenha. Este trabalho, apoiado pela FAPESP, busca comparar as experiências destes dois cenários urbanos interioranos, focalizando o porte e complexidade das redes urbanas e o protagonismo que exerceram os imigrantes em sua conformação.

**“Aos coletivos que aqui estão - vocês são tão importantes como os milhões na Paulista” - A rua como espaço de luta transnacional de Coletivos Migrantes Brasileiros**

Maria Runkel Cardoso (CRIA/NOVA FCSH)

Esta proposta visa analisar a forma como a rua se transforma num local de partilha e de luta para Coletivos de Migrantes Brasileiros em Lisboa. Através da organização de atos no mesmo espaço - a Praça Luís de Camões, de forma a discutir a situação política no Brasil, esse local permite a aproximação com outros migrantes e transeuntes, com a própria cidade que residem, com os manifestantes no Brasil e sobretudo com a resistência internacional. É na rua que o Coletivo se solidifica internacionalmente, ao mesmo tempo que essa permanência fortalece o grupo como pertencente à cidade.

**Políticas científicas e tecnológicas como motores de imigração: a Maison du Brésil de Paris na década de 1960**

Luciana Vieira Souza da Silva (Unicamp/EHESS)

A Maison du Brésil da Cité Internationale Universitaire de Paris é uma residência para estudantes e pesquisadores brasileiros inaugurada em 1959, resultado dos esforços de professores, cientistas, políticos e diplomatas brasileiros e franceses. No mesmo período em que a casa foi construída, foram criadas as primeiras políticas científicas e tecnológicas brasileiras. O objetivo desta comunicação é analisar os impactos destas políticas na circulação de jovens brasileiros na França, a partir do levantamento das instituições de origem e destino, as fontes de financiamento e o período de residência na Maison du Brésil. Busca, especificamente, compreender de que modo a experiência migratória, a circulação no ambiente acadêmico francês e o cotidiano da casa (incluindo os benefícios, facilidades, restrições e interdições) contribuíram para suas respectivas formações científicas e universitárias.

**PAINEL: Discutindo a Participação Indígena nas Exposições Etnográficas: Limites, Possibilidades, Desafios e Novos Caminhos**

Coordenação: Anna Bottesi (Università degli Studi di Torino/Universidade Federal de Pernambuco)

Nas últimas décadas os debates museológicos e antropológicos internacionais vem discutindo sobre estratégias para descolonizar e democratizar os espaços dos museus etnográficos surgidos durante a época colonial assim como os mais recentes. Além de uma revisão das categorias de classificação, exibição, apresentação, estudo e organização das coleções a inclusão das comunidades produtoras dos objetos se tornou um eixo fundamental de tais processos. A abertura de um diálogo para tornar essa participação efetiva é diferente conforme os diversos contextos

sociais, geopolíticos e históricos e consta as partes interessadas encontrar os justos compromissos para obter resultados satisfatórios para os atores envolvidos. Os profissionais têm consciência das muitas e várias dificuldades implicadas no trabalho em parceria com os povos indígenas e/ou tradicionais; porém, olhando para as experiências e a literatura produzidas até hoje, é difícil encontrar relatos que aprofundem os limites e as controvérsias teóricas, políticas, epistemológicas e metodológicas das ações colaborativas. Esse painel tem como objetivo explorar os limites e os desafios dessas iniciativas para pensar novas formas de atuação e mostrar que, em muitos casos, as boas intenções não são suficientes para construir relações realmente equilibradas. As diversas apresentações visam responder algumas questões cruciais para aprofundar a reflexão sobre a eficácia e a efetividades de tais iniciativas participativas e compartilhadas. Em trabalhar com coleções etnográficas preservadas na Europa, até que ponto os objetivos dos museus coincidem com aqueles dos povos indígenas e/ou tradicionais? Quais são os limites das plataformas virtuais como solução à distância geográfica? Considerando as diferentes tipologias de público, como conciliar a necessidade de produzir representações apropriadas e decoloniais com os conhecimentos das pessoas que visitam os museus? O objetivo é estimular uma reflexão crítica sobre a realização de iniciativas colaborativas com povos indígenas e/ou tradicionais e suas coleções etnográficas nos museus europeus, assim como sobre possíveis soluções criativas e inovadoras capazes de superar tais dificuldades na direção de uma mais eficaz política participativa nos museus etnográficos.

### **A Amazônia na Itália: desafios de uma proposta colaborativa**

Paride Bollettin (Masaryk University/ Universidade Estadual Paulista)

Na Itália, em Perugia, o museu do Centro Studi Americanistici “Circolo Amerindiano” detém uma relevante coleção de artefatos produzidos por diferentes povos Ameríndios de todo o continente. Atualmente, o museu está passando por um processo de reorganização da exposição etnográfica, tornado possível pela transferência para uma nova e mais ampla sede. Na formulação das diferentes propostas para este processo, um eixo central é a tentativa de envolver os povos Ameríndios numa efetiva colaboração. Essa apresentação foca nas atividades em andamento e planejadas conjuntamente com alguns povos Ameríndios Amazônicos. Estas atividades estão principalmente baseadas na utilização de tecnologias digitais para compartilhar os diferentes materiais e os arquivos disponíveis na coleção e no acervo do museu. Mesmo que estas possibilidades digitais ofereçam alternativas para realizar tais diálogos e colaborações, iremos nos interrogar sobre os limites éticos que estas colocam. De que forma os meios digitais podem ajudar para que a participação Ameríndia seja efetiva e real? Como evitar que estes funcionem para maquiar processos decisórios nos quais a disparidade de acesso aos materiais torna as partes ineguais? De que maneira não cair na armadilha de que estes se tornem mais um instrumento de apropriação? A tese é que uma efetiva colaboração Ameríndia na reorganização da exposição deveria ser focada tanto na curadoria, dos objetos e das narrativas, quanto no movimento recíproco de levar os conceitos museais para os Ameríndios, criando assim as condições para um diálogo epistemológico simétrico.

## **Além da representação: as demandas do povo Munduruku aos museus etnográficos europeus.**

Anna Bottesi (Università degli Studi di Torino/Universidade Federal de Pernambuco)

O Weltmuseum de Viena guarda uma das maiores e mais completas coleções do povo Munduruku. Coletada no início do século XIX por Johann Natterer, essa inclui arte plumária e outros objetos relacionados à cerimônia guerreira do pariuá-á. A forma com que esses artefatos são expostos na sala do museu dedicada ao Brasil segue critérios estéticos, deixando pouco espaço para informações mais específicas sobre o povo e suas lutas contemporâneas. Nesse contexto venho desenvolvendo uma pesquisa de doutorado que tem como objetivo revelar outras histórias e significados além daqueles relatados pelos naturalistas que coletaram as peças e pelo museu que as expõe. Tomando inspiração da recente experiência de campo realizada nesse âmbito, com essa apresentação viso analisar algumas questões problemáticas, porém marginalizadas no debate sobre a produção de trabalhos que incluam a participação dos povos indígenas brasileiros. No específico, focarei nas dificuldades enfrentadas ao tentar estabelecer um diálogo com alguns representantes do povo Munduruku a fim de entender sua perspectiva sobre a presença dos objetos na Europa e sobre a narrativa construída na exposição. Como o povo Munduruku queria ver seus objetos tratados? Como queria se ver representado? A partir das conversas realizadas com lideranças e professores foi possível perceber que, para instituir uma colaboração real, a promessa oferecida pelo museu de uma representação mais apropriada corresponde apenas a uma parte do que os descendentes dos povos produtores requerem. Para a troca ser considerada equilibrada, o museu é chamado a se comprometer de uma forma que vai além da dimensão acadêmica e pedagógica.

## **O Museu Maguta do povo indígena Tikuna: trabalho colaborativo e formas de “indigenização” dos museus**

Rita de Cássia Melo Santos (Universidade Federal da Paraíba)

O Museu Maguta constitui o primeiro museu indígena do Brasil. Fundado em 1991 no Alto Solimões pelo povo Tikuna, ele resulta de um dos desdobramentos da luta pela terra. Ao longo da sua existência tem sido administrado e conduzido unicamente por indígenas que contam com o apoio de instituições, pesquisadores e estudantes de diferentes domínios e áreas do conhecimento. Nas últimas décadas, contudo, a radical mudança na estrutura universitária brasileira levou diversas instituições de ensino superior a atuarem na região, consolidando a formação acadêmica dos jovens indígenas e constituindo uma nova geração dotada de ferramentas, linguagens e desafios diferentes das gerações precedentes. Nesse cenário, interessa-me discutir os diferentes modos de produção de uma “indigenização” dos museus, suas formas de auto-representação e de expressão na arena pública. Pretende-se que a análise realizada possa projetar uma reflexão sobre as experimentações museográficas empreendidas pelos indígenas, bem como sobre o papel e os desafios impostos ao trabalho colaborativo e em rede ao longo do tempo. Essa reflexão resulta da minha atuação nos projetos “Os brasis e suas memórias: os indígenas na formação nacional” (Capes, 2015-2018) e “Um museu vivo: o museu Maguta do povo Tikuna” (Fapeam, 2019-2023) que buscou ao longo dos últimos anos apoiar as iniciativas

empreendidas pelos Tikuna à frente do Museu Maguta e que resultou na formulação de novos dispositivos de apresentação de si e de suas coletividades.

### **Sobre plantas, gentes e museus: uma proposta colaborativa Tenharim**

Caroline Fernandes Caromano (Naturalis Biodiversity Center)

Estratégias para a descolonização de museus de História Natural vêm ganhando fôlego nos últimos anos. Exposições abordando a importância da relação entre humanos, não humanos e mais que humanos, começam a ocorrer em espaços anteriormente dedicados a uma concepção conservadora de Ciências Naturais. Embora algumas das pesquisas que deram origem a essas exposições sejam resultados de colaborações com povos indígenas e comunidades tradicionais, a concepção das exposições não necessariamente ocorreu a partir de um processo colaborativo. Esta apresentação trata dos esforços de construção de uma pesquisa colaborativa com os Tenharim da aldeia Marmelos, médio Rio Madeira, Sul do Estado do Amazonas. Com especial interesse sobre o uso e manejo de palmeiras para a confecção de adornos corporais, a colaboração visa o registro dos modos Tenharim de fazer adornos corporais e a construção de uma proposta de exibição deste saber em dois distintos espaços: o futuro Memorial Jiré, que será construído na aldeia Marmelos, e o Museu Naturalis, nos Países Baixos. O que torna esse processo colaborativo um caso particularmente interessante e desafiador é que a vontade de colaboração partiu do convite dos próprios Tenharim aos pesquisadores, restando então para mim, como pesquisadora de um museu de História Natural europeu, propor uma exibição também neste espaço, ancorada na ideia de que a descolonização não é uma questão de escolha institucional, mas de um confronto inevitável com seu passado e futuro.

### **“No tempo das malocas” - Deslocamentos de Objetos Etnográficos, Narrativas sobre Escravização e Possibilidades de Projetos Colaborativos entre/com os povos indígenas no Alto Rio Negro Amazonas.**

Renato Athias (NEPE/UFPE) e Domingos Berreto (FOIRN)

Esta apresentação busca, através dos objetos etnográficos dos povos indígenas do Alto Rio Negro, que se encontram em alguns museus na Europa e nos Estados Unidos, elencar alguns elementos centrais sobre a relação dos povos indígenas com a sociedade nacional, buscando um entendimento sobre o momento histórico, de muita violência, exploração e espoliação em toda região, conhecido como “tempo da queima das malocas”. Nestes últimos anos, temos investigado os objetos etnográficos que se encontram nos museus no Brasil e no exterior. Em geral, esses objetos vêm de toda a região, e constituem-se de peças únicas, ritualísticas e que foram utilizadas nas grandes festas de diferentes malocas em diferentes rios desta imensa região. Através de relatos obtidos de representantes indígenas dessa região, existe uma triste narrativa, em uma atual tradição oral, sobre como esses objetos foram retirados dessa região. Estes registros orais de como essas malocas, as grandes casas comunais, sinal identitário dos diversos clãs foram destruídos, dando lugar a outra estrutura social imposta pela forte ação missionária. As narrativas sobre estes objetos, que marcam uma identidade étnica profunda com diferentes clãs, são acompanhadas de relatos sobre a violenta expropriação e dominação

sobre esses povos. Essas narrativas mostram o caráter de uma intervenção violenta que transformou a realidade social, histórica e política dessas populações. Esta apresentação procura sintetizar, através de objetos ritualísticos, todos os fatos que levaram a esta intervenção violenta contra as identidades sociais e culturais desses povos. A apresentação busca visualizar de uma forma concreta elementos de uma metodologia colaborativa e, sobretudo, visualizar e debater as diferentes formas de repatriação desses objetos que estão em museus no exterior, de volta para a região onde vivem esses povos.

## **PAINEL: Ut musica poesis: diálogos interartes na Literatura Brasileira 2**

Coordenação: Sara Grünhagen (CLP-Universidade de Coimbra /Crepal-Sorbonne Nouvelle) e Paulo Teixeira Iumatti (Crepal/Sorbonne Nouvelle)

A conhecida máxima horaciana *Ut pictura poesis* é transformada aqui para servir de fio condutor de um painel que reúne diferentes pesquisas sobre o diálogo constante e variado que a Literatura Brasileira estabelece com outras expressões artísticas. Se não há dúvidas sobre a antiguidade dos diálogos interartes e o modo como eles são, com muita frequência, intrínsecos à própria noção de arte, também é certo que cada Literatura, como cada época e criação, terá a sua especificidade. Assim, no amplo contexto cultural brasileiro, a importância da música, por exemplo, é consensual e tem deixado marcas e melodias em não poucas criações literárias, tenham elas como cenário a floresta amazônica, a metrópole ou a Corte carioca.

Divididas em duas mesas, as comunicações propostas tratarão desse e de outros diálogos, refletindo, a partir de estudos de caso, sobre as relações entre música e poesia (Fernando Paixão, Beatriz Azevedo), entre literatura e performance (Maria Caterina Pincherle) e entre escrita e artes plásticas (Ana Clara Ferraz). Mais de um trabalho buscará aprofundar o debate sobre o diálogo entre História e criação artística, a exemplo da música de protesto produzida durante a ditadura militar brasileira (Marcus de Mouro Barros). Uma lupa será colocada sobre certas produções literárias e musicais, como aquelas de Chico Buarque (Maurício Ayer, Paulo Iumatti), de Carlos Gomes e José de Alencar (Eugenio Lucotti), de Ana Miranda e João Nyn (Brigitte Thiérion) e de Machado de Assis (Sara Grünhagen).

Diversas nas narrativas e nas temáticas abordadas, tais comunicações têm em comum a premissa do diálogo como motor criador, entendendo-se, de novo com Horácio, que a músicos, poetas e romancistas brasileiros também “se concedeu, desde sempre, a faculdade de tudo ousar” (cf. tradução de Rosado Fernandes da Arte poética de Horácio, p. 51).

### **Allegro ma non troppo: música e intermedialidade em Machado de Assis**

Sara Grünhagen (CLP-Universidade de Coimbra /Crepal-Sorbonne Nouvelle)

Este trabalho pretende analisar o diálogo frequente que Machado de Assis estabelece com outras artes, em especial a música, de maneira a enfatizar certas estratégias narrativas características de escritores oitocentistas, que recorrem, por exemplo, à ópera e ao teatro para definir determinados traços das personagens,

como a sua classe social, e para estabelecer comparações e antecipar enredos, como se num jogo de espelhos. Assim, da mesma maneira que Flaubert faz Madame Bovary assistir em Rouen à Lucia di Lammermoor, de Donizetti, antes da sua desgraça, Machado coloca Dom Casmurro num teatro carioca como um espectador demasiado identificado com os injustos ciúmes de Otelo, de Shakespeare. Os exemplos são conhecidos e emblemáticos do diálogo que Machado, como o seu congênera europeu, estabelece com a sua biblioteca de eleição, que não se resume, porém, a obras e nomes canônicos. Trata-se, assim, de falar de algumas das árias e sonatas favoritas das personagens de Machado, mas também das polcas e canções populares que atravessam romances e contos, numa constante reflexão sobre a arte, suas narrativas e funções sociais. Para essa análise, serão retomados outros estudos já realizados sobre a presença da música na Literatura Brasileira (como os trabalhos de José Ramos Tinhorão), e um destaque será dado ao conceito de intermedialidade (cf. teorizado, em especial, por Irina Rajewsky e Werner Wolf), que permite uma abordagem não hierarquizada das artes e dá pistas para tratar do ritmo da ficção de Machado tanto quanto do andamento e das comparações musicais que ele sugere para as suas próprias narrativas.

### **Romances-performances: o exemplo de Ricardo Lísias**

Maria Caterina Pincherle (Sapienza Università di Roma)

O enredo do romance *A vista particular*, de Ricardo Lísias, começa com a descrição de uma dança extemporânea do protagonista acompanhada pela população entusiasta, e continua com o relato da transformação da favela de Pavão-Pavãozinho em obra de arte e sua deslocação e reprodução em outros lugares do mundo. Não somente episódios deste romance, mas vários dos seus aspectos formais remetem diretamente para as feições da performance como gênero de criação: a presença de elementos reais (lugares e figuras verdadeiras, mencionadas como envolvidas nos acontecimentos), a reprodução ao vivo de uma ação que é ao mesmo tempo única para o espectador, mas repetida pelo autor para outros públicos. Ao mesmo tempo, o hiperrealismo de Lísias nesta obra entra em conflito com suas numerosas inserções metanarrativas, no estilo do romance dos séculos XVIII-XIX. A reflexão que se pretende fazer com base nesta e outras obras do escritor diz respeito à delicada interligação entre o romance e as tendências da arte performática e visual recente, e, ampliando o campo de investigação sobre performance e experiências “ao vivo” (live) de Philip Auslander, poderíamos expandir o tema para uma reflexão sobre o romance atual: em que medida podemos rastrear modos de performance no romance de feições pós-modernas? Além disso: em que medida algumas das feições da ficção definida como pós-moderna teriam a ver com as características da performance?

### **A cachaça no cancionário de Chico Buarque: carnaval, alquimia e política**

Maurício Ayer (Universidade de São Paulo)

As canções de Chico Buarque apresentam uma série bastante diversa de tópicos cachaceiras, i.e., configurações poéticas em que a cachaça ocupa um papel central, o que as torna um corpus privilegiado para o estudo da presença deste elemento da cultura material e imaterial brasileira na literatura. A cachaça surge como

um motivo e eventualmente como um tema, mas também como um operador conceitual que permite um trânsito transdisciplinar. Se é verdade que “jamais fomos modernos” (Latour, 1994), a cachaça na poesia musical buarquiana convida a atar nós epistemológicos entre a sociologia e a alquimia, a história e a religião, o carnaval e a lógica da mercadoria, a música e a engenharia, a cidade e o corpo, e assim por diante. Em diálogo com Menezes (1982), Homem (2009) e Clark Peres (2016), serão analisadas canções buarquianas (“O que será?”, “Construção”, “Paratodos”, “O malandro” etc.) procurando mostrar o papel de pivô epistêmico que a cachaça tem, relacionado às noções de exusíaco (Simas e Rufino, 2018), embriaguez (Nancy, 2020) e de transformações silenciosas (Jullien, 2009). Esta proposta insere-se em uma pesquisa sobre os lugares da cachaça na Literatura Brasileira, que já resultou em escritos sobre Graciliano Ramos (Ayer, 2019) e João Cabral de Melo Neto (Ayer; Dimitrov, 2020), e comunicações e cursos sobre outros autores e autoras.

### **A música popular brasileira de protesto como registro individual e coletivo de testemunho memorialista sobre a ditadura**

Marcus de Moura Barros (Crepal-Sorbonne Nouvelle)

Foi sob o regime militar ditatorial de extrema-direita no Brasil, durante as décadas de 1960 e 1980, que o contexto musical brasileiro foi virado do avesso por toda uma nova geração de músicos e cantores cuja produção era voltada especialmente para uma música engajada politicamente na causa antiditatorial. Caracterizadas por letras altamente politizadas que descreviam, criticavam, contestavam e denunciavam a conjuntura social da época, estas canções de protesto tornaram-se verdadeiros testemunhos confessionais e ideológicos sobre o contexto em questão e suas repercussões sociológicas, políticas e psicológicas, ao agirem como uma espécie de registro de memória de natureza individual e coletiva. Na medida em que esta memória coletiva e individual é determinada pela experiência vivida, é óbvio portanto que, perante os mais variados tipos de experiências, são as traumáticas aquelas que mais a marcam, dada a sua forte tendência para registrar prioritariamente eventos traumáticos e catastróficos, devido seu senso de importância e sua necessidade de compartilhamento e eternização. Assim, considerando a nuance contextual que apresentam, poderíamos então considerar essas canções como registros testemunhais historiográficos sobre a ditadura e, considerando-as sempre como testemunhos, seriam elas também, dada sua forma, manifestações testemunhais literárias de caráter confessional, poético e lírico? Tendo em vista tanto a conjuntura de claustrofobia discursiva, típica das ditaduras, que impacta diretamente a cadeia discursiva historiográfica no que diz respeito à circulação e à divulgação materiais do discurso, quanto às novas correntes acadêmicas que consideram, cada vez mais, certos registros orais como verdadeiras manifestações literárias, independentemente de sua apresentação escrita, e também levando em consideração a importância da palavra falada para os processos de memorialização e memorização individual e coletiva, estamos convictos da manifestação da música popular brasileira de protesto como registro individual e coletivo de testemunho memorial de cunho historiográfico e literário sobre a ditadura e suas repercussões.

## Devir-música em Água viva

Pamela Zacharias (Universidade de São Paulo)

Clarice Lispector é certamente uma das autoras mais desconcertantes em língua portuguesa. Sua escrita, essencialmente subversiva, carrega em si um propósito de levar a língua para além de si mesma, de fazer com que ela alcance algo fora de seus domínios, dizendo o indizível. Em *Água viva*, essa busca atinge seu ápice. Esse livro, publicado em 1973, é inovador por muitos aspectos. Um deles certamente é a dificuldade que os críticos encontraram de definir o gênero ao qual ele pertenceria. A narradora, no entanto, afirma que se trata de ficção apenas e a autora já havia alertado que gênero “não a pegava mais”. Clarice demonstra, em *Água viva*, querer pintar ou fazer música com palavras. A autora tenta fazer com que a escrita expresse aquilo que jamais poderia por conta de sua natureza mediativa ou representativa. É uma experimentação. Referências à música estão por todo livro e, especialmente, destaca-se a comparação que a voz narrativa faz de seu processo de escrita com o jazz, construindo a harmonia da escrita como notas musicais em improvisação. O intuito deste trabalho é percorrer algumas dessas linhas melódicas de *Água viva*, buscando perceber as estratégias linguísticas usadas para fazerem o texto se abrir a um devir-música. Para tanto, a análise se apoia no pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari acerca das artes, em especial da literatura e da música, além de mobilizar o conceito de ritornelo como uma das chaves interpretativas.

## PAINEL: Religiões e Religiosidades: Interfaces com Poder, Cultura e Sociedade. Séculos XVIII a XXI

Coordenação: Artur Cesar Isaia (Universidade Federal de Santa Catarina)

Este painel tem por objetivo discutir diferentes formas de vivência das religiões e religiosidades no contexto brasileiro dos séculos XVIII ao XXI. Este recorte temático e temporal abre-se a diferentes contribuições capazes de pensarem como as religiões e religiosidades articularam-se com as estruturas de poder, os valores difusos socialmente, e conformaram-se a estruturas sociais. Essas discussões são particularmente importantes em uma realidade como a brasileira, na qual os valores religiosos aparecem com tanta saliência no universo afetivo e cognitivo das pessoas, influenciando com saliência nas suas decisões pessoais. Estarão presentes discussões, tanto sobre a peculiaridades teórico-conceituais quanto empíricas a respeito do prisma aberto no campo religioso brasileiro no âmbito do poder, da cultura e da sociedade e no Brasil no período aqui proposto para discussão. Os trabalhos aqui discutidos remetem a diferentes realidades empíricas, como a religiosidade popular, o catolicismo, o protestantismo, as religiões afro-brasileiras e o espiritismo, com interfaces com a presença religiosa na mídia, na política, nas manifestações artísticas. Um assunto no qual a presença religiosa aparece com saliência no Brasil de hoje são as redes sociais; questão a que, igualmente, este Simpósio Temático está aberto. Também, os trabalhos aqui apresentados podem referir-se a realidades não formal e explicitamente ligadas ao campo religioso brasileiro, mas que exercem influência direta ou indireta sobre o mesmo e sobre a cultura, sociedade e esferas de poder no Brasil no período aqui enfocado. Também, o Simpósio Temático abre-se a questões relativas a crenças não institucionalmente configuradas como aquelas relacionadas

às benzeduras, as práticas espirituais de cura e as devoções populares.

## **De costas para a África: a sublimação do amor romântico na ficção de um intelectual da Umbanda da primeira metade do século XX**

Artur Cesar Isaia (Universidade Federal de Santa Catarina)

Este trabalho tem como temática a incursão de um intelectual da Umbanda do Brasil da primeira metade do século XX no terreno ficcional. Trata-se de Lourenço Braga, escritor carioca que se notabilizou como representante da nova religião em meados do século XX. Autor de uma obra predominantemente doutrinária, em um momento no qual se afirmava este tipo de literatura no Brasil, deixou um romance, “Os mistérios da magia”, o qual serve de fonte para o esta comunicação. Esta fonte é aqui inquirida nos seus aspectos intra e inter textuais, atendo-se para as relações do mesmo, tanto com outras obras do mesmo autor, quanto com produções literárias religiosas ou não de meados do século XX. Esta obra teve sucessivas reedições, desde os anos 1940 até 1960. Seu autor era reconhecido como representante da Umbanda, falando por esta religião na imprensa do Rio de Janeiro, sobretudo. Nesta obra, a partir de uma estrutura melodramática, Lourenço Braga passa indícios de uma recusa aos valores da ancestralidade africana, afirmando sua inserção epistêmica no mundo judaico-cristão e nos valores norteadores da sociedade brasileira época. Sendo assim, a trama traz a afirmação do amor romântico sob um prisma sublimado. Tratado de forma interdiscursiva esta obra opõe-se aos padrões que diversos discursos da época defendem como inerentes à sociabilidade africana e à sua pulsão sexual. Esta recusa e a presença de muitos estereótipos relacionados à religião e a seu panteão fez com que seu autor fosse alvo de muitas críticas de outros intelectuais e dirigentes religiosos da Umbanda no Brasil.

## **Empoderamento feminino na cozinha dos terreiros de candomblé**

Daniela Calvo (CETRAB – Centro de Tradições Afro-Brasileiras)

A cozinha dos terreiros de candomblé representa um espaço de empoderamento feminino na aprendizagem de sabores e saberes e no desempenho de um papel central em sua família e comunidade, estendendo-se no espaço público com a realização econômica e profissional na culinária, a divulgação e valorização da cultura afro-brasileira e a construção de espaços de sociabilidade. Nos últimos anos, as mulheres do candomblé estão desenvolvendo discursos contra-coloniais, que valorizam práticas e valores essencialmente femininos, como nutrição, maternidade, cuidado e acolhida, e fazem deles motores de empoderamento em sua comunidade e na sociedade mais ampla, em paralelo à reconsideração dos arquétipos dos orixás femininos e das Iyami (as Mães Ancestrais) e à crítica das transformações que sofreram no processo de colonização e cristianização. Esses discursos e práticas são desenvolvidos em diálogo com os movimentos feministas negros e o pensamento de intelectuais e mulheres negras, em particular da socióloga nigeriana Oyèrónkè Oyèwùmí e mediante a valorização das tradições herdadas de suas antepassadas, entre as quais as escravas de ganho, quitadeiras e quituteiras.

## **Beleza e religião: podem os homens dar o que Deus não nos concedeu?**

Maria Clara Ferreira De Almeida Saraiva (ICS – Lisboa)

No âmbito do projecto EXCEL- the pursuit of excellence, temos vindo a fazer pesquisa sobre as concepções de beleza e melhoramento físico e cognitivo dos humanos, na relação com as visões religiosas do que os humanos podem e devem ser. Diferentes religiões têm variadas visões do que pode ou não ser feito neste sentido sem violar leis e dogmas divinos. Esta comunicação analisará alguns aspectos do que é considerado um “melhoramento permitido” pelas várias religiões presentes em território Português, com especial atenção às religiões afro-brasileiras, importadas do Brasil.

## **A “topografia religiosa” como forma de expansão do evangelismo pentecostal no território brasileiro, o caso de Recife e de dois bairros de sua região metropolitana**

Ana Carla Rocha de Oliveira (Université de Lille / IUT de Guéret)

Nesta comunicação, eu proponho retomar um objeto de estudo extraído de um campo feito em 2015, no âmbito de uma tese de doutorado, cujo manuscrito será publicado este ano. Este objeto foi recentemente revisitado com o objetivo de observar a evolução da relação entre religião e território (Kouvouama et al., 2016), e a forma como a primeira investe a segunda para criar uma certa forma de poder e uma dinâmica de ancoragem territorial por meio de discursos, imagens, símbolos e práticas no cotidiano. A partir de observações de campo, entrevistas e de uma cartografia de atores religiosos, tratar-se-á de mostrar como o território é mobilizado pelas igrejas evangélicas pentecostais para estabelecer sua ancoragem territorial e inscrever a doutrina evangélica no cotidiano dos indivíduos (Rocha de Oliveira, 2023). A noção de “topografia religiosa” (Claval, 1992) é proposta neste trabalho como uma porta de entrada privilegiada, mas também como participando ao processo religioso no meio urbano (Kong, 2001, 2005), permitindo compreender as ações de estabelecimento, difusão e dinâmicas da evangelização no território brasileiro, num contexto de proximidade e no cotidiano dos indivíduos. Esta proposição será acompanhada da noção de “territorialidade” (Raffestin, 1986, 1977) que também servirá de análise da ancoragem territorial das igrejas evangélicas pentecostais no Brasil.

## Sexta-feira, 8 de setembro de 2023

15h – 17h

### **PAINEL: Fluxos e desigualdades [ONLINE]**

#### **Teleworking In The COVID-19 Pandemic: Racial And Educational Differences Among Entrepreneurs**

Irene Rossetto (The University of Texas at Austin)

Brazil was one of the countries most affected by the COVID-19 pandemic for confirmed cumulative cases and death toll. Even without federal measures of shelter-in-place, state and local authorities implemented physical distancing and confinement measures to prevent the spread of the pandemic. We used data from the Brazilian National Institute of Statistics (IBGE) PNAD-COVID19 survey to investigate whether Afro-Brazilian entrepreneurs promptly switched to remote work and complied with the then-prevailing and stricter social distance norms. We focused on businesses whose activities could potentially transition to teleworking. Sixty-eight percent (68%) of black-owned, 63% of brown-owned, and 85% of white-owned businesses switched to remote work in May 2020. The odds of transitioning to telework were significantly lower for black entrepreneurs (aOR = 0.55; 95% CI 0.32-0.95) and brown entrepreneurs (aOR = 0.65; 95% CI 0.46-0.94) than for white entrepreneurs. The odds of a business owner with a college degree transitioning to remote work were twenty times higher than a businessperson with no high school diploma. The odds of entrepreneurs from the poorest Brazilian regions, North and Northeast, doing the same were, respectively, 69% and 39% lower than an entrepreneur who owned a business in Brazil's Southeast, socioeconomically the more prosperous Brazilian region. The COVID-19 pandemic disrupted businesses and working conditions in several ways. Our findings show that, even among potentially remote business activities, black and brown entrepreneurs had more difficulty swiftly adapting to the new environment. Structural inequities, like educational level and regional development, also compromised access to remote work.

#### **Migrar Além da “Vaga”: Transformações da Experiência Migratória de Pessoas Migrantes Brasileiras em Portugal (1960-2020)**

Patrícia Posch (Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade), Rosa Cabecinhas (Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade) e Isabel Macedo (Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade)

Quando o tema é a imigração brasileira em Portugal, encontramos, na literatura científica, referência às diferentes “vagas” deste fluxo migratório. Na primeira, entre as décadas de 1980 e 1990, a migração tinha um caráter econômico e era associada ao movimento de contracorrente dos emigrantes portugueses no Brasil, aos profissionais brasileiros com mais habilitações literárias e exilados políticos. A segunda, entre as décadas de 1990 e 2000, marca a densificação e a feminização do fluxo, com a migração de pessoas com habilitações literárias mais baixas para ocupar posições no mercado de trabalho de serviços como a construção civil, a restauração e o turismo. A terceira, que alguns autores entendem como a quarta,

inicia-se em meados da década de 2010, altura em que se começa a observar a migração de pessoas brasileiras com um estatuto social elevado em comparação àqueles que migraram em outras alturas, com destaque para reformados, estudantes e investidores. Em nosso estudo, abordamos essas transformações de um ponto de vista diacrônico e qualitativo, com o objetivo de identificar os reflexos sociais e culturais que elas ocasionavam ao nível da experiência do migrar e ser e/imigrante. Para o efeito, foi realizada uma análise temática de relatos biográficos de migrantes brasileiros em Portugal, com um recorte temporal que vai desde a década de 1960 até o ano de 2020. Neste artigo, apresentamos uma discussão baseada em alguns dos temas que se destacaram na pesquisa, nomeadamente os impactos dos laços culturais entre ambos os países na experiência de migrar, as mudanças verificadas ao longo destas décadas nas dinâmicas sociais e culturais e seus impactos na negociação identitária, as nuances e significações da discriminação social, e a língua como fator de demarcação da diferença cultural e de assimetrias sociais.

### **Dirigibilidade Institucional sobre os Corpos nas Áreas de Mineração do Ferro e seus Desdobramentos na Saúde: um Relato sobre Situações de (In)Visibilidade Social e Injustiça Espacial no Território Minerário do Quadrilátero Ferrífero/ MG**

Paulo Olivato (ETH Zurich)

As questões ligadas às desigualdades socioeconômicas brasileiras apresentam zonas opacas às políticas públicas e que merecem ganhar um olhar mais atento. Estamos nos referindo aos territórios das cidades mineradoras do Quadrilátero Ferrífero. Algumas que ganharam uma notoriedade ruim após os grandes rompimentos de barragens, quais sejam, tragédias veiculadas por Mariana e Brumadinho. A excessiva visibilidade quanto às formas predatórias ligadas à mineração, expostas hipermidiaticamente após as tragédias, parece, ao cabo, ter ocultado as latentes precariedades que há décadas colocavam em alerta estudiosos e lideranças locais sobre as mais diversas situações de injustiça espacial (Soja,2010). Confinamentos, enclaves, incremento das situações de insalubridade e risco, vinculados às comunidades próximas às atividades produtivas da mineração explicitam desigualdade em termos territoriais. Como se sabe, os sítios de mineração do ferro com suas agigantadas estruturas (cavas, pilhas de estéreis, barragens de rejeitos, dentre outros) ainda produzem efeitos (deletérios) sobre os corpos. E, não apenas sobre aqueles povoados que estão próximos, mas consequências com alcances mais amplos bem mais distantes (aliás, raramente considerados apropriadamente nos EIA/RIMA). Neste sentido, podemos propor dois vetores de análise que mutuamente se alimentam: um voltado à relatos de histórias ‘minúsculas’, moleculares (pelo vocabulário Guarattari-Deleuziano) nos efeitos na vida cotidiana das formas de supressão dos direitos ao acesso à terra (em um sentido comum mais amplo); e, outro vetor, mais ligado aos direitos coletivos difusos da Constituição Federal (1988), portanto em um sentido molar. Nesta comunicação não nos debruçaremos a discutir as problemáticas específicas dos rompimentos de barragens, o que já fizemos em nossa tese de doutoramento, mas as relações territoriais que reproduzem formas de injustiça com desdobramentos no corpo e na saúde. Neste sentido, reivindicar uma perspectiva de leitura territorial que se desdobra em reconhecimento de sintomas corporais passa

tanto por pesquisa empírica, quanto abordagens teóricas e conceituais. Partimos, assim da noção de expulsão territorial, por Saskia Sassen (2016) e nos apoiamos na conceitualização de paisagem e espaço por Milton Santos (1997), bem como nos processos biopolíticos e territoriais, por meio das lentes de Michel Foucault, e mais especificamente os processos imunizatórios descritos por Roberto Esposito (2004). Ao repertório conceitual são confrontadas as entrevistas com moradores das comunidades lindeiras à mineração, sugere-nos ao mesmo tempo processos de obstrução institucional com desdobramentos na saúde em temporalidades dilatadas, mas também outros redesenhos enquanto rearranjo de forças territoriais. Adentramos assim nas formas de poder exercidas em uma chave de assujeitamento do corpo pela mineração, então a par de reconhecermos também possíveis escapes. Como nos lembra o professor Bernardo Secchi: “Na sociedade minoritária, há muitos grupos com renda modesta e disponibilidade econômica que, no entanto, têm um superávit consistente de recursos políticos” (Secchi, 2000 p.186).

### **Empregada, Criada, Babá, Mucama, Mulher-a-dias, Faxineira? A Representação Da Empregada Doméstica Em Filmes Brasileiros**

Kathrin Sartingen (Universidade de Viena)

Bom número de filmes em língua portuguesa têm se ocupado, nos últimos anos, da representação de personagens “sem voz” (Spivak 1988), isto é, de indivíduos ou comunidades à margem da sociedade, grupos minoritários sem agenciamento próprio, sejam eles migrantes, favelados, desempregados, refugiados ou sem-terra. Neste contexto, também o personagem da empregada doméstica ganhou uma certa atenção (por ex. Domésticas 2001, Doméstica 2012, Que horas ela volta 2015, Três verões 2019). No entanto, a personagem da empregada doméstica, onipresente nas sociedades dos países de língua portuguesa, é relativamente ignorada no campo dos estudos do cinema. A presente comunicação propõe focalizar a empregada doméstica e a sua representação no cinema de língua portuguesa. A partir de uma perspectiva dos estudos das mídias e dos estudos culturais, pretende-se analisar o personagem da empregada quanto à sua posição social, cultural e habitacional. O enfoque no microcosmo doméstico, caseiro e familiar serve-nos para tentarmos responder à questão de quais seriam as transformações sofridas pela representação cinematográfica da personagem da empregada doméstica desde a época colonial até a uma sociedade pós-colonial ou decolonial. Terão elas conquistado uma voz, pelo menos dentro da narrativa fílmica?

### **PAINEL: Gênero como eixo analítico II [ONLINE]**

#### **Male Sex Workers e Saúde Pública na Produção Acadêmica Anglófona**

Josafa Barros Camargo Borges (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) e Guilherme Rodrigues Passamani (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

Este trabalho é parte de uma pesquisa maior que investiga o trabalho sexual realizado por homens. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma revisão de literatura da produção sobre o tema em língua inglesa. Para esta comunicação, separamos pesquisas que dizem respeito à temática específica do trabalho sexual e

sua relação com a Saúde Pública. O presente esforço faz-se relevante tendo em vista o fato de que trabalhos acadêmicos sobre homens que fazem trabalho sexual ainda estão por consolidar-se nas Ciências Sociais e na Saúde Pública. Neste sentido, pouco se encontra, em âmbito acadêmico, acerca de homens que fazem o uso tarifado do corpo e pouco se sabe das variáveis relacionadas às dinâmicas sociais em que eles estão circunscritos. Uma melhor compreensão desses aspectos faz-se necessária, afim de que esses sujeitos sejam alvo de diferentes políticas públicas de saúde, de gênero e laborais.

### **Projeto FuxiCO Resignificar o Artesanato Brasileiro como um Instrumento Feminista Através do Design Social**

Mariah Majolo (IUAV)

O “projeto fuxiCO”, um trabalho social dirigido a grupos de mulheres imigrantes na Itália e também (de forma online) a mulheres brasileiras que moram no Brasil e em outros países, surgiu dessas reflexões. Cada encontro foi desenvolvido em torno a um tema, almejando incentivar não só o trabalho manual, mas também a troca de ideias e experiências pessoais entre as participantes, através do uso da ambiguidade interpretativa do fuxico (artesanato e conversa entre mulheres) como um instrumento de pesquisa e metodologia para a construção de um ambiente de empoderamento individual e coletivo. Por fim, esta pesquisa me ajudou a entender que o entrelaçamento entre o que experimentamos e o que somos pode ser um elemento muito útil para o desenvolvimento de um espaço comunitário feminino que tensiona a interação social, criatividade e união.

### **Aspectos Relevantes Sobre a Tipificação da Violência Psicológica Contra a Mulher no Ordenamento Jurídico Brasileiro**

Marilize da Silva Bentes (Universidade de Salamanca)

O presente trabalho tem como objetivo trazer à tona discussões pertinentes a um dos vários desdobramentos da Lei Maria da Penha: a recente tipificação da violência psicológica contra a mulher no ordenamento jurídico brasileiro. Para tanto, será discutido através da política criminal, do direito penal, da criminologia crítica e da história social, como eclodiu a mencionada criminalização da conduta, e os fatores que levaram à alteração do Código Penal Brasileiro. O conceito de violência psicológica está enquadrado no que se entende por violência de gênero, configurando, também, uma das modalidades de violência doméstica contra a mulher. É importante ter consciência de toda uma sequência de fatos históricos desde o Brasil colonial, que fomentou a transgeracionalidade da violência contra a mulher e de comportamentos herdados e reproduzidos por uma sociedade marcada pelo patriarcado. Por fim, é de suma importância tecer discussões acerca de suas implicações na política criminal brasileira, questionando-se se apenas o recrudescimento das leis resolve a problemática lançada, ou se carecemos, outrossim, de políticas públicas eficazes que garantam apoio às vítimas de violência de gênero cujo número cresce exponencialmente a cada dia no Brasil.

## **A Crítica de Arte e Estética Pobre de Gilda de Mello e Souza**

Taisa Palhares (IFCH-UNICAMP)

O objetivo da minha apresentação é investigar a ideia de “estética pobre” tal como elaborada pela crítica de arte e ensaísta Gilda de Mello e Souza (1919-2005). Em primeiro lugar, parte-se da análise do texto “A Estética rica e a estética pobre dos professores franceses” (1972), no qual a autora realiza um balanço de sua formação como uma das primeiras alunas do curso de Filosofia da Universidade de São Paulo que teve como mestres os franceses Jean Maugüé, Claude Lévi-Strauss e Roger Bastide, e no qual apresenta uma noção de “estética pobre” como uma possível “estética brasileira”. Na sequência, mediante exemplos retirados de sua produção ensaística, busca-se aprofundar esse conceito a fim de compreender como Mello e Souza opera seu sentido pelo exercício da crítica de arte.

## **Um Diálogo entre Lélia González e Kimberlé Crenshaw: uma Reflexão Comparativa entre os Conceitos de Eixos de Opressão e Interseccionalidade**

Kizzy Mota (Fundação Getúlio Vargas)

Este trabalho pretende desenvolver um diálogo entre as pensadoras negras Lélia González e Kimberlé Crenshaw. A partir do conceito sobre eixos de opressão explorado por González, e pela dimensão da interseccionalidade elaborada por Crenshaw, será apresentada uma análise que contextualiza em aspectos históricos, geográficos, políticos e sociais, o impacto do racismo como elemento estruturador e estruturante da sociedade brasileira e norte-americana, a partir de suas semelhanças e diferenças. Considerando o pensamento feminista negro como campo de conhecimento dedicado à compreensão das potencialidades e limitações da mulher negra em todas as dimensões da sua vida em sociedade, González se debruça sobre os aspectos particulares da América Latina, com foco no Brasil, por meio de um olhar antropológico fundamentado nos ensinamentos da psicanálise lacaniana. Já Crenshaw, mediante a perspectiva jurídica e situada na realidade negra norte-americana, cunha o termo interseccionalidade. A partir dos discursos legais provenientes da Teoria Crítico Racial[1] que considera os marcos históricos do legado da escravidão, a segregação institucionalizada da população negra da era Jim Crow[2], e também as conquistas do movimento de Direitos Civis, a pensadora busca aprofundar a compreensão sobre o entrecruzamento de opressões aos quais a mulher negra norte-americana é subjugada. O diálogo entre González e Crenshaw enriquece a reflexão sobre o retrato da mulher negra na contemporaneidade por construir fronteiras no debate sobre estratégias de resistência ao racismo estrutural e sistêmico no Brasil e Estados Unidos, o que também reflete a luta do feminismo negro no mundo.

## **PAINEL: As Forças Armadas no Século XXI: Propósito e Atuação em Tempos de Mudança**

Coordenação: Marianne Wiesebron (Universidade de Leiden) e Vinícius de Carvalho (King's College, Londres)

Com as fronteiras delimitadas e sendo o Brasil um país de paz com seus 10 vizinhos

o século XX caracteriza-se pela ingerência militar no curso civil e democrático da nação. A mudança chega com a constituição de 1988 e a criação do Ministério da Defesa em 1999. A entrada no século XXI parece ser ordenada e sob o jugo civil. A formulação de documentos como a Política de Defesa Nacional, a Estratégia Nacional de Defesa, e o Livro Branco de Defesa Nacional geram uma transparência e guiam toda a estrutura teórica e tática dos três ramos das forças armadas. Contudo, o século XXI traz novas propostas e desafios. Na perspectiva externa o mundo tende a ser cada vez mais multipolar; onde países como a China os EUA, a União Europeia, Rússia e a cooperação Sul-Sul baralham o jogo de alianças orquestrado pelo Brasil no seu entorno geoestratégico no Atlântico Sul, África e América Latina. Ao mesmo tempo que problemas globais como a mudança climática, a pandemia e a desigualdade social reestruturam as forças armadas a se reinventarem e enquadrarem-se em um mundo global de mudança constante. Já no plano interno, os quatro anos da extrema-direita no poder viu os militares a assumirem cargos políticos a frente da gestão pública. A recente derrota da direita nas urnas, lançou uma vaga sem precedente por pedidos de intervenção militar e golpe de Estado. O objetivo do painel As Forças Armadas no Século XXI: Propósito e Atuação em Tempos de Mudança será estudar o papel dessas Forças e seus desafios. Quais são as suas verdadeiras intenções? Estão os militares comprometidos com a segurança e desenvolvimento do país? Pode finalmente as forças armadas serem vistos como uma instituição de Estado ou como um fator político?

### **A cisão da sociedade brasileira: uma década de crise (2013-2023)**

Paulo Fagundes Visentini (UFRGS)

Análise das dimensões estruturais e conjunturais da crise e clivagem sociopolítica e ideológica do Brasil. Atores civis e militares, neoliberalismo, crise da esquerda e formação de um bloco histórico de direita. Impasses para o futuro.

### **O papel das Forças Armadas no Brasil de Lula a Lula via Bolsonaro**

Marianne Wiesebron (Universidade de Leiden)

Após a redemocratização, durante a Assembleia Constituinte, as Forças Armadas tentaram colocar uns objetivos que consideravam cruciais para elas na nova Constituição. Conseguiram alguns elementos como os seus crimes não serem investigados. Mas, o ministro da Defesa passou a ser um civil, liderando as 3 forças. Enquanto, as Forças Armadas sempre consideravam ter um papel especial. Isso não é o caso segundo a Constituição. O artigo 142 da Constituição de 1988 deixa bem claro que as Forças Armadas são destinadas à defesa da Pátria e à garantia dos poderes constitucionais; e, por iniciativa de qualquer destes à garantia da lei e da ordem [GLO]. No meio tempo teve regularmente ingerência das FA entre 2013 e 2018 Isso implica que a democracia não está consolidada. As FA apoiaram o impedimento da Presidenta Dilma Rousseff em 2016. Em, 2018, o comandante das FA impediu a concessão de Habeas Corpus a Lula, ilegalmente preso, e favoreceu a eleição de Bolsonaro. O capitão nomeou um enorme número de militares no governo e na administração, além de ameaça constante de golpe, que finalmente aconteceu no dia 8 de janeiro, após o início do novo governo Lula. Lula evitou instituir uma GLO

e um mês depois declarou que a democracia está restaurada. Até que ponto as FA formam um empecilho para consolidar a democracia?

### **Padrões internacionais de governança em defesa nacional**

Plínio Cardoso dos Santos (Universidade de Leiden)

Este estudo identificou recomendações de organizações internacionais sobre governança das forças armadas a fim de garantir o controle civil sobre os militares. Tal controle é uma premissa do estado de direito e da proteção das instituições democráticas. Com este propósito, foram identificados 29 documentos de organizações como ONU, OCDE, OSCE, OEA, UE, OUA e o Banco Mundial. Foi possível perceber a consolidação, entre 1992 e 2022, das regras de “reforma e governança do setor de segurança” (SSR/G, em inglês), que podem informar o debate sobre o aperfeiçoamento das instituições de segurança nacional no Brasil.

### **Uma Marinha de Guerra Como Promotora de Desenvolvimento? Mentalidade Marítima, Defesa e Cooperação no Atlântico Sul.**

Victor Barros Correia (Universidade de Leiden)

Entre os três ramos das forças armadas, a Marinha é a que viva mais intensamente o seu ambiente de atuação. O oceano configura para uma marinha de guerra um espaço globalizante, pois tática, pensamento, estratégia, e, entendimento das diversas camadas do mar, espaço aéreo, solo e subsolo são componentes intrínsecas do seu caráter. A preparação para a guerra requer o equilíbrio de todas essas variáveis. Contudo, o século XXI traz desafios geopolíticos, económicos e estratégicos onde o preparativo para a defesa deixa de ser a única função e onde essa passa também a ser estendida para o desenvolvimento socioeconómico do país. Nesta comunicação, veremos como a Marinha está passando por um processo de alargamento das suas atividades defensivas com o objetivo de atuar no desenvolvimento do Brasil. Essa transição reflete-se na simbiose sine qua non para a Marinha do Brasil onde defesa e desenvolvimento são componentes de benefício mútuo em uma atuação mais completa.

### **PAINEL: Educação Superior e Formação de Público Leitor I [ONLINE]**

#### **Escola, Os Professores E Os Alunos n’O Tico-Tico (1905-1930): Subsídios Para Uma Leitura Crítica**

Raquel Campos (Universidade Federal de Uberlândia)

A imprensa periódica voltada para crianças emerge no mundo ocidental no século XVIII, mas, é ao longo dos séculos XIX e XX que ela se consolida, se dissemina e se diversifica, a par da difusão da literatura infantil, da escolarização e dos materiais escolares (ARIÈS, 1981; BECCHI; JULIA, 1998). Quer seja na Europa ou nas Américas, nas capitais ou nas cidades de pequeno e médio porte, temos notícia da proliferação das revistas ilustradas, das histórias em quadrinhos, dos suplementos e dos jornais diários destinados ao público infanto-juvenil, num processo histórico heterogêneo e polifônico. Se, no seu início, as publicações se assemelhavam aos livros, com o passar

dos anos foram adquirindo marcas características, se segmentando e desenvolvendo uma linguagem própria, ou seja – foram se transformando num gênero textual específico (FOURMENT, 1987; PIFFAULT, 2008). É fato que a imprensa infantil foi tomada ora como aliada, ora como inimiga do processo oficial de escolarização das crianças, levada a cabo pelo Estado e pela Igreja, principalmente. Ela se apresentava tanto como um produto moralizador das práticas e costumes dos pequenos, quanto como espaço de refrigério, diversão e entretenimento para os jovens leitores. Trata-se, portanto, de um corpus documental que permite análises históricas diversas: da educação, das ilustrações, das editoras, do lazer, da moral, das propagandas, dos modelos da infância em circulação etc. No Brasil, o impresso pioneiro neste segmento é o *O Tico-Tico*, (1905- 1977): revista semanal ricamente ilustrada. Nesta comunicação, apresentaremos os resultados das análises empreendidas nesta revista entre os anos de 1905-1930, buscando problematizar a seguinte questão: em que medida *O Tico-Tico* constrói e reconstrói a cultura de um povo quanto aos assuntos educacionais? Quais são as representações da escola, dos sujeitos e das práticas escolares depreendidas deste impresso?

### **Significados Em Ensinar Língua Materna Como Língua Estrangeira Na Perspectiva De Professores Brasileiros Em Formação**

Marina Ayumi Izaki Gomez (Universidade Jaguelônica de Cracóvia)

De acordo com perspectiva dos estudos bakhtinianos, o sujeito é um ser incompleto que busca sua completude em outro indivíduo igualmente incompleto. Nesse processo constante de busca, os sujeitos vão se constituindo como sujeitos na relação eu-outro. Assim como os indivíduos, a língua também é um produto social, significada e ressignificada na interação. Transpondo essa discussão para a área de ensino de português língua estrangeira (PLE), o professor pode ter de ressignificar o saber durante a interação com o aluno. Segundo DaMatta (1986), o Brasil com B maiúsculo se manifesta quando somos “provocados” e, nesse sentido, inferimos que o professor de PLE pode lidar com situações que transcendem o conhecimento linguístico, fazendo com que um saber que permanecia “oculto” sobre a sua própria língua-cultura se manifestasse. Esse acontecimento é denominado por nós transsaberes linguístico-culturais. Nesta comunicação, objetivamos discutir esse conceito, fundamentado em estudos socioculturais, e apresentar relatos de professores brasileiros em formação sobre a experiência de ensinar a sua língua materna como idioma estrangeiro. Sob a abordagem qualitativa, os dados referem-se a graduandos em Letras de uma universidade do Brasil. Dentre os resultados alcançados, destacamos que os transsaberes linguístico-culturais podem ser co-construídos em espaços de interação intercultural.

### **A Face Parda dos Estudantes do Brasil na Universidade de Coimbra (1700-1771)**

Lucilene Reginaldo (Departamento de História – UNICAMP)

A importância de Coimbra na formação das elites coloniais tem sido objeto de atenção de historiadores do Brasil em diferentes épocas. Muito se sabe sobre os filhos de militares, comerciantes e proprietários de terras enviados à Universidade, que depois de formados ingressaram na magistratura e em cargos de prestígio na

colônia e na metrópole. Entre estes bacharéis e doutores, mereceram destaque as trajetórias de prestigiados políticos e naturalistas. Mas mesmo reconhecendo a “face parda” de membros da elite colonial, pouco se sabe sobre a presença dos homens de cor no interior do grande contingente de brasileiros matriculados nas faculdades de Coimbra. Mas eles estavam lá! Homens negros nascidos no Brasil – na sua maioria pardos e mulatos – frequentaram e podem ser identificados nos registros acadêmicos de várias faculdades. No século XVIII não havia nos Estatutos da Universidade de Coimbra nenhum impedimento ao ingresso de pessoas de cor em seu corpo discente. O registro de matrícula raramente trazia alguma informação que remetia à qualidade do estudante. Essa identificação, na verdade, não é encontrada com facilidade. Os indicativos e as evidências da cor aparecem especialmente nos registros de exames finais dos cursos. A nota final de desempenho (excelente, bom, fraco ou medíocre) no registro “Informações Finais” dos formados em Cânones e Leis, por exemplo, era pré-requisito para o ingresso na magistratura secular. Sem esta informação, o bacharel não poderia apresentar-se para a “Leitura no Desembargo do Paço”, estando, portanto, excluído liminarmente da concorrência. Entre as razões que justificam a exclusão da informação sobre o desempenho, destaca-se a anotação da cor do estudante (mulato, pardo, preto). O registro da cor também tinha implicações na carreira acadêmica. Em alguns casos, a anotação da cor validando o impedimento ao doutoramento provocou tensões que extrapolaram os muros da universidade, chegando às mesas dos desembargadores da Mesa de Consciência e Ordens. Nesta comunicação pretendo analisar um destes casos, que traz à luz a história de Ignácio Pires de Almeida, homem pardo, natural da Bahia, filho de uma “mulher preta” e de Francisco Pires de Almeida, capitão da Infantaria da Praça da Bahia e cavaleiro professo da Ordem de Cristo.

## **PAINEL: Questão Racial**

### **Cotas Raciais: de «Privilégios» a Direitos**

Camille Giraut (Geneva Graduate Institute)

Esta comunicação analisa de que maneira os potenciais beneficiários das ações afirmativas no Brasil mobilizam os repertórios socioculturais de raça, mérito e desigualdade para dar sentido às cotas raciais ao longo do tempo. Nossa análise é baseada em 149 redações que estudantes de um pré-vestibular comunitário (baseado na cidade do Rio de Janeiro) escreveram em 2003 e em 2022. Este material ilustra de três maneiras as transformações ocorridas nos últimos anos. Primeiramente, a análise das redações mostra que estes potenciais cotistas passaram a ver o mito da democracia racial de forma mais crítica nas últimas duas décadas. O último não é mais visto como um ideal, mas como um mito problemático. Em segundo lugar, os textos mostram que o medo de que cotas reforcem estereótipos contra pessoas negras não é mais um motivo para rejeitar as cotas raciais, o que revela uma certa normalização da política em 2022. Em terceiro lugar, o acesso diferenciado a direitos para pessoas de baixa renda e negros é experimentado como uma violação moral que requer recursos externos. Assim, as cotas não são mais vistas como um privilégio, mas como uma forma de reparação e um direito fundamental, que o povo negro brasileiro exige do Estado. Os resultados destacam o potencial das políticas antirracistas

em mudar não apenas os repertórios raciais, mas também em resignificar as experiências individuais de raça e de racismo. Através de uma abordagem bottom-up, o caso brasileiro é um exemplo (bem sucedido) de interação entre os repertórios raciais e a elaboração de políticas, e sublinha o potencial transformador das políticas antirracistas.

### **Autorreflexão Desconcertante: Manuais Contemporâneos para Contemplar a Raça**

Jordan Jones (Brigham Young University)

Nos últimos dez anos houve um aumento significativo na visibilidade de assassinatos de indivíduos negros e de ativismo antirracista nas Américas (e em outros lugares). Estes eventos chamam atenção à necessidade urgente de participar de conversas sobre a raça. Apesar da importância de tais diálogos, muitos hesitam em participar de discussões sobre raça porque receiam involuntariamente ofender seus interlocutores. Vários pensadores e escritores contemporâneos produziram guias que ensinam aos leitores como navegar este processo e como conceber a raça e o racismo nas sociedades contemporâneas. O trabalho aqui proposto analisa duas narrativas por escritores “amefricanos” (Gonzalez) que se assemelham de maneiras importantes: *Na minha pele* (2017), escrito pelo célebre ator, diretor e escritor brasileiro Lázaro Ramos, e *El racismo y yo* (2022), pela jornalista colombiana Edna Liliana Valencia. Em minha análise, comparo e contrasto os dois textos e analiso como misturam experiências pessoais com afirmações e advertências diretas destinadas tanto a leitores negros como não-negros. Examinamos as estratégias que Ramos e Valencia usam: mostrar vulnerabilidade, educar diretamente, afirmar a humanidade e facilitar a identificação com o outro, e chamar à empatia e à ação. Neste processo, investigo a maneira pela qual os textos desafiam as concepções de leitores sobre a raça e facilitam uma compreensão mais profunda das lutas por justiça racial no Brasil e na Colômbia.

### **Uma Abordagem Sobre o Fenômeno Colorismo na Perspectiva do Corpo da Mulher Negra**

Dayse Alfaia (Universidade Autónoma de Lisboa)

Denomina-se colorismo “um processo de discriminação que privilegia pessoas de pele clara em detrimento de pessoas de pele escura” (Hunter, 2007, p. 237; tradução nossa). Nosso ponto de partida é refletirmos sobre o corpo da mulher negra, em virtude do fenômeno colorismo. Submetidas a arquétipos pela supremacia branca, no âmbito das relações de poder, emergiram paradigmas sociais, que culminaram em alguns marcadores históricos, dentre eles a reificação do corpo, quer para colmatar os tabus e opressões da pessoa branca assente numa legítima construção “como «civilizado» e «digno», quer para designar as/os «outras/os» raciais «descivilizadas/os» (Kilomba, 2019, 81), de modo que às mulheres negras coube a objetificação, em detrimento da subjetivação. Michel Foucault designou esse fenômeno, no âmbito das relações de poder, como a “tecnologia do poder sobre o corpo”, de modo que “define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se deseja, mas para que funcione como se quer” (Foucault, [1975] 2021, p. 160).

Para a antropóloga Lélia Gonzalez, às “mulheres negras, o que se observa é que, por maior que seja a capacidade que demonstre, ela é preterida” e ainda ressalta o facto de lermos os anúncios de jornais, no Brasil, “na seção de empregos, as expressões ‘boa aparência’, ‘ótima aparência’ etc. o que constitui um código cujo sentido indica que não há lugar para a mulher negra” (Gonzalez, 2020, p. 42). Sua representação é pautada em “lugares subalternos e de pouco prestígio social” e desta sorte “são consideradas pouco capazes porque existe todo um sistema econômico, político e jurídico que perpetua essa condição de subalternidade” (Almeida, 2021, p. 67). No âmbito de uma revisão da literatura, tentaremos refletir/discutir sobre um passado escravocrata que sustenta um fenómeno que ainda serve como mecanismo político de “imposição de hierarquias, divisão social e sofrimento psíquico”, na sociedade moderna (Almeida, 2021).

### **Cerebro Eletrônico Avisou: Afrofuturismo e Resistencia em O Ceu Entre Mundos** Karen de Melo (Vanderbilt University)

Cunhado por Mark Dery em sua famosa entrevista “Black to the Future” (1994), o Afrofuturismo foi pensado como um termo para ajudar a entender a influência da cibercultura e da tecnologia na história dos negros nos Estados Unidos. Neste texto, Dery levanta uma questão central: “Pode uma comunidade cujo passado foi deliberadamente apagado e cujas energias foram subsequentemente consumidas pela busca de vestígios legíveis da história, imaginar futuros possíveis?” (Tradução minha, 180). Essas ideias guiaram não apenas o próprio trabalho de Dery, mas também impactaram as obras de artistas e estudiosos latino-americanos que buscaram no estudo da temporalidade uma forma de criar novas formas de narrativas contra-hegemônicas. Uma vez que o conceito de tempo está no centro da dinâmica de opressão e libertação, a temporalidade tem sido central para artistas que buscam incorporar a libertação por meio de obras que combinam história e cosmologias afro-diaspóricas em sua arte. Nos últimos anos, artistas afrofuturistas brasileiros celebraram a comunhão da África e filosofias afrodiaspóricas, mitologia, cosmologia e tecnologias em meio a performances artísticas que retratavam futuros afrocentrados e realidades alternativas. As jornadas de heróis e heroínas negros ficcionais têm sido usadas como uma metáfora para a libertação do sujeito negro. Essas obras geralmente são centradas em seres híbridos: ciborgues e andróides que desenvolvem consciência e personagens que compartilham mentes e corpos com entidades de religiões africanas/afro-brasileiras. Nesta apresentação, analisarei o romance *O céu entre mundos* (2021), de Sandra Menezes, que foi finalista do Prêmio Jabuti em 2022. Mostrarei como o projeto literário de Menezes propõe uma tentativa de resgatar o passado africano e afrodiaspórico ao conjugar ciência, tecnologia, filosofia, linguagem e religião em seus romances. Além disso, ao colocar em primeiro plano epistemes, espiritualidades e perspectivas alternativas do passado e de futuros imaginados, sua obra fornece aos leitores afro-brasileiros ferramentas para visualizar suas próprias ideias de futuro.

## O Que Constitui as Fraudes Étnicos Raciais? Análises em Torno de um Novo Processo Jurídico no Sistema de Cotas Raciais

Mónica Miranda (Universidade Estadual de Campinas)

Este estudo tem por objetivo analisar o acontecimento do fenômeno das “fraudes no sistema de cotas raciais”, como uma questão social, que significa a burla na autodeclaração raça/cor/etnia. Penso que os argumentos usados e acionados pelos autodeclarados negros (pretos/pardos), para justificarem seu pertencimento étnico-racial, com relevância para as situações em que os candidatos são autodeclarados negros (pretos e pardos). Dessa forma, contudo heteroclassificados como “não negro” pelos membros que compõem a banca de avaliação da comissão de aferição de autodeclaração. No entanto, as fraudes no sistema de cotas aciona um interesse a ser analisado, dessa forma, a compreensão dos tipos narrativas, expressões corporais que esses agentes se utilizam com intuito de se enquadrarem enquanto pessoas negras (pretas /pardas) e dessa maneira justificam e comprovam a veracidade da autodeclaração e garantir o direito de ocupar a vaga. Dessa forma dito isso, é preciso ter uma contextualização sobre ações afirmativas no Brasil para justificar a necessidade de uma análise sobre as fraudes no sistema de cotas raciais na atualidade. No final do século XX O MNU (movimento negro unificado) percebeu que havia uma lacuna no ensino superior nas universidades públicas. Dessa forma as lideranças negras naquele momento notou que um grande segmento social e racial da população brasileira (preta, parda e pobre )não estava inserida no contexto acadêmico. Mediante essa preocupação, intensificou se iniciativas com vistas a alteração desse quadro pelo movimento negro, que promoveram diversos debates na sociedade brasileira em relação a políticas de ações afirmativas.

O debate girava em torno da adoção de uma política de inclusão social como um instrumento de reparação história e no combate ao racismo estrutural, institucional e o preconceito racial. Em 28 de dezembro de 2000, a lei nº3524, de iniciativa do Poder Executivo, destinando cotas sociais para rede pública, foi sancionada. Em 09 de novembro de 2001 foi sancionada a lei nº3708, implementando as cotas raciais pelo Poder Legislativo. A lei foi estabelecida a reserva de 50% n mínimo, do total as vagas oferecidas pelas universidades públicas federais e estaduais nos cursos de graduação. A educação é uma peça fundamental na estrutura da sociedade, já que ela desempenha e promove o preconceito e o racismo.

O que de fato o painel procura pensar junto aos antropólogos, cientistas sociais e sociólogos trazendo para o campo das experiências, com intuito de perceber quais são dimensões do simbólico que ativam as forças imaginárias para burlar a confiança na autodeclaração? Analisar as categorias e os argumentos que estão sendo acionados por esses indivíduos para se autoidentificarem enquanto pretos e pardos? Certamente que o propósito do painel e ampliar o olhar sobre essas denúncias de fraudes, considerando esse novo fenômeno “fraudes” dentro da entrada dos autodeclarados nas universidades e entender que esses indivíduos não acreditam nas sanções jurídicas?

A intenção do painel é observar no agente direto da fraude, ou seja, os agentes que se

utilizam da confiança institucional na autodeclaração para obter um benefício, com a finalidade de avaliar com quais categorias de linguagem elaboram discursivamente o pertencimento étnico-racial, quais os mecanismos utilizam para produzir uma interação social convincente e as intencionalidades reveladas ou não por meio dos discursos, aparências, gestos e silêncios. Do mesmo modo, perscrutar as referências, concepções e perspectivas das bancas de verificação para identificar os possíveis candidatos. Debater e pensar como são estrategicamente elaboradas as formas comunicativas, quais são os rituais de interação produzidas por esses sujeitos que promovem este gênero de “fraude”? Qual a estrutura chave que organiza esse tipo de sociabilidade, com um propósito de construir uma antropologia desses processos de interação onde o meio é o corpo em toda a sua complexidade. Considerando que tratar de questões de raça e identidade no Brasil quase sempre gera problemas de ordem conceitual e social e configura em algo que move o questionamento acerca da intensidade acerca da intensidade desta problemática em osso país até os dias atuais. Uma as questões mais difíceis de ser tratadas em relação às políticas afirmativas no ensino superior é justamente o critério para a lição dos beneficiários.

## **PAINEL: Análise Literária III – Formas e Fontes**

### **O Conceito Telúrico Na Origem Brasileira No Último Romance De Valter Hugo Mãe**

Ana Ille Horvat (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Zagreb)

Valter Hugo Mãe dedica-se desde os seus começos prosaicos à análise minuciosa da profunda relação entre o mundo humano e o poder indomável da Natureza. Depois de se afastar dos temas da sua terra natal e de conhecer as belezas islandesas no romance *A dezumanização* ou *lendas japonesas em Homens impudentemente poéticos*, este destacado autor contemporâneo descobre no seu último romance o mundo delicado das origens indígenas, o mundo brasileiro ferido pelas chagas da crueldade europeia e da civilização dominante. O nosso trabalho é analisar esta relação forte entre o homem brasileiro e a Terra e destacar a influência telúrica e o poder da Natureza descritos na obra através das lendas e tradição ancestral.

## **A Identidade Do Não-Idêntico. Esboços De Um Brasil Futuro Em Macunaíma.**

Marianna Scaramucci (Università degli Studi di Milano)

Macunaíma, personagem criado por Mário de Andrade em 1926, no momento em que os modernistas iam à procura de uma saída do problema identitário, passou a representar, apesar das intenções declaradas do autor, um emblema do ser brasileiro. O resultado do balanço era paradoxal e, aparentemente, trágico: a identidade brasileira parecia residir justamente numa ausência de identidade, pois o herói nacional não tinha “nenhum caráter”. A apresentação procura mostrar como hoje, um século mais tarde, a obra andradiana nos oferece uma sugestão atualíssima sobre a questão identitária, uma solução que, longe de ser trágica, pode ser pensada como disfórica, no sentido que Paul Preciado atribui ao termo (2022). De fato, na esteira das reflexões de Eduardo Viveiros de Castro (2011; 2017; 2022), podemos reconhecer em Macunaíma uma indicação da necessidade de sair do paradigma do “idêntico” e olhar para a diferencialidade, a variação, operando assim um imprescindível exercício de desidentificação. O trabalho pretende mostrar como o paradoxo presente na obra de Mário esboça a possibilidade de escapar da armadilha da “noção fantasma” de identidade brasileira (Castro 2022), pois o impasse entre a “atração da Europa” e a “fidelidade ao Brasil” (Mello e Souza, 2003) representa uma extraordinária possibilidade de futuro.

### **Machado de Assis, autor decadente**

Timo Kehren (Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines)

O decadentismo é um dos movimentos culturais mais importantes de finais do século XIX. Surgido na França depois da derrota de Sedan em 1870, não demorou a espalhar-se na América Latina. Embora costume ser reduzido à recepção da filosofia de Arthur Schopenhauer, o decadentismo constitui uma unidade discursiva complexa, na qual se encontram e cruzam diferentes pensamentos, entre os quais se destacam o darwinismo social e o antipositivismo. No que diz respeito à narrativa brasileira, houve várias tentativas de identificar o decadentismo e nomeadamente a filosofia schopenhaueriana, mas faltam ainda estudos intertextuais sistemáticos, assim como uma avaliação das diferentes reapropriações do decadentismo e do papel que tinha este movimento dentro da literatura (pré-)modernista. A minha contribuição estará enfocada no decadentismo de Machado de Assis, que, a meu ver, se caracteriza por uma comicidade relativizante. Na famosa parábola das batatas, em *Quincas Borba* (1891), por exemplo, ecoa o princípio darwinista da sobrevivência do mais apto. Ao mesmo tempo, a ideia de uma força coletiva que garante a permanência da espécie humana pode também relacionar-se com o conceito schopenhaueriano da Vontade. O herói deste romance, o Rubião, pensa que a alma da personagem-título transmigrou para o corpo do cão dele. Também neste caso, Machado parece ter sido inspirado por Schopenhauer, quem aborda a questão da transmigração nas suas reflexões sobre o budismo. No entanto, ao fazer troça do Rubião, o narrador provoca o riso do leitor e põe em dúvida a cosmovisão da personagem.

## Re-amazonização: literaturas indígenas reconstruindo o Brasil

Alessia Di Eugenio (Universidade de Bolonha)

A partir dos anos Noventa, começou a afirmar-se uma literatura indígena que exigiu a definição de uma categoria específica capaz de denunciar a invisibilização histórica sofrida e de reclamar um processo de decolonização do cânone literário nacional. A constituição deste campo literário foi acompanhada por outros importantes processos culturais, como o da formação de um campo de Arte Indígena Contemporânea (AIC), que encontrou no trabalho de Jaider Esbell um dos nomes mais importantes. O trabalho destas autoras, junto com as lutas das comunidades indígenas, ajudou o fortalecimento de debates públicos, não apenas sobre a questão da invisibilização histórica na cultura brasileira – uma “origem em ausência” (Finazzi-Agrò 2022) –, mas também sobre as instrumentalizações e apropriações culturais (William 2019) de saberes indígenas no processo de construção da Nação. A provocação da “Re-Antropofagia” – importante exposição de arte indígena que ocorreu em 2019 – e a reconfiguração de Macunaíma em Makunaimi (Esbell 2022) nasceram justamente para denunciar esse processo e reclamar a releitura da história da literatura brasileira através de um percurso de “des-autoria” (Librandi 2022). Através das críticas contemporâneas sobre o significado da emergência de um campo literário indígena e sobre questões específicas, como o uso do termo “índio” – herdado das obras literárias e culturais indianistas e indigenistas e hoje questionado pelas autoras indígenas (Kambeba, 2020) e através da transformação do nome da FUNAI no novo governo Lula –, é possível abrir um espaço de repensamento radical dos Brasis (Brum, 2006), nas suas inevitáveis dimensões plurais. Lendo autoras indígenas como Eliane Potiguara, Márcia Kambeba e Auritha Tabajara, mas também autoras não-indígenas que escrevem a partir da consciência de um específico lugar de fala (Ribeiro, 2017) e de sólidas “comunidades afetivas” (Gandhi, 2006), como Rita Carelli e Eliane Brum, é possível pensar a refundação cultural do Brasil como processo de amazonização das existências (Brum, 2022), das linguagens, dos pensamentos, como processo de escuta “daqueles que foram chamados de bárbaros” e que hoje reivindicam um “rester barbaramente” (Yousfi, 2022) como forma de renovação salvífica do Brasil, “construtor de ruínas” (Brum, 2019).

### Como Traduzir o Mundo Exótico Brasileiro para o Eslovaco?

Silvia Slanickova (Universidade Comenius) e Jana Marcelliova (Universidade Comenius)

A comunicação aborda a tradução de obras brasileiras selecionadas para o eslovaco (por exemplo Agosto de Rubem Fonseca, As Meninas de Lygia Fagundes Telles, Todos os Contos, Perto do Coração Selvagem, A Maçã no Escuro de Clarice Lispector – obras traduzidas pelas autoras da comunicação). Centra-se principalmente na questão da naturalização e da exotização, com base nas publicações teóricas de Anton Popovič, Jiří Levý e Blahoslav Hečko. Enfatiza o papel do tradutor como mediador entre as comunidades linguísticas e culturais. A criação de um texto na língua de destino não é apenas uma questão linguística, mas também uma questão cultural, e o tradutor deve levar em consideração não apenas o contexto linguístico e estilístico, mas também pragmático e semântico-cultural. Embora o destinatário

do texto traduzido espere alguma cor local, pode sentir-se confundido ou até incomodado por demasiados elementos exóticos. A comunicação utiliza exemplos concretos para analisar práticas de tradução e decisões destinadas a encontrar um equilíbrio entre a preservação do carácter do ambiente original e a aproximação do texto ao público-alvo. Entre as áreas examinadas estão, por exemplo, a tradução de topónimos, nomes próprios, termos da gastronomia, de religiões e realidades culturais. Uma parte igualmente importante do trabalho do tradutor é a procura de equivalentes adequados de fraseologismos.

## **PAINEL: História I – Rupturas e reformas**

### **O Projeto Reformista de Filipe III Nas Américas Espanhola e Portuguesa em Perspectiva Comparativa: Castelianização ou Pragmatismo?**

Jose Manuel Santos (Univesidad de Salamanca)

Entre 1598 e 1621, ocorreram importantes mudanças em ambos os lados da Linha de Demarcação de Tordesilhas nos territórios espanhol e português nas Américas. Medidas de reforço fiscal, melhorias na produção de mineração, projetos de busca de metais preciosos, importantes investimentos em estruturas defensivas, mudanças na divisão administrativa, foram algumas das formas empreendidas por burocratas em Madri e Lisboa que deveriam ser implementadas pelos agentes locais. Ainda não está claro se estas medidas fizeram parte de um plano global para toda a América, o que no caso da América portuguesa significava uma “castelianização” do território, ou uma resposta improvisada aos problemas específicos que surgiram à medida que a produção crescia e as novas estruturas se estabeleciam. Esta comunicação fará uma comparação entre o que ocorreu nos dois territórios, que, embora tenham preservado sua separação territorial, foram governados pelo mesmo rei.

### **A Independência do Brasil, na pena dos agentes estrangeiros de D. Pedro I**

Lucia Maria Paschoal Guimarães (Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro)

Proclamada pelo príncipe D. Pedro, em 7 de setembro de 1822, a demanda pelo reconhecimento da Independência dos antigos domínios portugueses no continente americano, para além de esforços diplomáticos, induziu o governo do Império nascente a recrutar letrados estrangeiros capazes de construir narrativas de afirmação nacional, que contribuíssem para legitimar a separação de Portugal ante o concerto das nações do mundo ocidental, sobretudo os países da Santa Aliança. Forjado no Rio de Janeiro, esse discurso político apareceu sob a forma de relatos e livros históricos, publicados em Londres, Paris e Hamburgo, entre 1823 e 1824, com o patrocínio de D. Pedro I. A comunicação pretende explorar esses textos, a propósito de identificar uma vertente interpretativa da Independência que ainda hoje se mostra ativa, construída no paço da Quinta da Boa Vista pelo imperador e seus partidários, e que se disseminou no Velho Mundo graças à pena de autores europeus contratados pelo governo imperial especialmente para este fim.

## O Quebra-quebra de Abril de 1983 e a Fabricação do Consenso na Redemocratização

Edson Teles (Universidade Federal de São Paulo)

Nesta comunicação procuramos mostrar, por meio de um acontecimento pontual mas significativo, um aspecto da transição: abordamos o modo como foi noticiado o Quebra-quebra de abril de 1983, na cidade de São Paulo, e suas repercussões e implicações na situação de fome e no momento político de redemocracia. Trata-se da revolta da fome, na qual trabalhadores desempregados e populares das periferias da cidade se sublevaram contra a ordem social com a expectativa de que o processo político de redemocratização pudesse reorganizar a escuta do Estado para o grave problema da desigualdade e da miséria. Entendemos que retomar a história do processo de transição por meio da revolta de 1983 pode abrir perspectivas de análise e colaborar para a compreensão da democracia pós Ditadura. Procuramos demonstrar, através dos debates públicos, a fabricação de um discurso hegemônico crítico aos protestos e à política acéfala nas ruas. Trabalhamos com a hipótese de que se fortaleceu naquele momento um discurso do consenso, cujos efeitos foram a limitação da ação das lutas sociais e a consolidação do processo controlado pelas principais forças institucionalizadas. A comunicação será em três partes (os acontecimentos; a acusação de que os protestos foram manipulados; e, os elementos revoltosos) e uma análise final sobre a fabricação do discurso do consenso enquanto estratégia de governo e modo de subjetivação do processo político da volta à democracia. Não buscamos esgotar a história do Quebra-quebra, mas resgatar os acontecimentos com o objetivo de trazer à tona, em meio aos efeitos dos protestos, o discurso consensual sobre a transição, cujos efeitos carregaram uma dupla face: por um lado, esse discurso contribuiu com a desqualificação da ação política que ocorre fora do controle das instituições; por outro lado, se estabelece uma órbita política além da qual nenhuma força ou ação pode existir, legitimando a transição controlada e sob forte condução por parte do governo ditatorial.

## A Influência Da Direita Francesa No Antiliberalismo Pós-independência

Guilherme Celestino (FGV/Fapesp-JC)

Esta apresentação se concentra na análise comparativa de publicações selecionadas de José da Silva Lisboa (1756-1835), economista brasileiro, e José Agostinho de Macedo (1761-1831), padre português. O objetivo é comparar e contrastar suas opiniões sobre política e como estas foram influenciadas por autores franceses como De Pradt, De Maistre, Bonald e Barruel durante a reação conservadora após o período constitucionalista em Portugal e no Brasil (1820-1823). Esta curta era de liberdade de imprensa e constitucionalismo viu proliferar a circulação panfletos liberais e radicais, mas foi abruptamente encerrada por golpes conservadores em 1823, a 'Vilafrancada' em Portugal e a 'Noite de Agonia' no Brasil que levaram a um controle maior sobre a imprensa. Meu foco é a contribuição das publicações doutrinárias de Silva Lisboa e Agostinho de Macedo para o debate e como eles usaram autores franceses para liderar a reação conservadora na imprensa, espalhando ideias vistas como antiliberais e acusações de sujeição ao absolutismo. A crítica ao Iluminismo é de extrema importância para entender o pensamento da direita antiliberal que precisa

ser reavaliado considerando fenômenos recentes. Mais do que um movimento isolado ou resposta ao contexto geopolítico, a ascensão da extrema-direita no Brasil e Portugal possui uma tradição e corpo literário, muitas similaridades e poucas diferenças.

## **PAINEL: Linguística**

### **Diversidade linguística em comunidades afrodescendentes da Amazônia Brasileira**

Marilucia de Oliveira Cravo (Universidade Federal do Pará)

A região Amazônica apresenta diferentes diversidades. Dentre elas está a abundante diversidade linguística representativa das diferentes categorias linguísticas mencionadas no Inventário Nacional da Diversidades Linguística (INDL). Dentre as categorias registradas nessa região estão as variedades documentadas em comunidades afrodescendentes que podem ser encontradas em diferentes níveis da língua. Esta exposição pretende apresentar um levantamento recente, produzido entre os anos de 2021-2022, sobre a presença de comunidades quilombolas no Pará, bem como resultados de pesquisas realizadas em diferentes comunidades afrodescendentes na Amazônia. Esse levantamento é resultado de trabalho realizado por um grupo de acadêmicos e de pessoas dos movimentos sociais cujo objetivo era construir a cartografia de comunidades tradicionais no Pará, entre elas estavam as comunidades quilombolas. A ação foi coordenada pela Secretaria de Cultura do Estado do Pará (Secult), por meio do “Busca Ativa”, que tinha por objetivo realizar o referido mapeamento, a fim de otimizar o uso dos recursos do auxílio emergencial, oriundos da Lei Aldir Blanc, e distribuir renda aos fazedores de cultura de comunidades tradicionais no período da pandemia, no estado do Pará. Os resultados linguísticos referem-se a variações e diversidade registradas nos níveis lexical, fonético e morfossintático. Os resultados a serem apresentados seguiram a orientação da dialetologia moderna, da sociolinguística laboviana ou ainda da geossociolinguística, com adoção da geografia linguística para distribuição diatópica dos resultados obtidos.

### **Das Estratégias de Negação Sintática no Português Brasileiro**

Selmo Figueiredo Jr (Universidade Carolina em Praga)

O tema da negação sintática tem desafiado gerações (não só) de linguistas e ainda segue sendo objeto de estudos. Ele é abordado aqui do ponto de vista estritamente sintático na língua portuguesa falada no Brasil, num recorte que privilegia a relação posicional entre operador de negação e aquilo que esteja submetido a seu escopo. O aporte teórico-metodológico adotado é a Dialetologia Pluridimensional (Radtke e Thun 1996, Thun 2000, Thun 2005). A discussão se inicia a partir da conhecida tricotomia ‘negação pré-verbal’, ‘dupla negação’ e ‘negação pós-verbal’; passa pela classificação tripartite ‘negação sentencial’, ‘negação de sintagma complexo’ e ‘negação de constituinte’; e chega, contando com dados elicitados a 80 informantes analisados em correlação com variáveis independentes, a nove estratégias de negação sintática específicas inicialmente descritas, encontradas no nosso corpus

próprio. Tal corpus foi levantado em 2016 e 2017 no interior do Estado de São Paulo graças ao suporte da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e o tratamento dos dados aqui disponibilizado iniciou-se no âmbito de um estágio de pós-doutoramento em morfossintaxe na Universidade de São Paulo e concluiu-se graças ao suporte do Cooperatio – Linguística, um projeto institucional da Universidade Carolina em Praga.

## **Uma Nova Proposta Para Abordar O Estudo Dos Perfis Sociolinguísticos De Fronteira em Artigas (Uruguai)**

Barbara Garrido (Universität Zürich)

(Uruguai) O que determina o comportamento linguístico dos falantes em uma comunidade linguística? É definido pela origem, ou seja, a educação linguística ou a língua materna que eles têm, ou é determinado principalmente pelas escolhas (in)conscientes que os falantes fazem durante o ato de interação com outros interlocutores? Kabatek (2017) levanta estas questões e faz uma distinção entre “stemming” (= “origem”) e “heading” (= “objetivos atuais”) dos falantes, alegando que a intenção que eles têm não pode ser desconsiderada. Geralmente, nos baseamos em categorias macrosociais ao estudar a produção linguística, como classe, gênero, etnia, mas às vezes estas categorias são a ponta do iceberg quando se trata de compreender o comportamento linguístico (cf. Eckert 2016: 70-71). Ao focar não apenas nas categorias clássicas acima mencionadas, é possível obter uma imagem mais clara da escolha dos falantes, especialmente em situações de contato linguístico como o caso da fronteira entre o Uruguai e o Brasil. Portanto, o objetivo é apresentar um novo método que permita contrastar se as origens ou interações são mais relevantes para entender o comportamento do orador de uma parte rural e urbana do departamento do norte do Uruguai, Artigas. O método baseia-se num modelo na forma de árvore genealógica que considera as origens paternas e maternas dos membros do corpus Artigas, além dos descendentes e as respectivas relações com outros interlocutores. Portanto, é considerada a língua materna de cada um dos sujeitos, assim como a língua que eles utilizam ao interagir com cada um de seus parentes (cf. cores e formas na imagem abaixo); o respetivo significado não pode ser mais desenvolvido aqui). A análise qualitativa de cada um dos sujeitos oferece a possibilidade de criar grupos de “tipos de falantes” com o objetivo de utilizar cada um desses grupos como uma variável social. Em resumo, é uma proposta metodológica que surge da necessidade de estabelecer variáveis mais adaptadas para uma comunidade de fala específica.

## **PAINEL: Narrativas de refúgio**

Coordenação: Ana Carolina de Moura Delfim Maciel (Universidade de Campinas)

Deslocamento forçado, exílio, êxodo, clandestinidade, asilo, prisão, retenção, bloqueio, confinamento, refúgio, crise, ameaça, apatridia, travessia, exploração, expulsão e tráfico humano compõem um sombrio léxico do século XXI. Guerras, conflitos, perseguições e fenômenos climáticos extremos nos inserem no maior

drama humanitário da história, – muito mais do que uma crise como em geral é qualificada, que sugiro denominar como “A Era dos Deslocamentos Forçados”.

Nessas travessias os deslocados se deparam com fronteiras fechadas, travessias mortais (só no Mediterrâneo e no Atlântico foram mais de 3 mil mortes em 2021[1]), além disso temos a criminalização desses indivíduos em busca de refúgio e de ONGs e cidadãos comuns que eventualmente os auxiliarem. Parece demasiadamente óbvio que nenhum ser humano deveria ser considerado ilegal ao escapar de seu local de origem para salvar sua vida.

O direito de ir e vir precisa urgentemente ser revisto, defendido e garantido. Com as atuais legislações vigentes a maioria desses indivíduos, ao invés de acolhidos, são criminalizados. Em 2022, graças ao acirramento do conflito no Afeganistão e à guerra da Ucrânia, atingimos a cifra de cem milhões de deslocados.

Vivemos um paradoxo: num mundo pretensamente globalizado, onde mercadorias circulam entre países, onde avançados meios de transporte conectam os rincões do planeta, quando podemos estar conectados ao vivo e a cores ao pressionar de uma tecla - nesse mesmo mundo - há uma larga escala da população vive numa zona cinza, invisibilizada, criminalizada.

Para que possamos refletir e redimensionar tais problemáticas o presente Painel “Narrativas de Refúgio” acolherá reflexões voltadas aos deslocamentos forçados contemporâneos.

### **O Refúgio e a Nova Lei de Migração Brasileira**

Maria Elizabeth Guimarães Teixeira Rocha (UNICAMP/INALCO/ICM France/Université de Poitiers)

A Lei nº 13.445/2017, conhecida como a nova lei de migração, regulamentada pelo Decreto nº 9.199 de 20 de novembro de 2017, edificou um novas balizas na proteção e garantia dos Direitos Humanos dos migrantes no Brasil, após mais de uma década de debates políticos no Congresso Nacional. O tema proposto pretende perquirir juridicamente o instituto na normatividade nacional, bem como apontar as alterações legislativas promovidas no tocante ao sistema de proteção de pessoas obrigadas a deslocarem-se de seus Estados de origem à vista de perseguições políticas, religiosas, em razão da raça, nacionalidade ou pertencimento a determinado grupo social. Pretende-se, outrossim, analisar a nova política migratória brasileira adotada que, em consonância com a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, os Tratados Internacionais nos quais o Brasil é signatário e as garantias estatuídas pela a Constituição Federal de 1988, oferece acolhida humanitária àqueles que necessitam.

### **Marcos de uma Reflexão Cruzada sobre Migração Acadêmica e Exílio**

Sophie Villate (UNICAMP)

Esta comunicação propõe questionar nossos modos de classificação de fluxos migratórios cada vez mais mistos e complexos no contexto do século XXI. Uma categoria pode tomar diferentes formas e ter diferentes motivações. No contexto

da migração internacional para estudos, pode ser para completar uma educação obtida no país de origem ou para obter um diploma estrangeiro. Entretanto, devido a desastres, conflitos ou instabilidade em várias partes do mundo, a migração para fins de estudo é, em muitos casos, uma compulsão à emigração, resultando em uma condição de exílio acentuada pela incerteza de um possível retorno. Por outro lado, o retorno ao ensino superior também pode ser uma solução adotada por pessoas forçadas ao exílio como parte de seu curso de vida no chamado país anfitrião. Com base nestas observações, compartilho os marcos do questionamento científico do meu projeto de doutorado sobre a categoria de refugiados acadêmicos. O objetivo deste projeto é analisar de vários ângulos as questões da migração acadêmica e os problemas do exílio contemporâneo. Isto envolve desconstruir cada categoria, a de refugiado e a de migração acadêmica, situando-os dentro das práticas e experiências migratórias - não apenas dos migrantes, mas também das comunidades de acolhimento, consideradas como parte da mesma sociedade transnacional. Em uma abordagem contrastante, minha reflexão está estruturada em torno de dois conceitos relacionados aos estudos migratórios: privilégio e precariedade.

### **O Programa “Refúgio Acadêmico Unicamp”: Institucionalidade, Alcance e Desafios**

Adriana Nunes Ferreira (UNICAMP/INALCO/ICM France/Université de Poitiers) e Thyago Lyns (UNICAMP)

O século XXI nos obriga a pensar nas populações deslocadas e refugiadas no âmbito da ampliação dos direitos, no caso, o direito à hospitalidade. A mobilização de instituições de ensino superior, com o propósito de acolher e apoiar os integrantes da comunidade acadêmica ora constrangida e desestruturada, se faz imperativa como forma de reafirmar a relevância do ensino e da atividade de pesquisa científica. No país destaca-se a parceria entre o ACNUR e as Instituições de Ensino Superior (IES), com início em 2003, com as CSVM (Cátedras Sérgio Vieira de Melo). São mais de 35 CSVM em IES brasileiras. No entanto, ao eclodir a crise no Afeganistão, a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) decidiu lançar um programa próprio de “Refúgio Acadêmico”. A UNICAMP, desde sua origem, está comprometida com valores que deveriam nos unir para a construção de um mundo mais justo: a defesa da ciência, o acolhimento e a celebração das diferenças, o combate às desigualdades e o desenvolvimento humano na sua forma mais completa. O acolhimento de acadêmicos em situação de risco, parte da experiência histórica da UNICAMP, é percebido como mais um mecanismo de construção de redes internacionais cruciais para a própria vida universitária para além de ampliar nossas fronteiras, especialmente as culturais, e nos conectar à melhor tradição de universidades democráticas que acolhem e protegem aqueles que estão sob ameaça. O programa tem o propósito de favorecer o acolhimento humanitário de acadêmicos, por meio da concessão de bolsas de iniciação científica, mestrado, doutorado, pós-doutorado e de professor visitante, provendo-lhes habitação, alimentação, assistência médica e odontológica, apoio em saúde mental, transporte diário, além de auxílio nos trâmites documentais junto à Polícia Federal e autoridades aduaneiras, e inserção cultural. A UNICAMP está preparada para este desafio com o propósito de efetivamente incorporar o refúgio acadêmico em sua dinâmica institucional. No entanto, são grandes os desafios

encontrados. Procura-se, aqui, refletir sobre a experiência da nossa universidade neste programa pioneiro no Brasil, discutindo seus resultados até o momento e seus desafios para o futuro.

## **Imagens Indesejáveis: Água Prateada, um Autorretrato da Síria**

Mariana Teixeira Elias (UNICAMP)

A comunicação propõe a análise do documentário *Água Prateada*, um autorretrato da Síria (2014) de Wiam Bedirxan e Ossama Mohammed como ponto de partida para a discussão de um novo estilo cinematográfico no campo dos documentários, o de filmes com a temática do refúgio contemporâneo realizados pelos próprios refugiados, considerados “pessoas indesejáveis” no contexto geopolítico contemporâneo (AGIER, 2008). “*Água Prateada, um autorretrato da Síria*” (2014), começa com o seguinte aviso: “Este é um filme feito com 1001 imagens. Gravado por 1001 homens e mulheres sírias. E eu. Eu vi”. Realizado pelos cineastas sírios Ossama Mohammed e Wiam Simav Bedirxan o filme dá voz às próprias vítimas, fazendo uso de imagens reais, gravadas por centenas de sírios que assumem o papel que antes era dado apenas a consagrados fotógrafos de guerra. As fotografias eram um meio de tornar acontecimentos catastróficos “mais reais” aos olhos daqueles que costumam ignorá-los; “olhem, dizem as fotos, é assim. É isto que a guerra faz. E mais isso, também isso a guerra faz. A guerra dilacera, despedaça. A guerra esfrangalha, eviscera. A guerra calcina. A guerra esquarteja. A guerra devasta” (SONTAG, 2003). Com o advento dos equipamentos multifuncionais capazes de captar imagens - pequenos, leves e equipados com câmeras filmadoras -, o vídeo toma parte da função que, anteriormente, era destinada à fotografia e torna possível o testemunho e sua disseminação por qualquer um que tenha acesso a estes aparatos eletrônicos. A pesquisa se articula sobretudo pela análise do documentário, levando em consideração o respectivo contexto histórico em que as imagens foram produzidas e colaborando para a delimitação de um estilo cinematográfico com a temática do refúgio, fomentando a discussão sobre o tema e tornando visíveis as narrativas dos indesejáveis.

## **PAINEL: Recepções transatlânticas: a trajetória dos livros e as trocas literárias entre Brasil e França [ONLINE]**

Coordenação: Marcia Aguiar (UNIFESP), Mafalda Borges Soares (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), Mirella Botaro (Sorbonne Université), Gabriela Ferreira (Sorbonne Université) e Maria Teixeira (Sorbonne Université)

Este painel abordará alguns aspectos das relações literárias desenvolvidas entre Brasil e França nos séculos XX e XXI, considerando que o estudo da tradução, publicação e recepção de uma obra literária no exterior envolve o exame de diversos elementos, entre os quais políticas editoriais, relações políticas, econômicas e culturais entre os países em questão, papel desempenhado por tradutores, editores, passadores culturais, assim como outros fatores particulares, tais como, no caso de uma peça de teatro, sua transposição para a cena e sua recepção pelo público e pela mídia especializada.

Não menos importante, porém, é examinar como o deslocamento espacial dos textos literários faz com que eles sejam ressignificados por seus novos leitores, que vão reconfigurá-los esteticamente e politicamente, posto que um texto sempre adquire novos sentidos em uma nova configuração social, cultural, política e literária. Neste painel discutiremos a tradução e a recepção de autores brasileiros – Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Nelson Rodrigues – na França, campo literário considerado central, e, inversamente, a tradução e a recepção de Yambo Oulougem no Brasil, campo literário considerado periférico. E ainda, abordaremos as seleções literárias através da Bibliothèque brésilienne da editora Métailié.

### **Buriti e a crítica francesa dos anos 1960**

Marcia Aguiar (UNIFESP)

Nos anos subsequentes à 2ª Guerra mundial, uma grande sede por autores estrangeiros toma conta das editoras francesas, que passam a buscar novas vozes, escritas inovadoras, em língua francesa ou estrangeira. Em meio a esse burburinho, pode-se imaginar que, a partir do final dos anos 1950, o nome de João Guimarães Rosa, que entusiasma críticos e leitores brasileiros por sua poética singular, chegue aos ouvidos desses editores, que passam a negociar os direitos de publicação de suas obras na França. Os primeiros relatórios de leitura dessas editoras a que tivemos acesso datam do final dos anos 1950 e início dos anos 1960 e testemunham sua admiração por essa literatura tão universal e, “contudo, tão brasileira” que, vaticina esse mesmo relatório “surpreenderá enormemente na França e desnorteará completamente a crítica”. Examinar o teor das críticas que receberá Buriti, primeiro volume de *Corpo de baile* publicado na França em 1961, constitui o objeto desta comunicação.

### **Tradução e interpretação de Clarice Lispector na França feminista de Hélène Cixous**

Mafalda Borges Soares (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

Professora universitária, autora, feminista, Hélène Cixous foi uma das figuras pioneiras no que concerne à divulgação e à promoção da obra de Clarice Lispector em França, a partir dos anos 70. Contribuindo para o conhecimento da obra da escritora brasileira através da publicação de ensaios, da organização de seminários e da orientação de teses universitárias, a intelectual francesa cedo aliou a sua própria reflexão sobre o feminino ao fascínio que nutria pela criação clariceana. Ora, tendo como ponto de partida alguns ensaios de Cixous, a presente comunicação prevê, num primeiro momento, compreender até que ponto Lispector se “afrancesou” e até que ponto os seus escritos se tornaram reflexos de um combate que então permeava a sociedade francesa. Num segundo momento, e com o intuito de aprofundar a ideia de recepção como possível fenómeno de aculturação, não deixaremos de refletir sobre a tradução francesa de alguns termos-chave da prosa de Clarice, como “instante-já” (presente no livro *Água Viva*) ou até mesmo “barata” (personagem crucial do romance *A Paixão segundo G.H.*). Interessa-nos, no fundo, perceber a que metamorfoses pode uma obra estar sujeita a fim de conseguir ser aceite em determinado círculo cultural.

## **Fluxos literários no Atlântico Sul: uma análise de Yambo Ouologuem no Brasil**

Mirella Botaro (Sorbonne Université)

A proposta desta comunicação é realizar um levantamento crítico sobre a recepção das literaturas africanas de expressão francesa no Brasil. Que caminhos editoriais são percorridos por textos africanos desde sua publicação original, em Paris, até sua chegada no mercado editorial brasileiro? Que efeitos produzem estes textos uma vez que os colocamos à disposição de leitores brasileiros? Para analisar estas questões, pretende-se observar os deslocamentos de sentidos produzidos pela tradução do romance *Le Devoir de Violence* (1966), de Yambo Ouologuem, no Brasil, dando ênfase em um movimento que rompe com o velho esquema centro-periferia, tendo em vista o interesse ascendente do público brasileiro pelas literaturas produzidas do outro lado do Atlântico Sul.

### **A recepção de Anjo Negro na França**

Gabriela Ferreira (Sorbonne Université)

Publicada pela primeira vez na França em 1988, *Anjo Negro* ganha uma reedição aquando posta em cena, 8 anos mais tarde, por Alain Ollivier. A reputação do artista francês, conhecido pelo seu ativismo político, nomeadamente anticolonialista, não impediu polémicas que lembravam as reações da primeira montagem de *Anjo Negro* no Brasil, em 1947, apesar de contextos muito diferentes. O público ficou dividido, alguns aplaudiram tanto o trabalho de Ollivier quanto o de Rodrigues, outros ficaram perplexos, ou mesmo aterrorizados, com a audácia dos artistas. Este foi o caso do ator, de origem guadalupense, Jacques Martial que considerou a peça discriminatória e racista. Um abaixo-assinado exigiu que as atuações fossem imediatamente interrompidas. Sem ceder à pressão, mas a fim de melhor contextualizar o texto, a Maison de la Culture Seine Saint-Denis organizou debates com psiquiatras, psicólogos, sociólogos, antropólogos e outros especialistas, que foram até o teatro discutir a obra com os espectadores. E no caso da mídia especializada, a peça também teria dividido opiniões? De que maneira, as escolhas feitas pelo encenador influenciaram a compreensão do texto? Procurando responder estas questões, apresentarei um panorama das escolhas cênicas feitas por Alain Ollivier a fim de compreender melhor a recepção francesa tanto do texto de Rodrigues quanto da montagem de *Ange Noir*.

### **A recepção da literatura brasileira na França nos anos 80**

Maria Teixeira (Sorbonne Université)

Nos anos 80 definem-se sólidas redes de recepção da literatura brasileira na França, favorecendo o aumento das traduções. No sentido de compreender essa tendência, a comunicação privilegia não só um olhar macroscópico sobre o crescimento constante da produção editorial, mas também um exame acerca das iniciativas bilaterais privadas e públicas. Igualmente, propõe-se cruzar estudos parciais existentes de recepção, a fim de obter uma abordagem mais sistemática, a partir de arquivos privados, testemunhos, materiais de promoção e difusão e o acolhimento da imprensa. Analisa-se, as seleções editoriais apoiadas na construção de catálogos

especializados, como a Bibliothèque brésilienne da editora Métailié. Essa discussão pode ajudar a interpretar momentos de receptividade e, em simultâneo, inserir dados à historiografia literária franco-brasileira.

## **PAINEL: Do Brasil ao Terceiro Mundo: encontros, projetos e horizontes [ONLINE]**

Coordenação: Flores Giorgini (CREDA-UMR7227/FFLCH-USP) e Mélanie Toulhoat (IHC — NOVA FCSH / IN2PAST)

O conceito de Terceiro Mundo, por muito tempo desatualizado e portador de tensões e preconceitos, está atualmente sendo reexaminado por trabalhos inovadores que trazem à tona uma variedade de questões para além da simples dimensão geográfica ou geopolítica. A partir da abordagem elaborada por autores como Prashad (Prashad; 2007), Bergel (Bergel; 2019) ou, mais recentemente, Prakash e Adelman (Prakash e Adelman; 2022) de pensar o Terceiro Mundo como “projeto”, “ideia, e imaginação emancipatória de um futuro alternativo” (Ibid; p. 7), este painel se propõe em discutir a participação do Brasil na construção de um Novo Mundo e de um “horizonte de expectativas” (Koselleck; 1993) no período pós 1945.

Tratará-se em particular de analisar as trajetórias de atrizes e atores política/os e culturais brasileira/os que deram corpo ao Terceiro Mundo na tentativa de construir um futuro diferente, pós-imperial, além dos horizontes impostos pela Guerra Fria. Imaginários criativos, práticas militantes, circulações ideológicas e mediações culturais, mas também construção de políticas públicas e implementação de reformas econômicas, o painel se articulará em torno de uma multiplicidade de objetos e escalas, do local ao global, do individual ao coletivo.

Esta abordagem diversa permite: de um lado, contribuir ao estudo das relações históricas internacionais e transacionais entre o Brasil, populações e contextos afro-asiáticos na segunda metade do século XX; de outro lado analisar o aporte das ideias e dos projetos implementados entre o Brasil e os países afro-asiáticos, a partir das experiências do subdesenvolvimento, na formulação de alternativas à realidade do sistema capitalista. Em última instância, trata-se de contribuir à reflexão recente sobre o lugar das sociedades latino-americanas dentro do contexto da Guerra Fria global (Field Jr., Krepp, Pettinà; 2020) e repensar a experiência brasileira para além de seu contexto histórico nacional.

## **Os ares da descolonização: do teatro experimental negro (TEN) até a formação do movimento negro unificado (MNU)**

Anderson Guimarães Mendonça (UFPE)

Entre o fim da segunda guerra mundial e até meados da década de 1975, vários territórios no continente africano, que ainda estavam sob controle dos europeus, foram descolonizados de maneira pacífica ou violenta. Territórios da Inglaterra, França, Portugal, Espanha e Bélgica foram aos poucos sendo libertados pelos próprios nativos, com bandeiras ideológicas diferentes a depender do país, que se organizaram para administrar suas nações recém-criadas e expulsaram os estigmas

criados pelos colonizadores nos mais de cinco séculos de dominação imperial. No mesmo período, organiza-se no Brasil um forte movimento negro sob o comando do intelectual, militante e artista Abdias do Nascimento, cujo seio das discussões sociais, culturais e políticas estava no Teatro Experimental Negro (TEN), fundado em 1944. Durante três décadas, o TEN reuniu diversos pensadores que brigavam contra as práticas institucionais do racismo e buscavam uma sociedade mais justa por meio do retorno as raízes africanas na cultura brasileira, em especial nas lutas dos países colonizados pelos portugueses. Com a ditadura militar, a mobilização da negritude do TEN diminuiu e só retornou de maneira significativa no fim da década de 1970, com a reabertura política, o que permitiu a criação do Movimento Negro Unificado (MNU), em 1978, pelos mesmos líderes do TEN e por novos nomes que se destacaram na luta contra o regime militar. O objetivo desta comunicação é estudar o processo de luta e consolidação das pautas do movimento negro brasileiro, relacionando suas ideias nas lutas pela emancipação nos países africanos de colonização portuguesa (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe). A experiência compartilhada de busca pela igualdade e pela liberdade nos dois continentes nos serve para entender as necessidades constantes do presente com a justiça histórica em países do dito terceiro mundo, como o subdesenvolvimento sistêmico causado pelas potências do hemisfério norte.

### **O Centro de Estudos Afro-Orientais e o Instituto Brasileiro de Estudos Afro-asiáticos: dois projetos para aproximar o Brasil do mundo afro-asiático na hora das descolonizações**

Flores Giorgini (CREDA-UMR7227/FFLCH-USP)

O Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) foi criado em 1959 junto à Universidade Federal da Bahia (UFBA), enquanto o Instituto Brasileiro de Estudos Afro-asiáticos (IBEAA) foi fundado no Rio de Janeiro, em abril 1961, junto à presidência da República então ocupada por Jânio Quadros (Santos, 2021; Saraiva, 1995). As duas instituições são então inseparáveis do apogeu dos movimentos de descolonização que levaram a maioria dos países africanos e asiáticos à existência institucional no plano internacional. Elas são expressão da tomada de consciência de um setor da intelectualidade brasileira da proximidade que existia entre histórias africanas e latino-americanas – e brasileira em particular –, assim como do novo interesse pelo estudo de culturas tão desconhecidas (Dávila, 2011). Os principais atores que participaram da fundação do CEAO e do IBEAA compartilhavam, portanto, um espaço extremamente restrito no panorama nacional, que fomentava os conflitos entre os membros das duas instituições. Estas tensões surgiam tanto das lutas entre cariocas e baianos pela hegemonia do campo científico dos estudos africanos, quanto das divergências que existiam na concepção das relações históricas e futuras entre Brasil e os países do Terceiro Mundo nascente. O objetivo da nossa comunicação é estudar, através de uma perspectiva comparativa, os escritos e as iniciativas destes intelectuais para desvelar projetos concorrentes de aproximação entre Brasil, África e Ásia e reavaliar as esperanças criadas na sociedade brasileira pelo surgimento do Terceiro Mundo no quadro da Guerra Fria.

## **“Vou aprender a ler, pra ensinar meus camaradas” Do Brasil para a Guiné-Bissau: circulações militantes, pedagogias de libertação e descolonização da educação**

Mélanie Toulhoat (IHC — NOVA FCSH / IN2PAST)

A partir do início da ditadura militar brasileira em 1964 e até os anos 1970, militantes, educadoras/es, responsáveis políticos/as, artistas tiveram que deixar o Brasil, procurando numa situação de exílio forçado a ressignificação de compromissos, engajamentos ideológicos e práticas emancipatórias. Ancorada numa pesquisa sobre projetos de educação popular e alfabetização de adultos desenvolvido nos Países Africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) durante a segunda metade dos anos 70, esta comunicação visa analisar a trajetória do educador Paulo Freire e do grupo do Instituto de Ação Cultural (IDAC), assim como de outras entidades brasileiras e internacionais, no contexto do pós-Independência na Guiné-Bissau. O IDAC, fundado em Genebra em 1971 no Conselho Mundial das Igrejas por Paulo Freire e outras/os compatriotas em exílio (Freire, Darcy de Oliveira, Darcy de Oliveira e Cecon, 1980), participou da cooperação educativa impulsada pelo primeiro Ministro da Educação da Guiné-Bissau independente, Mário Cabral, antigo coordenador dos centros de instrução durante a guerra de libertação (1963-1974) (Vaz Borges, 2019). Ele coordenou projetos inovadores dentro e fora do sistema escolar herdado da colonização portuguesa, com a ambição de contribuir para a construção de um país realmente independente. Tentaremos mostrar como estas circulações militantes internacionais configuraram reflexões e práticas cruzadas sobre pedagogias emancipatórias para uma descolonização eficiente, num momento complexo caracterizado por uma temporalidade múltipla e imaginários revolucionários.

## **Imaginar a África para se imaginar: a ditadura militar brasileira e o Terceiro Mundo como espaço de disputa na Guerra Fria**

Rebeca Ávila (IHC — NOVA FCSH / IN2PAST)

Em um trabalho sobre a ação do Brasil na Guerra Fria interamericana, Harmer (2012) indica que a ditadura militar brasileira, tendo sido um paradigma para a repressão no Cone Sul entre os anos 60 e o começo dos anos 70, posteriormente remodelou seus objetivos de política externa e se direcionou para a Europa e África. Embora a busca por aprofundar as relações com o continente africano e as tensões derivadas da questão colonial fossem anteriores (Dávila, 2010; Rampinelli, 2004), esse momento inaugura uma nova mobilização que procura reposicionar o Brasil como poder emergente na Guerra Fria, sob uma ótica conservadora, através do Terceiro Mundo. A partir da análise de discursos oficiais sobre a política exterior da ditadura militar brasileira para as descolonizações africanas, em especial a partir do caso das lutas pela libertação das colônias dominadas por Portugal, esta comunicação propõe mostrar como a construção da narrativa oficial da ditadura militar sobre os laços do Brasil com o continente africano buscou legitimar sua política externa perante a opinião pública, recorrendo a aspectos apelativos para o projeto político terceiro-mundista: a ideia de um vínculo pelo sofrimento colonial e uma fraternidade racializada, por um lado, e a questão do desenvolvimento, por outro (Parker, 2016). Esta proposta deriva de um projeto de investigação em curso, de caráter comparativo, que analisa

as políticas externas da ditadura militar brasileira e da revolução cubana para a independência de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, à luz das discussões sobre a Guerra Fria no Sul global.

## **O Brasil desenvolvimentista e o plano de projeção internacional de um fragmento de geração no segundo governo Vargas (1951-1954)**

Robson Adami Campos (Universidade de São Paulo)

No contexto forjado pela Guerra Fria após o término da segunda Grande Guerra, no Brasil Desenvolvimentista, há dilemas vivenciados por fragmentos de geração no período da Terceira República (1945-1964). Quando Getúlio Vargas retorna à Presidência da República em 1951 constitui um grupo específico incumbido de o assessorar em temas econômicos e propor soluções para problemas nacionais, com vistas à industrialização e ao desenvolvimento do Brasil. (LIMA, 2013, p. 11). Tratava-se de Jesus Soares Pereira, Rômulo Almeida, Cleantho de Paiva Leite e Ignacio Rangel, considerados como “principais formuladores dos pilares do Estado brasileiro moderno” (D’AGUIAR, 14 de janeiro de 2015, pp. 42-43); destaque se faz ao que é salientado por Alexandre de Freitas Barbosa, especialmente no que refere a este grupo específico: “Mais importante ainda, no caso em questão, os intelectuais orgânicos do Estado não tendem a se colocar plenamente a favor e nem contra nenhuma das classes econômicas fundamentais...”, mas elaboram e executam projetos em estância privilegiada do Estado (BARBOSA, 2017, p. 149). A presente comunicação tem por finalidade analisar a inserção internacional planejada por este fragmento de geração, em especial no Plano Vargas (VARGAS, 1953), observando as relações estabelecidas com países afro-asiáticos.

## **PAINEL: Brasil e Península Ibérica em Perspectiva Transnacional: Circulação de Ideias e Relações Externas no Século XX [ONLINE]**

Coordenação: Elisa Fauth (Universidade de Lisboa) e Gabriela Pacheco (Universidade de Coimbra)

Os diálogos entre o Brasil e a Península Ibérica foram constantes ao longo do século XX devido às suas profundas relações históricas, econômicas e sociais. Este painel propõe-se a debater a circulação de ideias, especialmente no que tange aos debates intelectuais e políticos, durante as ditaduras ocorridas nestes países a partir de uma abordagem transnacional. Como diversos autores e autoras já apontaram, a viragem transnacional permitiu aos historiadores estabelecer novas conexões, evidenciar relações entre processos ocorridos em diferentes regiões e desenvolver um novo olhar para os processos históricos. Portanto, visa analisar relações entre regimes ditatoriais e movimentos autoritários estabelecidos no Brasil e na Península Ibérica a partir de enfoques variados como: transferências intelectuais, redes e movimentos de resistência e relações externas. Essas abordagens permitem evidenciar interconexões entre uma variedade de atores políticos, redes de colaboração e a circularidade de ideias no período.

## **Amigo de muchos, amigo de ninguno: la relación entre la AIB y el Estado Novo brasileño analizada por los contendientes de la guerra de España.**

Borja Pérez Climent (Universitat de València)

Tanto en Brasil como en España, los últimos meses de 1937 no fueron precisamente tranquilos. Por un lado, ya se había cumplido un año desde el estallido de la Guerra civil española y su final aún parecía lejano. Por el otro, el 10 de noviembre de 1937, Getúlio Vargas apuntaló su posición como principal dirigente brasileño al liderar un golpe de estado. Vargas pudo desechar la Constitución brasileña de 1934 y sustituirla por una nueva, redactada en los meses inmediatamente anteriores al golpe por el que sería el siguiente ministro de Justicia, Francisco Campos, y en cuyos artículos predominarían ideas autoritarias, corporativistas, e incluso fascistas. Se ha hablado de que el presidente Vargas llegó a un acuerdo tácito con Plínio Salgado, líder del partido fascista brasileño, la ‘Ação Integralista Brasileira’ (AIB), para que esta organización pasara a ser el partido único y que el Chefe integralista se convirtiera en ministro de Educación, hecho que nunca llegó a ocurrir. De hecho, el día 3 de diciembre de 1937, todos los partidos políticos brasileños serían disueltos en nombre de la unidad nacional, incluyendo la AIB. Por lo tanto, el objetivo de esta comunicación será analizar, gracias a documentos consultados en el Archivo General de la Administración (AGA) de Alcalá de Henares, cómo ambos bandos contendientes en la Guerra de España, republicanos y rebeldes, vieron este periodo, la transformación de Brasil en un estado autoritario, la relación del gobierno de Vargas con la AIB y la actitud que el gobierno brasileño mantuvo hacia ellos mismos.

## **Política Externa Ultramar: As cambiantes relações entre Brasil e Portugal no contexto da Guerra Fria tardia**

Daniel Azevedo Muñoz – Universidad Autónoma de Madrid

Esta investigação visa analisar a evolução das relações internacionais do Regime Militar Brasileiro com Portugal, durante os últimos anos do Salazarismo e no período da Revolução dos Cravos, com todas as movimentações consequentes da Crise de 25 de Novembro de 1975 e o nascimento da nova estrutura político-social do país ibérico. Utilizando-se especialmente de fontes primárias jornalísticas, privilegiando um olhar transnacional que inclui a relação de ambos os países com os dois polos da política da Guerra Fria tardia, busca-se oferecer uma visão ampla do laço histórico entre ambos os países, relacionando-o com as especificidades de terem tomados caminhos distintos neste período. Oferece-se um panorama das relações do curto período democrático brasileiro entre 1946 e 1964 com o Estado Novo português, o desenvolvimento destas relações durante a confluência de regimes autoritários e as mudanças proporcionadas pelo movimento revolucionário em Portugal, incluindo o papel ativo do Brasil nas questões coloniais de Portugal na África e sua relação nascente com os novos países que se formavam nas ex-colônias lusitanas do continente, referenciando-se inclusive os interesses conflitantes dos Estados Unidos e da União Soviética com tal movimentação de política externa perante estas novas nações. Explora-se os aspetos da política de isolamento, e do rompimento da mesma, por parte do Regime português e as ramificações dos distintos períodos de política externa brasileira, que foram desde alinhamentos maiores com o lado “ocidental”,

até duas fases específicas de uma política externa “independente”, seja durante os anos democráticos, seja durante os anos autocráticos. Palavras-chave: Regime Militar Brasileiro, Salazarismo, Revolução dos Cravos, História das Relações Internacionais, Laços Brasil e Portugal.

### **O xadrez desencadeado pela Revolução dos Cravos: a atuação da Embaixada do Brasil, em Portugal, entre 1974 e 1975**

Tânia Gerbi Veiga (Universidade Federal de Juiz de Fora)

No início de 1974, o recém eleito Presidente da República do Brasil, general Ernesto Geisel, antes mesmo de assumir o cargo, escolheu o então chefe do SNI, o general Carlos Alberto da Fontoura, para ocupar o cargo de embaixador em Lisboa. O interesse de Geisel era afastar um importante membro da linha dura dos militares, enviando-o para um país alinhado com a extrema-direita e onde morava uma pouco numerosa comunidade de cidadãos brasileiros. Entretanto, o 25 de Abril muda esta situação, transformando a Embaixada do Brasil em Lisboa em uma importante peça no xadrez da disputa dos interesses dos dois principais blocos políticos-econômicos e ideológicos existentes naquela conjuntura internacional e atuantes, em solo português, durante o processo revolucionário. Esta comunicação visa alinhar alguns aspectos da atuação do general-embaixador, em Portugal, e quais deles merecem destaque no jogo político do processo revolucionário português entre 1974 e 1975.

### **Corporativismo português em debate: perspectivas do integralismo brasileiro sobre o Estado Novo salazarista**

Gabriela Santi Pacheco (Universidade de Coimbra)

O corporativismo moderno, estabelecido durante o entreguerras, conformou-se como uma ideia em movimento em um contexto histórico de superação autoritária do Estado liberal, sendo apresentado como modelo de representação autoritário, que tinha como fim assegurar a ordem social. O caso do corporativismo português empreendido pelo Estado Novo de António Oliveira Salazar é bastante emblemático, uma vez que foi um dos principais protagonistas na propagação do conceito. Considerando os processos de difusão transnacional, o objetivo desta comunicação é analisar como o projeto político de Salazar foi recepcionado pela maior organização fascista fora da Europa, a Ação Integralista Brasileira (AIB). Amparados em preceitos autoritários, cristãos e nacionalistas, os integralistas brasileiros defendiam uma proposta de Estado corporativista. Dessa forma, o Estado Novo português representava um exemplo a ser seguido, visto que se configurava como um caso bem-sucedido de implementação de princípios corporativistas em um regime. Nos impressos integralistas, essa relação é bastante clara, havendo sucessivos comentários sobre os sucessos salazaristas e o seu projeto político corporativo. Assim sendo, tenciona-se observar as reflexões realizadas pelos intelectuais integralistas acerca do corporativismo português.

[WWW.ABRE.EU](http://WWW.ABRE.EU)



**ABRE LISBOA 2023**

**IV CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DE BRASILEANISTAS NA EUROPA**